

ALBANO STOLZ



Santa Isabel da Hungria

ALBANO STOLZ

Santa Isabel da Hungria

VERSÃO

DE

F. B. R.

NIHIL OBSTAT

*Salvador, 4 de Janeiro de 1952.
Frei Pio Lewelling, O. F. M.
Censor Diocesano*

IMPRIMI POTEST

*Augusto, Are. Primaz
Bahia, 21-1-52.*

1952

Editora MENSAGEIRO DA FÉ Ltda.

Caixa Postal, 708 Salvador-Bahia

PRIMEIRA PARTE

A CRIANÇA

Batizado

Em princípios do século treze ocupava o trono da Hungria O rei André II. Era um soberano que não só cumpria, pessoalmente, os deveres de cristão, como também empregava o poder real e as suas riquezas em levantar igrejas e fundar estabelecimentos pios em todo o país; arriscou até a vida pela causa de Deus, tomando parte numa das grandes cruzadas empreendidas pelas nações cristãs para livrar a Terra Santa das mãos dos infiéis.

Casado com Gertrudes, filha de Bertoldo III, duque de Merania e margrave de Caríntia e Ístria e irmã de Sta. Hedvigés, Deus lhe recompensou a piedade, dando-lhe uma filha que, mais tarde, honrou, por sua santidade, o céu e a terra e, ainda hoje, edifica o cristão que lhe lê a biografia, cheia de sofrimentos e, ao mesmo tempo, de conceitos belos e proveitosos.

Isabel, assim se chamava, nasceu no ano de 1207 em Presburgo, então capital da Hungria.

Há pessoas que preferem batizar os filhos em casa, em oratório privado, por ser mais fidalgo; entretanto dão prova de que lhes falta a compreensão das coisas religiosas; pois a casa mais nobre, aqui na terra, é a igreja católica, em comparação da qual o mais suntuoso palácio não é senão uma residência ordinária. Nos palácios moram míseras criaturas, presas da morte, ao passo que nas igrejas reside aquele que, por seu sangue, nos adquiriu a sublime graça do batismo, o Rei dos reis, Jesus Cristo, Deus e homem.

O poderoso rei da Hungria enviou sua filhinha à igreja. Cristão convicto que era, bem sabia que a igreja é a *porta coeli*, a porta do céu, e o local próprio onde a alma humana é preparada pelo Deus Trino, para o tempo e a eternidade.

Referem os historiadores que a cerimónia do batismo se fez com extrema magnificência. A criança foi conduzida à igreja, em solene procissão, sob rico docel.

Ah! quem nessa ocasião tivesse o dom de prever o que aconteceria no porvir, choraria lágrimas amargas de pena da recém-nascida princesa real que, naquele momento, com grande pompa, era levada à igreja e, vinte anos depois, longe da pátria, em noite fria de inverno, como viúva expulsa, mal vestida, procuraria agasalho numa cocheira, e cujos ossos, após três séculos, por um dos seus descendentes seriam arrancados ao túmulo e profanados.

O anjo da guarda, porém, com certeza não ignorava o futuro e sabia que a alma piedosa de sua protegida, por entre as nuvens negras dos sofrimentos terrestres, chegaria a extraordinário e infinito esplendor e a ser uma honra, um adorno do céu.

Para dizer a verdade, sinto uma certa tristeza, quando vejo uma criança em demanda da igreja para ser batizada, mais do que quando me encontro com um anjinho em caminho do cemitério. Por ocasião do enterro duma criança inocente, o sacerdote usa de estola alva e recita o salmo alegre 112 : *Louvai, meninos, ao Senhor; louvai o nome do Senhor*. Pode-se felicitar a criança, pois a morte é a aurora de sua felicidade eterna garantida para sempre. Porém, no batizado, é muito natural pensar-se nos sofrimentos e provações de todas as espécies que, provavelmente, sobrevirão ao menino no decorrer da vida, assim como imaginar-se a alma, agora purificada pelas águas lustrais do batismo, afinal não passe para o além-túmulo carregada de pecados.

Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos. Assim como o céu é mais alto do que a terra, assim são os meus pensamentos mais altos do que os vossos. (Isaías, 55, 8-9).

O botão

A menina recebeu no batismo o nome de Isabel, palavra hebraica que significa repleta ou saturada de Deus.

Pelo sacramento do batismo, toda criança torna-se um templo do Espírito Santo, pondo-se-lhe na alma, qual semente, a graça divina; mas, chegando aos anos do discernimento, trava-se nela um combate. A graça, plantada no coração e suficientemente regada pela instrução no conhecimento das verdades, eternas, impele para o bem; entretanto despertam também as más inclinações, apresentam-se as tentações do mundo, esforça-se até o demônio para corromper a alma inocente. É, pois, mister que o homem decida por meio da livre vontade que tem, se prefere deixar-se arrastar pelas tentações para o pecado ou defender-se delas com energia, agarrando-se, à graça e indo para Deus.

No coração da jovem Isabel operava a graça com extraordinário viço, à maneira do sol de primavera em bem tratado jardim de flores. O amor de Deus e do próximo, virtudes que se salientaram em toda a vida de Sta. Isabel, davam já indícios de sua existência, apenas começou a falar. Quando se abriu a sua inocente boquinha para formular palavras, não se cansava de balbuciar orações, e, com três anos de idade, já mostrava compaixão para com os pobres e lhes dava esmolos.

O que outras biografias da nossa Santa referem dos anos ulteriores, um antigo manuscrito o narra do tempo em que a criança estava ainda na casa paterna. Diz o documento :

Como, na idade de cinco anos mais ou menos, não soubesse ainda ler o saltério, segurava o livro nas mãos e punha-se em atitude de rezar. E o que lhe faltava quanto aos anos e hábitos, supria-lhe a graça do Espírito Santo, que a ensinava a amar a Deus e lhe governava todas as obras e intenções. Sentia prazer na oração; inclinava-se e ajoelhava-se muitas vezes; prostrava-se no chão e, cheia de devoção beijava o soalho. Sendo-lhe vedado entrar nas igrejas, por estarem fechadas, osculava a porta e o ferrolho, pelo desejo ardente que tinha de amar a Deus.

Era mansa e branda de coração, na infância, e extremamente liberal para com os necessitados, acostumada a ir à cozinha da casa paterna, menina ainda, no intuito de ver se obteria alguma coisa para os seus pobres. Zangavam-se os cozinheiros e queixavam-se ao rei.

Um dia, justamente quando deixava a cozinha com o avental cheio de restos da mesa, para distribuí-los entre os pobres, veio-lhe ao encontro o pai e perguntou :

— Minha filha, que levas aí no avental ? Inspirada pelo Espírito Santo, respondeu a menina :

— Rosas, meu pai!

— Então abre o avental, — insistiu o rei, — deixa-me ver as rosas.

A criança obedeceu e apresentou ao pai as mais lindas rosas, embora estivessem no inverno, estação em que não havia flores. Vendo o rei, estupefato, o grande milagre, permitiu à filha dar esmolos aos pobres quantas quisesse, e proibiu aos empregados impedi-la, apesar de ser ela criança; pois conheceu que Deus se serviria de sua filha para obrar grandes maravilhas.

É de admirar que o coração infantil tão cedo conceba o conhecimento de Deus. Como a criança, apenas nascida, pede o leite materno, assim a jovem alma, aos primitivos desenvolvimentos da razão, manifesta a sede de Deus. Enquanto não tem ainda compreensão alguma de certas coisas mundanas, p. ex. do valor do dinheiro, de honra e da autoridade, nem é capaz de imaginar que, um dia, há de morrer, é sequiosa, por assim dizer, de ouvir falar de Deus, acostumando-se, sem oposição alguma, a fazer oração todos os dias, tanto que, às vezes, adormecida sem haver-se recomendado ao Pai celeste, despertando do sono, chama a mãe e diz-lhe: "Não rezei ainda, reza comigo!"

A alma da criança sente a necessidade de dirigir-se ao Senhor que a criou e, pelo batismo, a santificou para si e não para o mundo. Por isso deve-se começar cedo, logo que a criança principie a entender a língua humana, a falar-lhe em Deus e ensiná-la a rezar.

Deixai vir a mim as crianças e não lhes proibais; porque delas é o remo de Deus. (Luc. 18, 16.)

A profecia

A menina tinha apenas quatro anos de idade, quando se deu um acontecimento que marcou à vida de Sta. Isabel o seu destino.

Veio a Presburgo uma comissão de cavalheiros e cortezãos do landgrave Hermano da Turíngia, com o fim de pedir a mão da pequena princesa para seu filho Luís, e de trazê-la, sendo possível, sem demora.

Ora, qual seria o motivo que levou o landgrave ao passo singular de reclamar do rei da Hungria a sua filhinha de quatro anos para nora ?

Uma crónica antiga conta o fato do seguinte modo : Vivia, naquele tempo, na Hungria, um homem chamado Klin-gsohr, celeberrimo por seus extraordinários conhecimentos e dotes de espírito, o qual se dedicava, particularmente, à astronomia e necromância.

Convidado pelo landgrave Hermano para vir dar-lhe a sua opinião e conselho numa questão de grande importância, foi recebido, na cidade de Eisenach, por uma multidão de cidadãos que desejavam lhes lesse alguma coisa nos astros. Klingsohr fixou, uns minutos, o céu estrelado e disse então:

— Anuncio-vos uma alegre nova: vejo uma belíssima estrela que se ergue da Hungria, de lá se irradia até Marburgo e daí pelo mundo inteiro. Sabei que, esta noite, nasceu a meu Senhor, rei da Hungria, uma filha que terá o nome de Isabel e será esposa do filho do vosso soberano; sua vida santa e louvável agradará e servirá de consolo a toda a cristandade e, especialmente, a este país.

Na madrugada do dia seguinte, foi avisado o landgrave da chegada do astrónomo assim como do misterioso oráculo que acabava de dar. O príncipe desceu pessoalmente, com grande séquito, à cidade, para buscar o homem afamado e levá-lo ao seu castelo, onde lhe dispensou todas as honras e lhe pediu informações minuciosas sobre o rei e os negócios da Hungria.

Acrescenta o autor da crónica: "Deus o Senhor, que fez o profeta pagão Balaão predizer o mistério de seu santo nascimento, quis que o mestre Klingsohr anunciasse o nascimento e o nome de sua serva e amiga escolhida, Sta. Isabel".

Já o astrónomo húngaro havia regressado à sua terra, e entretanto o landgrave Hermano continuava impressionado com a profecia a respeito da princesazinha. Antes de tudo procurou averiguar se no dia e hora em que Klingsohr pronunciara aquele oráculo, realmente havia nascido uma filha ao rei da Hungria.

A indagação entabulada confirmou, inteiramente, o fato, pelo que esperava o landgrave, e com razão, ver realizada também a outra parte da predição, a saber, que a menina era destinada a ser esposa de seu filho Luís o qual, nascido em 1200, no dia de S. Simão e S. Tadeu, tinha então sete anos de idade.

Não o largou mais a lembrança da pequena e, cada vez que viajantes da Hungria aportavam em Eisenach, informava-se acerca da princesa Isabel. Era geralmente observado que, desde a época do seu nascimento, cessaram as guerras em que a Hungria estava empenhada; mesmo as discussões interiores se acalmaram. Da vida pública passou esta tranquilidade à vida privada: as violações da lei de Deus, os excessos, as blasfêmias tornaram-se menos frequentes; e o rei André teve a satisfação de ver realizados todos os desejos que deve ter um Tei cristão. Atribuía-se essa mudança das coisas à infante real.

Um dia, passou também um monge húngaro pela corte da Turíngia e contou que, estando cego e aleijado de uma das mãos havia quatro anos, recebera de Isabel uma maçã que ela tinha começado a comer, e esfregando com a fruta os membros doentes, fora-lhe restabelecida a vista e o vigor dos nervos paralisados. Acrescentou ainda que a Hungria toda se comprazia na

menina porque trouxera a paz consigo.

O landgrave Hermano não tinha mais sossego; desejava ardentemente ter, antes de morrer, a pequena perto de si, a fim de que, desta forma, fosse garantido o futuro enlace da princesa com seu filho e sucessor.

Eis aí a razão por que, tão prevenidamente, solicitou a mão da jovem por meio duma solene embaixada.

Entretanto, não devia rezear o landgrave que lhe fosse negado o pedido, por ser ele de categoria inferior à da família real da Hungria ?

Absolutamente não; pois Hermano era um dos mais poderosos e distintos príncipes da época, e não só ligado pelo sangue com o valente imperador Frederico Barbaroxa, como até o próprio imperador devia-lhe, principalmente, a eleição. Ao mesmo tempo, soubera impor-se pelos feitos guerreiros e pela proteção que outorgava às artes, às ciências e à indústria.

Escreve desse soberano um sacerdote daquele tempo: "Quase não se deitava sem ter conversado sobre algum trecho da Sagrada Escritura ou sobre as proezas dos heróis da antiguidade; nunca se entregava à inércia inativa. Sua virtude, sua maneira de governar e sua varonilidade eram conhecidas e afamadas em todo o mundo".

Hermano, pois, não devia rezear que o seu pedido não fosse bem acolhido, porém podia surgir outra e, de certo, mais razoável dúvida: era a oposição dos pais em separar-se da criança tão querida. Mas, o landgrave, prudente e religioso como era, calculava, com razão, que, havendo-se realizado a primeira parte da profecia do mestre Klingsohr, a respeito da hora do nascimento da menina, seria provável cumprir-se também a outra, a saber, que era predestinada a ser esposa de seu filho. Deus, sem dúvida, havia inspirado o vate e velaria pelo cumprimento de seu vaticínio.

Não te foram encobertos os meus ossos, quando no oculto fui feito, e a substância do meu corpo no fundo da terra. Os teus olhos viram-me ainda infor-me e todos os meus dias estão escritos no teu livro. (Salmo 138, 15-16).

O luxo mundano

Vejamos como foi recebida a embaixada da Turíngia na corte real.

O alto cargo dum príncipe regente assemelha-se ao sacerdócio, no sentido de que deve o príncipe, com desprezo de interesses particulares, ter sempre em vista o bem-estar da coletividade, do país inteiro, como também o sacerdote há-de viver para a salvação das almas e não para os cómodos de sua pessoa. Por isso, o rei André não consultou tanto, o coração paterno como procurou conhecer, antes de tudo, o proveito que aí resultaria para a Hungria, se estreitadas fossem as relações com o célebre landgrave da Turíngia.

Convocou, portanto, os conselheiros reais, a fim de saber-lhes a opinião. Também Klingsohr foi convidado e apoiou, calorosamente, a proposta, exaltando as riquezas e o poder de Hermano, as formidáveis fortalezas que lhe defendiam o país, a fertilidade dos terrenos, etc., com cores tão vivas, que a própria mãe consentiu em deixar partir a filhinha, imediatamente .

Organizaram-se ruidosos festejos na corte real, como se as núpcias já fossem celebradas. Todos os grandes do reino neles vieram tomar parte e, durante três dias, revezavam-se, sem cessar, danças, músicas, cantos, jogos e banquetes. E, quando emissários do landgrave, afinal, quiseram partir, foram-lhe entregues vasos lavrados de ouro e prata, cofrezinhos artisticamente esculpidos de marfim, diademas e grinaldas compostas de diamantes, anéis e cintos cravejados de pedras preciosas, uma infinidade de vestes e roupas de seda e linho, um berço e uma bacia de prata maciça, colares e seis soberbos cavalos, os melhores que se puderam encontrar. Nunca se viram nem tão preciosos nem tão belos presentes na Turíngia oferecidos, em parte, como dote da pequena Isabel e, em parte, como donativos aos membros da embaixada. Eram tão

numerosos e variados que os carros trazidos não eram suficientes; e a rainha prometeu enviar mais ainda, enquanto Deus lhe concedesse a vida.

A menina Isabel trajava vestido de seda, bordado a ouro e prata, mas não tinha idade para avaliar e apreciar esse luxo mundano.

A vaidade, o orgulho, os galanteios que, em semelhantes folguedos, agitam os espíritos, são alheios à alma ingênua da criança; poucas flores ou um montão de areia no quintal, em sua opinião, valem muito mais do que grandes riquezas para as quais não tem compreensão. Embora, porém, todos tenham sido, um dia, crianças simples e inocentes, mais tarde, em geral, se transformam. O espírito mundano, de ano a ano, conquista terreno, contaminando-lhes a alma, de forma que a luxúria, a concupiscência dos olhos e a vaidade da vida apoderam-se-lhes do coração, extinguem a inocência e expulsam a Deus, seu legítimo dono. Na vida de Isabel, porém, veremos que conservou pura e sem mancha, até a morte, a simplicidade infantil tão estimada pelo Salvador.

Em verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos céus. (Mat. 18, 3.)

Os esponsais

Soou, enfim, a hora da partida. A menina talvez fosse muito pequena para sentir inteiramente o que quer dizer deixar pai e mãe, deixar a terra natal e — para sempre !

A fim de que, no estrangeiro, não fosse de todo separada dos seus e não vivesse, exclusivamente, entre pessoas desconhecidas, o rei a fez acompanhar por sua ama e por treze donzelas nobres da Hungria. Também um cavaleiro, João de Dornberg, associou-se à expedição e fixou residência na Turíngia, onde ainda existem os seus descendentes.

O personagem mais saliente, porém, de toda a embaixada, era o copeiro-mor do landgrave, Gautier de Vargila, a cuja honra de cavaleiro o rei confiou solenemente a menina, sua "suprema consolação". Gautier responsabilizou-se pela criança, prometendo protegê-la.

Fora destas pessoas, a embaixada compunha-se do conde Meinrado de Mülberg, Berta, viúva do cavaleiro Eginbaldo de Bendeleben, mais dois escudeiros, três donzelas nobres e uma escolta de trinta soldados de cavalaria.

A viagem de volta correu sem incidentes. Apenas observa um manuscrito que dos objetos levados muitos se perderam no caminho; o mais precioso, porém, a criança, Vargila a conduziu a são e salvo para Eisenach.

A expedição chegou alta noite à cidade, pelo que resolveram pernoitar num albergue, mandando, porém, um portador ao castelo para avisar o landgrave.

Este e sua esposa Sofia, satisfeítíssimos por ter-lhes saído tudo a contento, caíram de joelhos dando graças a Deus e, no mesmo instante, desceram à cidade. O regente tomou a criança nos braços e apertou-a contra o coração. Subiu depois a Wartburgo para lhe preparar hospedagem; mas a duquesa Sofia passou a noite perto da menina.

No dia seguinte; o cortejo pôs-se outra vez em movimento em demanda do castelo onde já se achavam presentes toda a corte e as famílias dos principais burguezes de Eisenach, a fim de receber, condignamente, a futura esposa do príncipe herdeiro. Fizeram-se as formalidades dos esponsais entre Luís que então tinha onze anos, e Isabel que tinha quatro. Também nesta ocasião houve suntuosas festas e lautos banquetes.

Mas, não seria grande erro dispor desta maneira sobre crianças daquela idade? A razão e o direito não exigem que os filhos somente consultem o próprio coração a respeito da pessoa com a qual desejarem casar-se ?

Nos tempos modernos e entre nós, os jovens, ordinariamente, não contraem matrimónio senão, depois da maioridade, quando já não obedecem aos pais em tudo. Em vez de consultar

seus pais e os da moça que lhe agrada, o rapaz só pede conselho aos seus olhos e à sua inclinação. As jovens, porém, cujo coração se acha isento ainda tanto do amor mundano como do amor de Deus, geralmente simpatizam com qualquer rapaz que procure conquistar-lhes a mão. Entretanto, o amor sensual é tão cego como outra paixão qualquer e ilude-se facilmente, porque ambas as partes, muitíssimas vezes, antes do casamento ocultam, reciprocamente, as piores qualidades, não se apresentando senão como que em vestido de domingo. Destarte a escolha torna-se difícil, o casamento, não raras vezes, infeliz, e os requerimentos de divórcio aumentam cada vez mais.

Em tempos antigos, e em certos países, hoje ainda, consultam-se, exclusivamente, os pais. Estes, com certeza, só querem ver os filhos felizes e, como tenham mais experiência reflectam mais despreocupados, em geral escolhem melhor do que a mocidade obcecada sói escolher. É por este motivo que a união entre Sta. Isabel e o landgrave Luís tornou-se tão cristã, tão boa e bela que não há risco em afirmar: se Luís houvesse ido pessoalmente procurar uma noiva, em lugar nenhum teria achado moça com quem pudesse viver tão feliz como aquela que os pais lhe procuraram: a princesa Isabel. E, caso mil pretendentes tivessem solicitado a mão de Isabel e ela mesma houvesse feito a escolha, com toda a certeza, não se acharia tão bem como se achou com o que os pais lhe determinaram.

Isac chamou a Jacob, abençoou-o e ordenou-lhe, dizendo: Não tomes mulher de entre as filhas de Canaan. Levanta-te, vai à Mesopotâmia, à casa de Betuel, e toma de lá uma mulher das filhas de Labão. (Gen. 28, 1-2.)

A saudade

É muito errado pensar que os príncipes e grandes da terra estejam em condições melhores do que os outros mortais. As cruces e sofrimentos penetram nos palácios da mesma forma que nas casinhas dos operários, ou nos quartinhos do sótão; a diferença consiste em que, de ordinário, o pobre carrega a cruz com mais facilidade do que as pessoas criadas com demasiada delicadeza e acostumadas à vida de grande conforto.

Aliás é regra quase geral que a cruz de preferência persegue os que Deus pretende preparar para uma vida santa e a felicidade eterna, sejam estes de condição inferior ou de qualidade superior, poupando apenas as crianças. Quanto a Isabel, porém, o Senhor fez exceção da regra, dando-lhe, inesperadamente, uma cruz sobremodo volumosa e pesada.

Já não é pouco ser obrigada a separar-se de pai e mãe e viver num país inteiramente estranho. Como lhe não terá a saudade roído, a princípio, o terno coraçãozinho! quantas lágrimas não haverão derramado seus olhos inocentes! como não terão voado, quais pombos-correios, à pátria longínqua os seus pensamentos !

Entretanto, por dolorosa e amarga que seja a nostalgia, tem sempre um pouco de doçura a lembrança, a recordação da casa paterna e de quantos nela residem. Eis aí a razão por que o homem chora quando sente saudades; pois, se a dor e o amor se casam, o fruto dessa união é a lágrima; a dor fria, dura e seca é mais intensa, mais cruel, é alavanca em atividade contra o coração cheio de vida.

A pobre menina Isabel não teve nem esta gotinha de mel e, em substituição, a sorte amargurou-lhe o cálice da saudade com grande porção de fel. Deu-se, na casa paterna, um acontecimento horroroso que extinguiu na pequena a própria saudade e, cada vez que se lembrava, de dia ou de noite, de sua boa mãe, apresentavam-se-lhe cenas terríveis de morte violenta, de sangue e decomposição. Mas, ainda não foi o pior: até a honra materna ela a viu atacada e arrastada na lama.

Segundo uma crônica antiga, Isabel, na idade de sete ou oito anos, soube por sonho que sua mãe já não existia na terra. Ela lhe apareceu, dizendo :

— Minha filha, morri e estou penitenciando os meus pecados; ora a Deus por mim para que me abrevie os tormentos e aceite a minha morte imerecida em reparação das minhas culpas.

Ao acordar a menina chorou e não cessou de rezar, até que a mãe tornou a vir avisá-la em sonhos de que suas orações a tinham salvo e estava em caminho da vida eterna.

O certo é que, três anos depois que Isabel chegou à Turíngia, sua mãe, a rainha Gertrudes, foi barbaramente assassinada. Sobre os motivos e as circunstâncias da tragédia, encontram-se diversas versões, diametralmente opostas.

Cesário de Heisterbach, escritor contemporâneo, conta o fato da maneira seguinte: Como o rei André estimasse muito sua esposa, filha do duque de Merânia, e, por sua causa, favorecesse e elevasse os alemães na Hungria, os húngaros descontentes com isso, resolveram matar o rei com toda a sua casa, esposa e filhos. A rainha, sabendo da conspiração, pediu ao marido que se salvasse pela fuga. Ela, porém, encomendou-se a Deus e opôs-se, corajosamente, aos conjurados, a fim de proporcionar ao rei o tempo necessário para se retirar, merecendo destarte a coroa de uma espécie de martírio. E que lhe foi considerada martírio a morte forçada, provam-no os milagres que, como narra a tradição, operam-se no sítio onde sucumbiu.

Completamente diferente refere as circunstâncias da morte a crônica húngara que diz ter a rainha cujo marido, na ocasião, estava na Terra Santa, sido cúmplice de um adultério, sendo, em vingança do crime, assassinada, enquanto o rei, depois, como que convencido da culpabilidade da esposa, deixou de punir o assassino.

É de supor que esta interpretação do fato haja sido inventada por um húngaro para encobrir a vergonha de terem seus patrícios, numa sublevação, matado uma senhora indefesa, sua rainha. Ao menos é certo que o rei, longe de perdoar, condenou à morte o assassino e sua família.

Embora infames invenções, essas calúnias chegaram aos ouvidos da jovem Isabel, dilacerando-lhe o coração mais ainda do que a primeira notícia da morte sangrenta da mãe. Porém, a boa menina acertou logo com o único remédio eficaz contra as saudades e aflições morais. O coração que até então batia pela Hungria, pela mãe e pelo pai começou a sentir-se, mais exclusivamente, atraído para cima, à pátria verdadeira, e a procurar ali o Pai e a Mãe de toda a cristandade.

Praticar as obras de piedade e considerar a igreja casa paterna, eis o melhor meio de dissipar as saudades e de diminuir o peso das cruzes que jamais faltam à vida familiar.

A piedade a tudo é útil, abrangendo a promessa da vida presente e da futura. (1. Tim. 4, 8.)

O exemplo

Morrera a mãe. Duas tias, irmãs da falecida, deram à menina cada qual um exemplo singular. Uma chamava-se Inês. Era uma figura bela e altiva, porém de alma quase tão feia como a de Herodias.

Felipe, rei de França, reza a História, contraíra matrimônio com Ingeburga, princesa de Dinamarca, virtuosa, encantadora e piedosa. Foi, pois, de admirar que o rei, no dia imediato ao casamento, inesperadamente e sem motivo algum, manifestasse uma antipatia diabólica contra a esposa, tanto que tratou de separar-se dela sob o pretexto fraudulento de existir, entre ele e Ingeburga, o impedimento de consanguinidade, devendo considerar-se nulo o seu contrato matrimonial. Conquanto o Papa Celestino III, para o qual apelara a rainha, houvesse declarado válido o matrimônio, o rei internou a infeliz esposa num convento de freiras e solicitou a mão de diversas princesas que o rejeitaram com desprezo. Só Inês de Merânia a quem se dirigiu, sucumbiu à tentação de subir ao trono pelo preço embora de gravíssimo pecado.

Sete anos viveram nessa união ilícita escandalizando o mundo inteiro, até que o Papa,

superior aos reis em semelhantes questões, infligiu à França sensíveis penas eclesiásticas, ameaçando-a, afinal, com a excomunhão. Como também o pretendesse depô-lo, Felipe sujeitou-se; retomou a legítima esposa, enquanto deu a Inês um castelo afastado para residência. Assim a pobre mulher viu-se repudiada por aquele mesmo pelo amor do qual abandonara a Deus. Morreu de vergonha e agastamento.

A outra tia era Hedvigés, santa canonizada cuja festa se celebra no dia 17 de Outubro.

Casada com Henrique, duque de Silésia, em tudo o que fazia e omitia seguia a voz da consciência, escolhendo sempre o que fosse mais perfeito e agradável a Deus. Vivia, constante-mente, absorpta nas coisas celestes. Muitas vezes, quando as camareiras acordavam pela manhã, encontravam-na ainda de joelhos, a orar.

Ao invés de assistir à Missa na capela do palácio, o que teria sido muito mais cómodo para ela, ia todos os dias à igreja matriz, onde ouvia tantas Missas quantas podia. Carne, não a comia nunca; nas quartas e sextas-feiras, jejuava a pão e água e disciplinava-se quotidianamente. Toda sua vida era a prática ininterrupta das três virtudes: orar, jejuar e dar esmolas.

A bondade e filantropia de Cristo haviam germinado em Hedvigés assim como o sol de primavera faz rebentar os botões e as flores. Seu coração caridoso a levava a servir, pessoalmente, os próprios criados quando caíam doentes. Suplicava ao duque, mais de uma vez, prostrando-se-lhe aos pés, que não usasse de tanta crueldade nos castigos dos criminosos, como era costume naquela época.

Os pobres a seguiam em bandos, como os pintinhos à galinha; constantemente, se via cercada de treze pessoas doentes de moléstias incuráveis de quem cuidava, servindo-as à mesa. Além destas penitências que se impunha, propositalmente, não faltavam cruces sobremodo pesadas, aflições e contrariedades que aceitava da mão de Deus com santa paciência e resignação.

Isabel tinha, pois, em sua família dois exemplos inteiramente diferentes um do outro: a tia Inês que lhe mostrava o caminho largo dos prazeres e do pecado, e a tia Hedvigés que lhe apontava a senda estreita e dificultosa que conduz ao céu.

Em geral manifesta-se nas crianças que na família têm bons e maus exemplos perante os olhos, a índole do coração, deixando-se atrair mais de um do que de outro. Meninos de alma inocente, enchem-se, às mais das vezes, de horror e aborrecimento da vida criminosa e escandalosa de seus parentes. É por isto que prejuízo nenhum causou a Isabel a vida péssima de pecadora pública, Inês; e pelo contrário, serviu-lhe de estímulo a vida edificante de Sta. Hedvigés, sendo-lhe de contínua advertência e prova de que também as princesas podem e chegar à santidade.

A vida e a morte, o bem e o mal estão diante do homem: o que houver escolhido lhe será dado. (Eclo. 15, 18.)

Coração piedoso

O landgrave Hermano cuidava, especialmente, de que a menina se criasse juntamente com seu filho Luís o qual era sete anos mais velho, a fim de que, pela constante convivência, se formasse entre as duas crianças uma inclinação recíproca, garantia mais segura de um feliz consórcio no porvir. Além disso escolheu seis meninas, filhas das mais nobres famílias de sua corte, para serem instruídas e educadas com Isabel, pois bem sabia que as crianças, ordinariamente, se desenvolvem melhor, se vivem e estudam em companhia de outras do que quando têm de passar a infância sem colegas nem camaradas.

Entre as companheiras da pequena princesa achava-se uma, quase da mesma idade, chamada Guda (Judite), que, interrogada depois da morte de Isabel sobre o primeiro período

vida dela, depôs o seguinte :

Quando Isabel tinha cinco anos, mais ou menos, e não sabia ler ainda, ia ajoelhar-se ao pé do altar, abria um grande saltério, dobrava as mãozinhas em oração e, com precoce recolhimento, osculava o soalho.

Por ocasião dos jogos de prendas impunha-nos genuflexões e ave-marias. Ganhando algum objeto ou recebendo presentes, dava parte deles a meninas pobres, sob a condição de rezarem uns padre-nossos e ave-marias.

Palavras obscenas, esse anjinho não as podia tolerar; se no brinquedo ou jogo uma das crianças fazia ou dizia uma inconveniência, havia de pagar multa que então era repartida entre os necessitados.

Muitas vezes ia Isabel com suas camaradas ao cemitério, onde lhes dizia :

— Aqui jazem, pessoas que outrora gozaram da vida como nós e agora são mortas. A mesma sorte teremos, um dia; convém, pois, amarmos a Deus e dizermos: "Senhor, pela vossa paixão e morte e pela intercessão de vossa Mãe, Maria Santíssima, livrai as almas dos defuntos das penas do purgatório! Dai-nos, Senhor, enquanto vivermos, a vossa graça para conseguirmos a glória eterna !"

Outras vezes, a menina piedosa levava as colegas à igreja e recitava com elas esta oração: "Senhor Jesus Cristo, Deus e Senhor meu, se sofrestes tantos tormentos por mim, pobre pecadora, faço mal se não vos sirvo; Senhor, curai-me pelas vossas cinco chagas !"

Diferente das outras crianças que estimam as pessoas que as presenteiam com mimos escolhidos, Isabel mostrava-se mais reconhecida a quem lhe ensinasse uma nova oração. Por própria iniciativa, rezava, todos os dias, grande número de devoções, e se, à noite, tinha que recolher-se antes de terminar as orações de costume, não adormecia enquanto não as persolvesse todas, mesmo deitada.

Acrescenta um manuscrito antiquíssimo :

"Assim como Isabel, a santa menina, crescia de anos e de corpo, progredia também, constantemente, nas virtudes e graças. Tinha sempre Deus consigo no coração e vivia, cheia de amor, em sua presença, dirigindo para Ele todos os sentimentos, pensamentos e ideias, todas as palavras e obras".

Há dois fenómenos que nos aproximam, forçosamente, de Deus, e no-lo tornam visível, por assim dizer: o céu estrelado, quando o vasto firmamento, em horas nocturnas, se apresenta aos nossos olhos repleto de astros cintilantes, e a criança em atitude de orar. Como a abóbada celeste nos lembra de Deus e os milhares de estrelas, com suas línguas de fogo, parecem entoar o eterno "santo, santo, santo !", assim também a alma simples e reta da criança é capaz de elevar-nos, em espírito, às regiões sobrenaturais, quando, de pouco entendimento embora, já mostra que conhece ao "Pai do Céu" invisível, e ergue as mãozinhas para rezar, refletindo-se-lhe, no rosto inocente, a santa seriedade e reverência da límpida alma.

Ah! meu Deus, então sente-se a vossa presença, sente-se o olhar de complacência com que aceitais a dádiva singela: a oração infantil vos é uma graciosa violeta a nascer dessa alma primaveril. E comparando com ela o próprio coração contaminado, vê-se o homem apoderado dum temor salutar e, caindo de joelho, suplica: Meu Deus, sede propício a mim pobre pecador !

Oh Senhor, nosso Deus, quão admirável é o teu nome em toda a terra! pois puseste a tua glória sobre os céus. Da boca das crianças te preparaste louvor. (Salmo, 8, 1-2.)

Ouro puro

Escreve S. Mateus (7, 21.) no seu Evangelho: *Nem todo aquele que diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.*

Acontece que uma pessoa frequenta as igrejas, possui um oratório cheio de imagens e

quadros de Santos, experimenta, ao orar, os mais suaves transportes de devoção, exalta-se ao ouvir falar em pecados alheios, mas falta a esse amor de Deus a respectiva e indispensável obra boa: não é capaz de privar-se de alguma comodidade, deseja ter tudo bem confortado, é muitíssimo sensível em certas ocasiões desagradáveis, altiva para com os que a servem, sói falar mal do próximo nem conhece compaixão dos necessitados a não ser dos parentes ou amigos. Entretanto, semelhante justiça e piedade não pode agradar a Deus, porque não se dirige, exclusivamente, a Ele e, pelo contrário, produz o vírus da soberba e da vaidade, difama a religião verdadeira e torna-a desprezível aos olhos dos mundanos, como se toda a devoção não fosse senão carolismo.

Na alma pura da jovem Isabel residia o espírito de Deus, vigoroso e desembaraçado, como o raio do sol na gota de orvalho; por esta razão não a vemos tão somente amar a oração como também, com a mesma satisfação e devotamento, praticar as obras que Deus ordena, relativamente à sua pouca idade.

Quando, em seus jogos, ganhava e o sucesso a enchia de alegria, abstinha-se do jogo, imediatamente, dizendo :

— Estou agora em maré de felicidade; vou abster-me pelo amor de Deus.

Ou nos saraus de família nos quais não podia deixar de tomar parte, anuí-a, em geral, ao primeiro convite para dançar; mas, depois de dar uma volta, dizia :

— Basta uma volta para o mundo, privar-me-ei das outras pelo amor de Jesus Cristo.

Aos domingos e dias festivos, a boa menina recusava calçar luvas ou pôr manguitos bordados que eram da moda, para atrair sobre si a bênção de Deus pelo sacrifício da humildade. Se, por conveniência, devia ataviar-se, não punha as jóias ou outros adornos a não ser no fim do culto divino e, mesmo então, dispensava quantos podia.

Todo o dinheiro que recebia do landgrave ou da condessa, repartia-o entre os pobres e, para ter o que distribuir, nunca lhe faltavam pretextos de tornar a pedir. Como o passarinho não cansa de buscar alimento para seus filhotes, assim ia Isabel à cozinha e dispensa no intuito de procurar umas migalhas e levá-las aos queridos pobres.

Já então compreendia o valor da modéstia e arranjava sempre o seu véu de maneira que se lhe vissem o menos possível os traços infantis.

O verdadeiro cristão não se subtrai aos sacrifícios a fazer por Deus e pelo próximo, o que, justamente, pertence à essência da vida cristã. Proponhamos, p. ex., a uma criança inocente deixar de brincar nas sextas-feiras, ceder parte de seu quinhão a um pobre, oferecer da abundância de brinquedos a um colega que nada possui, etc., e veremos que, as mais das vezes, se mostra imediatamente pronta a impor-se semelhante mortificação, mais de que tantas pessoas adultas cujo coração endureceu.

Deixai os meninos e não os estorveis até chegarem a mim, porque de tais é o reino aos céus. (Mat. 19,14.)

O padroeiro

Creemos, nós os cristãos, na comunhão dos santos. Deus, de modo sobrenatural, pôs todos os espíritos cujo chefe é Cristo, numa comunicação misteriosa que possibilita ao homem contrair relações de amizade com os santos. Tendo uma devoção particular a um santo determinado, p. ex. o de nosso nome, e praticando, por seu amor e para sua honra e glória, boas obras e fazendo orações, ele sentir-se-á atraído e nos tomará debaixo de sua proteção.

Assim também a donzela Isabel, além da Mãe de Deus, escolhera um santo ao qual, por causa de sua virgindade e seu ardente amor, tinha extraordinária devoção: o Apóstolo S. João.

Era costume, naqueles tempos, escolher pela sorte um padroeiro, e as moças da corte marcaram um dia em que cada qual tomasse o seu santo. Isabel orou, fervorosamente, ao

Senhor para que lhe desse em sorte a S. João; depois foi, humildemente, à eleição com suas companheiras. Havia para este fim doze círios, em cada um dos quais estava escrito um nome; misturados, depois, todos colocavam-se no altar, onde cada postulante ia tirar um ao acaso. O círio que tinha o nome de S. João coube, desde logo, a Isabel; mas, não contente com esta primeira prova, renovou-a mais duas vezes e sempre com o mesmo resultado. Considerou-o disposição superior e sentia-se, fortemente, impelida a invocar, com maior confiança ainda, o grande santo. Particularmente, prometeu-lhe dar, de boa vontade, quanto lhe pedissem em seu nome, promessa que, de fato, cumpriu a vida inteira: nunca recusava o que se lhe pedissem em nome de S. João, quer se tratasse de perdoar uma injúria quer de conferir um benefício.

Há quem tenha este trato com os santos por superstição, ao passo que não é senão a mais bela e pura amizade. Pois, se é lícito e justo pedir orações a um bom cristão e imitar-lhe o modo de viver, será também permitido e não contrário à vontade de Deus dirigir-se aos melhores cristãos que pode haver, aos santos, escolhê-los para amigos e modelos de vida e suplicar-lhes a intercessão junto ao trono de Deus.

Um dos seus discípulos, ao qual Jesus amava, estava recostado à mesa sobre seu seio. (João, 13, 23.)

A órfã

Isabel tinha apenas nove anos, quando morreu o landgrave Hermano. O príncipe sempre mostrara grande amor à piedosa menina; enquanto vivia, ninguém se teria atrevido a pôr-lhe embaraços ou impedi-la em suas práticas de religião. Depois da morte, porém, do nobre protetor, mudaram-se, de vez, as condições de Isabel: Deus houve por bem fazer subir mais um degrau a sua filha escolhida; a prata de sua piedade havia de transformar-se em ouro por meio do desprezo e perseguição que principia vá a sofrer.

Se o finado landgrave tratara a futura nora com afetos verdadeiramente paternos, já não se podia dizer o mesmo de sua esposa, a condessa Sofia.

Era ela uma fidalga mundana que, quanto à religião, satisfazia-se com salvar as aparências.

Semelhantes pessoas, ordinariamente, julgam ter a medida certa e conveniente de piedade, tendo por exagerados e desprezíveis os que não se contentam com a superficialidade.

Eis porque a condessa não aprovava de boamente a índole religiosa da menina Isabel. E, como a mãe, pensava também sua filha Inês: as vaidades do mundo preocupavam-lhe o coração muito mais do que Deus. As duas mulheres aproveitavam a falta do landgrave para desafogar, à vontade, o seu agastamento contra a pobre Isabel e sua vida recolhida. Arguiam-lhe a humildade, o trato simples e o orar sem fim; lançavam-lhe em rosto que não possuía nada de princesa e melhor seria fazer-se criada ou burguesa do que esposa dum landgrave.

O espírito cristão, ou antes a compaixão humana, exige que se protejam e defendam os que sofrem perseguição e, com maior razão, quando são crianças e órfãs as pobres vítimas. Os cortezãos, porém, seguiam o mau exemplo que, neste ponto, lhes dava a sua ama: vendo-a zombar e criticar o procedimento da menina, faziam a mesma coisa. Isabel tornou-se alvo das injúrias e infâmias de todos da casa, até das suas companheiras e dos empregados que não se cansavam de ridicularizar-lhe a piedade.

A menina sentia-se isolada, qual arvorezinha no cume do monte, flagelada, sem cessar, por chuva e vento, e vergada, às vezes, até o solo pelas tribulações e mofas dos homens. Condição melindrosa para ela! O próprio homem, forte e senhor de si, encontra dificuldade em viver no meio de adversários que não lhe aplaudem o modo de pensar; quanto mais uma criança de nove a dez anos que não ouve senão censuras, críticas e repreensões. Em que perigo não se acha de deixar-se intimidar e, para livrar-se dos vexames, abandonar a piedade e a prática da

virtude !... Entretanto, como a ovelha que, por mais escarnecida e maltratada que seja, não perde nem um momento a sua brandura natural, da mesma forma resistiu o génio manso e paciente de Isabel a quantas hostilidades a infestassem; sem fazer caso das zombarias, seguia, escrupulosamente, o caminho que a consciência e a índole religiosa lhe traçavam.

Ah! vós todos, senhores e senhoras, que ainda tendes um pouco de fé, escondida embora e abafada sob a cinza do respeito humano o qual vos arrasta a omitirdes o cumprimento dos mais santos deveres que vos impõe a consciência, vinde ver essa criança, essa menina, essa órfã no castelo de Wart-burgo! Que contraste entre vós e ela! Como sois covardes e miseráveis em comparação de Isabel! Que carácter mesquinho e fraco esconde-se debaixo do vosso exterior varonil! um verme medroso e descorado que foge da luz do dia !

Mas Deus escolheu o que é fraco segundo o mundo para confundir o Que é forte; e escolheu o que é vil e desprezível para o mundo e as coisas que não são, para destruir aquelas que são. (1. Cor. 1, 27-28.)

O diadema

A rajada que passa por sobre o fogo, ao invés de extingui-lo, aviva-o e dá-lhe nova força, novo vigor. Assim as perseguições que Isabel tinha de sofrer em consequência de seu espírito religioso, não eram capazes de abafá-lo, pelo contrário, a alma piedosa sentia-se-lhe cada vez mais impelida para Deus e mais ardente de amor divino.

Era o dia da Assunção de Nossa Senhora. A condessa mandou Inês e Isabel se vestirem e cingirem a frente com o diadema, para que fossem, assim aparelhadas, assistir à festa na matriz de Eisenach. As meninas obedeceram, descendo, em companhia da condessa e de diversos cortezãos, à cidade e, entrando na igreja, foram ajoelhar-se em um genuflexório defronte de um grande crucifixo.

À vista dessa imagem do Salvador agonizante, Isabel depôs o diadema e, deitando-o sobre o banco, prostrou-se por terra e orou. Aos olhos da condessa era muitíssimo inconveniente essa atitude da menina.

— Que quer dizer isso, Isabel? perguntou indignada. Que estás fazendo? Pretendes introduzir um ceremonial novo ? Tornas-te ridícula, estendendo-te por terra como louca. Não podes ficar ajoelhada ou sentada direito como nós? Que menina mal educada! Achas pesada a faixinha de ouro? Ou para que esse comportamento sem civilidade ?

A estas palavras duras, Isabel levantou-se obediente e respondeu com toda a humildade :

— Sra. condessa, não vos zangueis comigo. Vejo diante de meus olhos essa imagem de Nosso Senhor coroado de espinhos agudos e dolorosos. Não seria uma ironia se conservasse na cabeça um círculo de ouro enfeitado de pedras preciosas ?

E, entre lágrimas e soluços, consequência não da repreensão mas, unicamente, da compaixão pelas dores de Cristo, voltou à posição primitiva e orou com grande fervor. "O amor de Jesus Cristo feriu-lhe o coração, acrescenta um manuscrito antigo, e a espada de seu martírio encherá-lhe de dor a alma sensível."

Acontece, não raras vezes, que pessoas, cuidadosas em repararem nas exigências da civilidade mundana, absolutamente não têm ideia de que convenha fazer ou deixar na presença de Deus. Assim, com certeza, dá prova de seu pouco respeito quem, sem necessidade alguma, permanece sentado ou de pé, quando presenciar a cena mais sublime do céu e da terra, o sacrifício incruento, o momento soleníssimo em que o Filho de Deus imola sua Carne e seu Sangue sobre o altar, assim como os sacrificou outrora no Gólgota. Ordinariamente são os tais super-instruídos que cometem esta falta de respeito, enquanto o homem simples que nunca estudou as regras da civilidade, tem mais compreensão do que é de Deus e do que deve a Deus: não se assenta à mesa sem fazer a respectiva oração, descobre-se ao passar por uma igreja e

adora seu Salvador de joelhos, quando o encontra na rua, em demanda de um enfermo ou levado em procissão.

Dessa classe de pessoas era também a princesa Isabel que preferia violar os costumes da alta sociedade a não reverenciar, como entendia, ao seu Senhor. Pelo que foi tratada de ignorante e mentecapta, sendo que, justamente, a condessa e sua filha Inês e quantos se lhes assemelham, aos olhos do grande e majestoso Deus, na verdade, não merecem outras denominações .

Do mundo são: por isso falam ao mundo e o mundo os ouve. (1. João, 4, 5.)

O lírio entre os espinhos

Há uma boa quantidade de malícia, um não sei que de diabólico no espírito mundano. Nosso Senhor Jesus Cristo, escarnecido e desprezado na cruz, desculpou seus inimigos dizendo: "Não sabem o que fazem". Se, porém, hoje, cristãos de nome odeiam e ridicularizam pessoas religiosas, envidando esforços para também crucificar e apagar o amor de Deus que nelas reparam, creio não haver para eles desculpa como a havia para os judeus obcecados no Calvário, pois os cristãos sabem quem é Jesus Cristo e quanto tem feito por nós.

À proporção que Isabel se aproximava dos anos em que devia efetuar-se o seu casamento com o conde Luís, aumentavam também as palavras ofensivas, o desprezo e o ódio contra a mocinha incapaz de melindrar a quem quer que fosse. Os parentes e cavalheiros da corte declaravam, repetidas vezes e em alta voz, que não era digna do jovem landgrave uma "beata" que nada entendia da etiqueta da sociedade, que só sabia tratar com criados e mendigos e passava o dia na igreja. Além disso era insignificante o dote que trouxera e não havia esperança de vir o enxoval prometido pela mãe, visto que esta tinha morrido. Melhor era mandá-la para donde viera e escolher a filha de um príncipe vizinho, bem aparentada, rica e de hábitos verdadeiramente reais, a fim de ser a esposa do landgrave.

A condessa Sofia, de sua parte, procurava convencer a indefesa menina da conveniência fictícia de entrar para uru convento de freiras. Conseguindo-o, realizar-se-ia o desejo que nutria, de ter por nora uma princesa expansiva, de espírito mundano.

Mais ainda a pobre Isabel tinha que sofrer de Inês, a irmã de seu noivo. Orgulhosa que era, perseguia sua futura cunhada com termos ofensivos, dando-lhe, nua e cruamente, a conhecer que ninguém desejava vê-la casada com seu irmão, se não mudasse de vida; que mais prudente seria empregar-se como criada numa casa qualquer, pois não parecia ser de sangue real, etc.

Diz a este respeito o manuscrito já diversas vezes citado: Também da jovem Inês, sua cunhada, com a qual foi criada, sofria Isabel grandes injúrias, humilhações e contrariedades: porém, apesar de tudo, conservou-se paciente e virtuosa, qual nobre lírio entre espinhos. Por mais ferida que fosse por eles, mais paciência e humildade opunha aos seus adversários, encomendando-se ao Senhor com tudo o que possuía e tudo o que padecia.

E o capuchinho Martinho de Cochem escreve em sua lenda: "Depois da morte do piedoso landgrave, todos se levantaram contra o anjinho inocente que era como uma ovelha no meio de carneiros, mordida, escarnecida e desprezada. À proporção que se lhe desenvolviam a devoção e a humilhação, aumentavam-lhe também o escárneo e a perseguição, e não havia a quem, fora de Deus, pudesse confiar a sua dor. Assim o Senhor começou bem cedo a experimentar-lhe a paciência. Oh! minha Sta. Isabel, venero a tua grande virtude e sinto contigo o desprezo e a dureza com que te trataram. Ah! que tivesse passado a minha infância tão santamente como tu, e aturado todas as minhas tribulações com tanta paciência como tu as tuas! Pela tua juventude virtuosa, extingue a minha malícia e, pela resignação heróica com que aceitaste tudo da mão de Deus, consegue-me o perdão das minhas culpas e impaciências !"

O Senhor corrige ao que ama e dá corretivo a todo o filho que acolhe. (Hebr. 12, 6.)

O noivo

Sem dúvida quererá saber o leitor como, nessas circunstâncias, portou-se o jovem landgrave Luís para com a menina abandonada.

De certo, não escasseavam tentativas para excitá-lo contra a noiva; a cada passo o persuadiam de que abandonasse a ideia de casar-se com Isabel e a enviasse para a Hungria, porque jamais seria boa companheira do príncipe regente. Entretanto já o salmista diz: *Omnis homo mendax* — todo homem é mentiroso, isto é, não é possível fiar-se em ninguém. Sucede que uma pessoa, por Deus e por tudo o que é sagrado, te jura seriamente, amor eterno e fidelidade até morrer e, um ano depois, talvez já viva esquecida do juramento e o amor de então se tenha transformado em indiferença e antipatia. Só uma exceção há em que podes supor perseverança e constância: se quem te promete ser fiel é um cristão verdadeiro; pois, Deus lhe dá uma firmeza e lealdade que jamais lhe outorgou a natureza humana.

O conde Luís nada tinha do carácter altivo de sua mãe e de sua irmã Inês; pelo contrário, havia herdado o modo de pensar do falecido pai. Agradava-lhe em Isabel, precisamente, o que formava a pedra de escândalo para os outros, e quanto mais sabia a menina desprezada e odiada pelos cortejos, tanto mais cresciam no nobre rapaz o amor e a estima que lhe consagrava.

Enquanto era menor e sua mãe o substituíra no governo, não podia manifestar, abertamente, o que sentia, mas, nem por isso perdia ocasião alguma de consolar e alentar, às escondidas, sua "boa irmã", como costumava chamar sua futura esposa.

Quando, às vezes, se ausentava do castelo paterno e passava por alguma cidade, comprava sempre algum objeto que lhe parecesse raro ou precioso, para fazer dele presente à noiva, Nunca voltava com as mãos vazias. A chegada, ia-lhe a menina ao encontro para saudá-lo, então ele a abraçava e entregava-lhe o que trazia como prova de amor e sinal que, durante a jornada, nela havia pensado.

Bertoldo, capelão do conde, que lhe escreveu a vida, não duvida que Deus lhe houvesse inspirado uma inclinação verdadeiramente fraterna para o coração da pobre exilada, a fim de que esta não fosse abandonada por todos; assim a protegia e consolava quanto mais a via maltratada.

É, exatamente, o que, não raras vezes, nos passa despercebido que o amor dos pais, amigos, benfeitores, esposos, etc., não deixa de ser um benefício o qual tem a sua base em Deus, semelhante ao luar que não é senão efeito do sol. Por esta razão devemos, em primeiro lugar, agradecer ao Senhor por ter plantado e enraigado em outro coração o amor que nos tem. Toda a afeição natural e lícita com que os homens se amam e estimam reciprocamente é apenas um reflexo fraco e pálido do amor que Deus tem a cada um de nós.

Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho corporal que se não compadeça dele? contudo não me esquecerei de ti, pois que te tenho gravado nas minhas mãos. (Isaías, 49, 15-16.)

Um bom amigo

Uma vez, feita uma viagem em companhia de diversos cavalheiros da corte, o duque, talvez preocupado com os negócios que lhe motivaram a ausência, esqueceu-se de trazer o mimo costumado a sua noiva.

Isabel, modesta e desprezenciosa como era, não disse palavra, pois não fazia questão de receber presentes; mas, não ignorava que toda a gente empregava esforços para alienar de si o

duque, ainda que fosse por meio de calúnias. Receava, pois, ser possível que Luís desse enfim crédito aos seus inimigos e, por conseguinte, lhe tivesse subtraído o amor que lhe votara até então. Certamente quis dar-mo a conhecer, pensava ela, e aproveitou a ocasião da viagem, regressando sem trazer-me um presente".

Quem há de sofrer muito de outras pessoas, perde, facilmente, a confiança e a fé que antes tinha nos homens. A única pessoa que lhe queria bem, o único refúgio onde a mocinha, de todos os lados perseguida, encontrava consolação e descanso, era, justamente, o noivo. Por isso, via-se atormentada pela ideia de haver perdido esse restinho de amor; ao mesmo tempo, porém, não sentia coragem de fazer perguntas ao duque.

Nesta emergência, lembrou-se do velho sr. Gautier de Vargila que nunca se tinha manifestado contra ela. O leitor se recordará de que esse cavalheiro fora chefe da embaixada enviada pelo regente da Turíngia, a fim de pedir ao rei da Hungria a mão de Isabel para seu filho Luís, e encarregado, mui particularmente, pelo pai da menina de interessar-se por ela, o que Gautier, de boa vontade, prometera ao rei e à rainha. Fato é que não tomava parte nos enredos e maquinações contra a moça e era daqueles caracteres que cumprem a palavra dada, ainda que vejam levantar-se dificuldades quase insuperáveis.

Só esperava a ocasião de dirigir-se ao landgrave; esta não tardou em se apresentar.

Indo caçar, um dia, com o amo, e repousando num bosque sobre a relva, Vargila entabou a conversação da forma seguinte :

— Senhor, permitis que vos faça uma pergunta ?

— Falai com toda a confiança, respondeu o duque; hei de vos responder.

— Então, dizei-me que pretendeis fazer da donzela Isabel, que eu vos trouxe da Hungria? Ainda pensais em casar com ela ou quereis revogar a palavra que destes, e reenviá-la para a corte de seu pai ?

Luís levantou-se, prontamente, e, estendendo a mão para o monte vizinho, disse :

— Estais vendo aquele monte? Pois bem, se fosse de ouro puro desde a base até ao cume e se mo oferecessem sob a condição de separar-me de minha Isabel, jamais lhes faria a vontade. Digam e pensem dela quanto e o que quiserem, eu a estimo e não há, neste mundo, a quem mais ame. Dizei-lhe que jamais darei ouvidos àqueles rumores nem ao que se me aconselhar contra ela, pois será minha esposa. Suas virtudes e sua piedade têm mais valor para mim do que todos os tesouros do mundo, e levai-lhe este objeto, como novo penhor de minha fidelidade.

E entregou-lhe um pequeno espelho de fundo duplo, engastado em prata, que tinha, embaixo do vidro, uma imagem do Senhor Crucificado.

Inteirada do recado, Isabel sorriu consolada, agradeceu ao amigo paterno por ter-lhe feito esse favor e, osculando a imagem do Salvador, apertou-a contra o coração.

A vida do homem é composta de desgostos e de prazeres. Grande satisfação é, muitas vezes, a consequência de ânsias sofridas e suposições, quando afinal se revelam como desnecessárias umas e infundadas outras; mas, de outro lado, muitos tormentos nos pouparíamos, se não nos consumíssemos por imaginações aflitivas e inúteis, preparando-nos destarte, nós próprios, cruces que Deus não nos impôs.

Descarregai em Deus todas as vossas inquietações, porque ele é quem tem cuidado de vós. (1. Pedro, 5, 7.)

As núpcias

O conde Luís cumpriu a palavra. Eis o que a respeito relata o seu confessor :

Chegando a época determinada pelo Senhor, para consolar e recompensar a Sta. Isabel, sempre despeitada e perseguida pelos caluniadores da corte, pôs termo, de vez, às maledicências

e mexericos, inspirando ao nobre príncipe que realizasse o casamento. E o landgrave participou aos súbditos a sua resolução. Não era, pois, ouro e prata que procurava, conforme lhe aconselhavam falsos amigos; era modéstia e piedade que queria e que, abundantemente, achou em Isabel. Bem sabia que uma boa mulher, temente a Deus, torna feliz o marido.

Justamente para amordaçar todas as injúrias e fazer calar todos os conselhos perversos de que havia sido vítima a donzela, resolveu Luís conduzi-la sem demora ao altar, muito ; moça embora, pois o casamento efetuou-se em 1221, tendo Isabel apenas quatorze anos e o conde vinte e um.

Foram convidados para a cerimónia pomposíssima todos os condes e nobres da vizinhança. Gautier de Vargila e Meinrado de Mülberg, que, anos antes, haviam trazido a noiva da Hungria, serviram de paraninfos.

Em solene cortejo, desceram a pé o morro do castelo, a fim de, na matriz de Eisenach, santificarem, pelo sacramento, o contrato feito entre os dois esposos.

Isabel, até então constantemente escarnecida e tratada com desprezo por quase todas as pessoas da corte, agora, como esposa do landgrave, era cumulada de honras e acompanhada, com o respeito e magnificência devidos à sua posição por todos os fidalgos, damas e donzelas da alta nobreza do país, até à igreja e da igreja até ao castelo. Por três dias prolongaram-se as festas; pela manhã havia missa solene, depois banquetes, músicas, torneios e danças.

Assim como à nossa Santa, a toda alma de vida humilde, cá na terra, alvo de ofensas, desprezo e escárneos, há de surgir o dia de núpcias em que, glorificada, pelos anjos será conduzida à presença de seu Esposo, no grande templo estrelado : — o dia de sua morte.

Entretanto, ocorre aqui outra pergunta, a saber: Como é que uma donzela tão santa como Isabel não preferiu o estado virginal à vida matrimonial, tomando o véu num convento, o que sua sogra Sofia sempre aconselhara? Não diz o Apóstolo S. Paulo: A virgem cuida nas coisas que são do Senhor para ser santa no corpo e no espírito; mas a que é casada cuida nas coisas que são do mundo, e de que modo há de agradecer ao marido ?

Referem alguns historiadores antigos que Isabel não achou dificuldade e seguiu mesmo o desejo de seu coração em escolher o estado dos casados e que, antes de apresentar-se ao pé do altar, orou com toda a devoção do modo seguinte : "Senhor Jesus Cristo que conheceis todas as coisas e perscrutais todos os corações, bem sabeis que, com muito prazer, me conservaria virgem pura. Desde que meus pais, porém, me entregaram a quem devo obedecer, peço-vos, Senhor, pela vossa Paixão e Morte, me concedais aqui uma vida que vos seja agradável e me defendais de todo o mal".

Havendo-a destinado os progenitores, desde a infância, para ser, um dia, esposa do landgrave, e como a longa convivência com o jovem Luís tivesse nutrido e fortalecido o amor recíproco, Isabel não podia deixar de descobrir ser vontade de Deus que abraçasse o estado matrimonial.

O fato de ser muito religiosa uma moça não indica sempre que tenha vocação para a vida do claustro. O Senhor instituiu e santificou o matrimónio, a fim de que se propague a humanidade e os filhos se eduquem para serem verdadeiros servos de Deus. Ora, esta intenção do Criador, para a educação cristã, seria inteiramente inútil e malograda, se todas as pessoas piedosas se conservassem celibatárias e só se casassem as levianas. A moça piedosa talvez não ande à procura dum marido, mas, sobrevindo certas circunstâncias em que pessoas de confiança e confessores prudentes aconselham o casamento, e se ela mesma, após fervoroso orar para conhecer os desígnios divinos, ao menos não sentir repugnância, resolver-se-á sempre a ligar sua existência à de um bom cristão. Diz o grande S. Crisóstomo, expressamente: "A mulher que tem a alma ilibada e incorrupta, é virgem, embora tenha marido; pois, a virgindade da alma é que Deus requer, enquanto a do corpo não é senão a serve e a sombra daquela".

Cada qual como o Senhor lhe haja repartido, caãa qual como Deus o chamou, assim ande. (1. Cor. 7,17.)

O esposo

Há pessoas para quem o estado matrimonial parece transformar-se, com o tempo, em cruz, sob cujo peso têm que fazer penitência pelos pecados da vida passada, deixando a leviandade da juventude e aprendendo a buscar a Deus de todo o coração.

Isabel, porém, cuja infância havia sido uma corrente ininterrompida de sofrimentos e aflições, por mercê de Deus, experimentava a maior felicidade de que é capaz, neste mundo, a mulher casada, pois seu esposo, o conde Luís, era, a todos os respeitos, um dos mais exemplares daquela época, varão segundo o coração de Deus, no verdadeiro sentido da palavra e, por conseguinte, também segundo o coração de Isabel.

Acontece que, assim como a riqueza não é sempre a companheira da virtude, uma alma formosa e santa não habita sempre num corpo belo e perfeito. No conde Luís, porém, havia uma uniformidade admirável a este respeito. Era célebre e quase proverbial a sua perfeição física: de lineamentos agradáveis, cabeleira loura e comprida, voz amável e branda, postura reta e garbosa, cativava a todos os que o vissem; houve até quem lhe achasse pareanças com uma imagem de Cristo bem executada.

Na crônica da Turíngia, Adão Ursino o descreve assim : "Não era muito alto nem muito baixo e tinha o semblante belo e agradável; era jovial, bondoso, casto qual virgem, asseado no corpo, nas vestes, em tudo: prudente, ajuizado, paciente, viril, honesto, amante da verdade, justiceiro para com os seus vassallos e misericordioso para com todos os pobres."

Em outra crônica lê-se o seguinte: "Nunca sua boca pronunciava uma mentira, seu modo de falar era "sim, sim, não, não". Suas palavras eram sinceras, como se houvesse proferido um juramento, e não havia quem duvidasse delas. Todos os dias celebravam-se, em sua presença, os santos mistérios aos quais assistia, com devoção exemplar, adorando seu Deus com toda a reverência. Quando chegava a um lugar, sua primeira visita era ao Asilo de Mendicidade, onde, por sua presença, consolava os pobres e enfermos e repartia entre eles peças de roupa e outros objetos".

Um jovem belo, criado em abundância principesca, acostumado a ver realizados os seus desejos, acha-se em constante perigo de perder a virgindade. Cortezãos sem escrúpulos procuram insinuar-se na amizade dos príncipes, justamente pela tentação ao pecado da impureza, proporcionando-lhes ocasião para satisfazer os seus apetites desordenados.

Semelhantes maquinações experimentaram-se também na pessoa do conde Luís; contam-se diversos casos deste jaez. Porém o rapaz era fiel a Deus e a Isabel de corpo e de alma, tanto que, com nojo e indignação, rejeitava tais propostas infames e escandalosas. Seu confessor Bertoldo chamava-o, por isso e com razão, um verdadeiro José do Egito.

A castidade, porém, não será invencível nas horas de forte tentação, senão quando fortificada e defendida por outras virtudes: pela temperança e temor de Deus. Prova disto é a vida de Luís.

Evitava todo o excesso de temperos nas comidas, levando a mortificação ao ponto de abster-se de vinho e outras bebidas espirituosas, a não ser como medicamento, o que lhe deve ser altamente louvado, porque, não raras vezes, tinha que regalar, com opulência, hóspedes de categoria superior, condes e outros cavalheiros distintos que vinham à sua corte.

Não faltava nunca à santa missa, como já dissemos, onde fortalecia a alma contra todas as tentações e para o cumprimento das múltiplas obrigações que o dia lhe trazia.

Grande prazer lhe proporcionava a visita a um mosteiro beneditino, seis horas distante de Eisenach, pois edificava-o, sobremodo, a vida virtuosa e exemplar dos filhos de S. Bento.

Sua divisa era: "Religioso, casto, justo !" Na qualidade de soberano, considerava como primeiro dever particular a justiça, empregando nisso, com todo o zelo e toda a fidelidade, o poder que Deus lhe havia outorgado. Quem oprimissem um dos seus subordinados, quem ofendesse os pobres, quem ousasse cometer um ato de violência, encontrava nele um vingador inexorável, fosse mesmo um conde ou outro dignitário. Às vezes, emprendia até expedições guerreiras, somente pelo motivo de punir injustiças feitas a um dos seus súbditos.

Em família, não tolerava palavras inconvenientes ou equívocas; quem, em sua presença, jurasse, proferisse gracejos imorais ou falasse da vida alheia, era imediatamente repreendido e chamado à ordem. Se, porém, era ele próprio o ofendido, costumava ser indulgente até o extremo, dizendo apenas: "Não tornem a fazê-lo; sofro com isso." No mais mostrava-se sempre alegre, benevolente e amável; especialmente, era cheio de bondade para com os pobres.

Em suma, irmãos, em tudo o Que é verdadeiro, em tudo o que é pudico, em tudo o que é justo, em tudo o que é santo, em tudo o que é amável, em tudo o que é de boa fama, em qualquer virtude que haja, em qualquer disciplina digna de louvor, em coisas tais cogitai. (Fil. 4, 8.)

SEGUNDA PARTE

A ESPOSA

O matrimônio

Luís deixava à sua jovem esposa não só toda a liberdade na prática de suas devoções e obras de misericórdia, mas animava-a até e auxiliava-a. Apenas procurava retê-la, com toda a amabilidade, quando lhe parecia passar os limites.

Todos os dias, Isabel erguia-se do leito, às primeiras horas da madrugada, e ajoelhava-se para meditar e render graças ao divino Redentor por se haver dignado nascer à meia-noite, sofrendo o frio e a miséria, a fim de remir o genero humano. Muitas vezes, o marido acordava e, receando que, em vista de sua constituição fraca, não pudesse entregar-se sem perigo a tais penitências, aconselhava-a que se poupasse e não prejudicasse a saúde; no fundo dalma, porém, considerava-se feliz por ter uma mulher tão piedosa e santa.

Amavam-se extremamente, os dois esposos e achavam tanta felicidade em estarem juntos e tão poderoso era o atrativo que os unia, tão íntima a aliança de suas almas que, nem por um momento, podiam suportar a separação. Nas viagens não muito longas Isabel acompanhava Luís a cavalo, embora houvesse de percorrer caminhos ásperos e perigosos, de galgar alturas e arrostar tempestades. Nem as geadas nem a neve ou chuva nem o excessivo calor nem as estradas inundadas e intransitáveis lhe embargavam então o passo. E, havendo o conde, em virtude de seus deveres de soberano, de fazer jornadas longínquas, de sair dos seus Estados, sem poder levar a esposa, esta cobria-se de luto, à maneira das viúvas. Todo o tempo da ausência do marido aproveitava-o para viver recolhida e servir a Deus completamente retirada do bulício do mundo, não aparecendo revestida e adornada como lhe exigia o estado de princesa senão no dia em que regressava o esposo. Há também na vida dos mundanos grande amor e estima, principalmente nos primeiros tempos depois do casamento, porém, enquanto o marido tenciona proporcionar à mulher toda a espécie de prazeres e divertimentos, e esta, com o maior cuidado e mesmo ansiosamente, procura agradar ao esposo e aumentar-lhe o bem-estar, ambos, muitíssimas vezes, descuidam-se, ou inteiramente ou em parte, da salvação da alma de um e de outro. Há até mulheres que sofrem ao ver esfriar um pouco o amor do marido para com elas, ao passo que não ligam importância alguma ao fato dele não possuir nem uma faíscinha de amor divino.

Do outro lado, não são raros os homens que resmungam e mostram-se mal satisfeitos, porque a mulher frequenta a igreja e confessa-se repetidas vezes. O sacramento, que é o matrimônio, não exerce poder sobre semelhantes esposos; seu amor é e fica sendo deste mundo e não outra coisa senão um instinto natural, febrilmente excitado. Nos cristãos verdadeiros, porém, o sacramento santifica e enobrece o amor recíproco, de sorte que, de inclinação natural, transforma-se em amor sobrenatural e sagrado em Deus.

É o que se dava no nosso jovem par. Isabel, ataviando-se para receber o marido, não o fazia com o único fim de agradar-lhe. Motivo superior e mais sublime a impelia.

"Ponho os adornos, dizia ela. às suas camaristas, não por vaidade e galanteio; Deus me é testemunha; mas somente pelo amor cristão, a fim de não causar a meu "irmão" descontentamento ou mesmo ocasião de pecar. Há de amar somente a mim, por isso lhe devo agradar."

Pela mesma razão tratava-o sempre duma forma que se lhe tornava fácilimo dedicar à esposa um amor sincero e fiel.

A mesa conservava-se assentada ao lado do marido, o que já então era contrário ao uso observado pelas senhoras da alta sociedade. Com isto, não somente satisfazia o seu desejo de estar sempre junto dele, como também punha um freio às conversações livres dos jovens cavalheiros. Com efeito, nada era tão próprio para impor comedimento aos espíritos mundanos como a vista de tantas virtudes em duas criaturas tão jovens.

Ambos animavam-se, mutuamente, a progredirem na estrada da perfeição cristã, ambos excitavam-se a louvar e servir a Deus; desejavam viver na terra de modo que pudessem, na eternidade, morar juntos na casa comum de Deus.

Enganosa é a graça, e vaidade a formosura; a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada. (Prov. 31, 30.)

Olhar desordenado

Por bela e pura que fosse essa união, não era isenta de tentações e perigos. Referiremos um caso donde verá o leitor que pode ser desagradável aos olhos de Deus o que o mundo tem por inocente.

Naquele tempo, reinava a opinião de que quem quisesse gozar saúde, deveria submeter-se, anualmente, à sangria, abrindo-se-lhe a artéria com a lanceta para extrair certa quantidade de sangue. Essas ocasiões, para os príncipes e fidalgos, eram um pretexto para grandes festas, pois, quando a operação era feliz, davam-se louvores a Deus e reuniam-se os amigos em festins.

Assim, um dia, sangraram-se também o landgrave e sua esposa, tendo por este motivo convidado a nobreza da vizinhança. Para iniciar os festejos, celebrou-se Missa solene na matriz de Eisenach. Sucedeu então Isabel distrair-se durante o ato sagrado, fitando, demoradamente, olhos e pensamentos na beleza e amabilidade do esposo, que o tornavam tão querido de todos.

De repente, soou a campainha, dando o sinal da elevação. Isabel, como que assustada, procurou concentrar as ideias, mas, quando o celebrante suspendeu a Hóstia consagrada, pareceu-lhe ver nelas gotas de sangue ou, como narra o confessor do landgrave, "um homem crucificado com as chagas a verter sangue".

Este aspecto encheu-a de consternação e de dor da falta cometida. Prostrou-se aos pés de Jesus, qual outra Madalena, pedindo-lhe perdão entre copiosas lágrimas, e conservou-se nessa atitude, com espírito e coração elevados ao Senhor, mesmo quando já haviam se retirado todas as pessoas presentes.

À hora do almoço, reunidos os numerosos convidados, sentiu-se a falta da dona da casa. Para evitar alvoroço e maior demora, desceu o próprio esposo à igreja, aproximou-se de Isabel que ainda orava, e perguntou com voz branda :

— Minha irmã, porque não vens almoçar e nos deixas esperar ?

Isabel ergueu-se e, deitando um olhar doloroso sobre o marido, mostrou-lhe os olhos avermelhados de tanto chorar. Atónito, Luís prosseguiu a indagar :

— Por que choraste, minha irmã ?

E, ouvindo a confissão de sua mulher, vieram-lhe também as lágrimas aos olhos e, havendo rezado algum tempo com ela, disse :

— Penitenciar-me-ei contigo; agora, porém, esquece-te disto; disfarça a dor e finge-te alegre.

Mas, Isabel estava muito comovida para poder comparecer ao banquete, pelo que o landgrave regressou sem ela, esforçando-se para não dar mostras do que acontecera.

Numa crónica acha-se a seguinte observação: "A Santa santificava-se cada vez mais e tornava-se mais pura e mais agradável ao Salvador por meio duma salutar penitência. Como a formosura exterior distraiu-a por uns momentos, assim a vista da figura maltratada do Senhor Crucificado trouxe-a de novo ao recolhimento interior. Feliz o esposo desta excelente mulher quando se achava no auge do poder temporal; mais feliz quando o Espírito Santo derramou sobre ele a abundância de suas graças; sobremodo feliz agora que a magnificência da bem-aventurança eterna aureola ambos na glória do céu !"

Quantas vezes por dia ofendem a Deus, da mesma forma, até pessoas que aliás parecem

religiosas! Que quer dizer orar sem devoção ou distrair-se durante o culto divino? Ao menos no momento da distração o nosso espírito dá preferência a uma criatura; afasta o olhar de Deus para mirar uma coisa passageira que mais lhe agrada. E o Senhor há de esperar, por assim dizer, até que hajamos por bem voltarmos para Ele !

Já faz pena que muitos cristãos consagrem tão pouco tempo do dia, exclusivamente, à oração; seria, pois, de esperar que, nesses curtos momentos, não ofendessem ainda a Deus por tibieza, distração e olhares levianos. A oração voluntariamente distraída aos olhos de Deus é tão disforme como a planta roída por lagartas.

Vi o Senhor assentado sobre um trono alto e sublime. .. Serafins estavam por cima dele e cobriam os rostos com as asas e clamavam uns aos outros: Santo, santo, santo, é o eterno Senhor dos exércitos: toda a terra é cheia de sua glória. (Isaías, 6, 1.)

Mortificação do corpo

Isabel compreendia certamente, nessas e semelhantes ocasiões, quão perigosa pode tornar-se a pessoas religiosas a vida matrimonial, e via que era preciso aumentar a vigilância e a mortificação da carne, caso quisesse evitar uma recuada no caminho da perfeição.

Antes de tudo, empenhava-se em não se deixar vencer pelas paixões desordenadas e sentimentos carnis, pelo que tratava o corpo com todo rigor. Ao invés de entregar-se ao repouso e ao sono, levantava-se, cada noite, no intuito de orar ajoelhada. Muitas vezes, porém, não obstante sua boa vontade, no meio da oração, não podia resistir ao sono e adormecia sobre o tapete. Encontrando-a de manhã assim deitada, as criadas queixavam-se-lhe e perguntavam se não dormiria melhor no leito do que no soalho.

— Não, lhes respondia a santa patroa, se não me é possível orar sempre, ao menos mortifico-me; é preciso domar a carne, e ela lucra muito servindo ao espírito.

Sob seus ricos vestidos, trazia sempre um cilício. Todas as sextas-feiras, em memória da Paixão dolorosa de Nosso Senhor, e todos os dias da quaresma, mandava que lhe aplicassem severas disciplinas, a fim de dar alguma compensação ao divino Salvador, flagelado pelos nossos pecados. Às vezes erguia-se, mesmo de noite, passava a um quarto afastado e obrigava uma criada a fustigá-la duramente, voltando depois, alegre e amável, para junto de seu esposo, como se regressasse de um divertido passeio, pois o império que tinha sobre si própria não permitia que estas austeridades secretas exercessem alguma influência sobre as suas relações externas e habituais, ou a tornassem triste e morosa; acostumava o corpo a esquecer logo o castigo merecidamente infligido, como sói fazer a criança bem-criada e educada.

Não punha, por isso, dificuldade alguma em tomar parte nas festas e reuniões mundanas da corte nas quais sua posição lhe exigia a presença, não porque as apreciava, mas unicamente no louvável intuito de não escandalizar a ninguém nem tornar odiosa a piedade.

Abominava qualquer afetação de dor, e acerca dos que, nas práticas de religião, mostravam um semblante triste e severo, dizia: — Parece que querem espantar Nosso Senhor; dêem-lhe de bom modo e com bom coração o que estiver em suas forças.

Nos banquetes oficiais, jejuava muitas vezes, de forma que se levantava com fome. No entanto empregava todo o cuidado para esconder, aos olhos do mundo, o que fazia pelo amor de Deus; assim p. ex. partia o pão ou trinchava diversas iguarias para o seu prato e, sem lhes tocar, dava-lhes a aparência de restos de comidas dos quais já se tivesse servido. Mas, apesar dos mil subterfúgios encenados para encobrir estas privações, não lhe era possível escondê-las, pelo que faziam-na alvo de suas críticas e murmúrios todos os cortezãos, com exceção do conde Luís, seu marido.

O mundo odeia tudo quanto aflige a carne e chama isso extravagância; nem mesmo ao

jejum obrigatório que, a Igreja prescreve para certos dias até sob pecado mortal, os católicos mundanos querem sujeitar-se. Entretanto, recusando jejuar quando a Igreja Católica manda, nem para domar a tua sensualidade e melhor servir a Deus, mostras de que quilate é o teu cristianismo, pois diz, expressamente, o Apóstolo S. Paulo:

Ora, os que são de Cristo crucificaram sua carne com os vícios e concupiscências. (Gol. 5, 24.)

Luxo no vestir

Não está no poder do homem mudar a figura corporal que recebeu da natureza, mas pode transformar a aparência externa, vestindo-se à vontade. Há, entretanto, muitas pessoas pobres que não têm que escolher neste sentido: vestem o que possuem; mas, nas pessoas abastadas o modo de vestir-se é, muitas vezes, exactamente o espelho do interior, porque vestem-se como querem.

Isabel trajava à moda das princesas daquela época; com certeza não achava nisso nada de ilícito, não tendo outra intenção senão agradar ao esposo e evitar particularidades e esquisitices.

Um dia de grande festa, desceu, segundo o costume, a Eisenach, vestida com todo o luxo, coberta de jóias, cingindo-lhe a cabeça o diadema ducal. Acompanhavam-na a sogra e numerosa comitiva. Dirigiram-se todos a uma das igrejas da cidade.

Todas as vezes que entrava na casa de Deus, costumava lançar logo os olhos sobre a imagem do Senhor Crucificado; foi o que fez também nesta ocasião. E, como o Espírito de Deus sopra onde e quando quer, reparando no crucifixo e vendo o Salvador coroado de espinhos e com as mãos e os pés encravados, sentiu-se, como outrora na infância, traspasada de compunção e, entrando em si, disse consigo: "Eis aí o teu Deus suspenso na cruz, e tu, criatura inútil, adornada de preciosidades ! Sua cabeça está coroada de espinhos e a tua cinge uma coroa de ouro !" E, no mesmo instante, vencida da dor intensa que experimentava, desfaleceu e caiu por terra. Os assistentes, assustados, ergueram-na e levaram-na para a porta da igreja a fim de dar-lhe ar fresco e lhe aspergiram água benta sobre o rosto.

Voltou ela logo a si; mas, a partir desse momento, tomou a resolução de renunciar a todo e qualquer adorno, fora do caso em que o exigissem as obrigações do seu estado ou a vontade de seu esposo.

Encontra-se, nos depoimentos de suas damas, a descrição de muitos objetos que faziam então parte do traje de uma princesa, os quais ela depôs para sempre; por exemplo, os mantos e véus de cores vivas, as mangas estreitas e cheias de pregas, as fitas de seda para os cabelos, enfim os vestidos muito compridos e de cauda.

Quando se via na necessidade de aparecer nos trajes de cerimónia, trazia sempre, sob a púrpura e o ouro, um vestido simples de lã e o cilício que nunca abandonava.

Em geral só compreendemos a gravidade de um erro cometido depois de havermo-nos reconciliado com Deus, assim como reparamos no perigo em que estávamos, quando nos sabemos salvos e fora dele. Ao mesmo tempo, sentimo-nos impelidos a prevenir o próximo para lhe poupar igual prejuízo . Desde que Isabel, pelo amor de Jesus Cristo, não trajava senão com simplicidade e modéstia, recomendava às damas nobres que a vinham visitar que renunciassem ao luxo no vestir, não atraindo mais sobre si os olhos dos curiosos por meio de vestuários pomposos e bizarros.

A jovem duquesa tomou tanto a peito esta questão, que mandava às senhoras de seu conhecimento até moldes de vestidos que lhes julgava serem apropriados, a fim de que vissem não ser impossível trajarem com modéstia cristã, apesar do alto e altíssimo grau de sociedade que ocupavam.

Pessoas e, com especialidade, mulheres, que aos olhos do mundo desejam passar por

belas, ricas ou fidalgas, geralmente fazem muito caso de atavios e vestidos. Consequência disso é que muitas se vestem com mais fidalguia e luxo do que lhes compete, em vista de seu estado e posses; sentem-se até infelizes e cheias de inveja, quando não podem acompanhar a moda.

É a soberba da vida, o espírito do mundo. Entretanto diz, bem claramente, S. João Evangelista (1. 2, 15.): *Se alguém ama o mundo, a caridade do Pai nele não está.* Por isso, sem dúvida alguma, há de manifestar-se o desprezo dos enfeites do corpo nas pessoas que amam verdadeiramente ao Pai do Céu.

Até que ponto este desdém chegava em nossa Santa, deixava-o ela, às vezes, entrever, brincando embora, mas contudo fazendo compreender os sentimentos de seu coração e uma seriedade profunda. Nos seus desabafos familiares, pois, com as suas servas que também eram suas amigas, envolvia-se, às vezes, num grande e velho manto, cobria a cabeça com um pano grosso e roto e, passeando pela sala como uma pobrezinha, dizia, como que advertida por uma inspiração celeste da sorte que o Senhor lhe reservava :

— Assim andarei quando for mendiga pelo amor de Deus.

Da mesma forma que uma moça pobre ou uma criada se julga, talvez, feliz ao imaginar o traje custoso que há de vestir quando se casar com um homem rico, assim para a jovem condessa era um prazer apresentar-se, ao próprio espírito, coberta de farrapos a pedir esmolas, pois era dos pobres de que fala o Evangelho :

Das mulheres não seja adorno o do exterior, os cabelos frisados, ou os adereços de ouro, ou o preparo e forma dos vestidos; mas aquele que reveste o íntimo do coração humano, com a incorruptibilidade de um espírito pacífico e modesto, que é de um grande valor diante de Deus. (1. Pedro, 3, 3-4.)

As rosas

Diz a Sagrada Escritura do Salvador que se fez pobre para enriquecer-nos. Justamente neste ponto, Sta. Isabel revelava-se verdadeira discípula e imitadora do Senhor: descia, espiritualmente, do trono, a fim de conhecer a pobreza e envidava todos os esforços para melhorar o estado dos necessitados. S. Francisco de Sales a chama, por esta razão, pobre na riqueza e rica na pobreza.

Todo o dinheiro que recebia empregava-o em prol dos pobres, e quando, apesar dos recursos que a caridade do marido lhe punha à disposição, não tinha mais que dar, desfazia-se dos seus vestidos, no intuito de aliviar os infelizes.

Como o caçador apaixonado não se deixa deter de seguir a pista da caça nem pelo mau tempo nem por obstáculo algum, assim Isabel caçava os pobres. Nem a distância nem as dificuldades do caminho a embaraçavam; sabia que não há coisa que fortifique tanto a caridade como a indagação profunda das misérias humanas na sua parte material e positiva. Por trilhos íngremes e ínvios subia, carregada de víveres e outros objetos indispensáveis, em busca das cabanas dos indigentes. Embora repugnantes pela imundície e insalubridade, a Santa penetrava nesses asilos da pobreza com uma certa devoção e, ao mesmo tempo, familiaridade, qual raio de sol a espalhar luz e calor benfazejos, imune dos efeitos do desasseio, cujas sombras ia dissipando. E não só repartia entre os desafortunados as esmolas corporais, como os consolava também por suaves e afetuosas palavras.

Reconhecendo que estavam endividados e sem meios de satisfazer as dívidas, Isabel se encarregava de pagá-las à sua custa. Muitíssimas vezes, oferecia-se a famílias muito pobres para ser madrinha dos filhinhos recém-nascidos, tencionando, pela maternidade espiritual, obrigar-se a amá-los e cuidar deles durante toda a vida.

Conta-se entre as obras de misericórdia a de enterrar os mortos. Claro é que não se entende com isto, exclusivamente, o que faz o coveiro, mas tudo quanto o cristão consagra ao irmão defunto. Aumenta o valor desta misericórdia, se é prestada a um pobre; pois, enquanto*os

homens, em geral, acodem em massa ao enterro de um rico e fidalgo, menosprezam, facilmente, o pobre, mesmo depois da morte ainda, acompanhando-lhe muito poucos os restos mortais até a última morada.

Isabel, pelo contrário, com preferência ia, quando lhe era possível, velar junto dos pobres falecidos, envolvia-os, com suas mãos, em lençóis do próprio leito e assistia-lhes ao enterro, seguindo, com humildade e recolhimento, o simples esquife do último dos seus súbditos, como se o morto fosse um parente seu .

A arte representa, ordinariamente, Sta. Isabel com rosas no manto, cena que tem a sua origem numa lenda antiquíssima. Diversos autores referem o milagre das rosas ao tempo da primeira infância da Santa, conforme acima relatamos, A maioria, porém, e a tradição geral aplicam-no à sua vida conjugal e nele fazem intervir seu marido.

Gostava Isabel de levar em pessoa, ocultamente, aos pobres não somente dinheiro, mas também víveres e outros objetos que lhes destinava. Assim carregada, seguia os caminhos escarpados que do castelo conduziam à cidade.

Um dia em que, acompanhada por uma das suas criadas favoritas, descia num desvio estreito e íngreme que ainda hoje se mostra, levando no regaço pão, carne, ovos e outros comestíveis, para distribuí-los aos necessitados, viu-se, inesperadamente, face a face com o marido que voltava da caça.

Admirado de vê-la assim vergando ao peso da carga, disse-lhe :

— Vejamos o que levas aí.

E, ao mesmo tempo, abriu contra a vontade de Isabel, o manto que ela, assustada, apertava contra o peito; mas, apenas encontrou rosas brancas e vermelhas, as mais lindas que havia já visto em sua vida: isso o surpreendeu tanto mais, quanto não era então época de flores.

O landgrave permitiu-lhe prosseguir o caminho, enquanto ele subiu ao castelo, pensando sobre o que Deus com ela fazia e trazendo consigo uma destas rosas maravilhosas, que conservou até a morte. E, a fim de perpetuar a memória do acontecimento, mandou erigir no sítio em que se deu, uma coluna encimada por uma cruz.

Seja embora uma lenda, inventada em honra da santa Protetora dos pobres, como todo o mundo chamava a Isabel, verdade é que tem sempre um sentido profundo e moral. Pois, os benefícios que se prestam aos pobres pela caridade cristã, transformam-se em rosas e, entrelaçados, compõem uma coroa para o benfeitor.

Consideremos uma roseira: enraizada em solo negro e húmido, absorve daí o suco vital que, nos galhos, faz desabrochar, maravilhosamente, as folhas verdejantes e as flores multicores e perfumadas. Não havendo perfume, nem cor branca ou vermelha, nem a forma das folhas dentro da terra, e a terra que produz tudo isso, com auxílio da natureza da roseira e o sol que fornece luz e calor. Da mesma maneira, o pedaço de pão ou carne, o cálix de vinho, o feixe de lenha, o par de meias ou botinas, a camisa ou outra peça de roupa, a moeda, são, em si, objetos sem vida, sem beleza, sem valor superior, dados, porém, pelo amor de Deus, a uma pessoa necessitada, transformam-se em rosas lindas e cheirosas para o Senhor com que o próprio benfeitor, um dia, será coroado e glorificado no céu.

O cristão que dá esmola assemelha-se, pois, à roseira, porque, por seu intermédio, as coisas terrestres convertem-se nas rosas das obras de misericórdia; e o sol que nele opera e efetua a mudança das coisas terrenas e insignificantes em meritórias e agradáveis a Deus é o Espírito Santo que aquece e ilumina os corações dos cristãos.

É, portanto, como uma espécie de magnífico monumento, erigido em honra da exímia benfeitora da humanidade desventurada, Sta. Isabel, que ainda hoje se cultivam roseiras em grande quantidade em torno de sua igreja na cidade de Marburgo, como também no parque do castelo de Wartburgo, onde ela residia.

A esmola será o motivo de uma grande confiança diante do Deus Supremo para todo aquele que a praticar. (Tobias, 4, 12.)

O leproso

A doença, ordinariamente, é um mal maior do que a pobreza; mas, quando ambas se encontram numa pessoa, a aflição é grande; pois, a pobreza só já oprime o homem como a doença lenta, e a doença torna pobre o mais rico, tanto que nem o mendigo deseja trocar com ele. É por isso que as pessoas de saúde robusta e possuidoras de bens terrenos não são capazes de fazer ideia da triste sorte do pobre que é doente nem do doente que é pobre. Só a caridade tem entranhas de mãe e se compadece dos enfermos indigentes, chorando com os que choram e sofrendo com os que sofrem.

Naquele tempo, havia na Alemanha uma moléstia que hoje só se conhece no Oriente e nos climas tropicais: a lepra. Os atacados deste mal terrível não somente sofrem as mais cruciantes dores mas rebentam-lhes também, em todo o corpo, bubões horrorosos e apostemas. A moléstia é contagiosa e pode atormentar a pobre vítima durante vinte a trinta anos, até que, afinal, apodrecendo viva, é libertada desse martírio pela morte salvadora. E como os leprosos são obrigados a evitar a convivência com os membros da sociedade e transmitem o contágio a tudo quanto lhes vem ao contato, não podem dedicar-se a um certo ramo de vida e vivem, portanto, geralmente, na extrema pobreza.

Entre todos os desgraçados que atraíam a compaixão de Sta. Isabel, os que lhe ocupavam maior espaço no coração eram justamente os pobres leprosos. À imitação de muitos santos e príncipes ilustres de seu tempo, comprazia-se em triunfar do sentimento natural do nojo e desprezava até as precauções que separavam, exteriormente, esses seres marcados pela mão de Deus.

Onde os encontrasse assentava-se-lhes ao lado, como se não tivesse nenhum contágio que temer, dirigia-lhes palavras de ternura e consolo, exortando-os à paciência e à confiança em Deus, pois, se sofressem de boa vontade, ficariam salvos e quites do inferno na outra vida e, ainda mais, seriam recompensados no céu; e não se apartava deles sem lhes deixar abundantes esmolas.

Um dia de quinta-feira santa, reuniu todos os morféticos da vizinhança e lavou-lhes os pés e as mãos, prostrando-se diante deles e beijando-lhes, humildemente, as repugnantes úlceras.

Sim, a nossa Santa tinha alguma coisa da caridade do Filho de Deus na sagrada Comunhão. Por aleijado que seja o homem, por desfigurado que lhe esteja o rosto, todo roído de cancro, tanto que causa nojo aos que o servem : Jesus, o divino Salvador, não sente repugnância de entrar-lhe e residir-lhe no coração. É por isso que Isabel, como se fosse um espírito, livre já dos laços de carne e sangue, aproximava-se dos doentes mais asquerosos, para tratá-los e acariciá-los.

Encontrando, um dia, um destes infelizes que, além de tudo, sofria de uma moléstia na cabeça, cujo aspeto causava náusea ao último ponto, mandou-o vir a um sítio retirado de seu jardim, e fez ao que, provavelmente, a mais ordinária pedinte nem por dinheiro se sujeitaria : cortou-lhe, ela mesma, os cabelos sórdidos, lavou e pensou-lhe a cabeça encostada sobre seus joelhos.

Surpreendida nesta ocupação esquisita pelas suas damas da corte, sem dizer coisa alguma, sorriu-se para elas; pois, a verdadeira virtude cristã mostra-se sempre alegre e pratica a obra mais difícil e heróica, como se não fosse senão um brinquedo.

Outra vez, passando Isabel, com o landgrave e sua mãe, uns dias em outro castelo seu, não deixou de aliviar a miséria dos pobres e enfermos, apesar do descontentamento que sempre manifestava Sofia, a duquesa-mãe; pois, à mulher fidalga e mundana não parece nada mais desprezível e insuportável do que o procedimneto duma senhora de elevada posição, tratando as criaturas mais pobres e miseráveis como trata os próprios filhos.

Entre aqueles enfermos havia um leproso, muito baixo de estatura, cujo estado era tão deplorável e o aspeto tão horrendo, que ninguém se atrevia mais a pensá-lo.

Vendo-o assim abandonado por todos, Isabel julgou-se obrigada a fazer por ele mais do

que por qualquer outro : deu-lhe um banho, ungiu-o com um unguento saudável e deitou-o então no próprio leito nupcial.

Ora, aconteceu que o duque voltou da caça, justamente à hora em que sua esposa estava desta forma ocupada. Sua mãe correu-lhe logo ao encontro para denunciar a nora :

— Vem comigo, meu filho ! lhe disse; vou mostrar-te uma boa de tua Isabel.

E conduziu-o à alcova.

— Olha ali, Luís; tua mulher te mete agora os leprosos no leito, sem que eu possa impedi-lo. Parece que quer pegar-te a morfeia, bem o vês com os próprios olhos.

O landgrave, um tanto irritado, arrancou, bruscamente, as cobertas da cama. Mas, no mesmo momento, Deus abriu-lhe os olhos do espírito e, em lugar do leproso, viu a figura de Jesus Cristo crucificado, deitado no leito. Conheceu então, por graça divina, que o mísero enfermo não era senão um membro do corpo de Cristo, enquanto, aos olhos de sua mãe soberba, apenas fora um objeto de horror e desprezo.

A esta vista ficou estupefato, incapaz, a princípio de proferir uma só palavra. Depois, voltando-se, viu sua mulher que o havia seguido furtivamente, talvez para acalmar-lhe a cólera contra o leproso, e disse :

— Isabel, minha boa e querida irmã, para tais hóspedes minha cama te está sempre à disposição. Não te deixes embargar por pessoa alguma no exercício de tuas virtudes !

Depois pôs-se de joelhos e dirigiu a Deus esta súplica :

— Senhor, tende piedade de mim, pobre pecador ! Não sou digno de ver todas estas maravilhas; bem o reconheço; ajudai-me a tornar-me um homem segundo o vosso coração e a vossa divina vontade.

Assim orou o piedoso duque. Também vos suplicamos, Senhor e Deus nosso, abri-nos os olhos, a fim de que, em todo homem doente ou miserável, conheçamos um membro verdadeiro do vosso corpo místico e lhe façamos misericórdia. Imprimi ao nosso coração, bem vivamente, que tudo quanto lhe fizermos ou negarmos, a Vós é que o fazemos ou negamos.

Isabel aproveitou-se da profunda impressão que esta cena havia produzido no conde para obter dele licença de construir um asilo ao sopé do monte do castelo. Satisfeito o pedido, ela aí sustentava vinte e oito pessoas velhas e enfermas, impossibilitadas de subirem até o castelo, indo todos os dias vê-las e levar-lhes víveres e outros objetos.

E, respondendo o rei, lhes dirá: Na verdade vos digo que, quantas vezes fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes. (Mat. 25, 40.)

Humilhação

O culto externo prestado a Deus com o coração orgulhoso ou pelo menos sem devoção e distraidamente, não tem valor nenhum. O Senhor não o aceita se não proceder duma alma humilde e penitente.

Nas diversas crónicas antiquíssimas que existem da vida de Sta. Isabel, encontra-se narrado o modo pelo qual ela costumava passar a Semana Santa. Já na quaresma não só dobrava as orações e esmolas, como também jejuava mais do que precisava em virtude do preceito da Igreja. Na quinta-leira santa, a fim de imitar o Rei dos reis, depunha tudo quanto lhe pudesse lembrar a posição elevada, vestia o trajo ordinário dos pobres e ia a pé visitar as igrejas. No mesmo dia, lavava, humildemente, os pés a doze indigentes, algumas vezes escolhidos entre os leprosos, e dava a cada um uma moeda de prata, um vestido e um pão branco.

Este ato de humilhação a que Isabel se sujeitava, osculando os pés dos pobres na ocasião de lavá-los, faz-nos recordar duma cerimónia ainda hoje em voga na corte pontifícia em Roma.

Em certas solenidades, p. ex., quando o Santo Padre procede à distribuição dos ramos bentos no respectivo domingo, os que o recebem osculam-lhe o pé, isto é, a relíquia que para

este fim tem pregada nas cáligas de seda.

Houve quem resmungasse dessa cerimónia, julgando-a por demais humilhante. Entretanto, o Papa, como Sta. Isabel, beija também os pés às pessoas admitidas ao lava-pés, que se efetua todos os anos, na Quinta-feira Santa, na Basílica de S. Pedro. Os cristãos católicos, na qualidade de membros de Cristo, hão de honrar-se mutuamente.

Toda a noite de Quinta para Sexta-feira Santa, passava Isabel em claro, inteiramente absorta em oração e na contemplação dos tormentos que Nosso Senhor sofrera naquela noite, sem poder repousar um só momento.

Na Sexta-feira Santa, era praxe, naquele tempo, depositar ofertas sobre os altares das igrejas que se visitavam, conforme as condições e posses de cada um. Sta. Isabel que se compadecia sobremodo da pobreza ilimitada do Filho de Deus, todo despido à vista do povo, com uma sede insuportável como a provoca a extraordinária perda de sangue, sem ser aliviado por uma só gota d'água, e nos transes da morte, não tendo onde descansar a cabeça chagada, não queria, de modo algum, nesse dia, apresentar-se como princesa, ela que se considerava a última serva do Senhor Crucificado.

— Hoje é o dia de humilhações para todos, dizia às criadas e, sem mudar o trajo da véspera, descalça e desconhecida, metia-se entre a multidão, sem ligar importância aos apertos e empurrões a que se expunha. No manto levava as ofertas como as ofereciam as pessoas pobres : pequenos embrulhos de linho, incenso e velas, que depunha nos diversos altares, conformando-se em tudo ao costume das mulheres pobres.

Várias personagens da corte lançavam-lhe em rosto a mesquinhez destas ofertas, quando, pelo contrário, a sua posição de princesa e soberana a obrigava a dar o exemplo de munificência e liberalidade.

Estas pessoas avaliavam as coisas sobrenaturais à maneira do mundo, errada e superficialmente, enquanto a jovem duquesa, inspirada pela luz divina, acertava o modo de agradar a Deus. Por ventura, o Senhor, nas ofertas, atenderá mais ao dinheiro e ao dom que se imola ou tomará em consideração a humildade que se iguala, propositalmente, aos mais pobres? Uma oferenda principesca aos olhos de Deus não é senão um brinquedo infantil de vidro ou papel de cor; o coração humilde, porém, é para Ele uma pedra preciosa, de valor temporal e eterno.

Mas, que não era por economia que Isabel fazia ofertas de tão exíguo preço, provava-o no mesmo dia ainda, pois, terminada a oração na igreja, dava abundantes esmolas aos pobres.

Pelas Rogações que, nessa época, se celebravam com festejos mundanos e trajos custosos, a piedosa duquesa acompanhava sempre a procissão, vestida de grosseiro burel. Durante os sermões pregados nessa ocasião, procurava lugar entre as mendigas, querendo parecer uma delas. À sua opinião, tornava-se destarte mais digna de seguir, através dos campos, as relíquias dos Santos e o santo Lenho do Salvador.

Diz S. Basílio o Grande que a alma identifica-se com seus intentos e exercícios e forma-se segundo aquilo que faz; por isso convém apresentar também no exterior, nos gestos, no modo de andar, de vestir e de falar, uma certa modéstia, a fim de que a alma torne-se, cada vez, mais humilde e agradável a Deus.

Aprende de mim que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas. (Mat. 11, 29.)

Em apuros

Naquela época, era um grande centro de romarias a catedral de Aix-la-Chapelle (Aachen) aonde muita gente se dirigia para venerar as preciosas relíquias nela depositadas, quatro séculos antes, por Carlos Magno. Principalmente eram os húngaros que visitavam o

santuário, de sorte que, em 1374 ou, segundo outros, em 1382, o próprio rei, Luís da Hungria, fez a peregrinação com pomposa comitiva e lá construiu uma capela, chamada dos húngaros.

Algum tempo depois do casamento de Sta. Isabel, aconteceu que também quatro magnatas da corte do rei André da Hungria, pai da Santa, resolveram empreender a viagem a Aix-la-Chapelle, pelo que o rei lhes pediu passassem pela Turíngia para verem sua filha. Desejava ter notícias dela e informações minuciosas de sua vida, do estado de sua corte e do país que habitava. Ao mesmo tempo, pediu que a convidassem e a seu marido a virem visitá-lo na Hungria, pois tinha grande desejo de vê-los antes que lhe findassem os dias.

Os cavaleiros obedeceram, indo primeiro a Aix-la-Chapelle para cumprir o voto, e tomando, na volta, o caminho de Turíngia.

Sabendo quem eram os nobres peregrinos e para que tinham vindo, o landgrave Luís os recebeu com solicitude; mas veio-lhe logo à lembrança que sua esposa não tinha trajo conveniente para apresentar-se aos hóspedes; havia já desmanchado o seu vestido de noivado, para adaptá-lo melhor à sua extrema modéstia, nem tivera tempo de mandar aprontar outro. Calculava bem que, se Isabel, trajada à burguesa, sem os aparatos próprios a uma princesa, aparecesse perante os seus patrícios e estes contassem o ocorrido na corte húngara, o sogro suporia que não era tratada como convinha, visto que os húngaros fazem questão de vestidos opulentos, até o dia de hoje.

Nestes apuros, cheio de cuidado, Luís foi ter com a esposa em seu gabinete e disse :

— Querida irmã, chegaram alguns cortezãos da casa de teu pai. Que vergonha para mim, se, vendo-te nesse estado, dizer na Hungria que eu nem que vestir te dou! E não há mais tempo para mandar preparar um vestuário conveniente ao teu estado e ao meu. Ocupada, demasiadamente, com os teus pobres, nem te lembras de tua pessoa.

A jovem Isabel não se confundiu, absolutamente, pela notícia, porém respondeu com doçura :

— Consola-te, meu irmão, e não te entregues a esse cuidado. Tratarei de me desculpar diante dos senhores e esforçar-me-ei por tratá-los com tal atenção e afabilidade, que os cativarei, como se estivesse suntuosamente trajada.

E, retirando-se o landgrave para receber os senhores da Hungria, Isabel se pôs em oração e pediu a Deus que a tornasse agradável aos patrícios.

— Senhor Jesus Cristo, disse, Pai clementíssimo e fiel, doce Consolador dos pobres e aflitos, Amigo e Auxílio dos que em Vós confiam, vinde acudir, nesta emergência, a vossa serva que, por vosso amor, se desfez de todos os adornos.

Em seguida, vestiu-se o melhor que pôde e foi ter com os enviados de seu pai. E não somente os encantou pelo cordial acolhimento, pela doçura e amenidade de maneiras, por sua beleza radiante e fresca como a aurora, como refere uma crónica, mas ainda com grande admiração dos estrangeiros, viram-na apresentar-se com um riquíssimo vestido de seda e, por cima, um manto de veludo azul claro, todo crivado de pérolas de subido valor, e tendo a fronte cingida de diadema de ouro, de sorte que os húngaros diziam que a rainha de França, com todos os seus atavios, não igualava à duquesa Isabel.

Havendo-se despedido da corte os cavaleiros húngaros, o landgrave Luís desceu com eles até certa distância. Depois voltou com toda a pressa e perguntou a Isabel como tinha podido vestir-se tão ricamente, ao que a Santa, com piedosa e doce sorriso nos lábios, respondeu :

— O Senhor assim procede quando lhe apraz.

Há, neste acontecimento, escondido o grão de ouro de dupla verdade. Quem, pelo amor de Deus e do próximo, dá um objeto sem se importar se lhe fará falta, o Senhor não o abandonará em suas necessidades. Justamente, nessas ocasiões, costuma dar a conhecer que existe ainda e, se não opera sempre um milagre, porque é parco neste sentido, faz engrenar os sucessos de modo que o cristão convicto confessa a intervenção da mão de Deus, enquanto o incrédulo tudo atribui ao acaso.

A outra verdade é a seguinte: Vendo-se uma pessoa pela primeira vez, repara-se antes de tudo na figura, no seu modo de vestir e de falar. Porém, conhecendo-a melhor, desaparece, pouco a pouco, o exterior; não é estimada e avaliada senão segundo as qualidades do espírito: sizo ou falta de juízo, modéstia ou orgulho, amabilidade ou egoísmo, sinceridade ou fingimento, piedade ou leviandade. A formosura ou a fealdade da alma transluzem, às vezes, tanto que se ignora, inteiramente, a forma externa. Não é, pois, verdade que tudo depende da primeira impressão, que ela não se apaga. O contrário é que acontece: o que não se extingue e, com o tempo, produz simpatia ou antipatia duradouras é a forma e a cor da alma imortal. Prova disto são os esposos que, depois de um ano de casados, já formam outro conceito de si, reciprocamente .

Assim se adornavam, antigamente, as santas mulheres, que esperavam em Deus, submissas a seus maridos. (1. Pedro 3, 5.)

Festejos mundanos

O landgrave Luís aceitou o convite que seu sogro, o rei André, lhe havia feito por meio dos magnatas. Acompanhado de esplêndido séquito de cavalheiros e damas da corte, o conde conduziu sua esposa Isabel à Hungria, no ano de 1222.

Nada consta dos pormenores da viagem que, conforme o costume daquele tempo, se fez a cavalo; só se sabe que o rei André recebeu a filha e o genro com viva alegria. Em sua honra efetuaram-se muitas festas e torneios, assim como uma grande caçada.

A visita foi longa, pois o rei desejava que assistissem às suas segundas núpcias com Iolanda, filha do imperador de Constantinopla. Afinal, terminadas as festas e marcado o dia da partida dos condes, o rei André lhes fez ricos presentes: pedras preciosas do mais subido valor, jóias de ouro e prata, vestes e fazendas de veludo e seda; até os seus ínfimos domésticos foram presenteados.

Pouco depois de chegados em casa, celebrou-se mais um enlace matrimonial: Inês, irmã do conde Luís, que já tivemos ocasião de mencionar, casava-se com Henrique, duque da Áustria. Houve também, nessa ocasião, grandes festas e banquetes, sendo convidados todos os condes e os principais senhores do ducado com suas esposas.

Quais teriam sido, nestes festejos ruidosos, os sentimentos da nossa Sta. Isabel? Não se lê nos livros ascéticos a fartar que semelhantes divertimentos constituem um perigo para todo cristão, principalmente, porém, para quem seriamente tende à perfeição?

Antes de tudo, era impossível à Santa, enquanto pela Providência divina se achava nas condições de soberana, esquivar-se a essas solenidades. Havia de seguir o princípio evangélico: *Alegrai-vos com os alegres!* Sim, se não tomasse parte, lho teriam interpretado a mal, dizendo que era fanática ou caprichosa, pois em Presburgo tratava-se do casamento de seu pai e sua futura madrasta e, no castelo de Wartburgo, do de sua cunhada que outrora havia sido muito desapiedada para com ela e a cumulava de ofensivos motejos. Deixando de comparecer, teria dado escândalo.

Além disso, em semelhantes festejos e divertimentos, tudo depende da maneira pela qual neles se toma parte. O mundano assiste aos banquetes como o rico avarento do Evangelho, enquanto o cristão convicto, à semelhança de Jesus nas bodas de Cana, tem as melhores intenções: não só evita ofender a Deus por intemperança e vaidade ou por conversações inconvenientes e gracejos equívocos, como também agradece ao Senhor a abundância de sua bondade com que satisfaz e alegra, naquela hora, tantas pessoas; nem perderá a ocasião de dizer uma palavra boa e salutar a quem precisar de um conselho. Enfim é, justamente, num jantar opíparo e succulento que pode praticar-se a virtude da temperança e império de si próprio; pois, é mais fácil ser sóbrio e moderado quando a mesa é simples e pobre e a comida menos saborosa, do que quando lauta e principesca, repleta de iguarias raras e escolhidas.

E de fato, Isabel sabia guardar uma abstinência tal que, às vezes, se levantava da mesa muito mal satisfeita senão até com fome.

Sendo obrigado a aceitar o convite para uma dessas festividades, procura preparar-te como Sta. Isabel fazia, a fim de que não sofra prejuízo a salvação de tua alma. Reflete antes sobre as tentações que, nessas circunstâncias, costumam ter, p. ex., a intemperança, a leviandade no modo de conversar, a falta de caridade no falar e ouvir maledicências, o juízo temerário embora somente interior, a vaidade, a dissipação completa e o esquecimento de Deus. Faze bons propósitos respectivos e pede ao Senhor a sua graça e ao anjo da guarda que te acompanhe e te assista na vigilância dos sentidos.

Talvez te seja possível deitar no coração do vizinho uma boa semente que, cedo ou tarde, germine e produza fruto. Assim poderás desviar a conversação menos digna ou pecaminosa para assuntos outros, recomendar ou oferecer a leitura de um bom livro, contar um caso que impressione ou estimule a fazer o bem, e conseguir uma esmola ou recurso para uma pessoa ou família necessitada. Em todo o caso, será possível tirares lucro para tua alma, mortificando-te, apesar da maior abundância e opulência da mesa, e dirigindo a Deus os teus pensamentos entre os risos, discursos e sons harmoniosos da música.

Antes de ires à festa a que foste convidado, prepara pois a tua alma por meio de oração, reflexão e bons propósitos e, retirando-te, leva para a casa o mérito da vigilância, mortificação e bom exemplo.

Ou comais, ou bebais, ou façais qualquer outra coisa ~ tudo fizeti para a glória de Deus. (I. Cor. 10, 31.)

Leviandade cristã

Justamente esta preparação espiritual foi, com certeza, o motivo por que Isabel achava-se na igreja ainda, quando já era hora do banquete nupcial. A fim de não fazer esperar os convidados, apressava-se a se dirigir à sala do festim, quando, na escada, reparou num mendigo semi-nu, deitado sobre os degraus de mármore; estava tão fraco e abatido que a duquesa se admirou de como pudesse, em tal estado, chegar até ali, subindo da cidade ao castelo.

Logo que o infeliz a avistou, pediu-lhe uma esmola pelo amor de Deus. Isabel, que não trazia dinheiro nem tinha tempo que perder, prometeu mandar-lhe um manjar da festa. O pobre, porém, insistia, a grandes brados, que lhe desse alguma coisa naquela hora. Que teria feito a santa duquesa ?

Séculos antes, sucedera a um jovem soldado romano que também tinha o coração extremamente bom, uma coisa semelhante. Encontrando na rua um mendigo quase nu e não tendo com que favorecer o pobrezinho partiu com a espada seu manto militar e deu-lhe a metade. Tornou-se por isso alvo das zombarias e motejos dos camaradas; entretanto, na próxima noite, apareceu-lhe em sonhos Jesus Cristo, coberto do pedaço do manto, dizendo aos Anjos que o acompanhavam : "Este vestido, Martinho mo deu!" E, em recompensa da simples esmola, Deus lhe pagou o mais valioso preço que pode haver: deu-lhe a graça de tornar-se um dos maiores Santos que a Igreja Católica venera: S. Martinho, bispo de Tours.

Assim Isabel, movida à piedade, incapaz de resistir ao impulso de seu coração bondoso, despiu o precioso manto de seda que talvez tivesse mandado fazer, expressamente, para aquele dia, e o atirou ao mendigo. Sendo contrário à etiqueta da época apresentar-se sem manto numa assembleia de fidalgos, e não possuindo outro que pudesse substituir o do pobre, Isabel voltou para seu gabinete e encomendou-se ao Senhor.

Com efeito, em vista das circunstâncias não foi imprudência ou leviandade o que fez a nossa Santa? Certo é que não foi dever, mas nisto consistem a beleza e a grandeza dos santos

que, no terreno da penitência e caridade, praticam obras que passam os estreitos limites da obrigação. E que Deus aprova semelhante "leviandade" de quem pratica o bem, sem ligar importância às consequências desagradáveis que daí podem surgir para a pessoa do benfeitor, prova-o, em demasia, a experiência.

Quem deveria economizar mais do que um pobre criado para ter com que sustentar-se na velhice? ou esposos indigentes com o fim de prover os seus? E, não obstante, manifesta-se, ordinariamente, uma bênção especial e inegável nestas pessoas ou nos descendentes de pais e mães que, sem atender à idade ou aos parentes, sempre de boa vontade e a cada hora, socorrem os pobres. Não conhecemos um só caso de pessoas que, na velhice, caíssem na indigência ou, após a morte, os filhos tivessem sido arrastados à miséria, porque dessem, a man-cheias, aos necessitados. Mas, voltemos à Sta. Isabel.

Quando os convidados e o landgrave assim esperavam pela dona da casa, o mordomo que havia presenciado a cena na escada, aproximou-se do conde e contou-lhe o ocorrido, dizendo diante de todos :

— Julgai mesmo, senhor, se é razoável o que acaba de fazer vossa caríssima esposa e nossa soberana! Entretém-se a vestir os pobres, chegando até ao ponto de dar seu manto, agora mesmo, a um mendigo e não se lembra de tão nobres senhores que, ansiosamente, a esperam !

O bondoso landgrave sorriu e, deixando por um momento a companhia dos hóspedes, subiu ao quarto da duquesa e lhe disse :

— Querida irmã, por que não vens jantar conosco? Estamos esperando por ti.

— Estou às tuas ordens, meu irmão, respondeu Isabel.

— Mas, estás sem manto...

— Dei-o; porém não importa, irei assim mesmo. Ouvindo estas palavras, uma das camareiras disse :

— Senhora, vi o vosso manto pendurado no cabide; vou buscá-lo.

Foi e voltou realmente com o mesmo manto que a duquesa havia dado ao pobre e que se achava no lugar onde costumava ser guardado. Isabel prostrou-se logo de joelhos para agradecer a Deus este favor e acompanhou então, convenientemente vestida, o esposo à sala do festim.

Como ninguém soubesse explicar o modo pelo qual o manto, dado ao pobre, pôde aparecer no seu lugar, surgiu a opinião de que o mendigo teria sido o próprio Jesus Cristo que viesse, desta maneira, recompensar sua fiel serva e animá-la a prosseguir nas obras de misericórdia. Com certeza foi por isso que se fez do manto uma casula de missa, guardada e mostrada durante alguns séculos em Eisenach.

Suponhamos agora que Isabel não tivesse mais encontrado o manto, sendo assim impedida de tomar parte no festival ou então obrigada a comparecer, contra toda a etiqueta, sem o manto de rigor. Acanhamento, críticas e talvez motejos ter-lhe-iam sido o desconto da esmola, embora fugaz como a fumaça que logo se desfaz; a honra, porém, fica, por toda a eternidade, prestada pelo mundo inteiro à nossa Santa, pois o Senhor, no grande dia do juízo, a associará àqueles a quem dirá :

Estava nu e me vestistes. (Mat. 25, 36.)

Vestido celestial

Estes fatos milagrosos, contados nos dois capítulos precedentes, contêm uma profunda verdade como as parábolas do Evangelho. Na Sagrada Escritura, o vestido, muitas vezes, é usado como símbolo para designar o estado da alma. Por ocasião do banquete real de que fala Nosso Senhor, é lançado fora quem não está de vestido nupcial. O apóstolo S. Paulo deseja que a alma não se encontre despida, quando, na morte[^] se desligar do estojo do corpo. No

apocalipse de S. João diz o Senhor ao bispo de Laodiceia: Não conhece que és... nu. Aconselho-te que compres... vestes alvas, a fim de te vestires e para que não apareça a vergonha de tua nudez. E, vendo as magnificências do céu, S. João fala em vinte e quatro anciãos, sentados sobre os tronos ao redor do trono de Deus, cingidos de vestes brancas e tendo coroas de ouro nas cabeças.

O vestido é, inteiramente, diferente do corpo humano, mu pertence à pessoa. Qual é, porém, o vestido da alma? Kfto pode ser a própria alma, sendo contudo tão indispensável para ela como o é para o corpo. Sem esse vestido, a alma é uma mísera criatura digna de se envergonhar de si mesma e de todo o mundo, quando se tornar descoberto tudo quanto praticou durante a vida. O vestido, porém, lhe dá uma beleza que o Deus Santo nela acha grande complacência; parece apresentar-se no tribunal divino cingida de roupagens brancas e com coroa na cabeça.

Este vestido é o que, na linguagem eclesiástica, se chama graça santificante, perdida pela prevaricação de Adão, reconquistada por Jesus Cristo, comunicada à alma pelo Espírito Santo, elevando-nos a homens semelhantes a Deus, filhos do Pai celeste.

A graça santificante é para a alma o que o sol é para a terra. Toda a formosura, todo o crescimento, toda a vida na terra, são efeitos do sol, sem o qual ela seria uma matéria triste e fria, mergulhada em escuridão infinda. O mesmo se dá com a alma do homem: sem a graça santificante é escura para Deus, fria e deforme qual noite chuvosa de outono. A graça santificante, porém, torna-a bela, porque o Espírito de Deus a penetra com o seu amor, mirando-se nela como o sol se mira na água mansa.

É por isso que tal alma ama tudo quanto Deus ama, porque o Espírito de Deus nela vive e lhe dá força para amar; ama, pois, a Deus e aos homens e tudo o que é digno de amor.

Na ordem das coisas naturais, o corpo vale mais do que o vestido; a graça santificante, porém, tem mais valor do que a alma — e sem ela a alma é um ser miserável e infeliz. O vestido da graça lhe é dado no batismo, perde-se pelo pecado mortal, pode ser readquirido por verdadeira e sincera conversão e pelo sacramento da penitência, e conserva-se e aumenta pela fuga do pecado, pela oração, pela frequente e digna recepção da sagrada comunhão e por boas obras praticadas pelo amor de Deus. Esse vestido é o indispensável bilhete de entrada no céu.

Porque todos vós sois filhos ãa luz e filhos do dia; não somos da noite nem das trevas. (I. Tessal., 5, 5.)

O sol das almas

O mundo aprecia dentre as boas obras, quase exclusivamente, as de misericórdia corporais, porque o corpo e tudo quanto lhe agrada é o que mais valor tem para ele. E, não obstante, ignora que a bondade natural absolutamente não é suficiente para praticar obras como Sta. Isabel as tem praticado, ou como hoje ainda as praticam suas filhas espirituais ou inúmeras outras Irmãs de Caridade. O espírito invisível e divino é que impele a semelhantes obras; o mundo não o conhece.

O que até aqui relatamos da jovem duquesa é, por assim dizer, como na planta, a parte visível fora da terra, o verdejar, florescer e produzir frutas, isto é, suas múltiplas obras de misericórdia. Agora, porém, tiremos à luz do dia também a raiz escondida, da qual a nobre planta hauriu o alimento e a força de brotar e frutificar. A raiz era o amor de Deus, e o que dava vida à raiz era sua piedade.

Já tivemos ocasião de contar como Isabel abreviava o sono, a fim de poder dedicar-se, por mais tempo, à oração. Como o cisne se sente mal em terra e só se apraz em viver dentro d'água, assim Isabel só ficava satisfeita quando, longe do bulício do mundo, podia absorver-se na oração que era um banho vivificador de sua alma, do qual saía cheia de nova vida, prestes a

praticar o bem.

Entretanto, para a oração direita, benfazeja e fértil, não é sempre suficiente a pobre alma humana. A oração, afinal, é como a alma donde sai. Se esta se acha manchada do pecado, também a oração procedente dela é a planta roída e lambuzada pelas lagartas. Mas, onde a alma que não tenha pecado? Deus, porém, é sobremodo santo, de forma que a nossa pobre oração, produto de uma alma pecadora, deve causar-lhe nojo, como comida mal preparada em vaso asqueroso. E o homem teria razão de perder a coragem de continuar a orar, se não houvesse um meio pelo qual possa nobilitar a oração defeituosa e torná-la vistosa e agradável aos olhos de Deus.

Este meio consiste em apresentar a oração a Deus por intermédio do divino Salvador, que, incessantemente, roga por nós. Jesus resgatou-nos pelo maior preço, por sua santíssima pessoa; findou, voluntariamente, a vida inocente entre os mais horrendos sofrimentos e a maior ignomínia no Gólgota. E este sacrifício de valor imensurável no-lo deu, de sorte que todos os pecadores podem, por Cristo, obter o perdão. Todas as boas obras e sofrimentos, aceitos com resignação e paciência, em união com os merecimentos do nosso Redentor, recebem um valor eterno, e todas as orações feitas em seu nome tornam-se poderosas e penetram o céu. Por esta razão, costumam findar as orações da Igreja com as palavras: "Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina, em união com o Espírito Santo, Deus por todos os séculos dos séculos. Amém".

Não se contentou o Senhor com aceitar, uma só vez, a natureza humana e morrer pelos homens na cruz: quis também aos cristãos posteriores deixar não somente uma simples memória, mas sua própria pessoa com divindade e humanidade. Ficarei convosco, disse ele, todos os dias, até o acabar dos tempos. E cumpriu esta palavra instituindo o santo Sacrifício da Missa no qual, da elevação em diante, Jesus Cristo, com sua carne e seu sangue, oferecendo-se e implorando, se acha presente. Como vítima misteriosa, deita sobre as pessoas presentes um olhar igual ao que deitou da cruz sobre João e Maria; ora por elas como orou na cruz pelos seus inimigos, e acolhe suas petições como acolheu a do bom ladrão. No Gólgota, mostrou-se qual criminoso, despedido e ensanguentado; no altar, está presente em forma de pequenina hóstia.

Dizem os adversários da verdadeira Igreja, — a Igreja Católica, — que Cristo não sofreu nem se vitimou senão uma vez; entretanto, a doutrina cristã, desde a antiguidade, não sustenta que Cristo torna a sofrer no altar, mas que está presente na santa Missa, com todo o vigor de seus merecimentos e impetração.

O sacrifício do Gólgota tem com o sacrifício do altar mais ou menos a seguinte referência: Lendo a *Imitação de Cristo*, acometem-te todos aqueles belos e edificantes pensamentos que, há séculos, o autor escreveu no papel, com a mesma perfeição que se lhe visses o próprio punho. Um livro como a *Imitação de Cristo*, porém, só o pode homem que tem chegado a grande perfeição cristã; pois semelhantes ideias só se adquirem por meio de renhida luta espiritual, grande mortificação, longa meditação, pela oração e experiência na vida interior. Esse livrinho já teve milhões de edições e mais de cem milhões de pessoas o leram e o lerão ainda. Cada qual sente nele o fruto da luta, da penitência, da oração e meditação pelo que o autor conquistou ao Espírito Santo essas ideias maravilhosas, e o leitor se edifica justamente como se tivesse nas mãos o manuscrito, cuja leitura lhe custaria, sem dúvida, mais do que a cópia impressa. Outrossim, não foi preciso ao autor, para cada reprodução, tornar a cansar-se, mortificar-se, lutar, orar e meditar; bastou fazê-lo uma só vez para cada um dos milhões de leitores gozar desse fruto.

Coisa semelhante se dá com a santa Missa: no altar temos o Salvador presente tal qual estava no Calvário, somente não tem que viver e morre outra vez, mas traz, cada vez, para o altar todo o valor da sua Paixão e Morte, principalmente, a favor dos cristãos que assistem, com devoção, ao santo Sacrifício.

Demorámo-nos neste assunto talvez mais do que pareça conveniente na vida de uma Santa, porém assim fizemos porque, de um lado, a santa Missa é o maior bem que possuímos e nela, em nome da humanidade, Jesus Cristo adora a majestade divina, tão perfeitamente como

não seriam capazes de fazê-lo nem os anjos nem os santos, e porque, do outro lado, tantos homens, mesmo batizados, tão pouco crê em Jesus Cristo sob a espécie de pão como os judeus e pagãos não o quiseram reconhecer por Deus e o escarneceram, quando o viram pregado na cruz .

Voltemos, pois, à Sta . Isabel . Como vivesse na fé verdadeira, sentia-se fortemente atraída para o altar, a fim de, por Cristo, tornar eficaz e forte a sua oração. Assistia à Missa, todos os dias; apenas ouvia tanger o sino, descia à cidade, tão ligeira que as servas que a acompanhavam, mal podiam segui-la . Como em prelúdio de suas orações fazia genuflexões e rezava algumas preces fervorosas em intenções particulares que nunca lhe faltavam.

Depois da consagração, cheia de fé, esperança e amor, dirigia os olhos para a santa hóstia e o cálix, assim como o Pai celestial deve contemplar a Vítima eterna, seu Filho querido, a imolar-se pela humanidade.

Mas, porque também Jesus Cristo, silencioso, repara nas pessoas presentes, nas que o conhecem e amam, como também nas que estão ausentes, talvez fosse a fé viva de Isabel na presença do divino Redentor que a levasse a depor, antes da consagração, todos os adornos, quando a sua dignidade e a cerimónia requeriam que se apresentasse trajada com mais rigor: o diadema ducal, os colares, anéis, braceletes e luvas, tudo isto ela depunha, quando o Santo dos Santos vinha descer sobre o altar.

Que contraste, que diferença entre o proceder de Isabel e o nosso! Com que tibieza e falta de devoção assistimos, às vezes, ao Sacrifício da Missa. Embora não duvidemos da presença real do Filho de Deus na hóstia consagrada, não seria completamente outra a nossa atitude, se fizéssemos companhia a Maria e João Evangelista, ao pé da cruz no Calvário ? Entretanto, a nossa fé é apenas um fraco crepúsculo, ao passo que a dos Santos é semelhante à luz do meio dia, de forma que são considerados dignos de perceberem já parte do paraíso celeste e, às vezes, são maravilhosamente agraciados.

Aconteceu, um dia, durante o cânon da Missa, estando Isabel a orar com fervor, e tendo o véu levantado a fim de poder contemplar melhor a sagrada hóstia, cercá-la um resplendor celeste, tanto que o celebrante, homem de reconhecida piedade, ficou deslumbrado, como se, no momento, estivesse fitando os raios do sol. Cheio de surpresa, glorificou ao Senhor por lhe haver patenteado, por meio dessa luz visível e maravilhosa, o brilho interior daquela alma santa, e contou, mais tarde, o que tinha visto. Também, em outras ocasiões, viu-se desprender da alma ardente da Santa, mergulhada em meditação, uma luz sobrenatural.

A santa Missa já sobreviveu a muitas gerações humanas. Desde que rebentou, no Calvário, o manancial perene e salvador, continua e continuará ele a brotar no Sacrifício da Missa, até o fim do mundo; todos os dias, com a aurora nas diversas partes da terra, começa a série infinda de Missas. Não há, no mundo, uma só hora, um só momento, em que não seja imolado, sobre o altar, o Cordeiro inocente em holocausto dos pecados dos homens, abençoando o dia e a terra. Sempre outros, sempre novos cristãos vêm acercar-se do altar, para afervorar as almas e haurir graças espirituais. Entretanto, o benefício da Missa é como o sol: onde encontra terreno fértil e boa semente, produz os melhores efeitos; onde, porém, não acha senão pedra ou areia, esteriliza-se e torna-se infecundo.

Desde o nascente ao sol até o poente, é grande, entre as nações, o meu nome e, em todo o lugar, se lhe oferece incenso e uma oblação pura. (Malaquias. 1, 11.)

O confessor

Quando Saulo ia a Damasco para perseguir os cristãos, cercou-o, de repente, uma luz do céu, e percebeu uma voz que lhe disse: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" E Saulo replicou: "Quem és, Senhor?" — "Sou Jesus a quem persegues !" respondeu a voz misteriosa. Trémulo de pasmo, rendeu-se Saulo, dizendo: "Senhor, que queres que eu faça ?" — "Levanta-te e vai à

cidade, ordenou-lhe então o Senhor, ali indicar-te-ão o que hás de fazer." E, na cidade, Deus inspirou seu discípulo Ananias para ir-lhe ao encontro e prestar-lhe o necessário socorro espiritual.

Se, pois, já um homem, por um milagre, convertido e eleito apóstolo do mundo, não teve resposta certa de Deus a respeito do que havia de fazer, mas foi dirigido a um piedoso servo de Deus, quanto mais o Senhor assim procederá conosco. É por razão que, na Igreja Católica, acham-se homens constituídos conselheiros, a fim de indicarem aos fiéis a vontade de Deus, e estes homens são os confessores.

Quanto mais vontade tiver o cristão de conformar sua vida aos desígnios divinos, tanto mais esforço empregará para encontrar um piedoso e conspícuo diretor de sua alma. O leviano, no entanto, procurará um menos consciencioso, expondo-se, destarte, ao perigo de ver em si cumprida a ameaça do Senhor: "Se um cego conduz outro cego, ambos hão de cair no precipício."

Em tempos de Isabel, vivia na Alemanha um sacerdote a respeito do qual Bertoldo, confessor do landgrave Luís, externa-se da maneira seguinte :

"Naquela época, brilhava qual estrela resplandecente no firmamento alemão, o Mestre Conrado de Marburgo. A uma vasta ciência juntava ele costumes exemplares e uma prática constante das virtudes cristã; entusiástico defensor da fé católica, era um verdadeiro martelo da heresia e da infidelidade. Havia renunciado não somente a todos os bens temporais que lhe vinham de seu nobre nascimento, mas também a toda a dignidade e a todo o benefício eclesiástico. Seu exterior era simples, modesto e mesmo austero, seu hábito estritamente clerical. Inspirava amor ou terror, conforme se dirigia aos cristãos fervorosos ou às populações infeccionadas pela heresia.

Encarregado pela Sé apostólica de pregar a palavra de Deus em toda a Alemanha, sua eloquência exercia, sobre as almas, uma poderosa influência. Grande número de eclesiásticos e leigos o seguiu por toda a parte, ávidos de lhe colherem da boca o pão da doutrina divina".

Pois bem, este Conrado de Marburgo tornou-se confessor de Sta. Isabel. E como o Senhor dissesse: "O que ligardes sobre a terra será ligado no céu, e o que desligardes sobre a terra será desligado no céu", a nossa Santa não quis somente desligar-se dos pecados, mas também ligar-se pela mais perfeita obediência. Fez por isso um voto especial, prometendo a Deus obedecer ao confessor em tudo quanto lhe ordenasse e não fosse de encontro aos direitos e autoridades de seu marido.

Temos um precioso monumento da direção espiritual que Conrado exercia sobre a sua ilustre penitente, nas doze máximas que lhe deu como regra de vida, as quais os cronistas hão, cuidadosamente, conservado e que transcrevemos textualmente :

- 1.a Sofrei com paciência os desprezes no seio da pobreza voluntária.
- 2.a Dai à humildade o primeiro lugar no vosso coração.
- 3.a Renunciai às consolações humanas e aos apetites da carne, pois que preparam à alma os castigos eternos.
- 4.a Sede sempre misericordiosa para com os pobres.
- 5.a Tende, constantemente, a lembrança de Deus gravada no fundo do coração.
- 6.a Dai graças a Deus de haver, por sua morte, resgatado vossa alma do inferno e da morte eterna.
- 7.a Assim como Deus sofreu por vosso amor, carregai também, pacientemente, a vossa cruz.
- 8.a Consagrai-vos, inteiramente, a Deus, de corpo e alma.
- 9.a Recordai-vos, repetidas vezes, de que sois obra mãos de Deus e, por conseguinte, esforçai-vos para poderdes viver eternamente com Ele.
- 10.a Perdoai e remiti ao próximo tudo quanto desejaríeis que vos remittisse e perdoasse: fazei-lhe o que quereríeis que vos fizesse.
- 11.a Considerai a brevidade desta vida na qual morrem tanto os moços como os velhos;

aspirai, pois, sempre à vida eterna.

12.a Chorai, sem cessar, os vossos pecados e pedi a Deus que vo-los perdoe.

Fiel à inflexível rigidez do seu caráter e considerando a duquesa como uma simples e pobre cristã, — pois, aos seus olhos, as riquezas e a nobreza de família não tinham valor nenhum, — Conrado não mirava senão o bem da alma imortal e tratava sua penitente com uma severidade que não podia deixar de a fazer valer muito diante de Deus.

Um dia, mandou que ela assistisse, sem falta, ao sermão que ia pregar em Eisenach, talvez porque quisesse discorrer sobre assunto especialmente prático e instrutivo para Isabel. Entretanto, esta não compareceu.

Irritado pela suposta desobediência, Conrado lhe mandou dizer que, desde aquela data, renunciava à direção de sua alma.

No dia seguinte, a duquesa foi ter com ele para desculpar-se, pois havia estado ocupada com a visita de sua cunhada, esposa do landgrave de Mísnia. Pediu-lhe, instantemente, que lhe perdoasse a falta involuntária e não a abandonasse. E, como Conrado, a princípio, recusasse com dureza, Isabel prostrou-se-lhe aos pés, suplicando por muito tempo nessa atitude. Afinal obteve a graça desejada, mas só mediante uma severa penitência que lhe foi imposta, assim como/a suas servas às quais ele imputava parte da culpa de desobediência da patroa.

Principalmente, as mulheres e pessoas fidalgas deveriam escolher os confessores mais rigorosos, homens da qualidade de S. João Batista. Desta forma perderiam a demasiada sensibilidade e a grande presunção e, em troca, fortalecer-se-lhes-iam o caráter e a convicção cristã.

Disse Saulo: Senhor que queres que eu faça? E o Senhor lhe respondeu: Levanta-te, entra na cidade; porque aí se te dirá o que te cumpre fazer. (Act. aos Apóst. 9, 6.)

Jejum

Conrado considerava dever especial impedir, com todo o rigor, qualquer transgressão da justiça ou do direito, pelas pessoas que se lhe haviam confiado à direção. O landgrave Luís, na qualidade de patrono eclesiástico, tinha que conferir muitos benefícios paroquiais. Apesar de não ser seu penitente, Conrado lhe fazia sérias exortações, a fim de que tivesse uma solicitude escrupulosa em exercício tão importante para a salvação das almas.

"Quando conferis, dizia-lhe o zeloso pregador, um benefício anexo ao serviço de uma igreja a um padre ignorante ou indigno, cometeis maior pecado do que se matásseis cinquenta ou sessenta homens em um combate, com as próprias mãos."

O landgrave resolveu então, com consentimento de seus irmãos, entregar o cuidado de conferir os benefícios eclesiásticos a um homem consciencioso e prudente, caindo a escolha no padre Conrado de Marburgo.

Com relação à sua penitente Isabel, Conrado era, extremamente, cuidadoso em extinguir-lhe, na alma, tudo quanto pudesse desagradar a Deus.

Rigoroso como era, considerava injustos certos impostos, cujo produto era destinado a cobrir as despesas da mesa ducal. Não podia aprovar que tantas famílias pobres que talvez mal tivessem para satisfazer as próprias necessidades, fossem obrigadas a pagar impostos, a fim de que aos ricos hóspedes do landgrave fossem dados dispendiosos banquetes. Outrossim, havia, entre as terras do duque, certos terrenos adquiridos, de modos ilícitos, pelos avoengos de Luís. Principalmente, dizia-se que seu avô se tinha apoderado de bens e rendimentos eclesiásticos, não insignificantes, das Ordens religiosas e do clero secular. Também seu pai neste ponto, teria agravado a consciência, pois certo é que Luís, depois da morte de Hermano, restituiu ao mosteiro de Reinardsbrun uma floresta outrora confiscada por seu pai.

Conrado prescreveu, portanto, à sua penitente não se servir senão daqueles manjares que

soubesse, positivamente, provirem dos bens próprios do marido e não dos foros dos seus vassallos, para que não se expusesse ao perigo de, indiretamente, tomar parte nessas extorsões injustas e contrárias à lei de Deus.

O coração compassivo da jovem duquesa acolheu, com solicitude, esta ordem e tratou de pô-la em prática com o maior escrúpulo. Algumas vezes, via-se embaraçada, pois que era obrigada a ficar assentada ao lado de seu esposo durante os banquetes.

O landgrave mesmo parecia ser de outra opinião, julgando impossível fazer-se sempre rigorosa distinção na escolha dos pratos, mas nem por isso era daqueles pais de família que exigem que a mulher, os filhos e os empregados lhes obedeam, cegamente, às ordens e caprichos, até com desprezo da própria convicção, contra sua consciência e, por conseguinte, contra Deus. Não; Luís jamais ousou impelir a esposa a pecar. Assim também, nesta emergência, não punha obstáculo aos seus desejos; pelo contrário, disse até :

— De bom grado faria o mesmo, se não temesse as maledicências e o escândalo, mas, com o favor de Deus, também hei. de mudar de vida em pouco tempo.

E, cheio de um terno respeito acerca da consciência de sua esposa, quando na mesa havia manjares que não lhe entravam na regra, advertia-a logo, assim como instava com ela para que se servisse, quando havia só comidas provenientes dos seus rendimentos.

Isabel, porém, apenas tocava nos pratos, sempre receosa de que não contivessem o fruto amargo do suor dos pobres, levantando-se, às vezes, com fome e sede da mais lauta mesa, ou fazendo constar a sua refeição somente de pão seco.

Indo, um dia, acompanhar o marido à capital do império, não achou que, em consciência, pudesse comer senão um pedacinho de pão negro e tão duro que, para poder enguli-lo, viu-se obrigada a molhá-lo em água; e assim fez, no mesmo dia, qua-torze léguas a cavalo, sem outra alimentação.

Muitas vezes ela percorria com suas servas, companheiras de suas penitências, as dispensas do castelo, informando-se, com o maior cuidado, donde provinham todas as iguarias e todas as bebidas. Quando encontrava alguma coisa permitida, dizia :

— Comei e bebei somente disto.

E, não achando nada que a pudesse inquietar, punha-se a bater palmas com alegria infantil e exclamava :

— Hoje, sim, podemos comer e beber.

Uma vida tão rigorosa e tão contrária a todos os usos de pessoas de sua categoria acarretou sobre a duquesa os murmúrios e queixumes públicos da corte; o próprio duque não era poupado, porque tolerava aquelas "exquisitices" de sua mulher.

O jejum, como é prescrito pela Igreja, é uma penitência que nos purifica dos pecados, eleva o espírito, aumenta a virtude e é recompensada por Deus. O cristão católico não deixará de observar, conscienciosamente, este jejum, a não ser que seu superior eclesiástico o dispense por motivos de saúde, idade ou outros. Entretanto, há ocasiões em que, não o preceito eclesiástico, mas a consciência nos impõe o jejum, como se deu com Sta. Isabel; e semelhante jejum não é só obrigatório, como se fosse prescrito pela Igreja, mas dele não pode ninguém, nem o próprio Papa, dispensar; por exemplo, se nos propuserem carne comprada a ladrão de gado ou frutas roubadas, ou se tivermos razão de recear transgredir a medida ordinária no comer ou beber, ou se soubermos que isto ou aquilo nos causará incômodos ou tentações. Embora, pois, a sensualidade deseje ser satisfeita ou os outros insistam conosco para que nos sirvamos mais, será preciso decidirmo-nos por Deus que nos impõe abstinência ou pelo corpo que faz questão de governar. Nestas ocasiões, podemos, em todo o caso, conhecer quem nos regula as ações e quem é o nosso Deus.

Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo, (Rom. 14, 17.)

A Ordem Terceira

Já antes de ser guiada pelo Mestre Conrado de Marburgo no caminho da perfeição, Isabel achara outro apoio no qual apegava-se-lhe a alma como a nobre vide na parreira: a Regra da Ordem Terceira de S. Francisco.

Em Assis, cidade italiana, vivia um jovem, filho de um negociante abastado, que levava uma vida não má' e depravada mas mundana e leviana, ávida de divertimentos. Tinha uma qualidade muito boa: era, extraordinariamente, caridoso para com os pobres e não negava jamais uma esmola solicitada "pelo amor de Deus".

No mesmo ano de 1207 em que nasceu Isabel, renasceu esse jovem, Francisco de Assis, para Deus, renunciando a bens, família e honra. Pouco tempo depois de sua conversão, viu-se cercado de grande número de homens e mancebos que deixavam tudo e abandonavam o mundo, a fim de só viver para Deus e servi-lo. Formavam uma santa comunidade, muito afeiçãoados uns aos outros. Erguiam-se do leito duro à meia-noite, para, juntos, louvarem a Deus, cantando salmos. A oração revezava com o trabalho. Não possuíam nem queriam possuir coisa alguma. Eram vestidos de uma só túnica e cingidos de grosseiro cordão. Mendigavam pão de cada dia, repartindo o quanto sobrava, entre os necessitados. Sua vida era, verdadeiramente, apostólica; era o sal, o fermento com que aprouve a Deus reanimar de novo vigor e corrigir a cristandade corrompida daquela época.

Uma vez estabelecida a Ordem franciscana, quis a Providência dar ocasião, também ao sexo feminino, de abraçar, da mesma forma, a vida pobre de Jesus Cristo. Sob os auspícios de S. Francisco, sua emula e filha espiritual, Sta Clara, fundou, em Florença, a segunda Ordem, das clarissas, dando-lhes, mais ou menos, a mesma Regra dos franciscanos e capuchinhos.

Quando Francisco percorria as cidades e aldeias a pregar Jesus Crucificado, a palavra do santo varão impressionava sobremodo os ouvintes; o abalo que operava em todas as relações sociais e privadas, foi tão violento que se viu obrigado a cogitar nos meios de moderar e regularizar a força de que Deus lhe permitia dispor. A cada passo lhe saíam ao encontro maridos, resolvidos e abandonarem mulheres e filhos para se consagrarem, com ele, à pobreza e à pregação evangélica, e, igualmente, mulheres, prontas a renunciarem aos deveres de esposas e mães para povoar os mosteiros de Sta. Clara.

Colocado na alternativa de ou sufocar os germens salutareos que se desenvolviam nos corações, ou provocar uma revolta perigosa contra os laços consagrados pelo próprio Deus, Francisco recorreu a um meio termo, alvitre que o céu aprovou como sempre lhe aprovava as obras: aos cristãos do século deu uma Regra de vida especial que, sem ser mister desprender-se dos laços do matrimônio e conservando-os no século, lhes permitia renunciar aos prazeres perigosos e às superfluidades do mundo e, ao mesmo tempo, participar das penitências e obras meritórias dos membros da primeira e da segunda Ordem. A Regra foi examinada e aprovada por diversos Pontífices, que cumularam de indulgências as pessoas que a professam.

A imensa e rápida propagação da Ordem de S. Francisco-é um dos fatos mais notáveis dessa época, e póde-se afirmar que a Igreja deve esses progressos sobretudo à Ordem Terceira. Cada dia, inúmeros cristãos vinham filiar-se a essa associação; a Itália, a França e a Alemanha foram, sucessivamente, invadidas por este novo exército. Os inimigos da Igreja compreenderam, logo, os poderosos obstáculos que iriam encontrar numa organização que abrangia os fiéis da todas as condições sociais e de todas as profissões: o guerreiro e o negociante, o padre e o jurista, o príncipe e o camponês; a qual, por meio de uma disciplina severa e minuciosa dos deveres religiosos, apertava os laços de afeição e obediência que uniam os fiéis à imortal Esposa de Jesus Cristo e, sem arrancá-los à vida social e mundana, acendia-lhes, nos corações, vivas chamas de amor e dedicação.

Como S. Francisco enviasse seus filhos para as diversas partes do mundo, vieram também alguns à Alemanha, em 1221, onde se estabeleceram, definitivamente, na cidade de Eisenach, em convento fundado para eles pela duquesa Isabel. Sem dúvida não podiam encontrar, em parte alguma melhor acolhimento, simpatia e animação do que na Turíngia.

Isabel que já era tão pobre de espírito acolheu e apoiou, desde logo, a Ordem franciscana cuja base consiste na pobreza voluntária. Com consentimento do esposo, professou a Regra da Ordem Terceira, sendo ela a primeira Irmã Terceira na Alemanha. Embora as mortificações e práticas de piedade a que ela, de moto-próprio, sempre se submetia, fossem mais rigorosas e mais numerosas do que as que prescrevia a Regra que ia abraçar, conhecia que, por esta filiação, se tornavam mais meritórias, mais valiosas aos olhos de Deus, visto que, daí em diante, eram praticadas pelo espírito de obediência e em união com todos os membros das três Ordens de S. Francisco. Por esta razão tratou, pressurosa, de se unir, espiritualmente, a esse grande Santo a cujo lado, um dia, havia de gozar da felicidade eterna, no céu.

Se uma pessoa tão adiantada na prática da virtude, como Isabel o era, pela entrada para a Ordem Terceira, procura defender-se e confirmar-se em seus bons princípios no meio dos perigos da vida do século, quanto mais não se deve aconselhar este passo aos que, forçados pela sorte a viverem no mundo, todos os dias são testemunhas de sua fraqueza e inclinação para o pecado! Precisam de um sustentáculo, uni esteio que os ampare, talvez na pessoa de um prudente e rigo-soso diretor espiritual que, porém, tão facilmente não se encontra. Outros teriam toda a razão de penitenciar-se; entretanto, ainda não fizeram coisa alguma. Muitos formulam propósitos de fazer penitência, de se emendar e praticar boas obras, mas esses propósitos são como as flores duma árvore doentia: aparecem, todos os anos, em grande abundância para, pouco depois, caírem sem ter passado a frutos. A maior parte, afinal, corre risco de ver o espírito mundano conquistar-lhes, cada vez mais, a alma e expulsar, em proporção, o seu legítimo dono e senhor que é Deus. A Regra da Ordem Terceira é um remédio salutar contra esses males morais; todos a podem observar sem serem embaraçados em seus negócios; e, sobretudo, é um dique poderoso contra a leviandade, tibieza, soberba e outros pecados, e guia valente na vida religiosa, sem absolutamente, sobrecarregar a pessoa de obrigações difíceis a cumprir.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (Mat. 11, 30.)

Mimo valioso

Já tivemos ocasião de visitar a "casa forte" do castelo imperial de Viena, que está repleta das mais preciosas jóias do mundo inteiro. Existem aí, p. ex., ramilhetes de flores artificiais cujas hastes e folhas são feitas de ouro maciço e cujas pétalas constam de diamantes e outras pedras finas das quais cada uma custou milhares de ducados. Mas, ao contemplar estes tesouros enormes, compreendemos o pouco valor real que, afinal de contas, representam: não são senão brinquedos de crianças grandes, ilusões espalhafatosas do mundo, um punhado de areia, aos olhos do Deus eterno !

Em sentido oposto, uma alma piedosa pode, perfeitamente, sentir-se encantada por um objeto que o mundo e seus adeptos só olham com desdém e menosprezo. Isso veremos na vida de Sta. Isabel.

S. Francisco de Assis foi logo informado por seus missionários da fundação do convento de Eisenach, da vida edificante de Isabel e da sua profissão na Ordem Terceira. Muitas vezes, penetrado de admiração e respeito, falava acerca da virtuosa benfeitora com o Cardeal Hugolino que era protetor e amigo particular da Ordem e, mais tarde, foi eleito Papa, governando a Igreja de Cristo sob o nome de Gregório IX.

Um dia, formando, outra vez, o tema da conversação a humildade exemplar, austera e fervorosa piedade e o amor da pobreza de Isabel que, sendo embora tão jovem ainda, já era apresentada como modelo de perfeição, o cardeal pediu ao Santo um mimo de sua afeição e lembrança para a duquesa e, tirando-lhe dos ombros a pobre e velha capa, mostrou-lhe desejos de que fosse aquele símbolo da pobreza e humildade o presente destinado a Isabel, em recompensa dos seus muitos serviços prestados à Ordem. O Santo obedeceu ao amigo e enviou,

por intermédio dos primeiros missionários que partiram para a Alemanha, o modesto presente àquela que, por todas as razões, podia chamar sua filha; escreveu-lhe, ao mesmo tempo, uma carta, na qual se congratulava com ela por todas as graças que Deus lhe havia concedido e pelo bom uso que delas fazia.

Fácil é de conceber o regozijo e a satisfação com que a santa duquesa recebeu o mimo tão precioso aos seus olhos. Houvesse lhe mandado uma "casa forte", cheia de ouro, pérolas e pedrarias, e jamais lhe teria causado tamanha alegria como o pobre e grosseiro manto de S. Francisco. O apreço que lhe dava, mostrava quanto lhe estimava a posse. Quando, por meio da oração, queria obter alguma graça especial do Senhor, cobria-se com o manto, certa de que Deus, por favor de seu fiel servo Francisco, não deixaria de atendê-la. E, antes de morrer, assegurou haver sido sempre ouvida por Nosso Senhor, orando dessa maneira. E à sua amiga Gunda que lhe pediu uma lembrança, entregou o manto, dizendo: "Não repares na pobreza da fazenda, mas lembra-te da preciosidade da pobreza."

Mais tarde passou o manto para os Cavalheiros da Ordem teutônica que o guardavam como herança duplamente digna de veneração, por ter sido de dois grandes santos, Francisco e Isabel. O franciscano Bertoldo de Ratisbona, um dos maiores e mais célebres pregadores da Alemanha, afirma ter visto e reverentemente tocado esse feliz símbolo da pobreza, em Weissenburgo, numa casa dos hospitalários alemães. Hoje acha-se a relíquia em Oberwalluf.

Os mimos correspondem aos indivíduos que presenteiam e que são presenteados; pela escolha do objeto conhece-se o espírito e o carácter das pessoas. À criança dá-se que comer ou com que brincar, porque ainda é inteiramente sensitiva. À rapariga vaidosa não se pôde causar maior prazer do que dando-lhe de presente um lindo vestido à última moda. O avarento e o ávido de divertimentos desejam, antes de tudo, dinheiro. Examina agora qual o mimo que mais te conviria e conhecerás os sentimentos que te prevalecem no coração.

Quanto mais se destaca no homem o espírito cristão, tanto mais alto avalia os objetos que têm relação, mais ou menos estreita, com a religião. Um rosário, um crucifixo, um livro moral ou uma relíquia de um Santo valem mais aos olhos do cristão do que mimos de alto valor material mas de mera utilidade mundana.

Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. (Luc. 12, 34.)

O filhinho

Em 1222, três dias depois da festa da Anunciação de Maria, no castelo de Kreuzburgo, à margem do Werra, distante de Eisenach algumas léguas, Isabel teve o prazer de dar à luz seu primeiro filho. O duque que se achava justamente na dieta, em Marburgo, feito, sem demora, ciente do sucesso, participou o nascimento do herdeiro da coroa aos representantes do país que receberam a notícia com manifestações de júbilo e reconhecimento para com Deus.

Transportado de alegria, Luís gratificou, liberalmente, o mensageiro e correu para junto de sua esposa. Chegou a tempo de assistir ao batismo do infante a quem pôs o nome de Her-mano, em memória de seu pai. Passando a cavalo a ponte de madeira sobre o rio Werra, lembrou-se de mandar substituí-la por outra de pedra, a fim de dar a conhecer, publicamente, o extraordinário regozijo que lhe causava o nascimento do seu primogénito. Esta ponte monumental ainda existe e, junto, uma linda capela gótica, que convida o viajor a entrar e recolher-se um pouco, para refletir se se acha no caminho certo - para Deus e a pátria eterna.

De maneira semelhante, muitos pais abastados bem podiam perpetuar e santificar a alegria que experimentam ao nascer de um filho, erigindo, p. ex., uma imagem do Crucificado à beira da estrada, que pregue um sermão íntimo ao transeunte, ou dando um óbulo para o culto divino ou a boa imprensa, ou vestindo uma criança pobre, ou fazendo outra obra de caridade. Isto, certamente, aproveitaria ao recém-nas-cido mais do que a abundância e suntuosidade por ocasião do banquete batismal.

O Céu concedeu ao piedoso casal, além do primogénito, mais duas filhas: uma nasceu, em 1224 e teve o nome da avó paterna, Sofia, a outra, nascida em 1227, chamou-se Gertrudes.

Se Isabel sempre fazia tudo para a glória e honra de Deus, muito mais ainda vinha a manifestar-se-lhe a piedade em circunstância tão importante como é o nascimento de uma criança.

Depois de seus partos, passado o tempo de costume, em vez de celebrar a sua purificação com festas e folguedos mundanos, como era uso, com o recém-nascido ao colo, descalça, trajando um simples vestido de lã, descia a ladeira íngreme e semeada de pedrinhas agudas, em direcção da igreja de Sta. Catarina, situada fora de Eisnach. Ali depunha o f ilhinho sobre o altar, juntamente com uma vela e um cordeiro, dizendo :

— Senhor Jesus, a Vós e a vossa Mãe Santíssima ofereço este caro fruto do meu ventre. Deus e Senhor meu, eu vo-lo entrego, de todo o coração, tal como mo haveis dado, Vós que sois o Pai amabilíssimo da mãe e do filho. Só vos peço que me façais, hoje, a graça de receber este menino, banhado com as minhas lágrimas, entre o número de vossos servos e amigos e lhe deis a vossa santa bênção.

Junto ao féretro, à beira do túmulo, sente-se bem próxima a eternidade. Entretanto, quando se leva uma criança à pia baptismal, tudo parece alegre e esperançoso: é o oriente duma vida nova. Os pais formulam desejos para o futuro da prole que seja boa, formosa, hábil, a consolação de seus dias e o arrimo de sua velhice, ao passo que um só desejo seria necessário, pois todos os mais, em comparação a este, quase que perdem o valor: o pedido que Isabel dirigia ao Senhor por cada um dos seus filhos: que se tornasse um verdadeiro filho de Deus.

Vindo à luz, a criança é metida, por assim dizer, num trem expresso que, com rapidez vertiginosa e sem parar, vai se aproximando da estação final, único que há em toda a linha. Esta estação é o cemitério e, para o corpo, ao mesmo tempo, a sala de espera, até o dia da ressurreição. A alma prossegue ainda: Após a morte vem o juízo, diz a Sagrada Escritura.

Pobreza ou riqueza, formosura ou aleijão, juventude ou idade avançada, nobreza ou servilismo, divertimentos ou aflições, saúde ou moléstias, tudo passa voando, de forma que o homem apenas experimenta, ligeiramente, os efeitos, sem poder reter nem segurar a posse de coisa alguma. Só uma bagagem ele leva, mesmo para além da estação do cemitério : as boas ou más obras que tiver praticado, as quais, irrevogavelmente, lhe pertencem: o estado real de sua alma, não como parece aos olhos dos homens, mas como é realmente perante o Juiz santo e onisciente. É o que decide sobre sua sorte eterna: ou sofrimentos indizíveis ou felicidade sem fim.

Por esta razão, Isabel só pedia uma coisa para seus filhos: que se tornassem e jamais deixassem de ser amigos de Deus; e sabendo que este seu desejo não se realizaria senão pela verdade e graça de Jesus Cristo, recorria a dois símbolos: oferecia uma vela e um cordeirinho.

Toda a carne murcha como a erva e como a folha que cresce sobre as árvores verdes: umas nascem e outras caem; assim, nesta geração de carne e sangue, uns morrem e outros nascem. (Eclo. 14, 18-19.)

A cruz do amor

Durante séculos, os diversos príncipes alemães eram feudatários da Coroa imperial da Alemanha. O imperador de então era Frederico II. Como este empreendesse uma expedição guerreira para a Itália, convidou também o landgrave Luís com os seus soldados para vir reunir-se aos exércitos imperiais . Foi a primeira vez que o duque se viu obrigado a separar-se, por espaço maior de tempo, da querida esposa, e foi atravessar os Alpes em companhia do imperador, antes do fim do inverno de 1226.

Apenas o duque partira, uma horrorosa fome se declarou em toda a Alemanha e assolou,

especialmente, a Turíngia. O povo chegou ao extremo da miséria: os pobres se espalhavam pelos campos, se internavam pelos bosques, saíam pelas estradas em procura de raízes e de frutos agrestes, pasto ordinário dos animais. Devoravam a carne dos cavalos, jumentos e cães, mortos pela fome; mas, apesar destes recursos desesperados, grande número dos desgraçados sucumbia ao terrível flagelo.

Se já o homem mais rude e insensível enche-se de compaixão e pena à vista de semelhante miséria, como não teria ela tocado o coração da bondosa e misericordiosa Isabel! Como a grandeza de S. Carlos Borromeu mostrou-se em toda a sua magnificência, quando a peste grassava em Milão e o santo bispo, com admirável espírito de sacrifício, arriscava vida, forças e tudo quanto tinha, para pôr um dique à morte negra, assim serviu-se Deus também desta fome para enaltecer a Sta. Isabel ou antes a graça divina nela existente.

Se a mãe vê sofrer seus filhos, sente uma dor acerba e pensa e envida todos os esforços para diminuir-lhes o mal. É o efeito necessário do amor que a natureza implantou ao coração materno. Quem é, porém, animado da caridade cristã sobrenatural, sentirá compaixão para com o próximo a quem vê sofrendo, e procurará aliviar-lhe o peso das dores, como se fosse seu filho ou irmão.

Assim Isabel. A vista de tantas misérias tocou-lhe o coração. Seu único pensamento, sua única ocupação, de dia e de noite, era socorrer os infelizes súbditos. Seu castelo tornou-se o centro de uma caridade sem limites, donde saíam, sem cessar, inesgotáveis recursos para as populações vizinhas.

Havia, justamente, muito dinheiro no tesouro ducal, no valor de sessenta e quatro mil florins, soma enorme para aquela época e proveniente da venda de certos domínios. A duquesa não teve dúvida de servir-se desta quantia para distribuí-la pelos indigentes.

Depois mandou abrir todos os celeiros de seu esposo, inteiramente atulhados de trigo, sem atender às reclamações dos empregados da corte que se opunham alegando que só para comprar o mantimento que ela mandava distribuir pelos pobres, seria mister empenhar os dois maiores castelos do ducado e ainda muitas cidades. Tais representações perderam todo o valor aos olhos de Isabel, desde que se tratava de salvar da morte o seu próximo. Entretanto soube regular, prudentemente, sua generosidade sem limites. Para evitar os desperdícios, ao invés de dar o trigo em grandes porções, mandava fornecer a cada pobre, todos os dias, a quantidade suficiente. Novecentos indigentes vinham, pois, diariamente, ao castelo receber a sua ração, voltando fartos e contentes.

Ao regressar o duque Luís da campanha, o administrador do castelo e outros cortezãos, temendo que o amo não aprovasse o emprego que se havia feito dos seus tesouros e provisões, denunciaram-lhe, logo, as "loucas" liberalidades da duquesa, narrando-lhe como tinha esvaziado os celeiros e dissipado todo o dinheiro que ele confiara à sua guarda. Luís, porém, respondeu a semelhantes queixas:

— Deixai minha boa Isabel dar quantas esmolas lhe aprouver; ninguém a contrarie no que fizer pelos necessitados, contanto que me reserve Eisenach, Wartburgo e Naumburgo. Ensina-nos a Sagrada Escritura que, principalmente, três coisas agradam ao Senhor e são não menos estimadas pelos homens: harmonia entre os irmãos, fidelidade e amor recíproco dos cristãos, e marido e mulher queJaêm combinam um com o outro.

Diz o Salvador que quem lhe quiser seguir as pegadas deve, todos os dias, levar a cruz que lhe impuser. Ora, há muitas pessoas que, pelo menos temporariamente, podem objetar: Não tenho cruz alguma; como poderia, pois, carregá-la, dia por dia?

O gesto nobre de Sta. Isabel responde, perfeitamente, a esta pergunta. A duquesa, rica e benquista por todos, naquele tempo, também não tinha cruz que a incomodasse pessoalmente, contudo sua extraordinária caridade impunha-lhe grande número de cruces que, a exemplo de Cristo, carregava, voluntariamente, pelos outros.

Quanto mais te dedicares às obras de misericórdia espirituais e corporais, tanto mais cruces tomarás sobre ti para a tarefa diária. Pois, o amor incitar-te-á a obedecer ao preceito do Apóstolo :

Carregai os fardos uns aos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. (Gol. 6, 2.)

Prudência na compaixão

Já vimos pessoas caridosas que davam, sem distinção nem reflexão, a quem lhes pedisse uma esmola. É fora de dúvida que tinham as melhores intenções, mas, desta forma, os donativos tornam-se, muitas vezes, inúteis senão nocivos, porque favorecem a preguiça, a desordem e a devassidão, enquanto deviam servir para socorrer pessoas mais dignas e mais necessitadas. Deus também não dá a todos tudo quanto lhe solicitam: não como se não tivesse bastante caridade ou não lhe estivessem à disposição todas as criaturas para satisfazer as exigências dos homens, mas porque dá ou nega com prudência, conforme lhes for melhor e mais proveitoso para o bem espiritual.

Como Isabel não se deixasse guiar somente pela bondade natural, mas pelo espírito de Cristo, não é de admirar que a vejamos seguir as normas da razão e da ordem na prática do bem. A jovem duquesa não se furtava ao trabalho de refletir, seriamente, sobre o modo de acudir ao maior número de pobres e para o mais longo espaço de tempo.

Referem a respeito os antigos cronistas :

Isabel só mandava entregar a cada pobre a quantidade de trigo suficiente para o dia, pois sabia, por experiência, que os indigentes nem sempre são bons administradores e, facilmente, desperdiçam o que recebem. E, a fim de poupar-lhes as despesas de preparar o pão, dava-lhes logo pão em vez de farinha, feito nos fornos do castelo. Da mesma forma, ordenava provê-los de roupas ou ela própria as distribuía entre os deserdados da fortuna.

Havia, porém, centenas de pobres que, por fraqueza, idade ou doença, não podiam subir a montanha em que estava situada a residência ducal. Ora, Isabel não era daquelas pessoas egoístas que não se compadecem da miséria, se não lhes afeta, de maneira insistente, os olhos ou os ouvidos; não, ela pesquisava até, por assim dizer, a pobreza oculta e mais merecedora de ser socorrida.

Entre os mais enfermos, escolhia alguns a quem levava os sobejos de suas refeições e das de suas servas e, com receio que faltasse aos pobres, quase não tocava na comida. E com estes restos descia à cidade, para proporcionar-lhes, além da satisfação da esmola, a de sua visita.

Não era somente às populações vizinhas de sua residência que reservava os seus cuidados e o seu amor; todos os habitantes dos Estados de seu marido, mesmo os mais afastados, eram, igualmente, o objeto de sua soberana e maternal solicitude. Tendo que dirigir em pessoa, durante a ausência do landgrave, os negócios administrativos do ducado, deu ordens expressas para que todas as rendas fossem empregadas em prover as necessidades dos habitantes pobres a quem a fome havia deixado sem recursos e, apesar da oposição que encontrou na maior parte dos funcionários públicos, Isabel mostrava-se intransigente e insistia no exato cumprimento dessa ordem.

Ainda mais, mandou vender todas as suas pedras preciosas, jóias e outros objetos de valor, fazendo distribuir a respectiva importância pelos pobres a quem, em razão da distância, não podia socorrer pessoalmente. E quando se manifestava, de vez em quando, grande vazante no tesouro, dava suas vestes e jóias ducais, não sem exortar, porém os pobres, dizendo :

"Não quero que estes objetos vos sirvam de adorno, mas para, vendidos, vos remediarem nas vossas necessidades. Trabalhai segundo as vossas forças, pois escrito está: Hás de comer os frutos de tuas mãos, e quem não trabalha não coma."

Sendo, entretanto, para o pobre maior benefício ser possibilitado a ganhar o pão por próprio trabalho do que ver-se sustentado sem precisar de mover os braços, Isabel, na época da colheita, reuniu todos os indigentes em condições de trabalhar, deu a cada qual uma camisa nova e uma foice e enviou-os ao campo. E como imaginasse o tormento de andar descalço

sobre os restos, presenteou-os ainda com um par de sapatos.

Nota bem, leitor, o dom oferecido ainda não é a caridade cristã. Se as pessoas abastadas contribuem com quantias consideráveis, por ocasião de flagelos sociais, fazem, com certeza, uma obra boa; porém, melhor seria e mais cristão se, por própria iniciativa, procurassem os pobres e enfermos e refletissem, seriamente, sobre o modo mais oportuno de remediar o mal. Neste ponto o procedimento de Sta. Isabel serve de norma aos que podem e querem praticar as obras de misericórdia, insinuando as seguintes regras :

1.a Se o pobre for capaz de trabalhar, maior será o teu benefício proporcionando-lhe ocasião de ganhar a vida pelo trabalho do que alimentando-o, sem que seja obrigado a fazer coisa alguma.

2.a Em geral, é mais conveniente entregar aos pobres os objetos de que têm precisão do que dar-lhes dinheiro para dele disporem à vontade.

3.a Interessando-te por uma pessoa ou família indigente, não lhe entregues de vez o quanto pensas despendar com ela, mas reparte-o para certos prazos de tempo.

4.a Tua caridade deve sempre seguir as regras da prudência, não socorrendo somente aos que te solicitarem esmolas, mas pesquisando a pobreza oculta; quantos não há que nunca recorreram ao meio extremo, à mendicância, e acham-se, em consequência de moléstias, talvez, em condições melindrosas, sem ter, no entanto, a força moral para pedirem esmola ! A necessidade suportada em silêncio é, muitas vezes, maior e mais digna de ser socorrida do que a pobreza espalhafatosa.

Não afastes do pobre teus olhos, nem dêes motivo aos que te pedem, de falar mal de ti; aquele, pois, que te amaldiçoa na amargura de sua alma será ouvido pelo seu Criador. (Eclo. 4, 5-6.)

Visitar aos enfermos

Saindo da cidade de Eisenach, em direção da colina, da estrada à mão esquerda, encontra-se, à sombra da floresta, uma fonte, uma nascente d'água pura e fresca, cercada de um muro velho. Hoje ainda se chama Fonte de Santa Isabel, porque era ali que a duquesa lavava, com as próprias mãos, os doentes, leprosos ou a roupa dos mesmos. Pois o hospital com vinte e oito camas para pessoas velhas, alquebradas e enfermas, que já tivemos ocasião de mencionar, Isabel o mandara construir próximo a essa fonte.

E, como aos olhos da jovem duquesa fosse um trabalho agradável e santo ver e tratar aí, todos os dias, os seus doentes, não lhe era incómodo, nem nos dias chuvosos ou frios, descer até a cidade para ali entregar-se às mesmas ocupações. Pois, além do hospital na colina, fundara um hospício em Eisenach, para cuja padroeira escolhera SanfAna e que ainda existe fora das muralhas, à Porta de S. Jorge.

Entrando neste asilo de miséria, ia de leito em leito, informava-se das necessidades dos enfermos e prestava-lhes os serviços mais baixos e repugnantes com um zelo e ternura que só o amor de Deus e sua graça especial podiam inspirar. Com as próprias mãos dava-lhes de comer, fazia-lhes a cama, limpava-lhes o rosto, o nariz e a boca, enxugando-os com o véu que lhe cobria a cabeça. Ainda que sentisse uma enorme repugnância natural pelo ar corrupto, ficava no meio daquela atmosfera mefítica das enfermarias que então não se podiam ventilar com tanta perfeição como hoje o permitem as invenções modernas, nem mostrava o menor asco nem o mais leve nojo, mesmo na maior força do estio, como se não tivesse olfato, enquanto as damas da corte, que a acompanhavam, quase perdiam os sentidos e se queixavam, em alta voz, do insuportável mau cheiro que havia nas salas dos doentes. Isabel, certamente, sabia que o enfermo sente-se ofendido e humilhado ao ver que o tratam com nojo, e pouco lhe custava sujeitar-se a incômodos desta qualidade em espírito de amor, porque era acostumada a

conservar os sentidos na mais rigorosa servidão, por meio de contínuas práticas de penitência.

Todo o tempo que podia furtar à vigilância dos hospícios, empregava-o em visitar os casebres dos pobres, onde socorria aos enfermos e mitigava necessidades outras. Um dia, entrou na cabana de um pobrezinho doente que jazia só e se queixou de que não tinha mais força de mungir a vaca. A duquesa humilde, impelida por seu bom coração, foi ao curral, procurando, pessoalmente, ordenhar a vaca; porém esta, não habituada a mãos tão delicadas, não lhe permitiu executar sua benévola intenção.

Não deitaria Deus olhos mais complacentes sobre a duquesa no curral do que em muitas senhoras vestidas à moda que frequentam a igreja com o fim principal de exhibir-se e atrair a atenção dos fiéis ?

Diz-se que, às vezes, em sítios onde se acham enterrados tesouros, encontra-se um monturo de objetos desprezíveis, como cacos, cascas de ovos, carvão, etc. e, quando se mete a mão, o que se apanha é puro ouro e prata. Realiza-se esta lenda, quando, em vez de desprezar os pobres, enfermos e pessoas nojentas, as acolhemos e nos interessamos por elas; esta obra de caridade transforma-se no ouro da recompensa eterna e, já nesta vida, na prata da alegria nobre e santa. É por isso que diz o Salvador: *Fazei o que vos ensinei e compreenderéis o que é de Deus.*

Isabel experimentou, no serviço dos necessitados e doentes, uma paz e satisfação tamanhas que, às vezes, em alta voz, louvava e agradecia ao Senhor. Existe ainda uma oração da nossa Santa do teor seguinte: "Senhor, não sei agradecer-vos bastante por me terdes permitido agasalhar e cuidar estas pobres criaturas, vossas amigas."

O capuchinho Martinho de Cóchem acrescenta aqui uma bela exortação :

"Peço a todos, diz ele, que possuem os meios necessários, que imitem a grande liberalidade da princesa, praticando a misericórdia conforme as suas posses. A grandes penitências, a muitas vigílias, rezas e jejuns, etc., não quereis sujeitar-vos; dedicai-vos, pois, pelo menos, às obras de misericórdia, a fim de conseguirdes a eterna salvação. À minha opinião, não há meio mais fácil de expiar os pecados do que dar esmolas."

Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo. Porque estava enfermo, e me visitastes. (Mat. 25, 34 e 36.)

Leito de morte e sepulcro

Um espetáculo imponente e um sermão mudo e tocante é o aspecto dum moribundo. Quem assiste à imensurável ânsia com que finda a vida do homem, torna-se, em geral, mais humilde e sério, mais indiferente para com as coisas deste mundo e mais cuidadoso contra o pecado. Há cristãos bons que acodem às pobres almas na hora tremenda da morte. Ora, sabemos da Sagrada Escritura que, como a árvore cair assim fica. Quer dizer, no estado em que se acha a alma no momento da separação do corpo, no pecado mortal ou na graça de Deus, conservar-se-á por toda a eternidade. A Igreja Católica acrescenta, pois, com muita razão, à saudação angélica as palavras. "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte."

A morte é uma luta renhida. As dores, que atormentam o corpo até que se extinga a vida e dele se separe a alma, talvez não sejam o pior; mais fortemente é atacada e posta em perigo a alma. Na hora da morte, sobrevêm, às vezes, graves tentações: dúvidas da fé, ódio dos homens ou de Deus, pensamentos pecaminosos ou desespero; o espírito maligno ainda faz o último e, talvez, o mais enérgico esforço para apartar a alma de Deus. O perigo de que, com especialidade, as pessoas convertidas tão somente na última doença sucumbam ainda durante a agonia é tanto maior, quanto mais tempo tiverem vivido no pecado; pois, o hábito pecaminoso é, como diz S. João Crisóstomo, um demônio criado pela própria pessoa e torna a apresentar-se

à alma, logo que esta diminua a resistência. Daí segue que é de grande importância encontrarem estas pessoas a cristãos abnegados e bons que, com suas orações e exortações, assistam à pobre alma naquela luta tremenda da qual depende uma eternidade.

É, justamente, o que Sta. Isabel não cessava de fazer : quanto a caridade cristã tem inventado e executado, ela o praticou com a maior perfeição. As crônicas antigas são outras tantas testemunhas da solicitude com que visitava os enfermos e os assistia no momento crítico da passagem deste mundo ao outro. Durante horas suplicava a Deus a favor do moribundo, e quando então a morte, afinal, punha termo à longa agonia, a boa duquesa fazia uma coisa a que, às vezes, nem os próprios parentes se atreviam: osculava a fronte pálida, coberta do frio suor da morte de quem acabava de expirar. E mais adiante ainda levava a caridade, mortalhando o pobre com suas próprias mãos, em uma mortalha confeccionada por ela ou feita das roupas de seu uso.

Imaginem as gentis leitoras o contraste enorme que existe entre elas, quando ocupadas com costuras conforme os modelos da moda mais moderna, destinadas para o enfeite de seus corpos, e Isabel, filha de reis, a coser mortalhas para os pobres. Que diferença entre uma e outras, mesmo aos olhos de Deus! Aquela trabalha para a eternidade e estas para a vaidade. Ainda que a mortalha apodreça com mais prontidão do que os objetos da vaidade mundana, será paga com muito maior liberalidade do que os trabalhos mais finos e admirados deste século.

Sendo que em Isabel reinava o espírito de Deus, também neste ponto, não dava preferência aos ricos, à custa dos pobres. Levava muito a mal que se empregasse fazendas novas ou preciosas no enterramento daqueles e empregava todos os meios para convencer os parentes de que era melhor servir-se de roupas usadas e distribuir o valor das novas pelos necessitados. Estes, ela os amava tanto que lhes acompanhava sempre, até a sepultura, os restos mortais. Também nisto vê-se a diferença que há entre os filhos de Deus e os filhos do mundo, que, com mais facilidade, comparecem às exéquias de pessoas fidalgas e ricas do que ao enterro do indigente que, em geral, não é acompanhado senão por pobres.

Alimentava os famintos, vestia os nus e, cuidadoso, dava sepultura aos falecidos. (Tob. I, 20.)

Amor materno

Se alguém é animado do espírito de Cristo, este manifestar-se-á, principalmente, pelo amor santo e respeitador aos filhos. Fora do Santíssimo Sacramento, encerrado no sacrário não conhecemos objeto visível sobre a terra em que se concentrem os raios da complacência de Deus, como a criança inocente. O amor humano e o divino encontram-se nela e nutrem a harmonia entre Deus e o homem.

Estas relações boas, porém, não existem para aqueles que só amam os próprios filhos e, com preferência, os mais formosos e mais bem enfeitados, pois o seu amor é meramente sensual e nada tem de comum com o amor de Deus; o animal irracional também ama seus filhos. Mas, querer bem a crianças estranhas que talvez ainda sofram de moléstias repugnantes, isto é um amor que procede da fé cristã e não se encontra senão na alma santificada pela fé viva e pelo amor de Deus.

Isabel havia fundado um asilo particular para os meninos órfãos; estes eram o objeto especial de sua ternura e ela os tratava como se fossem seus próprios filhos. E justamente dos mais asquerosos e aleijados cuidava com especialidade, limpando-os e sentando-os ao colo.

Qual mãe verdadeira, a nossa Santa não se contentava com prover os seus asilados com o necessário, procurava também alegrar-lhes os coraçõezinhos, costumando trazer-lhes todas as qualidades de pequenos mimos. Um dia, comprara, na cidade, grande carregamento destes brinquedos: panelinhas de barro, argolas de vidro, etc. E, quando o carro, em caminho ao castelo, achava-se no meio da ladeira, espantaram-se os animais e o veículo desceu, com

rapidez vertiginosa, a ribanceira. Entretanto, por milagre, Isabel mesma nada sofreu a não ser o susto que não foi pequeno; também os objetos fragilíssimos conservaram-se todos inteiros. Era como se o anjo da guarda das pobres crianças carregasse, na palma das mãos, a mãe nutriz e todas as coisas com que tencionava presentear os seus filhinhos adotivos.

As crianças compreendem, desde logo, quem lhes quer bem, sentindo-se, muitas vezes, mais atraídas pela misericórdia cristã com que são tratadas, do que pelo simples parentesco de sangue. Apenas avistavam a mãe que o Salvador lhes havia dado para suavizar-lhes a miséria, quais pintainhos que voam a esconder-se debaixo das asas maternas, corriam-lhe ao encontro e, agarrando-se-lhe aos vestidos, gritavam: *Mamãe, mamãe!* E foi com razão que a princesa deixava os pequenos chamá-la mãe, pois também o Criador do céu e da terra permite que nós, os pobres pecadores, lhe demos o título de pai.

Fala-se e escreve-se muito sobre o amor materno, e não são raras as mães que julgam ser uma virtude o amor apaixonado que têm ao filho. Entretanto, iludem-se, pois exatamente o amor materno é o que conduz à graves pecados e imprudências.

O amor materno é um instinto natural posto por Deus no coração da mãe, assim como o amor próprio no coração de todo homem. O amor dos filhos, não sendo senão o amor próprio elevado a alta potência, pode inclinar-se para o bem ou para o mal. Conforme for a mãe uma mulher leviana, orgulhosa e mundana ou uma senhora cristã, demonstrará seu amor para com o filho ou proporcionar-lhe-á o gozo sensual em grande escala, nutrindo nele a vaidade e adestrando-o para o mundo ou preservá-lo-á, com a maior diligência, do pecado, educando-o para Deus.

Mas, posto mesmo que a mãe cristã crie o filho segundo as normas da piedade, não o faz senão mui poucas vezes, sem que influa o amor natural. Nem por isso torna-se pecado, embora seja mais puro e superior o amor sobre o qual a carne e o sangue não exercem influência alguma.

Isabel também teve filhos carnais e amava-os quanto uma mãe é capaz de amar aos filhos, mas no que fazia aos pobres órfãos nada havia de instinto, era ouro puríssimo aos olhos do santo Deus que é Pai de todas as crianças por desformes, cobertas de tumores ou mesmo mentecaptas que sejam; pois, nesse corpo de carne, o Criador escondeu o diamante duma alma imortal.

E, tomando um menino, o colocou no meio deles e, depois de o ter abraçado, lhes disse: Qualquer que receber um destes meninos em meu nome, a mim me recebe; e quem me receber, não me recebe a mim mas Aquele que me enviou. (Marc. 9, 35-36.)

Coração dilacerado

Um dos maiores males que existem é a guerra. Não há flagelo que mais vítimas faça e evoque desgraças mais funestas sobre a humanidade. E o que é ainda mais revoltante é que a causa da guerra, ordinariamente, é fútil. Enquanto a ambição e a vontade de depredar a atizam, milhares de jovens e homens são obrigados a ferir-se e tirar-se a existência, reciprocamente, sem saber, afinal, por que motivo.

Na época em que vivia Sta. Isabel, lavrava uma luta gigantesca e infinda, embora mais nobre que as guerras em geral, pois quem nela tomava parte não ia forçado, sendo o motivo não interesses particulares de príncipes senão o espírito religioso de nações inteiras.

Eram as cruzadas, cujo nome tão somente fazia palpitar todos os corações e entusiasmava e punha em reboição todas as camadas sociais. Estas expedições grandiosas e santas, cujo único fim era arrancar das mãos dos infiéis os lugares sagrados onde o Salvador do mundo vivera e padecera, e estabelecer aí um governo cristão, exerciam sobre as almas um atrativo tão poderoso que nem um só valente cavalheiro, nem um só cristão piedoso podia

furtar-se a elas. Milhares de homens de todas as condições e nacionalidades, espanhóis, italianos, ingleses, franceses, alemães, declararam-se prontos a oferecer a vida em prol da religião; deixaram a família e a pátria e partiram para outro continente, certos de que haviam de sofrer os maiores incômodos e, talvez, a própria morte.

Semelhantes sentimentos em parte alguma podiam encontrar mais eco do que no duque Luís da Turíngia, esposo de Isabel; ninguém podia ser mais solícito do que ele em seguir o seu imperador e os seus irmãos de armas, em socorro da Terra Santa. Sua reconhecida bravura, o ardor de sua fé e de sua piedade, em uma palavra, tudo o que nessa alma havia de generosidade, desinteresse e fervor cristão, coligava-se para o impelir a tomar a cruz ou, como se dizia na Alemanha, a se enfeitar com a Flor de Cristo.

Vinham juntar-se a estes motivos pessoais os nobres exemplos de sua família. O irmão e predecessor de seu pai, Luís o Piedoso, tinha acompanhado à Palestina a Ricardo Coração-de-Leão e Filipe Augusto, e lá se havia coberto de glória. Seu sogro, o rei André da Hungria, tinha passado muitos anos de sua vida a combater os infiéis sob o sol do Oriente. Ficar, pois, no lar seria appear-se de sua nobreza e, por isso, sua perplexidade não foi de longa duração.

Numa de suas excursões, encontrando-se com o venerável Conrado, bispo de Hildesheim, confiou-lhe o seu desígnio e, como lhe merecesse a aprovação, fez voto de reunir-se à expedição que o imperador Frederico II preparava em 1227, e recebeu a cruz das mãos daquele prelado.

Entretanto, voltando para Wartburgo, pensava na dor e cruel ansiedade que sentiria sua amada Isabel, quando soubesse daquela resolução. Não teve, pois, ânimo de lhe falar nisso. Decidiu-se a esconder-lhe o projeto até o momento da partida, para não afligir aquela a quem tão ardentemente amava, e, em vez de pregar a cruz, que havia tomado, sobre os vestidos, como era costume, contentou-se com trazê-la secretamente, por todo o tempo que lhe foi possível ocultar sua próxima partida.

Mas, numa tarde em que ele se achava só com a esposa, sentados ao lado um do outro, num desses momentos de terna e íntima familiaridade que entre eles reinava, Isabel lembrou-se de meter a mão na bolsa que lhe pendia do cinturão, para ver o que nela havia. E o primeiro objeto que encontrou e tirou foi a cruz de pano vermelho, sinal dos que faziam o voto de partir como cruzados para a Terra Santa. Compreendeu, imediatamente, a desgraça que a ameaçava e, traspasada de dor e terror, caiu por terra sem sentidos.

Pobre mulher! tristes pressentimentos, inesperadamente, investiram contra ti e fizeram-te sucumbir à vista da cruz; entretanto, ficaram bem atrás da realidade do quanto te está reservado para o futuro! Essa cruzinha foi, por assim dizer, um grão de semente do qual havia de nascer um cruzeiro enorme dos sofrimentos mais atrozes. O resto de tua vida será uma tragédia dolorosíssima, edificante para os homens e os anjos.

Não temas nada do que tens que padecer... Sê fiel até a morte e eu te darei a coroa da vida. (Apoc. 2,10)

Resignação

O duque, consternado, ergueu a esposa e procurou fazer-lhe recobrar os sentidos e acalmar a dor, com palavras meigas e afetuosas; depois, falou-lhe, por muito tempo, servindo-se da voz da religião e dos próprios termos da Sagrada Escritura às quais ela nunca se mostrava insensível.

— É pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, lhe disse ele, que me alistei entre os cruzados; não hás de querer impedir-me de fazer por Deus uma coisa que seria obrigado a fazer por um príncipe temporal, pelo imperador e pelo império, se eles o exigissem.

Após longo silêncio e copiosas lágrimas, Isabel respondeu:

— Caro irmão, caso não seja contra a vontade de Deus, fica comigo.

Mas ele replicou:

— Deixa-me partir, minha irmã, porque é um voto que fiz a Deus.

Então ela, entrando em si, imolou a própria vontade à de Deus e disse :

— Pois bem; contra a vontade do Senhor não te quero reter. Deus te conceda a graça de fazer em tudo a sua santa vontade. Eu Lhe hei feito o sacrifício de ti e de mim mesma.

Sua bondade te cubra: todas as prosperidades te acompanham sempre; é o que para ti pedirei a cada instante.

Uma resolução importante, um sacrifício grande, sangra o coração; é preciso repousar como quem foi ferido e perdeu muito sangue. Ambos, Isabel e o duque, algum tempo não se moveram, absortos em seus pensamentos. E que daria que pensar em semelhantes circunstâncias a esposos cristãos senão a educação dos filhos? Passada, pois, a primeira dor, conversaram a respeito dos meninos.

Deus não o leva a mal, se o pobre homem, surpreendido por uma cruz pesada, sente-lhe o peso, chora e se lamenta. É próprio de nossa natureza fraca. Quanto mais religião, porém, tiveres, tanto mais prontamente resignar-te-ás à vontade de Deus. É indispensável ao cristão não somente praticar o bem como também sofrer com paciência o mal, pois, Jesus Cristo salvou o mundo por sua Paixão e pelas obras que fez durante toda a sua vida. Eis a razão por que, nesta terra, há sofrimentos e tribulações em abundância.

O que não toma sua cruz e não me segue, não é digno de mim. (Mat. 10, 83.)

Despedida dolorosa

O duque, não tendo mais motivo para ocultar a determinação, fê-la conhecer a todos os seus súbditos. Depois de haver providenciado acerca dos preparativos militares que o seu projeto exigia, convocou os príncipes, barões e outros senhores seus vassalos para uma assembleia solene em Kreuzburgo. Ali lhes expôs, circunstanciadamente, a resolução de partir para o Oriente, em honra de Deus e pela salvação de sua alma, a fim de acudir em auxílio da cristandade na Terra Santa, e tomou com eles as medidas necessárias para a boa administração do país durante a sua ausência. Exortou-os, vivamente, a governarem o povo com doçura e equidade, fazendo reinar a justiça e a paz entre todos os seus súbditos.

Seu confessor refere a despedida nos seguintes termos:

"Caros e fiéis irmãos d'armas, barões e nobres cavalheiros e tu, meu povo fiel, sabeis que, em vida de meu pai e senhor de piedosa memória, o nosso país experimentou cruéis guerras e prolongadas discussões. Sabeis também quantas aflições, reveses e fadigas meu pai e senhor suportou para se defender de poderosos inimigos e preservar os seus Estados da ruína total. À força de bravura e generosidade ele saiu vencedor e seu nome ainda é respeitado por todos.

A mim, porém, Deus me há concedido, como a Salomão, filho de David, a paz e a tranqüilidade. Em torno de mim, não vejo vizinho algum que eu deva temer, nem eles têm que recear de mim violências ilegítimas. Se, no passado, hei tido algumas contendas, hoje, graças ao Senhor que dá a paz, vivo em harmonia com todos.

Vós deveis reconhecer este benefício e agradecê-lo a Deus; quanto a mim, pelo amor deste Deus que me tem enchido de suas graças, para Lhe testemunhar toda a minha gratidão e para a salvação da minha alma, tenho determinado passar agora ao Oriente, a fim de concorrer para o alívio da cristandade que nos é tão cara e que ali jaz oprimida, como também para defendê-la contra os inimigos do nome e do sangue de Deus.

Esta expedição longínqua será toda feita à minha própria custa, sem vos impor, meus

caros súbditos, nenhum ónus novo.

Recomendo à protecção do Altíssimo minha muito amada e boa esposa, meus tenros filhinhos, meus queridos irmãos, meus amigos, meu povo e meu país, tudo enfim o que deixo de bom grado pelo amor de seu santo nome. Eu vos recomendo, com muita instância, que conserveis a paz entre vós, durante a minha ausência; sobretudo quero que os senhores tenham uma conduta cristã para com o meu pobre povo.

Enfim, eu vos peço a mercê de orardes muito a Deus por mim, para que Ele me defenda de toda a desgraça durante esta viagem e me traga são e salvo para junto de vós, se, contudo, tal for a sua clementíssima vontade, porque antes de tudo submeto-me, com tudo o que me pertence, à vontade de sua divina majestade."

Estas palavras tocantes comoveram, profundamente, toda a assembleia; os mais valentes guerreiros e cavaleiros vergaram ao peso da dor; lágrimas e suspiros abundantes exprimiram a ansiedade que causava a partida do jovem e amável soberano.

Para melhor associar o seu povo às impressões que lhe ditavam a resolução de partir, mandou representar, às suas custas, em Eisenach, por amadores escolhidos entre o clero, um drama que reproduzia todas as cenas da Paixão e Morte de Nosso Senhor. Imagine-se o entusiasmo que provocava, nos espíritos puros e vivos daquela época, um tal gênero de peças dramáticas.

Havia então em Eisenach diversos conventos: o de S. Nicolau das beneditinas o de Sta. Catarina das cistercienses e o dos franciscanos. O duque foi visitá-los todos, fazendo-lhes ricas esmolas, pedindo a bênção aos Religiosos e recomendando-se às suas orações.

Perto de Eisenach acha-se o mosteiro de Reinardsbrun que ele sobre todos amava e a cujos habitantes, monges beneditinos, era ligado por laços de uma devoção especial e da mais íntima familiaridade. Por esta razão, não quis partir sem despedir-se dos amigos. Foi lá, pois, a cavalo, acompanhado de sua esposa, sua mãe, seus filhos e seus irmãos.

Depois de ter assistido ao ofício, como os monges saíssem, no fim de completas, para receberem segundo o uso, a água benta, o bom príncipe pôs-se ao lado do sacerdote que fazia as aspersões e, à medida que cada Religioso passava, ele o abraçava, afetuosamente; e até não ficou menino de coro que não suspendesse nos braços para lhe imprimir, na fronte inocente, um ósculo paterno. Tocados por tanta bondade e condescendência, os Religiosos desfizeram-se em lágrimas e, por algum tempo, só se ouviam soluços sufocados e suspiros produzidos pela ideia da ausência do seu protetor.

O próprio duque, aliás forte guerreiro, deixou-se vencer pela emoção e derramou muitas lágrimas; um certo pressentimento fúnebre apoderou-se dele.

"Não é sem razão, caros amigos, disse-lhes, que estais chorando; pois sei que, quando houver partido, lobos vorazes cairão sobre vós e seu dente carniceiro atormentar-vos-á com crueldade. Mas, sei também, com certeza, que o Altíssimo, lembrando-se da minha peregrinação, vos abrirá as entranhas de sua misericórdia, pois que isso eu Lhe rogo, agora e sempre, de todo o meu coração."

Dito isto, retirou-se e os monges o acompanharam até a portaria, seguindo-o com piedosa afeição.

A profecia do duque realizou-se: pouco depois de sua partida, rompeu uma guerra em que o mosteiro de Reinardsbrun sofreu muito.

E agora eu vos recomendo a Deus e à palavra de sua graça, Àquele que é poderoso para edificar e dar-vos herança entre todos os que são santificados. (Act. 20, 32.)

Mais dor ainda

O duque marcara Schmalkalde, lugar, onde no dia de S. João Batista deviam reunir-se os cavaleiros que estivessem resolvidos a acompanhá-lo à Terra Santa. Era ali que queria despedir-se dos seus parentes e onde acudiu pressuroso muito povo, impellido pelo desejo de ver, mais uma vez, o soberano estimado.

Luís começou por abençoar, afetosamente, seus dois irmãos e recomendou-lhes, sobretudo a Henrique Raspon, sua mãe, seus filhos e sua esposa. Ambos os irmãos estavam banhados em lágrimas e é provável que então promettessem, seriamente, o que Luís lhes exigia. Os dois filhinhos, agarrados a ele, sem saber bem de que se tratava, o abraçavam chorando e diziam-lhe adeus em linguagem infantil:

"Boa noite! caro pai! mil vezes boa noite, querido e bondoso paizinho !"

Sim, tinham razão as crianças, desejando boa noite a seu progenitor: seguiu-se a isso, uma longa, longa noite !

Quando o duque, afinal, voltou-se para sua Isabel, a mais cara prenda que possuía na terra, os soluços e as lágrimas sufocaram-lhe de tal modo a voz que não pode pronunciar uma só palavra. Abraçando-a com um braço e sua mãe com o outro, apertou-as contra o seu coração sem poder falar.

Talvez não fosse tão somente a dor acerba da despedida que tanto o comoveu, como também o pressentimento do quanto lhes sobreviria a ele, à esposa e aos filhinhos.

Nem a mãe nem a esposa queriam separar-se do objeto do seu amor e, como se quisessem à força impedir a partida, cada uma o agarrava do seu lado. Isabel exclamou em alta voz:

"Ai de mim; pobre mulher!"

Os irmãos e os outros cavaleiros agrupavam-se em roda desse quadro doloroso, e o povo confundia a sua dor sincera e clamorosa com a dos príncipes e soldados. Todos os corações estavam comovidos, todos os olhos úmidos.

Entretanto, não era esta a única família que lamentava uma funesta ausência: entre os muitos cruzados que deviam ir com o duque, numerosos pais, maridos e irmãos havia que choravam e, como seu senhor, lutavam para arrancar-se dos braços de suas famílias e de seus amigos. De todos os lados partiam gemidos e soluços, clamores confusos e abafados que se confundiam numa angústia geral. Todos choravam, soldados e povo, homens, mulheres e crianças, fidalgos e plebeus : era um verdadeiro vale de lágrimas, *vallis lacrimarum*, como é chamada a terra na *Salve Rainha*.

O mais forte vínculo, que liga os homens um ao outro, é o amor; principalmente, a família é como um corpo cujos membros são as pessoas que formam o lar. E estes membros são, constantemente, cortados do corpo, da maneira mais dolorosa, pela morte. Quantas ânsias e cuidados à cabeceira do ente querido, já dias e semanas antes da morte! Que dor feroz na hora de expirar! E quanta aflição, quantas lágrimas mesmo depois do enterro!

Esta separação que dilacera o coração é um nunca acabar. Quotidianamente morrem mais ou menos cento e cinquenta mil pessoas. Esse contínuo desaparecer faz correr, sem cessar, as lágrimas, o sangue da alma. Oh! Se todas as lágrimas derramadas no mundo, desde a sua criação, fossem colhidas, juntas, formariam um vasto mar amargo! E como o Deus misericordioso pode admitir tanto choro e tanta aflição no mundo? — É o fruto do pecado, os espinhos e cardos que cercam a humanidade toda e que feriram até a cabeça do Filho de Deus feito homem. Esses males são também uma penitência por nossos pecados, um meio pelo qual o Senhor pretende amargar-nos o apego excessivo que temos à vida e despertar-nos no coração saudade de uma pátria melhor, onde já não haverá dor nem separação.

E Deus lhes enxugará todas as lágrimas de seus olhos: e não haverá mais morte nem haverá mais choro nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas são passadas. (Apoc 21, 4.)

Dolorosíssimo

Afinal, o duque conseguiu desembaraçar-se e abrir caminho até onde se achava o seu cavalo, quando, de todas as partes, o povo acudia, no intuito de apertar-lhe a mão ou pelo menos tocar-lhe os vestidos. Montando com presteza, meteu-se no meio dos cruzados e partiu.

Isabel estava-lhe ainda ao lado, porque desejava ser a última a despedir-se dele, e para isso obteve permissão de acompanhá-lo até a fronteira da Turíngia. Cavalgavam, pois, assim juntos, com o coração oprimido de tristeza, como se um assistisse ao enterro do outro, vingando-se apenas em suspirar, de quando em quando.

Chegados à fronteira do país, Isabel não teve ânimo de separar-se do marido; caminhou, pois, mais um dia com ele, depois outro, vencida e arrastada pela dor e pelo amor. No fim do segundo dia, ainda não sabia se devia deixá-lo ou ir com ele a Terra Santa. Entretanto, foi mister ceder; a obrigação de educar os filhos e de empunhar as rédeas do governo venceu. A vontade de Deus valeu-lhe mais do que o amor do esposo; assim resolveu voltar. Também Vargila, o cavaleiro fiel, aproximou-se do duque e disse:

"Senhor, é tempo; deixai regressar a senhora duquesa; cumpre que assim seja."

Muitas vezes não se conhece a grandeza do amor senão a hora da separação. Como é dura, até as raias do desespero, a dor da esposa, quando perde o filho único ou o marido ! Todo amor terrestre, ainda que não seja pecado, é pago a preço caro, e quanto maior o amor tanto mais custoso o preço: a dor da separação.

Os dois esposos romperam de novo em pranto e abraçaram-se com tanto transporte que comoveram todos os assistentes. Custou ao sr. Vargila conseguir que Luís afinal se vencesse e desse o sinal da partida.

Mostrou então à duquesa um anel que trazia no dedo e que lhe servia de sinete para as cartas secretas.

"Isabel, lhe disse, caríssima irmã! vê bem este anel que levo comigo e no qual está gravado, sobre uma safira, o Cordeiro de Deus com seu estandarte; sirva-te de sinal seguro e certo para tudo o que me diz respeito. Aquele que te trazer um escrito chancelado com este anel e te contar que estou vivo ou morto, crê em tudo que ele te disser. O Senhor te abençoe, querida Isabel, irmã minha muito amada, meu rico tesouro ! O Deus todo-poderoso guarde tua alma e tua fortaleza! Jamais te esqueças de mim em tuas orações ! Adeus ! não posso mais me demorar; os cavaleiros me estão esperando; o Senhor seja contigo !"

E partiu o nobre cruzado, deixando a esposa nos braços de suas damas. Ela o seguiu, por muito tempo, com a vista; depois, semi-morta, desfeita em lágrimas e no meio das lamentações de suas companheiras, voltou para Wartburgo, como se viesse da inumação do esposo falecido, pois levava no coração o pressentimento de nunca mais tornar a vê-lo, considerando-se desde já viúva.

De volta ao castelo, depôs, imediatamente, as vestes reais, talvez para sempre, vestindo, em extremo desolada os trajes de viúva; abandonou-se à solidão, mergulhada num mar de aflição, tanto que ninguém foi capaz de a consolar.

Porventura causará espanto ver-se uma princesa tão recolhida e austera mostrar tamanho desespero e tão pouca resignação. Quantas mulheres não perdem seus maridos!

É preciso saber conformar-se com a sorte ou antes com a vontade de Deus!

Mas, Isabel era muito jovem ainda, esposa e mãe muito tenra; seu marido era um dos homens mais perfeitos que já têm existido; e ambos unidos, não somente pelo amor matrimonial como o esposo, além de ser natural, era cristão e divino. E onde procurou Isabel consolação e alívio nas aflições que a oprimem? A crônica de Reinardsbrun nos dá a bela resposta:

"A princesa solitária ocupava-se, inteiramente, com Deus, fazendo às obras boas anteriores seguir outras, melhores ainda."

Fui ferido como feno e meu coração se secou; porque me esqueci de comer o meu pão. A voz ao meu gemido, pegaram-se-me os ossos à carne. Tornei-me semelhante ao pelicano do deserto: cheguei a ser como a coruja no seu albergue. (Salmo 101, 5-7.)

Oh! morte, onde a tua vitória?

Partira, pois, o duque Luís com um esplêndido séquito de duzentos cavaleiros, e é provável que, como homem e acompanhado de homens, na expedição guerreira inspirada pela fé, no intuito de reconquistar o santo Sepulcro, moralmente tenha sofrido muito menos do que a pobre duquesa em Wartburgo, onde a nostalgia, privada de distrações, dia e noite, podia roer-lhe o coração, como em geral é ordem neste mundo que a mulher tem mais que sofrer do que o homem.

O landgrave era chefe dos cruzados de uma parte da Alemanha e atravessou com o seu exército a Francônia, a Suábia, a Baviera, o Tirol e, passando pela Lombardia e a Toscana, foi reunir-se em Bríndisi ao imperador Frederico que ali acampava com perto de sessenta mil homens. Luís foi recebido com grandes honras pelo soberano e, apesar de ser um dos príncipes mais moços, admitido à conferência secreta na qual se ia deliberar acerca do plano da expedição. O imperador fez-se acompanhar por ele à ilha de Sto André, onde se realizaria a assembleia, pois Luís inspirava-lhe grande confiança.

Entretanto, no seio das tropas, vindas de regiões frias e desacostumadas do calor do verão italiano, havia-se desenvolvido uma doença contagiosa que vitimava grande número dos cruzados. Já na ilha, Luís sentiu em si os primeiros indícios da moléstia; não obstante, porém, embarcou com o imperador para Otranto onde se achava a imperatriz Iolanda, uma grega. Visitou-a com grande respeito, mas a febre redobrou de violência e a custo pôde alcançar o seu navio onde foi obrigado a recolher-se ao leito.

Reconhecendo a gravidade de seu estado, o landgrave ditou logo o seu testamento e mandou chamar o patriarca de Jerusalém, a fim de que lhe administrasse os últimos sacramentos. Veio o prelado, confessou-o, ungiu-o e deu-lhe o Corpo do Senhor, em presença dos cavaleiros e de parte dos seus soldados que se edificavam da devoção fervorosa e expressão da mais viva fé com que o seu comandante se preparava para a morte.

Sua vida, Luís já a tinha sacrificado a Deus ao tomar a cruz de cruzado.

O Senhor aceitou o sacrifício, quis extinguir-lhe a vida terrestre e dar-lhe em troca uma vida mais bela, eterna. E o santo e valente cavaleiro que tantas lágrimas havia derramado ao separar-se, por algum tempo somente, de sua família querida, que com tanta angústia se havia desprendido dos braços da esposa, com esperança de cedo tornar a vê-la, neste momento de completa e irreparável separação, nem com uma só lágrima manifestou que sentisse dor. Foi porque a morte o conduziu para Aquele a quem amava mais ainda do que à mulher e aos filhos: para Deus, em cuja presença esperava rever, um dia, a sua querida Isabel. A graça divina já antes lhe tinha desligado o coração piedoso de todos os laços que o pudessem prender às coisas terrestres; como dócil e fiel soldado de Deus, recebeu, sem murmurar, o aviso que o chamava antes do fim do combate.

Convicto de que estava perto o desenlace fatal, Luís encarregou uns cavaleiros de anunciar sua morte à sua família e entregar à esposa o anel com o Cordeiro de Deus. Deu-lhes para ela, nessa ocasião, outros recados ainda que, porém, não chegaram até nós.

Em nome de Deus e da Virgem Santíssima, suplicou a todos os homens presentes que se lembrassem dele em suas orações e que, quando voltassem da Terra Santa, levassem-lhe os ossos para a Turíngia, onde havia escolhido sua sepultura, em Reinardsbrun.

Minutos antes de expirar, na expectativa das graças e gozos da eterna bem-aventurança, viu grande número de pombos brancos que volteavam-lhe em redor do leito.

"Vede, vede, disse, esses pombos mais alvos do que a neve !"

Os assistentes julgavam que delirava, mas o enfermo exclamou ainda :

"Cumpre que eu voe com esses pombos radiantes !"

Proferindo estas palavras, sua alma deixou, efetivamente, o estojo corporal e voou para o céu, ao terceiro dia depois da Natividade de Nossa Senhora, do ano de 1227, tendo apenas vinte e sete anos de idade.

No momento em que Luís exalou o último suspiro, o seu capelão Bertoldo que quisera acompanhar o patrão até a Terra Santa e assistir-lhe à morte, diz ter visto os pombos voarem para o Oriente, tê-los seguido por muito tempo com os olhos, e acrescenta:

"O Espírito Santo, que desceu sobre o Filho de Deus sob forma de pomba, enviou, sob a mesma forma, os Anjos, para que conduzissem a nobre alma do amo que, em sua peregrinação mortal, havia conservado a inocência e a candura de pomba, ante o sol da Justiça eterna. Assim o príncipe cristão, em terra alheia como peregrino, conforme a vontade de Deus, deixou a miséria do mundo e foi tomar posse da eterna herança do Pai."

Grande foi a dor dos que o haviam seguido, por vê-lo morrer na flor dos anos e do vigor, e por ficar sem chefe uma expedição tão arriscada.

"Ai! querido senhor! diziam lamentando, vós que éreis à luz de nossos olhos, o chefe de nossa peregrinação, a esperança de nossa volta! Ai de nós!"

E, no meio desse alvoroço e desses gritos, jazia o corpo frio e cadavérico qual estátua de mármore. O seu semblante, já tão belo durante a vida, resplandecia ainda mais belo no seio da morte; e ninguém podia contemplar, sem comover-se, a expansão de plácida fé, doce paz, inefável alegria que se lhe pintava nas pálidas faces.

Talvez haja quem pense: Como é possível que Deus deixasse morrer este príncipe modelo, tão jovem, cuja vida ainda poderia ser de grande utilidade e cuja morte causou tanta aflição a inúmeras pessoas? Igual pergunta ocorre, às vezes, por ocasião da morte de um parente: Por que Deus no-lo não deixou?

Resposta acertada dá o Apóstolo S. Paulo, dizendo: *Oh! profundidade das riquezas da sabedoria de Deus.' quão incompreensíveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem conheceu a intenção do Senhor ? Ou quem foi o seu conselheiro? (Rom. 11, 33-34.)*

Tu, bichinho da terra, queres responsabilizar o grande Deus e seus atos perante o tribunal de tua ignorância? Não te sentes envergonhado nem tens medo de seus juízos?

E quanto à morte prematura de pessoas piedosas é também a Sagrada Escritura que responde no livro da Sabedoria:

Tendo vivido pouco, encheu a carreira duma vida larga, porque sua alma era agradável a Deus; por isso apressou-se a tirá-lo do meio das iniquidades. (Sabed. 4, 13-14.)

Pobre coração

Os cavaleiros que o duque moribundo havia encarregado de irem à Turíngia anunciar a sua morte, partiram, imediatamente. Chegaram, quando Isabel acabava de dar à luz o terceiro filhinho.

A conselho de homens prudentes e bem intencionados, a notícia infausta não foi comunicada logo à pobre viúva. A duquesa Sofia, sua sogra, deu ordens severas à criadagem para que ninguém deixasse perceber a sua nora a desgraça de que fora vítima, tomando todas as precauções, a fim de que a sua vontade fosse executada.

A mãe, os irmãos e os cortesãos lamentavam, pois, e choravam o querido finado, quando não se achavam na presença de Isabel, enquanto ocultavam todos os sinais de luto à vista dela.

Entretanto, passado o tempo de resguardo, foi mister, enfim, participar-lhe a desgraça

com que Deus a ferira, e foi a própria duquesa-mãe que quis desempenhar esta dolorosa missão.

Acompanhada de algumas damas nobres e discretas, foi ter com a nora no seu aposento. Isabel recebeu-as com amabilidade como de costume, sem adivinhar, de modo algum, o objeto de sua visita. Quando todas se assentaram, a sogra disse:

— Cobra ânimo, minha filha, e não te deixes perturbar pelo que aconteceu a teu marido e meu filho, pela vontade de Deus a quem sabes que ele se havia, inteiramente, entregado.

Vendo a calma com que a sogra lhe dizia estas palavras sem derramar lágrimas, Isabel não compreendeu a grandeza do seu infortúnio, e, julgando que o marido tivesse sido feito prisioneiro, respondeu :

— Se meu irmão está cativo, com a ajuda de Deus e de nossos amigos será, brevemente, resgatado. Meu pai, estou certa disto, irá em seu auxílio e serei consolada.

Mas a duquesa-mãe prosseguiu logo mostrando o anel :

— Minha filha, resigna-te e recebe este anel que ele te mandou; pois, infelizmente, morreu.

— Ah! senhora! exclamou Isabel, que dizeis ?

— Morreu! repetiu a mãe.

Ao ouvir estas palavras, a jovem duquesa tornou-se pálida e, depois, corada; e, deixando cair os braços sobre os joelhos e juntando as mãos com violência, disse, em voz sufocada :

"Ah! meu Deus! meu Deus! eis que o mundo inteiro está morto para mim; o mundo e tudo o que tem de bom."

Em seguida, erguendo-se desvairada, pôs-se a correr com todas as suas forças através das salas e corredores do castelo, gritando como louca :

"Morreu! morreu! morreu!"

Só parou na sala de jantar, de encontro a uma parede à qual ficou pregada, banhada em lágrimas.

A sogra e as outras damas a seguiram, retiraram-na da parede, fizeram-na sentar-se e procuravam consolá-la. Porém, logo começou ela a chorar e a soluçar com veemência, pronunciando palavras entrecortadas :

"Agora, repetia constantemente, agora perdi tudo! Perdi meu querido irmão! perdi o amigo do meu coração! Oh! meu bom e piedoso marido, morreste e me deixaste na miséria ! Como viverei sem tí? Ah! pobre de mim, desgraçada mulher ! Console-me Aquele que jamais abandona as viúvas e os órfãos! Oh! meu Deus, consolai-me! Meu Jesus, fortificai-me em minha fraqueza !"

No entanto, vieram as criadas buscá-la e quiseram conduzi-la para o seu quarto; Isabel deixou-se arrastar cambaleando; mas, chegando ao seu aposento, caiu de bruços sobre o soaço. Quando a ergueram, continuou a chorar e a lamentar-se.

Por sua vez, também a duquesa Sofia, entregou-se, novamente, à dor de mãe, misturando suas lágrimas com as da pobre nora; o mesmo fizeram as damas e todos os que assistiram a esse triste espetáculo. Durante oito dias só houve, no castelo, lágrimas e gemidos, como se, só então, tivesse vindo a notícia da morte do amado landgrave. Contudo a dor de Isabel era, imensamente, maior do que a de todos os outros juntos.

O leitor que nunca teve grande amor a ninguém, não é capaz de avaliar a acerba dor da separação; talvez não compreenda como uma alma tão cristã como Isabel não soubesse conter-se e pudesse entregar-se à exorbitância da dor, apesar de, certamente, ter-lhe assistido o Espírito Santo, o Pai das viúvas e dos órfãos, em seu consolo e sua fortaleza.

Mas Isabel assemelhava-se a uma labareda, de repente supressa pela ventania, que parece extinguir-se e, logo depois, se reaviva, muito mais fortemente. Se a duquesa com os seus vinte anos, primeiramente, parecia vencida e esmagada pela desgraça, tanto mais gloriosa a veremos surgir triunfadora sobre toda a aflição e subir até os mais altos graus da perfeição. O que havia ainda de terrestre e talvez demasiado no amor ao esposo falecido, depois da sua morte incendiou-se à chama veemente da dor, tornando-se um purgatório doloroso que apagou, nessa

alma santa, a última imperfeição.

Eu sou a vide verdadeira e meu Pai é o agricultor. Todas as varas que derem fruto em mim, Ele as limpará ainda para que dêem mais fruto. (João, 15,1-2.)

TERCEIRA PARTE

A VIÚVA

O que se humilha será exaltado

O agricultor cuida da vide, antes que brotem os botões; corta as varas que não dão fruto, a fim de que não privem de seiva as outras. E como se a vide o sentisse e chorasse, aparecem, nas partes podadas, gotinhas cristalinas que se renovam, por alguns dias, quando enxugadas.

Da mesma forma procede o Pai celestial com os cristãos, verdadeiras varas da vide divina de Jesus Cristo. Corta tudo quanto obsta ao pleno amor de Deus e à vida exclusiva 110 Senhor, tudo quanto impede uma fertilidade maior nas obras agradáveis a Deus. Esta amputação, porém, é dolorosa e provoca, às vezes, torrentes de lágrimas.

O primeiro corte que o divino vinhateiro deu na alma de Sta. Isabel foi a despedida e a separação do querido esposo; o segundo, sua morte; o terceiro segue agora e penetra até a medula.

Entretanto, veremos também o rico e cêntuplo fruto que brotou do coração sangrando da jovem viúva. Ela que, tão habilmente, harmonizava, na inocência e ternura de sua alma, o culto de Deus com as mais doces afeições da terra, vai transformar-se em uma penitente, entregue a toda a grandeza da vida ascética, voando acima das alturas comuns da piedade, desarraigando de sua vida e esmagando no coração tudo para ficar a sós com o seu Deus; e formará assim o tipo da viúva cristã, elevada à sua mais alta potência, cada vez mais desprendida de si mesma, e chegando, enfim, a um grau de abnegação e de mortificação espiritual que, vista aos olhos da carne, repugna, profundamente, tanto à razão como ao coração humano, mas aos olhos da fé tem um sabor inefável.

Pode ser que o que, de modo especial, eleva a Deus pareça indigesto e exagerado até ao homem que tem fé e religião; mas, não obstante, o que, na vida de Sta. Isabel, para a delicadeza mundana tem a aparência de um rigor sem medida, é para ela, já há 600 anos, motivo de incessante alegria, e o será por toda a eternidade, pois sofreu e fez tudo em Deus e por Deus.

O homem animal não percebe aquelas coisas que são do espírito de Deus; porque lhe parecem estultícia; e não as pode entender, porque elas se ponderam espiritualmente. (1. Cor., 2, 14.)

Clama ao céu

Se uma família, por morte de um dos seus membros, acha-se submergida na mais profunda dor, não é de esperar que o luto pesado, logo depois, se transforme em paixão ordinária e escandalosa. Infelizmente, porém, dá-se isto, não só entre pessoas da classe inferior como também nas casas dos fidalgos, pondo-se os parentes em desavença e inimizade por causa da herança duma pessoa falecida. O mais abominável que a esse respeito se pode imaginar, sucedeu em Wartburgo.

Isabel tinha um filhinho, de cinco anos de idade, de nome Hermano, que era o único sucessor legítimo de seu pai, pertencendo-lhe, portanto, o governo do ducado. O landgrave Luís, antes da morte, ordenara que sua esposa, durante a menoridade do filho, o substituísse na administração.

E como o demônio conduziu o Salvador a um monte alto, donde lhe mostrou todos os reinos do mundo, dizendo: "Tudo isto te darei, se me adorares", assim enviou seus sócios, com semelhante tentação, a Henrique Raspon, cunhado da jovem viúva.

Cortesãos iníquos trataram de seduzi-lo a levantar, em nome dos próprios interesses, uma infame conspiração contra a cunhada. Representaram-lhe que, conforme a antiga lei da Turíngia, o ducado inteiro devia ficar indiviso nas mãos do mais velho dos príncipes da família reinante; uma vez morto seu irmão Luís, o governo do país competia não ao menino Hermano, mas a ele, príncipe Henrique. Disseram-lhe que não tardasse em apoderar-se, imediatamente, da autoridade civil; e que, para levar ao fim esse plano, antes de tudo era necessário expulsar, do castelo e até de Eisenach, a viúva com seus filhos.

É fácil compreender que a vida humilde e penitente de Sta. Isabel e as muitas esmolas que costumava dar, para os fidalgos opulentos da corte fossem uma pedra de escândalo, e que, por essa razão, tratassem de afastá-la, a todo o custo.

O duque Henrique teve a fraqueza de ceder a esses infames conselhos; não se sabe se para isso foram precisos grandes esforços.

Wartburgo é um lugar delicioso, um pedaço de paraíso terrestre. "Com certeza o demónio ofereceu ao duque aquelas belezas e Henrique não duvidou adorá-lo por esse preço, resolvendo tomar, à força, posse do país e declarar guerra àquela viúva e àqueles órfãos a quem havia jurado proteger. Conrado, seu irmão mais moço, caiu no mesmo laço.

Entretanto, os dois não ousaram aproximar-se, abertamente, da cunhada com pretensões tão indignas e malévolas; esconderam-se, pois, e deram aos conselheiros plena liberdade de ação.

O homem, pretendendo encenar um ato de grande malvadez contra o próximo, procura enraivecê-lo mesmo e, por meio de acusações gratuitas, dar-lhe a aparência do direito. Ao invés de comunicar, com certa piedade, à pobre viúva o que a esperava, os infames penetraram-lhe no gabinete onde a encontram em companhia de sua sogra, a duquesa Sofia. Começaram por carregá-la de injúrias, acusando-a de ter arruinado o país, de haver esbanjado e exaurido os tesouros do Estado, enganado e desonrado o esposo. E anunciaram-lhe que, em castigo dos crimes cometidos, ficava despojada de todas as suas possessões e que o duque Henrique, agora soberano, lhe ordenava retirar-se, imediatamente, do castelo.

Para compreender o efeito desta surpresa basta imaginar a condição da princesa, filha da Hungria longínqua, que acabava de passar pelo golpe mais doloroso que ainda lhe estava sangrando o coração, com três filhos menores, em pleno inverno.

Admirada de tais insultos e de tal mensagem, Isabel não soube que dizer senão suplicar àqueles inimigos brutais que lhe concedessem alguma demora.

A duquesa-mãe, porém, que, até então nem sempre tratara a nora como deveria, indignada de tamanha insolência, apertou Isabel ao coração e exclamou:

— Ela há de ficar comigo; ninguém será capaz de separar-me dela. Onde estão meus filhos? quero lhes falar.

Era justamente o que os emissários queriam impedir. Responderam-lhe, pois :

— Não, senhora, cumpre que ela saia agora mesmo, neste instante.

E trataram de separar, à força, as duas princesas.

Vendo que toda a resistência era de balde, a duquesa Sofia quis, ao menos, acompanhar a pobre nora até a porta exterior do castelo. À soberana desonrada, foi-lhe recusado até mesmo levar consigo o quer que fosse; mas, encontrou no pátio seus filhinhos assim como duas de suas servas que com ela deviam ser expulsas.

À vista dos pobres órfãos, seus netinhos, redobrou a aflição e indignação da avó. Com a mais viva instância, pediu, novamente, para ver seus filhos Henrique e Conrado, persuadida de que não lhe resistiriam às súplicas. Mas, responderam-lhe que não se lhes conhecia o paradeiro; e, com efeito, haviam-se ocultado como morcegos, durante a execução de suas ordens, por não se acharem com ânimo de afrontar as lágrimas e súplicas da mãe nem o aspecto dos males a que condenavam a cunhada.

Cheia de ira e vergonha da perfídia dos filhos, Sofia resignou-se a deixar partir a nora, entregando-se aos transportes do mais violento desespero. As portas do castelo, onde a jovem

duquesa tanto tempo tinha vivido, cerraram-se atrás dela, e as duas senhoras estavam separadas.

Por que te esqueceste de mim? e por que não triste, enquanto me aflige o inimigo? — Por que estás triste, minha alma? e porque me perturbas? — Espera em Deus, pois ainda tenho que louvá-Lo, como salvação de meu rosto e Deus meu. (Salmo 41,10 e 12.)

Aflição, miséria e necessidade

Expulsa do castelo, sua segunda pátria, a viúva abandonada e filha de reis, achava-se fora das muralhas e portas trancadas. Com cinco chagas abertas no coração, desceu, debulhada em lágrimas, o caminho áspero e escarpado que conduzia à cidade: ainda não estava cicatrizada a ferida que lhe causara a morte do esposo, ela própria tivera um tratamento ignominioso e escandaloso, como talvez nunca fosse tratada outra princesa; acresceu a isso o aspecto das três criancinhas que tiritavam e choravam de frio. Ela mesma carregava nos braços o menino que, havia pouco, dera à luz: as outras duas eram levadas pelas servas que a seguiam.

Se a desumana expulsão da duquesa enviuvada foi uma injúria desmedida, coisa pior ainda a esperava em Eisenach. Esta cidade era o campo onde Isabel, anos e anos havia semeado os seus benefícios. Apesar disto, quando, no frio rigoroso, pediu agasalho, sucedeu-lhe o que aconteceu a Nossa Senhora em Belém: foi rejeitada.

Com efeito; o duque Henrique havia mandado proclamar na cidade que quem acolhesse a duquesa Isabel ou seus filhos incorreria em todo o seu desagrado; e, por uma ingratidão mais revoltante ainda do que a própria ordem, todos os habitantes de Eisenach lhe obedeceram: o desejo de agradar ao novo senhor venceu as leis da humanidade, da piedade e da justiça; pois, a uma ordem de soberano que se opõe, diretamente, à lei expressa de Deus ninguém deve obedecer: a Deus compete a preferência.

Os cidadãos de Eisenach fizeram, justamente, o contrário: toda a cidade contaminou-se com a infâmia e baixeza de deixar na rua, durante a estação fria, a senhora mais nobre, mais generosa, sua legítima regente. Talvez tivessem, através das janelas, seguido, com os olhos curiosos, a pobre duquesa, mas ninguém lhe abriu a porta, ao passo que os próprios cães encontram piedade e acolhimento contra as intempéries do tempo.

De outra parte, porém, é preciso avaliar o poder ilimitado de que, naquela época, gozavam os soberanos sobre os bens e vida dos súbditos. Não raras vezes, estes eram, sem lei e sem julgamento, mortos ou lançados no cárcere onde tinham que sofrer, anos e anos, em escuridão e miséria, se a morte não os livrava da pena.

Mostrando-se, pois, o novo regente de Wartburgo tão cruel e injusto para com a própria cunhada, que não teria feito contra o súbdito que acolhesse em sua casa a duquesa expatriada? O receio de arruinar-se, a si e sua família, pode ser que haja impedido os habitantes da cidade de favorecerem Isabel.

E embora não procedessem, nessa ocasião, conforme a generosidade cristã, podem ser desculpados com o temor da própria ruína e, como ninguém é capaz de garantir que teria procedido de outra forma, não devemos condenar, com frivolidade, os habitantes de Eisenach: Deus lhes é juiz.

Em vão, pois, a infeliz princesa, cercada sempre de seus três filhinhos, bateu, lacrimosa, a todas as portas, principalmente às daquelas pessoas que, pouco antes, lhe haviam testemunhado a maior afeição: em parte alguma foi admitida. Por mais, porém, que o frio insuportável lhe doesse no corpo, com certeza mais ainda sofreu-lhe o coração ao ver que os próprios súbditos a quem tanto amava e tanto favorecera, tão mal lhe pagavam — e nisto assemelhou-se ao próprio Salvador de quem está escrito:

Veio para o que era seu e os seus não o receberam. (João, I, 11.)

O rouxinol de Cristo

Chegou, enfim, a pobre mártir a uma mesquinha taverna cujo dono não pôde ou não quis despedi-la, pois declarou que sua casa pertencia a todo o mundo e ela podia ali ficar. Contudo não ousou recebê-la em sua residência, talvez com medo de que o duque Henrique lho interpretasse a mal. Deu-lhe, pois, por abrigo, durante a noite, para ela e os seus, uni casebre que se guardavam os utensílios da cozinha e onde dormiam os porcos. Mandou retirar os animais, a fim de dar lugar à duquesa da Turíngia, princesa real da Hungria!

Até então esta havia se lamentado: "Tomaram-me quanto eu possuía; só me resta orar a Deus!" Mas, como se o último grau de humilhação lhe trouxesse, subitamente, a calma de espírito, apenas achou-se só nesse lugar imundo, as lágrimas secaram-se-lhe e uma alegria sobrenatural desceu sobre ela, inundando-a, inteiramente: o consolo admirável do Espírito Santo encheu-lhe o coração, de forma que não quis conciliar o sono.

Permaneceu nessa disposição de espírito até a meia noite, quando ouviu o sino tocar às matinas, no próximo convento dos franciscanos; pois, a essa hora os Religiosos se levantam para louvar a Deus em vez dos homens que dormem.

Isabel ergueu-se e foi à igreja, onde assistiu ao culto divino. Foi ela quem, em vida do esposo, fundara aquele mosteiro, pelo que se julgava com direito de dirigir um pedido aos Religiosos. Quem o não tem ainda ouvido ou lido, jamais adivinhará o que a duquesa solicitou; pois, só o Espírito Santo podia inspirar-lhe essa ideia. Suplicou aos franciscanos que cantassem o *Te-Deum*, em ação de graças pelas grandes tribulações que Deus lhe havia enviado.

Assim se fez, e o canto nocturno executado na igreja de S. Francisco de Eisenach, certamente agradou a Deus como lhe agradam os cânticos dos Anjos, senão mais ainda. Isabel, com certeza, em toda a vida, nunca foi tão grande aos olhos do Senhor como na hora em que, pobre e abandonada, passou a noite fria de inverno na igreja, transbordando-lhe o coração de amor e louvor a Deus.

A vós, oh! Deus, louvamos; a vós, Senhor, bendizemos. (Hino Ambrosiano.)

Incenso precioso

Terminado o canto do *Te-Deum*, Isabel prostrou-se ao pé do altar e agradeceu a Deus, em alta voz, por ser pobre, atualmente, como Ele mesmo fora pobre na manjedoura de Belém.

Como esposa jovem e feliz, ela já teria preferido um estado mais humilde. Um dia dissera a Luís :

— Irmão, se não te enfado, dir-te-ei o pensamento que tenho acerca do género de vida que podíamos pôr em prática para melhor servir a Deus.

— Dize, pois, minha amiga, respondeu-lhe o marido, qual é o teu pensamento a esse respeito ?

— Desejava, prosseguiu ela, que só tivéssemos uma jeira de terra que nos fornecesse de que viver, e cerca de duzentas ovelhas; então poderias lavrar a terra, e eu tomaria conta das ovelhas e as tosquearia.

O landgrave replicou-lhe, sorrindo:

— Ah! minha irmã, se tivéssemos uma jeira de terra e duzentas ovelhas, parece-me que não seríamos pobres; pelo contrário, muitas pessoas nos julgariam ricos.

Agora, porém, o Senhor deixou sua serva fiel descer a uma pobreza que, certamente, nunca havia imaginado. Entretanto, não lhe parecia demasiada.

Em geral, somos, facilmente, tentados a considerar a desventura como provação de Deus e, talvez, imerecida. Mas, quanto mais tivermos avançado, por uma vida cristã, no serviço de Deus, tanto mais compreenderemos o extraordinário valor da cruz. Assim era com Sta.

Isabel.

"Senhor, dizia ela, seja feita a vossa vontade! Ontem era eu duquesa com grandes e ricos castelos; hoje, eis-me mendiga e sem me quererem dar guarida. Senhor, se vos houvesse melhor servido no tempo de soberana, se mais esmola tivesse dado por vosso amor, isso agora me encheria de alegria. Infelizmente, assim não aconteceu. Meus filhos nasceram príncipes e princesas, e ei-los aí agora famintos, não tendo nem mesmo palha para se deitarem! Por causa deles, meu coração está repassado de angústias. Hei bem merecido vê-los sofrer e me arrependo, amargamente. Quanto a mim, Vós sabeis, meu Deus, que sou indigna de ser por Vós eleita para a graça da pobreza."

Há, nesta oração, duas coisas a notar : Isabel não é da opinião de que Deus lhe tenha enviado a pobreza como castigo por ter feito pouco pelos miseráveis, mas que a pobreza para ela seja um dom tão generoso e divino que deve envergonhar-se de se haver tornado tão pouco digna desta graça. De outro lado confia ao Senhor que lhe doem os sofrimentos de seus filhinhos inocentes, embora seja ela a culpada, em virtude de seus pecados.

Que gênio esse de Isabel que faz brotar semelhante oração! Como é, pelo contrário, tímido e teimoso, ao mesmo tempo, o nosso coração, quando atacado por provações! Que oração a da nossa Santa, subindo ao céu como incenso, enquanto a nossa a seus olhos é, muitas vezes, como a fumaça malcheirosa duma lâmpada de azeite que se vai mingando! — Oh! sejamos, interiormente, tão firmados em Deus que, também nos maiores sofrimentos, à semelhança de Sta. Isabel, possamos dizer com o Apóstolo S. Paulo :

Quem nos separará, pois, ao amor de Cristo? será a tribulação? ou a angústia? ou a fome? ou o perigo? ou a perseguição? ou a espada? (Rom. 8, 35.)

Pobre

Durante o resto da noite, Isabel permaneceu sentada na igreja, rodeada dos filhinhos e servas, pois sempre era melhor aí do que no chiqueiro do dono da estalagem. Entretanto, a intensidade do frio e a fome de que se queixavam os meninos a obrigaram a sair e ir, novamente, mendigar um abrigo e alguns alimentos. Percorreu por muito tempo, em vão, a cidade, encontrando todas as portas e todos os corações trancados, onde tantas pessoas haviam sido alimentadas, tratadas e curadas por ela. Parecia-lhe receber, cada vez que era rejeitada, uma bofetada no rosto ou uma facada no coração. Qual neblina espessa e fria, deitara-se a desumanidade sobre toda a cidade; todos tinham medo do soberano de Wartburgo.

Não há estado na sociedade que menos tenha que recear, quando as autoridades editam leis opostas ao espírito cristão, do que o clero católico. Em consequência da sábia instituição do celibato, o sacerdote conserva-se mais independente dos homens do que outros que, por causa de suas famílias, são obrigados a guardar muitas conveniências. Assim, foi um padre, muito pobre também que ousou agasalhar a princesa expulsa com os filhinhos, arrostando a ira do landgrave Henrique.

Isabel aceitou a caridade com reconhecimento, embora só lhes pudesse oferecer o sacerdote leitões com palha, tratando-os conforme a sua pobreza. A fim de obter uns mesquinhos alimentos para si e para as crianças, não restou a Isabel senão empenhar algumas joias que trazia consigo no momento em que fora expatriada.

Entretanto, os seus perseguidores, sabendo que ela havia encontrado um asilo embora se não atrevessem a punir o sacerdote, intimaram-lhe a ordem de ir habitar em casa de um dos fidalgos da corte que lhe havia manifestado maior aversão e que possuía, em Eisenach, uma vasta habitação com muitas dependências.

Isabel dirigiu-se, pois, para lá. Porém, em vez de oferecer à pobre princesa um cómodo decente e tornar-lhe assim mais suportável a triste situação, o dono da casa não corou de

designar-lhe um cantinho estreito no qual a encerrou com os seus, recusando-lhes todo e qualquer alimento e combustível para se aquecerem.

A pobre senhora passou a noite nesse lugar indigno, sempre desolada pelo aspecto dos sofrimentos dos filhinhos, atormentados pela fome e pelo frio rigoroso.

No dia seguinte, de manhã, não quis mais ficar naquela pousada tão inóspita; pois, pior não podia ser em parte alguma. Ao retirar-se, agradeceu às muralhas nuas o abrigo que, durante a noite, lhe haviam dado contra a chuva e o vento, e acrescentou :

"Do íntimo do meu coração, bem quisera agradecer aos vossos donos, mas, na verdade, não sei de que."

Porém, para onde dirigir-se? Ao bom sacerdote não podia voltar, porque o regente não permitiria; outra pessoa que a recebesse não havia na cidade. Não lhe restou, portanto, outra escolha senão tornar a ir para o asqueroso asilo da taverna, onde tinha passado a primeira noite: era o único que os inimigos não lhe invejavam.

Os mundanos estimam, extraordinariamente, as casas, bem confortadas, e muitas famílias sentem-se fidalgas e mais do que as outras pelo fato de residirem em palacetes bem arranjados e habitáveis. Consideram o cômodo em que moram, como o vestido ou até a própria pessoa. Em Eisenach, porém, há uma mulher num estábulo, onde pouco antes haviam vivido animais impuros, exposta ao frio, e, não obstante, não existia então palácio real na terra nem salão de gala que, aos olhos de Deus, fosse tão nobre e belo como aquele chiqueiro, em virtude da presença de Sta. Isabel.

Uma das causas de sua extrema pobreza fora a sua grande misericórdia para com os necessitados. Pois, em Wartburgo justificavam o tratamento desumano que lhe haviam dado, dizendo ter sido ela a dissipadora dos seus bens e corrutora das finanças. Ora, uma princesa num estábulo, sem mesa nem cadeira, sem fogão nem leito, pobre por haver sido misericordiosa para com os pobres — eis o que é nobre e generoso aos olhos de Deus !

Sim, os caminhos do Senhor são admiráveis. Quantos abastados Deus não já castigou com a pobreza, porque deixaram de usar de misericórdia! Isabel, porém, tornou-se pobre e paupérrima, graças à misericórdia que praticara; era, para assim dizer, a coroa de suas obras boas esse sofrimento amargo, à semelhança de Job e de Tobias, que viram também coroada, pelos sofrimentos, a sua caridade extraordinária. E como Job, sofrendo, agradou a Deus mais do que quando benfazia à humanidade, assim, com certeza, Isabel era alvo de maior complacência divina no chiqueiro de Eisenach do que na sala dos avoengos do castelo de Wartburgo. Lá, pois, a semelhança com Jesus Cristo, também exteriormente, chegara ao ponto de poder dizer com o Salvador :

As raposas têm tocas e as aves do céu ninhos; porém, o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. (Mat. 8, 20.)

Nuvem escura

Sta. Isabel, em relação à sua pessoa, de boa vontade sujeitava-se à mão de Deus cuja Providência lhe enviara a pobreza e a ignomínia, agradecendo-lhe até de coração sincero; porém, uma mãe qualquer é mais sensível para seus filhos do que para si própria; que não seria uma mãe da qualidade de Sta. Isabel?

O constante aspecto dos pobres filhinhos que tanta fome, tanto frio e outras misérias tinham que suportar, e a impotência de satisfazer-lhes a necessidade de alimentar-se e de enxugar-lhes as lágrimas, para o coração amável da jovem mãe era uma cruz imensamente pesada, principalmente quando o raio do sol da consolação celeste escondera-se-lhe atrás das nuvens.

As mães que lêem este livro serão capazes de imaginar a dor de ter uma criança de

peito, com poucas semanas de nascida, naquele frio excessivo de inverno europeu, sem saber onde repousar e sem possuir uma só faísczinha para aquecer um pouco d'água.

Nessa penúria, tendo sempre perante os olhos a miséria dos três pequenos, surgiram tentações contra a fé na alma da viúva abandonada. Vieram-lhe dúvidas se existia o amor de Deus, e do coração atormentado, lhe terá subido ao céu, repetidas vezes, esse grito queixoso: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?"

E não é de admirar, pois não há quem seja completamente perfeito, sem nenhuma fraqueza humana. Quem se escandaliza com isso mostra que não se tem esforçado ainda para chegar à perfeição e, portanto, não conhece a dificuldade de obtê-la.

Isabel, porém, absolutamente não se manifestou vacilante nestes ataques diabólicos, antes procedeu como o deve proceder. Ser tentado não é pecado; ao demônio nem foi vedado aproximar-se do próprio Salvador. Isabel nunca consentiu nas tentações, nunca abandonou-se à desconfiança para com Deus e ao descontentamento. Pelo contrário, semelhantes ataques não eram, para sua alma piedosa, senão tormentos novos porque a luta com esta espécie de tentações às vezes, torna-se renhida e, além disso, sempre a deixava na dúvida, se, por falta de vigilância e oprimida pela aflição, não lhes tivesse dado espaço, por um momento.

Contudo, assim não podiam continuar as crianças. Isabel que havia acolhido e sustentado tantos órfãos, tantos pobres meninos abandonados sobre os quais derramara os mais abundantes tesouros de sua misericórdia e a quem havia servido da terna mãe, via-se agora forçada a separar-se dos próprios filhos; a fim de os não condenar, em tão tenra idade, à nudez e à miséria a que ela estava reduzida, forçoso lhe foi sacrificar a última consolação humana.

Algumas pessoas de confiança, sabendo da sorte a que ela estava reduzida, ofereceram-se-lhe para tomar conta dos filhos, oferecimento que foi obrigada a aceitar, sob pena de os pôr a morrer de fome pela extrema penúria de recursos. Desta forma substituiu-se-lhe uma dor por outra: o aspecto das crianças a sofrer pela separação dos que tanto amava. O seu coração de mãe, com certeza, sangrou, por muito tempo ainda, em consequência desse apartamento violento. Afinal, porém, a chaga cicatrizou: tornou a entrar-lhe na alma a amabilidade de Deus, enchendo-a de paz e sossego.

Já no exterior, a vida humana assemelha-se a uma viagem através de regiões inteiramente desconhecidas. O viajor nunca sabe o que lhe trarão os próximos passos, se achará um bom tesouro ou se um animal venenoso lhe porá em perigo a vida.

Assim não sabemos, ao princípio do ano ou do dia, o que nos sucederá no decorrer do mesmo nem o que será de nós no fim. Isabel, por exemplo, havia poucos meses, nem imaginava que, tão cedo, seria viúva, expulsa de casa e separada dos filhos por falta de alimento.

Mas, também interiormente, abstraído das circunstâncias exteriores, o homem tem os seus dias negros; mesmo os maiores Santos nem sempre tinham o céu claro e alegre, enquanto estavam ligados à vida terrestre. Assim, na primeira noite da maior tribulação, manifestava-se a magnificência do Espírito Santo no coração de Isabel, de forma que transbordava de santa alegria, desabafando-se pelo canto do *Te-Deum*. Dias depois, porém, os cuidados e os sofrimentos atacavam-lhe a alma, sem que lhe tivessem mudado as condições.

Estes contratempos são essenciais à vida cristã; ora Deus nos convida e anima a servi-lo, ora requer o nosso serviço no meio de aflições. E é, precisamente, na falta de consolo que a alma lucra e progride mais, quando tem que lutar contra a tentação da desconfiança e da pusilanidade, renovando, todos os dias e todas as horas, o ato de resignação: É isto mesmo que eu quero e que me basta: cumprir a vontade de Deus e sofrer.

Meu filho, quando entrares no serviço de Deus, tem-te firme na justiça e no temor, e prepara tua alma para a tentação. Humilha teu coração e sofre: não te apresses no tempo da escuridão. Sofre as tardanças de Deus; conserva-te unido a Deus e espera, para que a vida no fim se te prolongue. (Eclo. 2, 1-3.)

Empurrada

Tranquila sobre a sorte dos filhos, Isabel ficou inteiramente resignada quanto à própria . Depois de vender ou empenhar todos os objetos preciosos que possuía, inclusive a aliança nupcial, tratou de ganhar o seu sustento fiando. Mas, posto que caída em tão profunda miséria, nunca pôde deixar de aliviar as necessidades alheias: sempre poupava alguma coisa do seu parco alimento para dar de esmola aos pobres que encontrasse . Outrora dera em abundância, agora eram apenas uns bocados de pão ou algumas moedas insignificantes . Estas, porém, não tinham menos valor do que o óbulo da viúva do Evangelho que, aos olhos do Senhor, valia mais do que o ouro e a prata que deitaram, abundantemente, no cofre de esmolas, os ricos fariseus .

Na igreja de Sta. Isabel em Breslávia, ainda hoje se guarda uma bengala de que a nossa Santa se servia, não para nela apoiar-se, mas para defender-se dos cães, havendo ainda na parte inferior da mesma bengala, sinais de dentes caninos. Daí se deduz que andava bastante mal vestida, pois os cães, em geral, atacam de preferência os mendigos e outras pessoas esfarrapadas, assemelhando-se, neste sentido, a muitos empregados e até patrões.

A filha de reis e soberana reduzira-se, pois, em sua antiga capital, a uma pobre jornalista que vivia do seu trabalho manual. Era de supor que fosse impossível humilhação mais profunda ainda; não obstante, porém, experimentou, nessa época, um tratamento, ao que parece, mais insuportável ainda do que quanto até então lhe tinha sucedido. Julgamos necessário advertir que semelhantes casos são fidedignos, porque as servas os relataram sob juramento, existindo ainda impressos os seus relatórios jurados.

Numa das ruas de Eisenach, corre um regato lodoso, à margem do qual moravam então, como hoje ainda, os cortidores. Para dar passagem aos transeuntes havia grandes pedras deitadas n'água. Um dia, como Isabel quisesse atravessar o regato, da outra banda veio uma velha mendiga que, por muito tempo, fora objeto da generosidade e dos solícitos cuidados da duquesa, hoje mendiga. Ao invés de esperar até que Isabel saltasse em terra, a velha, caminhando, ao mesmo tempo, sobre as pedras, não lhe quis ceder o passo e, empurrando rudemente a pobre e débil duquesa, fê-la cair, ao comprido, naquela água infecta. Depois, juntando a zombaria a essa brutal ingratidão, exclamou :

"Bem feito! Não quiseste viver como duquesa, quando duquesa eras, agora eis-te pobre e estendida na lama; não serei eu quem te levante daí!..."

O divino Salvador disse que era preciso tornarmo-nos como as crianças, se quiséssemos entrar no reino dos céus, referindo-se ao caráter humilde das crianças. Se, porém, o menino da melhor índole e mais inocente fosse assim tratado e, propositalmente, empurrado para dentro daquela água imunda, perderia a paciência, gritando, fortemente. Mas, que fez a duquesa? Deixou-se, por ventura, arrastar pela inesperada e inaudita injúria à ira momentânea? Não. Isabel sobressaiu, em resignação e humildade, à melhor criança. Em lugar de repreender a mulher, como teria feito qualquer outra pessoa, deu-lhe razão, por assim dizer. Enquanto se levantava, toda molhada e enlameada, sorriu, dizendo :

"Isto vale bem as pedrarias e o ouro que eu trajava outrora".

Depois, cheia de resignação e de ingênua alegria, foi lavar os vestidos sujos de lama, na água limpa que, proximamente, havia.

Quão formosa Isabel devia parecer aos espíritos celestes naqueles farrapos miseráveis e desasseados! A alma tornara-se-lhe tão limpa de manchas humanas como o raio do sol que, também na lama, não fica contaminado. Dela vale o que S. Paulo diz de si e dos mais apóstolos:

Porque entendo que Deus nos expôs como os últimos aos apóstolos, como destinados à morte; pois se estamos dados em espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens. (1. Cor. 4. 9.)

Vida interior

Perto do lugar onde nasci, vivia um velho coveiro. Era surdo, mas julgava ouvir, interiormente, sons harmoniosos, de forma que declarava preferir ficar com a surdez, caso alguém lhe quisesse restituir o ouvido sob a condição de perder o gozo daquela música.

Coisa semelhante lê-se na vida dos Santos: quanto mais surdos e cegos estavam para o mundo, quanto mais se lhes desprendia a alma do apego das coisas mundanas, tanto mais abria-se-lhes, ainda cá na terra, interiormente, um mundo novo e mais belo, princípio da vida celeste.

Este fenômeno encontramos também na vida de Sta. Isabel. Perdido o gosto das criaturas, em consequência dos sofrimentos, necessidades e ignomínias, e não aspirando o seu coração senão o amor divino, muitas vezes era favorecida por Deus com visões, revelações e consolos sobrenaturais.

Num dia da quaresma, como fosse assistir à Missa e se ajoelhasse na igreja, de repente prostrou-se de encontro à parede, permanecendo, por muito tempo, como que absorta e elevada acima da vida temporal, em contemplação profunda e com os olhos imóveis e fixos dirigidos ao altar, até depois da comunhão.

Finda a Missa, voltou para sua mesquinha habitação, tomou uma pequena colação e, sentindo-se extenuada de fraqueza e cansaço, deitou-se sobre um banco em frente da janela, repousando a cabeça no colo de sua fiel serva Isentrude.

Julgou a serva que a duquesa estivesse enferma e quisesse dormir, mas esta, permanecendo deitada, conservava os olhos abertos e encarava, fixamente, o céu, através das janelas do aposento. Em seguida, animou-se-lhe o rosto; um doce e terno sorriso avivou-lhe os lábios. Uma hora depois, cerraram-se-lhe os olhos e derramaram abundantes lágrimas; pouco a pouco reabriram-se e o sorriso reapareceu. Assim alternavam-se a alegria e a tristeza até a noite, parecendo, entretanto, sobressair a alegria.

Até então conservara-se calada; afinal pronunciou estas palavras :

"Sim, Senhor, se quereis estar comigo, quero estar convosco e jamais me separarei de Vós."

Isentrude que era muito querida e íntima da duquesa, suplicou-lhe que dissesse com quem falara. Isabel, sempre cheia de humildade, procurou ainda ocultar as graças que de Deus acabava de receber. Enfim, cedendo às instâncias, disse : "Vi o céu entreaberto, e meu Senhor, o misericordiosíssimo Jesus, dignou-se descer a me consolar nas tribulações que me oprimem. A vista de meu divino Salvador foi que mostrei alegria e sorriso. Algumas vezes desviava o rosto, como se quisesse retirar-se; então chorava. Tendo piedade de mim, voltou ainda o olhar celeste para mim, dizendo: "Isabel, se queres estar comigo, ficarei contigo e nunca hei de separar-me de ti." E lhe respondi o que já sabes."

Isentrude desejou então saber que visão a patroa tivera na igreja; Isabel, porém, replicou:

"Não tenho direito de contar o que Deus me revelou; mas não te posso ocultar que o meu espírito foi inundado da mais suave alegria, e que o Senhor permitiu-me ver, com os olhos da alma, admiráveis segredos."

Como as abelhas saem em busca do precioso mel, assim os pensamentos de Isabel voavam, dia e noite, para Deus e os Santos no céu donde traziam graças e ideias superiores. Durante as devoções, ela tinha muitas revelações e visões celestes que, porém, procurava ocultar quanto podia, dizendo que era preciso acautelar-se para que não se introduzisse uma espécie de soberba, como escreve o Apóstolo S. Paulo, a fim de que a grandeza das revelações não me torne vaidoso.

De outra parte, porém, há muitas graças e revelações que servem para edificar os homens, pelo que grande número de pessoas santas foram obrigadas a revelar, oralmente ou por escrito, as visões que tiveram, como por exemplo Sta. Teresa.

Mas a nossa conversação está nos céus, aonde também esperamos o Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo (Fil. 3, 20.)

A Mãe de Deus

É quase impossível que o cristão, cumpridor de seus deveres para com Jesus Cristo, não veja e ame também aquela que de todas as criaturas é a mais próxima de Jesus a quem o próprio Anjo Gabriel saudou dizendo: "O Senhor é convosco !" e que, agora, com o Salvador está tão unida como nenhum dos anjos da mais alta categoria. Assim, quanto mais aumentava em Isabel o amor a Jesus e quanto mais amada era por Jesus, tanto menos podia ficar excluída dessa amizade a Mãe do Senhor. Nós cristãos confessamos a comunicação dos Santos; é por isso que a bendita Virgem Mãe de Deus deve participar do amor que a alma dedica ao Senhor e com que é amada por Ele.

Nos anais dos franciscanos, conta-se que Isabel tivera muitas visões e comunicações da Mãe de Deus. E, numa biblioteca de Bruxelas, conserva-se um antigo manuscrito, com o título de *História de Sta. Isabel*, de cuja tradução reproduzirei aqui diversos pontos.

I. Revelação da Santíssima Virgem Maria

Na véspera de Natal, quando Isabel concentrava os pensamentos na grandeza de Maria Santíssima, esta lhe apareceu e disse:

"Quero ensinar-te todas as orações que eu fazia durante a minha estadia no templo... Pedia a Deus que me ensinasse a amá-lo e a odiar os meus inimigos, isto é, os pecados e os vícios. Não há virtude sem este amor absoluto de Deus pelo qual a plenitude da graça desce à alma, porém não permanece e se escoia como água, se não odeia os seus inimigos, quero dizer, os pecados e os vícios. Quem, pois, quiser conservar esta graça do céu, deve saber coordenar no coração esse amor e esse ódio.

Por isso quero que faças tudo quanto eu fazia. Levantava-me à meia-noite e ia prostrar-me a pedir a Deus que me concedesse a graça de observar todos os mandamentos de sua lei, e também as graças de que necessitava para lhe ser agradável. Pedia-lhe sobretudo que me deixasse ver o tempo em que havia de viver a Virgem Santíssima que devia conceber o seu Filho, a fim de que eu pudesse consagrar todo o meu ser em servi-la e em venerá-la."

Isabel interrompeu-a para lhe dizer :

"Oh! dulcíssima Senhora! não éreis então cheia de graças e virtudes ?"

Mas a Santa Virgem lhe respondeu :

"Fica certa de que me julgava tão culpada e miserável como tu te julgas; eis aí por que eu suplicava a Deus que me concedesse a sua graça."

"O Senhor, disse-lhe, uma noite, a Mãe de Deus, fazia de mim o que o músico faz da sua harpa, afinando-lhe todas as cordas para darem sons agradáveis e harmoniosos, e, em seguida, toca-a, acompanhando-a com o canto. Assim Deus havia-me harmonizado a alma, o coração, o espírito e todos os sentidos com a sua vontade.

Regida assim pela sua sabedoria, era levada pelos anjos até o seio de Deus, onde gozava de tanta alegria, de tanta consolação que não me lembrava, se tinha vivido, um só dia, neste mundo. E era, além disso, tão familiar com Deus e com os anjos que me parecia ter residido sempre nesta corte gloriosa.

Depois, quando aprazia a Deus Pai, os anjos me transportavam de novo ao lugar onde havia estado. Só esta lembrança me inflamava em tal amor de Deus que eu abraçava a terra, as pedras, as árvores e todas as coisas criadas como prova de afeição ao Criador.

Desejava ser a serva de todas as mulheres que habitavam no templo; aspirava a

submeter-me a todas as criaturas, em prova do meu amor pelo Pai Supremo, e isto me acontecia incessantemente. Tu devias fazer o mesmo."

II. Como as virtudes não podem ser adquiridas sem trabalho

Algum tempo depois, estando Isabel em fervorosa oração, Maria Santíssima lhe apareceu de novo e disse :

"Minha filha, crês, talvez, que eu houvesse recebido todas estas graças sem nenhum trabalho da minha parte, porém não foi assim. Pelo contrário, eu te digo que não recebi de Deus uma só sem muitas penas, sem oração contínua, desejo ardente, profunda devoção, muitas lágrimas e provações, esforçando-me, quanto me era possível, para agradar-lhe em palavras, obras e pensamentos, exceto só aquela graça pela qual fui santificada no seio de minha mãe. Fica certa que nenhuma graça desce à alma que não seja por meio da oração e da mortificação do corpo.

Logo que damos a Deus tudo quanto podemos, por pouco que seja, Ele desce a nossa alma, trazendo consigo esses dons supremos que a fazem desvanecer-se e lhe tiram a memória de tudo o que tem feito de bom por Deus. Mais que nunca ela se considera vil e desprezível a seus próprios olhos. E que deve fazer então? Dar, devotamente, graças a Deus por seus favores.

Quando Deus vê que ela se humilha e Lhe é grata, faz-lhe promessas tão altas que transcendem, infinitamente, todos os seus votos secretos. Foi assim que procedeu comigo, quando me enviou o Arcanjo S. Gabriel.

Que fiz então? Ajoelhei-me e, juntando as mãos, disse: Eis aqui a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra !

Então Deus me deu seu Filho e os sete dons do Espírito Santo. E sabes por quê? Porque cri em sua palavra e me humilhei diante do Senhor.

Digo-te estas coisas, minha filha, porque quero que te corrijas de tua falta de fé e de esperança. Quando o Senhor te fizer alguma promessa, repete o que eu disse: "Eis aqui a serva do Senhor", e permanece na fé firme e na esperança da promessa, até que esta se cumpra. Se, porém, por acaso, não se cumprir, dize: "Cometi alguma falta contra Deus pela qual desmereci o que me havia prometido; pois, só pelo merecimento duma grande fé, adquire-se a vida eterna, e quem não possui a fé, perde-a."

Outra vez, Isabel suplicava ao Senhor que lhe desse a graça de O amar de todo o coração. A Santíssima Virgem apareceu-lhe ainda e lhe perguntou :

"Quem é que ama a Deus? Tu, por ventura, O amas ?"

A humilde Santa não se atreveu a afirmá-lo nem o queria negar.

Enquanto hesitava na resposta, Maria continuou :

"Queres que te diga quem é que O ama? O bem-aventurado Bartolomeu O amou, o bem-aventurado João e o bem-aventurado Lourenço O amaram; queres imitá-lo e deixar-te queimar viva?"

Isabel não respondeu e Maria prosseguiu :

"Em verdade te digo se consentires em despojar-te de tudo o que te é caro, precioso ou amável, até da própria vontade, obterei para ti o mesmo mérito que teve S. Bartolomeu, quando o esfolaram. Se, pacientemente, suportares as injúrias, terás o mesmo mérito que S. Lourenço, quando foi queimado. Se te calares quando te repreenderem e injuriarem, terás o mesmo mérito que S. João, quando quiseram envenená-lo: e eu estarei sempre contigo para te ajudar e fortificar."

E, terminando, disse :

"Queres saber por que as virtudes não são repartidas aos homens com igualdade? Porque uns não sabem pedi-las com tanto cuidado como os outros. Por esta razão, Deus quer que aquele que é desprovido delas seja ajudado por aquele que as possui. E eu quero que saibas orar com fervor e devoção, não só por ti como pelos outros."

Eu sou a mãe do amor formoso e do temor e do conhecimento e da santa esperança.
(Eclo. 24, 24.)

Visões

Um dia em que Isabel sofrera de seus perseguidores uma afronta tão cruel que sua alma, ordinariamente tão paciente, ficou desconsertada, procurou consolo na oração. Chorando muito por todos aqueles que a tinham insultado, pedia ao Senhor conferisse, por cada uma das injúrias, um benefício a seus opressores.

Como se fatigasse muito, orando assim, ouviu uma voz que lhe disse :

— Nunca me hás feito súplicas tão agradáveis como estas; elas têm penetrado até o fundo do meu coração. E por isso, eu te perdoo todos os pecados que tens cometido em toda a tua vida, por palavras e obras.

E a voz começou a enumerar-lhe os pecados um a um, dizendo-lhe cada vez: Eu te perdoo tal e tal pecado.

Isabel, admirada, exclamou :

— Quem sois Vós que me falais assim ? Ao que a mesma voz respondeu :

— Eu sou aquele aos pés de quem Maria Madalena foi ajoelhar-se em casa de Simão, o leproso.

E, como refletisse sobre o caminho que devia tomar diante de Deus, respondeu-lhe o Senhor :

— Espera em Deus e pratica o bem.

Quando ela, um dia, derramava abundantes lágrimas por causa de seus pecados, apareceu-lhe o divino Consolador e disse :

Não mais te aflijas, caríssima filha, pois todos os pecados te são perdoados; em todos os membros de meu corpo padeci pelos pecados com que ofendeste o teu Criador. Ofendeste-O com as mãos: as minhas mãos e os meus pés foram pregados na cruz; ofendeste-O com a cabeça: a minha foi coroada com uma coroa cujos espinhos fizeram brotar o sangue de todas as partes; ofendeste-O com os olhos: os meus foram vendados e batidos pelos algozes; ofendeste-O com os ouvidos: com os meus fui obrigado a escutar a voz dos blasfemadores; ofendeste-O com a língua: a minha foi martirizada pelo amargor do fel e a acrimônia do vinagre; ofendeste-O com a face: a minha eu a ofereci às pancadas dos carrascos; ofendeste-O com o coração: o meu foi perfurado pela lança; ofendeste-O com o corpo: o meu foi dilacerado por flagelos. Não achas, pois, que tenho dado a devida satisfação pelos teus pecados? Por ti sofri, por ti padeci.

Outra vez que Isabel orava com fervor, viu, com os olhos do espírito, uma resplandecente e alva mão, extremamente descarnada, com os dedos muito compridos e delicados e, no meio da palma, uma cicatriz profunda.

Por este último sinal conheceu a mão de Cristo, e, admirada por vê-la tão macilenta e magra, ouviu dizer as palavras:

É porque eu passava as noites na vigília e na oração, e os dias percorrendo as cidades e os campos, pregando o reino de Deus.

E a voz acrescentou:

Sabe, caríssima filha, que estás purificada de todo o pecado.

Se estou assim santificada, perguntou Isabel, por que não posso cessar de vos ofender ?

Não te santifiquei, foi a resposta, a ponto de não poderes mais pecar; mas, dei-te a graça de me amar, de forma que preferes morrer a cometer um pecado.

Agora, que é que se deve dizer a respeito dessas visões e aparições?

Certo é que à revelação de Deus propriamente dita elas não devem ser igualadas. Tivesse, pois, alguém visões contraditórias a um só ponto da doutrina cristã ou da Igreja, e seria sinal de que elas não tinham vindo de Deus e são rejeitáveis. Porque há visões que são filhas do estado doentio do sangue ou dos nervos; podem provir até do próprio demônio transformado em anjo da luz. Assim não têm valor algum as visões de pessoas que não se distinguem pela vida pura, humildade, espírito de penitência e amor de Deus.

Se, porém, uma pessoa, por meio de mortificações de longos anos, meditação e trato interior com Deus, chegou a certo grau de santidade e, neste estado, é considerada digna de ter visões, estas, às mais das vezes, são sobrenaturais, e a própria alma não se pode produzir; são iluminações, inspirações, admoestações, consolações dum mundo superior. Avistam os habitantes do céu, conversam com eles, são insinuadas, animadas e instigadas a progredirem na perfeição. Ordinariamente, semelhantes visões não são senão espirituais; desenrolam-se no interior da alma sem que, exteriormente, sejam perceptíveis.

Entretanto, assim como nem todos os pensamentos das pessoas santas são inspirações divinas, também nem todas as suas visões são de Deus. É por isso que ninguém é obrigado a crer em tais visões. Se a Igreja Católica, coluna e base da verdade, se externa sobre elas, não o faz senão declarando não haver coisa alguma que seja contrária à doutrina da Igreja, sem querer constranger ninguém a dar-lhes crédito.

Que, porém, há visões em que a alma, realmente, tenha comunicações divinas e perceba pessoas celestes, prova-o a Sagrada Escritura, do antigo assim como do novo Testamento.

Mas, Estêvão, como estava cheio do Espírito Santo, fitando os olhos no céu, viu a glória de Deus e disse : Eis que estou vendo os céus abertos, e o Filho do Homem que está de pé, à direita de Deus. (Act. dos Apóst. 7, 55.)

Solidão

Atualmente, quando, em qualquer lugar, um príncipe ou uma princesa parte para uma estação de águas ou, terminada a estação, regressa para sua residência, os jornais trazem, imediatamente, a notícia desse acontecimento. Há sete séculos, porém, não se conheciam jornais, nem sequer, por meio de cartas, podia-se comunicar com os conhecidos a não ser que se despendesse avultada quantia em enviar um mensageiro.

Assim passou-se bastante espaço de tempo até que os parentes de Sta. Isabel soubessem quão indignamente ela fora tratada e em que condições vivia.

O fato de que uma princesa de nascimento tão ilustre e ligada às mais poderosas casas do império havia sido reduzida a mendiga não podia deixar de excitar a compaixão e a intervenção de sua família, logo que fosse conhecido.

À duquesa-mãe parecia isso, e com razão, uma vergonha para toda a sua casa, pelo que envidou os maiores esforços com seus filhos para aliviar a sorte da pobre Isabel; mas, como não fosse atendida, não lhe restou senão mandar, secretamente, referir tudo a Mectilde, abadessa das beneditinas de Kitzingen, tia de Isabel, irmã da rainha da Hungria, sua mãe.

Já era outubro e nove meses depois da expulsão de Isabel, quando a piedosa princesa soube da miséria de sua sobrinha. Traspassada de dor ao ouvir a triste narração, mandou, imediatamente, algumas Religiosas de seu mosteiro com duas carruagens a Eisenach, levando ordens de conduzir a jovem viúva abandonada para a abadia.

As Religiosas a encontraram na igreja, seu lugar predileto, onde se achava absorta em oração cuja resposta talvez fosse o convite que lhe traziam as emissárias da tia; pois, às vezes, Deus atende, sem demora a uma oração bem feita, mandando, imediatamente, socorro e consolo à alma aflita e necessitada.

Entretanto, a providência da tia não só pôs termo aos sofrimentos desumanos de Isabel,

— semelhante mudança, talvez nem a desejasse, em vista do seu grande amor à pobreza, - mas livrou-a também de uma preocupação extraordinária e opressora. A abadessa exigiu que viesse em companhia de seus filhos que tanto amava. Destarte tinha a agradável esperança de revê-los e permanecer com eles; pelo que aceitou o oferecimento ao qual os perseguidores não se atreveram a opor-se, e viajou, através das vastas florestas e das montanhas que separam a Turíngia da Francônia, para a cidade de Kitzingen sobre o Meno.

Se conhecêssemos todos os pensamentos e ideias que Isabel teve durante esta viagem longa pelas florestas, e que se acham inscritas no livro da vida, julgaríamos ver um nobre, silencioso bosque que o sol abençoa com seus raios e sobre o qual desliza a branda aragem. O coração perseguido e fatigado estava salvo do espinheiro de Eisenach; a pobre mãe que tantas saudades tivera dos filhinhos, descansava, afinal. Com certeza foram horas e dias bem-aventurados esses em que ela viajava por aquelas regiões estranhas; cercavam-na entes amáveis : Religiosas cuidadosas, seus filhos havia tanto tempo perdidos, a solidão da floresta e, sobretudo, o Senhor seu Deus.

Louvar-te-ei, Senhor Deus meu, de todo o meu coração, e glorificarei o teu nome, eternamente: porque a tua misericórdia é grande sobre mim, e livraste minha alma do inferno inferior. (Salmo 85, 12-13.)

No mosteiro

Quem viaja por mar, em frágil navio, joguete das ondas, de dia e de noite, além do perigo, torna-se vítima do aborrecido enjoo. Entrado, porém, numa enseada ou porto seguro contra os temporais, um sentimento de bem-estar invade-lhe a alma: foge o enjoo, passa-se o perigo e os viajantes abandonam-se ao repouso há tanto tempo anelado.

Ora, o que é o porto para os marinheiros à hora da tempestade, é o convento para muitos que, no mundo, viveram uma vida agitada e tempestuosa. Há quem, pela primeira vez, sintam-se bem no silêncio duma casa religiosa, não trocando, por preço algum, a vida do mosteiro pela vida desassossegada do mundo.

Que consolação devia, pois, proporcionar a Isabel a esperança de achar agasalho num mosteiro!

Após uma vida cheia de peripécias, perseguida e maltratada de maneira incrível, haveria de fruir algum tempo de paz e de descanso.

A abadessa recebeu-a com bondade materna, derramando ardentes lágrimas ao lembrar-se da miséria de que a sobrinha fora vítima, e deu-lhe um aposento digno de sua hierarquia, naquele rico mosteiro. A boa Religiosa empregou todos os meios de lhe fazer esquecer as cruéis dores da alma e do corpo que a acabrunhavam.

A jovem duquesa, porém, encontrava a sua mais doce consolação na vida monástica e, muitas vezes, patenteava o desgosto que tinha de que o cuidado dos filhos lhe embargasse submeter-se à Regra de S. Bento, na qualidade de simples Religiosa.

O espírito de misericórdia, porém, também ali não a deixou em paz. Na cidade de Kitzingen, o mosteiro edificara um hospital que, para Isabel, tornou-se logo um lugar tão atraente que saía, todos os dias, para cuidar do corpo e da alma dos enfermos.

A nossa Santa esteve cerca de dois meses no mosteiro, quando Egberto, príncipe-bispo de Bamberg, irmão da abadessa Mectilde e, por conseguinte, tio materno de Isabel, convidou-a para ir residir em seus Estados. Parece que o prelado só teve notícias das desgraças da sobrinha depois de sua chegada a Kitzingen, e foi da opinião de que sua residência prolongada no mosteiro, com a família, não convinha nem à sua posição nem às constituições de uma casa religiosa. Ofereceu-lhe, pois, hospedagem no castelo de Bodenstein, montando-lhe uma casa da qual pudesse dispor à vontade. Isabel para lá foi com seus filhos e suas fiéis servas, Isentrude e

Guda.

A abadessa Mectilde já havia passado por muita dor e aflição. Seu irmão Henrique estava proscrito e vivia no estrangeiro, por haver coparticipado na morte do rei Filipe que fora sogro de outro irmão seu, o duque Oton. Sua irmã Gertrudes, mãe de Sta. Isabel, fora assassinada. Outra irmã sua, Inês, vivera sete anos em união pecaminosa com Filipe Augusto, rei da França, enquanto era viva sua mulher legítima. Havia pouco tempo, dilacerara-lhe o coração a notícia da expulsão de Wartburgo da sua pobre sobrinha Isabel de cuja presença também foi privada, após dois meses de agradável convivência.

Em recompensa, porém, de tantas aflições provenientes da própria família, Mectilde alcançou ainda, vinte anos depois da morte de Isabel, a solene canonização desta, em Roma. Em regozijo, a piedosa abadessa mandou erigir, junto à entrada do mosteiro, uma capela em honra de Sta. Isabel que foi benta pelo príncipe-bispo de Würzburgo. Esta capela, cerca de trezentos anos depois, foi destruída na guerra dos camponeses, na época da reforma, juntamente com parte do convento; porém, imperecível é a morada onde agora a venerada e a veneradora, Isabel e sua tia Mectilde, vivem, com certeza, juntas, por toda a eternidade.

Encontrarei paz na minha amargosíssima aflição, e tu livraste minha alma para ela não perecer. (Isaías, 38, 17.)

Romarias

No castelo de Bodenstein onde Isabel foi instalada pelo tio, o príncipe-bispo de Bamberg, em companhia de suas duas fiéis servas, continuava a santa duquesa, noite e dia, os seus exercícios de piedade. Um sacerdote, destinado para este fim, encarregou-se da capelania do castelo. Daí Isabel empreendeu diversas romarias.

A vida religiosa, como a sensitiva, exige, às vezes, uma certa variação pela qual se sente outra vez animada e instigada. É por este motivo que a Igreja introduziu as diversas festas e solenidades, como o Advento com o Natal, o jejum com a Páscoa, Pentecostes, etc., para apresentar à cristandade, todos os anos, sucessivamente, os mais importantes acontecimentos e verdades da religião e provocar-lhes a respectiva devoção.

Assim, há pessoas que se sentem mais sensivelmente edificadas visitando, de vez em quando, uma igreja que não têm costume de frequentar. Principalmente escolhem para este fim igrejas onde se veneram imagens milagrosas. Crêem, pois, que, assim como, em certas épocas, distribuem-se mais graças, o mesmo se faça em certos lugares, com especialidade onde a Mãe de Deus ou outros Santos costumam ser venerados e onde milhares de romeiros unem as suas orações, desde muitos séculos.

Os protestantes julgam isso superstição, porque, desde pequenos são vítimas dos mais absurdos preconceitos de tal forma enraizados que, só raras vezes e com grandes dificuldades, conseguem livrar-se deles.

Entretanto, a Igreja Católica não prescreve as romarias; quem, pois, não as quer fazer, seja tolerante para com os que, com seriedade religiosa e boa fé, as fazem. O romeiro piedoso, ordinariamente, encontra animação, consolo e bênção, regressando fortificado para reassumir o trabalho e o peso de seus afazeres. Os numerosos ex-votos nas "casas dos milagres" são testemunhas do reconhecimento daquelas pessoas cuja fé e súplicas foram atendidas, às vezes até de modo milagroso. Considerar fraude e engano todos esses socorros sobrenaturais, obtidos e proclamados por grande número de fiéis, seria querer extinguir e assassinar a verdade à força.

Duas vezes Isabel foi a Erfurt, cidade célebre pela quantidade e beleza de seus monumentos religiosos. Quem poderia censurar à piedosa mártir este prazer religioso? Lá escolheu, para sua habitação, um convento de moças arrependidas, chamadas *damas brancas*, e passou muitos dias em retiro absoluto. Ainda hoje se conserva, no mosteiro das ursulinas que

substituíram as penitentes, um copo no qual a nossa Santa costumava beber.

Foi também visitar o castelo dos seus antepassados maternos em Ândex, situado sobre uma eminência vizinha dos Alpes que separam a Baviera do Tirol. Este castelo antigo e formoso acabava de ser transformado, pelo margrave Henrique de Ístria, outro tio de Isabel, em um mosteiro de monges, onde, dia e noite, eram cantados hinos de louvor a Deus, oferecido o santo Sacrifício da Missa e anunciada a palavra divina, farol espiritual cuja luz iluminava a circunvizinhança. Com sua presença, veio Isabel associar-se à piedosa fundação.

Conservam-se ali ainda alguns objetos procedentes de Isabel: o seu vestido nupcial e uma pequena cruz de prata, contendo relíquias dos instrumentos da Paixão de Jesus Cristo, presente do Papa Gregório IX.

Ao pé do monte, existe uma fonte tão abundante que nunca se exaure, mesmo nos anos das maiores secas, e dotada, além disso, de muitas qualidades salutares. Reza a tradição que Isabel, por suas orações, fez nascer essa fonte.

Mais tarde, tendo desaparecido a religiosidade e o espírito da justiça, fizeram os grandes o que aos pequenos acarreta prisão, caso pratiquem o mesmo contra menores: usurparam a propriedade alheia. O mosteiro de Ândex, depois da secula-rização de todos os bens religiosos, em 1806, foi vendido a um judeu, provavelmente porque não se achasse católico sem consciência que o quisesse comprar ao governo da Baviera. Entretanto, a igreja ficou conservada, sendo antes sequestradas todas as alfaias e mais preciosidades, pelo comissário real, em nome do seu governo.

Quando Luís I, rei da Baviera, homem católico e religioso, fundou o mosteiro beneditino de S. Bonifácio, tornou a adquirir, por compra, o convento de Ândex, de forma que este se acha, novamente, ocupado por uma Ordem religiosa. Nas principais festas do ano, grande número de peregrinos para lá se dirigem, processionalmente, para venerarem as relíquias que ali deixou Sta. Isabel.

Um anjo do Senhor descia à piscina em certo tempo e a água se movia; e o primeiro entrava depois ao movimento da água, ficava sã de qualquer enfermidade que tivesse. (João, 5, 4.)

O voto

À sua chegada em Bamberg, o bispo propusera à sobrinha ir para a Hungria, a fim de ficar em companhia de seu pai. Isabel, porém, recusou, certamente porque receava dever sujeitar-se, de novo, à etiqueta da corte.

É um grande mérito não se deixar iludir pelas honras e prazeres mundanos: este tesouro, Isabel o adquirira e cuidava em não tornar a perdê-lo.

O bispo, porém, parece não ter conhecido o grau de mortificação e desapego deste mundo de sua sobrinha. Vendo-a tão jovem ainda e, além disso, de uma beleza notável, concebeu o projeto de um novo casamento para ela. Segundo muitos autores, o imperador Frederico II que acabava de perder a segunda esposa, Iolanda de Jerusalém, nutria vivo desejo de desposar Isabel.

Há circunstâncias em que pessoas enviuvadas fazem bem em contrair segundas núpcias: por exemplo, se os filhos menores de um viúvo requerem uma madrasta que tome conta de sua criação e educação, ou se uma viúva, muito moça ainda, não pode resolver-se a passar sozinha pela vida, é melhor casar-se outra vez do que entregar-se aos prazeres e mexericos mundanos.

Se, porém, não há semelhantes circunstâncias que tornem vantajoso contrair segundas núpcias, será mais conveniente e mais digno não procurar novos laços que prendam a pessoa ao mundo, mas dirigir o coração, tanto mais exclusivo, para Deus. Os próprios Romanos pagãos consideravam as segundas núpcias menos decentes.

Daí podemos concluir qual a resposta que Sta. Isabel deu a seu tio, quando lhe revelou o intento. Disse-lhe, toda aflita, mas com o respeito devido, que preferia ficar só, durante o resto da existência, e servir a Deus tão somente.

O prelado observou-lhe que era muito moça para abraçar tal gênero de vida; recordou-lhe as perseguições que havia sofrido, e lhe fez entrever a possibilidade de sua renovação, quando ele viesse a faltar.

Isabel, porém, não se deixou abalar.

— Senhor, disse-lhe ela, tive por senhor um esposo que me amava ternamente, que sempre foi meu leal amigo; tive parte nas suas honras e no seu poder; possuía muitas jóias, riquezas e alegrias deste mundo; tive tudo isso; mas, sempre achei, como vós também, de certo, julgais, que as alegrias deste mundo nada valem. Bem sabeis que as comodidades mundanas só redundam em dores e tormentos e na morte da alma. Senhor, estou ansiosa por ir para a companhia de meu Salvador. Uma só coisa Lhe peço sobre a terra: dos filhos do meu falecido senhor dois serão, um dia, ricos e poderosos; bem satisfeita ficaria e bem grata a Deus, se eu Lhe merecesse a graça de chamá-los para si.

Isabel, ainda em vida do esposo, havia feito, nas mãos de seu confessor Conrado, o solene voto de jamais contrair novas núpcias, caso Luís chegasse a falecer antes dela. Nesta ocasião, porém, ela não objetou com este voto, pois temia que o bispo empregasse seu poder a fim de lho fazer violar. Queria continuar a ser ligada pelo voto feito, pois, não somente conservava as mesmas ideias de quando prometera a continência perpétua, mas já subira a um grau de perfeição em que, mesmo nesta vida, à semelhança dos anjos do céu, não se quer saber de casamento.

As suas duas servas haviam feito o voto juntamente com ela e recebavam que o bispo afinal conseguisse, por sua influência, desviá-la do seu propósito; Isabel, porém, garantia-lhes sua perseverança a todo o preço, dizendo :

— Jurei a Deus e a meu senhor e esposo, quando ainda vivo, que jamais pertenceria a outro homem. Deus que lê nos corações e descobre os mais secretos pensamentos, sabe que fiz este voto com coração simples e puro e plena boa fé. Confio em sua misericórdia; é impossível que não me defenda a castidade contra todos os projetos e mesmo contra todas as violências dos homens. Não fiz um voto condicional e no caso somente de ser do agrado dos meus parentes e amigos; mas sim um voto espontâneo, livre e absoluto de me consagrar, inteiramente, depois da morte do meu muito amado esposo, à glória do meu Criador. Sim, se meu tio atrever, a despeito da liberdade do casamento, a entregar-me a qualquer homem, protestarei diante do altar; e se não achar outro meio de escapar-me, cortarei o nariz, ocultamente, a fim de tornar-me um objeto de horror para todos os homens.

A possibilidade de ser obrigada a aceitar o oferecimento não a deixava estar quieta e, com muita tristeza, recorreu ao Consolador supremo, suplicando-lhe que vigiasse sobre o tesouro que lhe havia consagrado. Recorreu também à Rainha das virgens, pedindo-lhe a protecção a este respeito. Ambos se dignaram confortá-la e dar a paz ao seu coração atribulado. Desde logo se encheu de tranquilidade e de uma confiança ilimitada na protecção celeste.

Um voto de tanta importância como o de continência perpétua, ordinariamente só se deve fazer depois de consultado um confessor perito e prudente, pois, uma vez feito, há-de ser observado: o voto é uma vítima oferecida a Deus que não deve ser retirada mais do altar da imolação. Não há obrigação de fazer-se votos, mas feitos obrigam, rigorosamente. Doutra parte é uma obra agradável a Deus entregar-Lhe, por meio do voto, uma parte de sua liberdade.

Enquanto a jovem viúva era retida no castelo de Bodenstein, no intuito de, à primeira ocasião, ser dada em matrimônio a um príncipe, o Deus bondoso a quem ela, constantemente, pedia socorro, de repente lhe desfez os cuidados, duma maneira singular.

Se não quiseses prometer, não pecarás. Mas, a palavra que uma vez saia da tua boca, tu a observarás e cumprirás assim como prometeste ao Senhor teu Deus, pois o fizeste de tua própria vontade e o declaraste pela tua boca. (Deut. 23, 22-23.)

Restos mortais

Depois da morte do landgrave Luís, seus companheiros o enterraram em Otranto, à beira do mar. Muitos dos cavaleiros da Turíngia conseguiram, então, penetrar até Jerusalém, onde foram depor as ofertas e orações na Basílica do santo Sepulcro, conforme ele lhes havia rogado no leito de morte.

Voltando da expedição, tornaram a passar pela Itália, a fim de levarem consigo os restos mortais do seu soberano para a Turíngia. Chegados em Otranto, desenterraram-no e notaram que os ossos estavam alvos como a neve, fato que, nessa época, era um sinal de que o esposo havia guardado fidelidade inviolável à esposa.

Em seguida, encerraram os restos tão caros num féretro e, colocando este sobre uma cavalgadura, puseram-se a caminho para o seu país. Adiante do esquife ia uma grande cruz de prata cravejada de pedras preciosas. Em todas as cidades onde paravam para passar a noite, depositavam o caixão numa igreja, contratando Religiosos ou outras pessoas piedosas, para cantarem as vigílias dos mortos e mais orações, a noite inteira. De madrugada, então, celebravam-se Missas nas quais todos os condes, cavaleiros e vassalos faziam sua oferenda. Quando a igreja era catedral ou conventual, deixavam-lhe o estofado de púrpura que cobria o féretro a fim de que o seu produto fosse aplicado pela alma do defunto.

Atravessaram assim toda a Itália e a Alemanha meridional. Chegando a alguma distância de Bamberg, mandaram prevenir de sua chegada o bispo o qual, imediatamente, mandou buscar a duquesa Isabel, em Bodenstein.

Ao mesmo tempo reuniu todos os senhores e dignitários da corte e foi ele próprio ao encontro do corpo, acompanhado de todo seu clero, dos Religiosos dos diversos mosteiros da cidade e seguido de imensa multidão de povo, ao som de todos os sinos da cidade episcopal. Muitos condes e senhores da circunvizinhança haviam-se juntado ao cortejo que entrou na cidade em direção da célebre igreja catedral, onde, durante toda a noite, celebrou-se o ofício dos mortos.

No dia seguinte, chegou Isabel, em companhia de suas fiéis servas, ou melhor, amigas, Isentrude e Guda. Conduziram-na à presença do esquife e abriram-no, provavelmente a pedido seu. Quanto amor e quanta dor encheram, então, aquele coração, diz um piedoso cronista, só o pode saber Aquele que lê no fundo do coração dos filhos dos homens. A chama do amor e da dor levantou-se de novo, depois de ter parecido haver-se apagado na cinza da viuvez e da penitência.

Isabel atirou-se sobre os ossos, beijou-os com transporte, e as lágrimas lhe correram tão abundantes, a agitação lhe era tão cruel que o bispo e os senhores que assistiam ao doloroso espetáculo, julgaram prudente acalmá-la e afastá-la do lugar.

Pobre coração humano! Quantas vezes julgamos a paixão amortecida, inteiramente extinta, e ei-la, de repente, a avivar-se em consequência dum sucesso inesperado! Mais ainda, se a paixão não é, como neste caso, um sentimento natural isento de culpa, e sim um verdadeiro pecado! Basta às vezes uma tentação e o crime ressurgir dos mortos, mata a alma e é seguido pelos maiores remorsos.

Se, porém, a alma de Sta. Isabel começou, para assim dizer, a balançar, o amor mais forte, o amor de Deus, restabeleceu-lhe logo o equilíbrio. E, como a água cristalina de fonte ligeiramente turvada, brotou-lhe dos lábios uma oração tão bela que jamais a tem produzido o coração duma mulher cristã.

Bertoldo, o capelão do landgrave, que presenciou a cena, escreve do modo seguinte:

"Todo o corpo lhe estremeceu ao avistar a ossada do amado esposo; estava toda desmantelada, sem articulação alguma; mas, mesmo assim, lembrou-se logo da bondade de Deus e, com as mãos dobradas e os olhos dirigidos ao céu, pronunciou as seguintes palavras :

"Senhor, eu vos rendo graças por vos haverdes dignado atender à vossa serva e satisfazer o veemente desejo que eu tinha de contemplar os restos mortais do meu muito amado irmão e amigo. Ele próprio se oferecera e eu também vo-lo havia oferecido, para a defesa da

vossa Terra Santa; e venho reiterar este sacrifício voluntário, bem que sempre o amasse com todas as forças de minha alma. Vós sabeis, meu Deus, que sua presença ser-me-ia mais cara do que todas as alegrias do mundo, se vossa bondade ma tivesse concedido: sabeis que eu preferiria viver com ele na miséria e mendigar, de porta em porta, pelo mundo todo, somente para ter a felicidade de estar junto dele, se Vós, meu Deus, o tivésseis permitido. Agora, Senhor, eu o entrego e me entrego com ele à vossa vontade. Mesmo se o pudesse, não daria, para ressuscitá-lo a esta vida, um só cabelo de minha cabeça, se isso fosse contra a vossa vontade."

Transformada assim a dor ardente em puríssima resignação à vontade de Deus, Isabel recobrou forças, enxugou a torrente de lágrimas que a inundava e saiu, em silêncio, da catedral. Foi assentar-se num pequeno claustro coberto de relva, contíguo à igreja, a esperar pelos cavalheiros que, de volta da cruzada, haviam trazido os ossos do landgrave.

Porque a senhora piedosa não esperou na casa de Deus ? Tinha que entregar-se a reflexões que não convinha fazer na igreja e durante o culto divino, assim como os animais, destinados à imolação, não deviam entrar no átrio do templo de Jerusalém. Vejamos de que se tratava.

O amor é forte como a morte, o zelo do amor é inflexível como o inferno. (Cant. dos Cant. 8, 6.)

O abismo de um ano

Quando os senhores saíam da catedral, a duquesa mandou-lhes pedir que viessem aonde ela se achava.

À sua chegada levantou-se, humildemente, para render-lhes homenagem e convidou-os a se lhe assentarem ao lado, pois, não se sentia bastante forte para ficar de pé.

Por si, certamente, não teria revelado o quanto sofrera desde a morte do marido, mas julgava dever seu cuidar dos filhos. Por isso contou aos cavalheiros o cruel e indigno tratamento de que eles haviam sido vítimas por parte dos landgraves Henrique e Conrado, seus cunhados, e a miséria que haviam sofrido em Eisenach. Suplicou-lhes, em nome de Deus e de Jesus Cristo, que se dignassem ser os protetores de seus filhinhos e servir-lhes de tutores.

Seu tio, o bispo, veio, a seu turno, confirmar a narração da sobrinha e conferenciar, circunstanciadamente, com os cavalheiros acerca dos meios de reparar os males feitos à viúva e aos órfãos de seu falecido soberano, senão não permitiria que levassem para a Turíngia os ossos do duque nem a duquesa.

Uma viva indignação manifestou-se nos guerreiros, quando souberam das injúrias feitas a Isabel. Declararam, com palavra de honra, que a reconheceriam sempre por sua princesa e senhora e a defenderiam em tudo e contra todos. Pediram, então, ao prelado que lhes confiasse aquela pobre e infeliz família para reconduzi-la à pátria, juntamente com os restos mortais do duque Luís. Juraram que haviam-de desagrává-la plenamente.

Confiado em suas promessas, o bispo consentiu em entregar-lhes aquela de quem se haviam constituído defensores. No dia seguinte, ele mesmo celebrou uma Missa pontifical a que toda a cidade assistiu, depois da qual o lúgubre cortejo pôs-se a caminho em direção da abadia de Reinardsbrun, onde o piedoso Luís escolhera sepultura.

Fazia um ano que dali se despedira antes de sua partida, para a Terra Santa. Ah! como haviam mudado as coisas neste espaço de tempo! Os ossos do formoso e jovem duque, encerrados num féretro, são transportados para o lugar onde, em vida comprazia-se de demorar e orar; a alma lhe fora para uma terra melhor do que a Palestina onde não contempla o sepulcro de Cristo, mas, em regozijo infindo, o próprio Ressuscitado.

A jovem viúva, ambas as vezes, estava aflitíssima: em espírito já acompanhava o cadáver do marido, quando partiu de Reinardsbrun. No entanto, porém, a pobre senhora

indefesa experimentara os dentes agudos do mundo falso, sendo alvo de injustiças e brutalidades, desde que lhe faltara o apoio. E os cavalheiros trouxeram-lhe apenas a cinza da esperança que lhe florescera na pessoa do duque.

Um ano ou, antes, a vida inteira é uma noite escura e a sua providência assemelha-se a uma lanterna pequena que não dá luz senão para um passo. Deseja-se aos parentes e conhecidos um ano próspero e feliz e, de fato, apesar do receio do futuro coberto e ignorado, cada qual tem nas mãos proporcionar-se um ano bom, mesmo os que vão morrer em seu decurso. Pois, quanto mais te esforçares em conformar a tua vida à norma do cristianismo, tanto mais feliz te será o ano, por grande que seja o mal que te suceder. É a Sagrada Escritura que o diz :

Ora, nós sabemos que aos que amam a Deus todas as coisas cooperam para seu bem aos que, segundo o seu propósito, são chamados santos. (Rom. 8, 28)

Amor de além-túmulo

A notícia da chegada dos cruzados, com os restos mortais do querido landgrave, tinha profundamente abalado todo o país. Mostrou-se, nessa ocasião, mais uma vez, que não se sente a força verdadeira do amor por uma pessoa senão depois de morta. Uma imensa multidão composta de ricos e de pobres de burgueses e de aldeões, de homens e de mulheres, reuniu-se em Reinardsbrun, a fim de prestar as últimas homenagens àquele que achara uma morte tão precoce. Todo o ducado estava em movimento. Muitos bispos e abades aí concorreram para honrar o nobre campeão da Igreja e do santo Sepulcro. Comparecera também toda a parentela: a duquesa Sofia, mãe do falecido, Henrique e Conrado, seus irmãos, e, com eles, toda a nobreza do país. Mas não só os parentes, também o povo, até condes e cavalheiros, achavam-se tão cheios de dor que o canto do clero, mais de uma vez, era interrompido pelos soluços e prantos da multidão inconsolável. Bertoldo, testemunha ocular, diz a respeito:

"Quando os monges do mosteiro foram ao encontro do cadáver, deviam entoar cânticos, mas, em vez de cantar, choraram: perderam toda a consolação."

Ostentou-se a maior magnificência das cerimônias eclesiásticas que duraram muitos dias. As generosas oferendas à igreja, as largas esmolas distribuídas aos pobres, tal foi a última homenagem rendida àquele que fora o amigo dos pobres e o respeitador da Igreja.

A religião católica ensina aos fiéis o modo de mostrarem aos defuntos o seu amor e de socorrê-los. Não podendo entrar no céu o que é impuro, e partindo deste mundo a alma de pessoa adulta, raríssimas vezes, completamente limpa, tem que passar, a não ser que seja condenada, pelo purgatório. Ora, da tradição apostólica sabemos que pela oração, pelo sacrifício da Missa, pelas boas obras praticadas em favor da alma do defunto, é-lhe diminuído e abreviado o tormento. A família verdadeiramente católica porfia em aliviar, por obras de caridade desta espécie, os entes queridos que deixaram esta vida; no enterro, no cemitério, na igreja, em casa, oram por eles; aos pobres dão esmolas a fim de que Deus os deixe entrar, em breve, na paz sempiterna.

Como, porém, regressam do túmulo do parente, sem consolo algum, os que não possuem esta fé! Semanas e meses, talvez, mulher e filhos não pouparam esforços para ao pai enfermo tornarem suportável a moléstia. Morre afinal. De repente, cessa toda a caridade para com ele. Apenas tratam do cadáver; para a alma não há mais socorro da parte dos parentes que não sabem como demonstrar ao finado o seu amor no porvir. Lágrimas, sim, as derramam, infrutíferas e sem proveito algum. Que desconforto!

O esquife com os restos mortais do landgrave foi depositado no túmulo e este tapado com uma lousa. Porém, um monumento mais belo e mais nobre do que a pedra fria para o finado, se erigira no coração dos seus súbditos.

Durante os dez anos do seu governo, o país prosperara; os burgueses e os camponeses

puderam, em paz e segurança, dedicar-se aos seus negócios, ao passo que, antes e depois, foram vexados por guerras, violências e desordens. E, ao invés de esgotar o povo, como sucede em outros países, Luís e sua esposa Isabel só cuidavam, em época de fome, de mitigar a miséria dos necessitados.

Estes benefícios valeram ao piedoso duque o nome de Luís o Brando, na vida, e depois da morte, Luís o Santo, pelo qual é conhecido na História e justificado por um sem-número de curas milagrosas que se realizaram em seu túmulo e por sua intercessão.

E, tendo ajuntado uma coleta, mandou doze mil dracmas de prata a Jerusalém para serem oferecidas em sacrifício pelos pecados dos mortos. (II Mac. 12, 43.)

Trovão da verdade

Durante as exéquias, deu-se em Reinardsbrun um pequeno prelúdio do juízo geral cujo centro, ou melhor, substituto do Supremo Juiz era o resto mortal, a ossada alva e silenciosa do landgrave Luís.

Com certeza, os olhos da maioria dos assistentes estiveram dirigidos para a viúva do finado, derramando lágrimas de compaixão, à lembrança da perseguição que sofrera a jovem senhora indefesa.

De outro lado, os duques Henrique e Conrado, esses pecadores fidalgos, certamente, sentiram vergonha e arrependimento ao passarem, horas e horas, perante o féretro de seu irmão e na presença da viúva que nunca mais haviam visto, desde que a expulsaram de Wartburgo. O seu aspecto lhes era uma acusação terrível que bradava ao céu, uma martelada medonha e dolorosíssima na consciência cujo gelo começava a derreter-se.

No coração dos cruzados, porém, novamente cheio de dor pela morte do chefe querido, ferveu a ira da desumanidade praticada pelos irmãos para com a pobre cunhada.

Terminada a cerimônia fúnebre e depositado, dignamente, o corpo do falecido landgrave, tendo-se espalhado o povo, os cruzados recordaram-se da solene promessa que, em Bamberg, haviam feito ao bispo e à duquesa Isabel. Rodolfo de Vargila reuniu, pois, os companheiros e disse:

Agora, camaradas, urge cumprir a fé jurada ao nosso nobre príncipe e à nossa nobre senhora Isabel que já tem sofrido tantas misérias; do contrário, receio muito irmos parar no fogo eterno do inferno.

Os cavaleiros todos compenetraram-se destas palavras e resolveram, de comum acordo, interessar-se, efetivamente, pela viúva e pelos órfãos do seu soberano, encarregando quatro senhores de fazerem as exprobações ao landgrave Henrique e a seu irmão: Rodolfo e Gautier de Vargila, Ludolfo de Berstettan e Hartwig de Herba.

Em seguida, foram ter com os jovens duques, encontrando-os em companhia de sua mãe Sofia. Formaram um círculo em torno dos três, assistindo ainda muitas pessoas bem intencionadas.

O sr. Rodolfo tomou a palavra e dirigiu-se ao duque Henrique, dizendo :

Senhor, soubemos coisas tão horrorosas a vosso respeito, que ficamos consternados e coramos de vergonha por vermos que, em nosso país e na corte dos nossos príncipes, se encontre tanta impiedade, tanta infidelidade e tão grande desprezo da honra. Ah! jovem príncipe! que fizestes, e quem vos deu tais conselhos? Expulsastes, ignominiosamente, de vossos castelos e de vossas cidades, como uma mulher perdida, a esposa de vosso irmão, a pobre viúva desolada, filha de um rei ilustre, a quem, pelo contrário, era vosso dever honrar e consolar! Sem vos importardes com a vossa própria honra, vós a atirastes na miséria e a deixastes andar vagabunda como uma mendiga!... Enquanto o vosso irmão sacrifica a vida pelo amor de Deus, seus filhos órfãos que deviam achar em vós toda a solicitude e dedicação de um

fiel tutor, são, pelo contrário, repelidos, brutalmente, e, para não morrerem de fome juntos com a mãe, vêem-se obrigados a separar-se da mesma! É esta a vossa piedade fraterna? Foi isto o que aprendestes com vosso irmão, aquele virtuoso, príncipe que nunca se atreveria a praticá-lo até com o último de seus súditos ?

Henrique, ouvindo estas repreensões bem merecidas, perturbado e envergonhado, abaixou a cabeça sem responder.

Vargila prosseguiu :

Senhor, que podíeis temer de uma pobre mulher, enferma, abandonada e desesperada, só, sem amigos e sem aliados neste país? Que mal vos poderia fazer esta santa e virtuosa senhora, ainda mesmo ficando de posse dos seus castelos? Que se dirá de nós nos outros países? Ah! que vergonha! Sabei que tendes ofendido a Deus, tendes desonrado todo o país da Turíngia, haveis manchado vosso nome e o de toda a vossa casa; e, ha verdade, temo que a ira divina pese sobre o país, a não ser que façais penitência diante dele, que vos reconcilieis com esta piedosa senhora e restituais aos filhos de vosso irmão tudo quando lhes haveis roubado.

Falar desta maneira a um superior, como o nobre Vargila falou ao duque, é ter mais coragem do que combater na batalha contra o inimigo. Todos os assistentes ficaram admirados da extrema ousadia das palavras do intrépido e destemido cavaleiro.

Com certeza, cometer-se-iam muito menos pecados no mundo e muito mais seriam conhecidos, detestados e reparados, se os homens tivessem mais coragem para representar ao pecador o mal que está praticando. Entretanto, o motivo de repreensão não deve ser o ódio pessoal senão a honra de Deus e a salvação das almas. Porque o valente cruzado Vargila falou com estes sentimentos cristãos, na verdade e pelo amor, por duro que fosse o que disse, as palavras lhe foram abençoadas por Deus.

Mas, Natan disse a David: Tu és este homem.

E David disse a Natan: Pequei contra o Senhor. (II Sam, 12, 7 e 13.)

A reconciliação

Henrique Raspon era um homem violento, um dos caracteres que, se são fortes no mal que praticam, são sérios e resolutos na conversão. Cessada a comoção a ponto de poder falar, disse:

— Estou arrependido do que tenho feito. E para que torne a encontrar confiança e amizade aos olhos de minha caríssima irmã Isabel, de boa vontade farei tudo o que ela exigir de mim; concedo-vos plenos poderes de dispordeis, para isso, dos meus bens.

O sr. Vargila lhe respondeu :

— Cumpre à vossa justiça e honra de soberano fazê-lo, caso tenhais vontade de reparar o crime que cometestes e escapar à cólera de Deus.

Replicou o landgrave :

— Fá-lo-ei segundo a vossa indicação.

Rodolfo de Vargila, na cruzada, não teve a felicidade de contribuir para a tomada de Jerusalém; em compensação, porém, conquistou uma fortaleza bem defendida, a alma de um príncipe obcecado.

Foi, acompanhado de seus colegas, contar à duquesa Isabel o resultado de suas increpações e anunciar-lhe que o cunhado desejava reconciliar-se com ela e, a todo o custo, fazer-lhe justiça. Os cavaleiros deliberaram então, com a boa Isabel, sobre as condições que convinha imporem ao duque Henrique.

A duquesa, porém, mostrou-se muito menos exigente do que os senhores.

Não quero nem seus castelos nem suas cidades nem suas terras nem coisa alguma que

me possa embaraçar ou distrair: pois, estes bens mundanos podem ser uma fonte de vaidade e tornarem a alma inerte no serviço de Deus. Mas ficarei sumamente grata ao meu cunhado, se do meu dote quiser me dar quanto baste para sufragar, como desejo, a alma do meu amado esposo e a minha.

Os cavalheiros foram então de novo ter com o duque Henrique, comunicaram-lhe com quanta bondade Isabel lhe aceitara o recado, e o conduziram aonde ela estava. O duque foi, acompanhado de sua mãe e de seu irmão Conrado, a fim de que se fizesse a reconciliação inteira.

Ao homem que procedeu mal, parece insuportável e até uma decepção confessar a sua culpa. Mas é justamente a verdadeira honradez e o sinal de emenda vencer-se a si mesmo e, franca e sinceramente, dizer-se culpado. Esta vitória, ganhou-a o duque Henrique.

Ao ver a cunhada, pálida e descarnada, suplicou-lhe que lhe perdoasse tudo quanto lhe havia feito, e disse que tinha disto grandes remorsos e estava disposto a reparar, inteira e fielmente, todo o mal que lhe tinha causado. A mãe e o irmão juntaram os seus rogos aos de Henrique.

Quem sabe? Talvez concedesse Deus a Luís cujos restos mortais acabavam de ser depositados em Reinardsbrun, por sua intercessão, a graça de que seus parentes fossem inspirados pelo bom espírito e se tornassem ajuizados, arrependidos e bem intencionados.

Com que transportes Isabel tomou conhecimento destas disposições, o seu coração amável e seu espírito profundamente cristão o deixam adivinhar. Sua resposta foi lançar-se aos braços do cunhado e desatar a chorar.

Em lágrimas funde-se o coração mais empedernido; qual fogo facilmente levantado em chamas, incendeia os outros: Henrique, seu irmão e a duquesa Sofia uniram suas lágrimas às de Isabel, e os valentes guerreiros não puderam também conter as suas, à vista desse tocante espetáculo. O espírito bem-aventurado do falecido e os anjos do céu, com certeza, comprazeram-se em ver essas lágrimas, como um belo arco-íris, após longa e escura tempestade.

A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se oscularam. (Salmo 84,11.)

Renunciando ao mundo

O bispo, os cruzados e os landgraves fizeram um ajuste, segundo o qual Isabel e os filhos voltassem para Wartburgo donde haviam sido, tão indignamente, expulsos. Também os direitos dos meninos foram ressalvados e, especialmente os do jovem Hermano, seu primogênito, herdeiro legítimo dos ducados da Turíngia e Hesse, cuja regência, durante a sua menoridade, devia pertencer, de direito, ao mais velho dos tios, o landgrave Henrique.

Quem teria pensado que a esposa do landgrave, a filha do rei da Hungria, seria expulsa, ignominiosamente, de Wartburgo? Mas, uma vez excluída da herança, vivendo como mendiga em Eisenach, também ninguém teria imaginado que, um dia, tornaria a entrar no gozo dos seus direitos. Contudo deu-se uma e outra coisa.

É nisso que se manifesta a mão superior de Deus. À mor parte dos homens, o futuro lhes traz o que nunca imaginaram, e, às vezes, não acontece o que esperavam ou receavam. Por esta razão, convém que nos apeguemos, sempre e em toda parte, com Deus, pois é o Eterno e dispõe da sorte dos homens nem se retira de quem não o abandonar primeiro.

Henrique cumpriu, fielmente, a palavra, em todo o tempo que Isabel esteve com ele, procurou fazer-lhe esquecer as injúrias, enchendo-a de atenções e afetos. Concedeu-lhe plena liberdade para todos os seus exercícios piedosos e obras de caridade.

Livre, pela viuvez, da obrigação de comparecer às festas e cerimônias da corte, evitava

ela todas as ocasiões de se achar nas assembleias dos senhores cujos festins sabia que, muitas vezes, se faziam à custa do amor de Deus. Parecia ao negociante do Evangelho que descobrira um tesouro num terreno e dera tudo quanto tinha para comprá-lo. Esse tesouro é o amor de Deus e o seu preço são os prazeres mundanos.

Além deste motivo, Isabel tinha outro ainda, secreto, de não comparecer às festas públicas. Quem é rico e, pessoalmente, nunca tem comunicação com os pobres, vive bem satisfazendo aos apetites do corpo. Porém, quem não só dá esmola, mas também visita os necessitados e conhece-lhes, de perto, a miséria, envergonha-se de viver na opulência, enquanto seus irmãos em Jesus Cristo não têm o mais necessário.

Diz o capelão Bertoldo que Isabel também pensava na dificuldade com que os pobres arrumaram o dinheiro para pagarem os tributos os quais, afinal, são dissipados pelos príncipes e senhores, responsabilidade essa de que não queria participar.

Entretanto, este modo de pensar e de viver não agrada ao homem mundano, assim como se colocasse um grande crucifixo, em lugar de um ramallete de flores, no meio dos pratos e garrafas da mesa de banquete. São coisas que não combinam. O homem, pois, é composto de dois elementos fundamentais que, muitas vezes, se contrariam e fazem guerra, reciprocamente: o corpo sensitivo e o espírito racional. Ora, governando o corpo ou a sensualidade sobre o espírito oprimido, o homem goza de paz aparente, não encontra oposição na satisfação de seus desejos. Quando depara, porém, com uma pessoa em que, pelo contrário, a sensualidade acha-se escravizada pelo espírito e a natureza superior não admite rival, acorda-lhe a consciência adormecida, sente-se incomodado e trata de fazer desaparecer de sua presença a pessoa religiosa, a fim de recuperar o estado anterior de sossego enganador.

O mesmo se deu na corte de Eisenach. As almas mundanas recebiam do espetáculo que lhes oferecia a vida da jovem viúva, uma lição demasiadamente severa para que não se acendesse logo a animosidade dos cortesãos e daqueles cavalheiros indignos que tanto lhe haviam enchido de amargura a infância e os primeiros tempos da viuvez. No intuito de vingarem-se do seu desprezo das riquezas e dos prazeres que mais que tudo amavam, afetavam a maior desconsideração pela sua pessoa. Evitavam visitá-la ou falar-lhe, e se, por acaso, a encontravam, não perdiam a ocasião para insultá-la, chamando-lhe, em alta voz, de tola e louca.

Ela se mostrava sempre prazenteira ao receber estes ultrajes, e o semblante pintava-lhe bem a calma e a resignação da alma, pois possuía aquela paz que o mundo não pode dar, conforme diz o Senhor. Mas até isto irritava os cortesãos, tanto que lhe lançavam em rosto o haver ela esquecido tão cedo a morte do esposo e entregar-se a uma alegria inconveniente.

Teodorico da Turíngia escreve a este respeito: "Eles ignoravam que Isabel possuía essa alegria que não é dada aos ímpios."

A própria duquesa Sofia, sua sogra, deixou-se levar por essas calúnias e manifestava à nora sua surpresa e indignação.

Isabel sentia que a vida mundana e, mais ainda, a da corte já não lhe convinha. Custava-lhe viver no mundo, diz uma velha lenda de Strasburgo.

Quem progride e cresce na vida cristã, chegará ao ponto de sentir-se impelido a mudar, também exteriormente, no modo de viver. Como a lagarta, Isabel quis transformar-se em crisálida, retirando-se do mundo, não pela morte corporal, mas pela renúncia a ele e aos seus prazeres.

Se fôsseis do mundo, amaria ele o que era seu; mas, porque não sois do mundo, antes vos escolhi, por isso é que o mundo vos aborrece. (João, 15, 19.)

Abaixo, adiante, acima

O que tenho relatado até aqui da vida de Sta. Isabel, talvez haja agradado até aos leitores

que levam uma vida mais ou menos mundana. A extraordinária bondade de coração da jovem duquesa, a grande paciência com que sofria as perseguições e injustiças, e as inúmeras obras de misericórdia com que desabafava a sua caridade, dão à sua vida um aspecto lindo e agradável.

Agora, porém, principia um rigor que será para alguns tão indigesto como o era aos cortesãos de Wartburgo ou a uns autores modernos que chamam exagero e histerismo a vida penitente duma alma tão santa.

Assim, ainda hoje, acha mais facilmente graça aos olhos do mundo a Irmã de Caridade do que a do Carmelo ou o trapista.

Já tive ocasião de dizer que Isabel escolhera para confessor e diretor espiritual o homem mais rigoroso que pôde encontrar, o Mestre Conrado de Marburgo. Pessoas religiosas receiam, em questões de alguma importância, seguir os seus caprichos e ideais pelo que oram e suplicam a Deus que as conduza ao caminho certo e submetem-se, obedientes, à opinião do confessor, se têm a felicidade de achar um sacerdote prudente e piedoso, valendo-lhes a palavra que o divino Mestre dirigiu aos apóstolos: Quem vos ouve me ouve. Assim procedeu também Isabel.

O único desejo de seu coração era tornar-se perfeita e santa o mais possível. Depois de ter, maduramente, refletido sobre todos os gêneros de vida que podiam ser do agrado de Deus, hesitava entre três, principalmente, que teria sido disposta a abraçar: ser Religiosa franciscana, deixar tudo e fazer-se ermitã ou, afinal, ir, de porta em porta, mendigar o sustento. Deu parte de sua resolução ao Mestre Conrado e pediu-lhe, humildemente, o consentimento.

Há rigores que o cristão mais fervoroso talvez imponha à sua pessoa, mas nem por isto quer nem permite que outros a eles se sujeitem. Conrado mesmo vivia, voluntariamente, muito pobre; contudo repeliu a ideia de Isabel e deu-lhe uma severa repreensão, quando continuou a pedir-lhe que consentisse. O prudente diretor negava-lhe a licença, principalmente porque queria que, com os seus rendimentos de duquesa viúva, prosseguisse a fazer bem aos pobres e liquidasse algumas dívidas que seu esposo deixara.

Vendo que lhe era impossível vencer a resistência de Conrado por enquanto, recorreu Isabel a outros expedientes, a fim de satisfazer o ardor do zelo que a devorava.

Depois de haver passado cerca de um ano no seio da família, solicitou ao duque Henrique lhe desse uma residência na qual pudesse entregar-se, de todo, a Deus e fazer livremente suas obras pias e caridosas. Henrique cedeu-lhe a vila de Marburgo com as suas dependências e os diversos rendimentos anexos, a título de renda. Naquele tempo, a cidade dagora era apenas uma vila que nem formava freguesia independente. Além disto, o landgrave prometeu a Isabel quinhentos marcos para as primeiras despesas da mudança. Esta quantia, porém, ela a gastou, depois, na construção dum hospital, fora da vila.

Chegando a Marburgo, não encontrou casa onde pudesse residir a sós com os seus; além disto, os funcionários do landgrave, com certeza no intuito de prestar um serviço ao soberano, não a receberam bem. A duquesa retirou-se, portanto, para uma pequena aldeia, distante uma légua da vila, chamada Werda, em companhia de seus filhos, de Guda e Isentrude.

Ali entrando não achou senão uma choupana abandonada e arruinada para lhe servir de habitação, à qual, parece, faltaram até o telhado, as portas e as janelas. Para ficar abrigada era-lhe mister encolher-se sob a escada, tapando com ramos verdes as frestas por onde penetrava o vento e a chuva.

O miserável domicílio não a defendia nem contra o calor nem contra o frio, e sobretudo a fumaça lhe incomodava os olhos, gravemente, pois Isabel mesma preparava alguns mesquinhos alimentos, talvez tão pobres como a morada.

Há muitas pessoas no mundo que não se acham em condições melhores do que Sta. Isabel e suas fiéis servas na mísera choupana de Werda. Mas, a diferença consiste em que Isabel fora criada no esplendor da corte e, por conseguinte, devia sentir o desconforto muito mais do que quem, desde pequeno, está acostumado à pobreza. Em particular, porém, torna-se admirável a indigência da duquesa, porque, espontaneamente, sujeitou-se a ela. Como o Salvador, por nosso amor, deixa a magnificência do céu e veio residir no estábulo de Belém, assim sua serva obediente e dócil quis imitá-lo, embora de longe, desprezando a vida da corte e vivendo em

extrema pobreza.

Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus. (Mat. 5, 3.)

Deixando tudo

No entanto, Isabel mandou construir, em Marburgo, uma casinhola de madeira e barro, perto do convento dos franciscanos, e nela se instalou com os filhos e servas.

Como o confessor se obstinasse a recusar-lhe a permissão de abraçar a Regra de S. Francisco em toda a sua extensão e de mendigar o seu pão como as Religiosas de Sta. Clara, quis ela, ao menos, aproximar-se o mais possível dessa vida que lhe parecia o tipo da perfeição evangélica, dando a sua afiliação à Ordem Terceira de S. Francisco para a qual entrara já em vida de seu esposo, um caráter irrevogável e solene pela profissão pública, renovando os votos de castidade, de obediência e pobreza absoluta que, tantas vezes, havia feito no coração.

Mestre Conrado aprovou esta resolução, depois de lhe fazer ver que o voto de pobreza não a devia privar, como ela queria, da livre disposição dos bens que provinham do seu dote ou das terras que Henrique lhe tinha cedido, mas bastava renunciar a eles em espírito.

Escolheu ela, para esta cerimônia, o dia de Sexta-Feira Santa. Era o dia em que Jesus, despojado de tudo por nosso amor, fora cravado na cruz e os altares, nus e despojados como ele, relembram aos fiéis a memória do sacrifício supremo; era também o dia em que Isabel queria, a seu turno, despojar-se de tudo e romper os últimos laços que a prendiam à terra.

Assim, pois, na capela que havia dado aos franciscanos, pôs as mãos sobre a pedra nua do altar em que se oferece o Santo Sacrifício da Missa, e jurou que, doravante, renunciava à própria vontade, a todas as vaidades e prazeres deste mundo. Enquanto Mestre Conrado oficiava no altar, Frei Burcardo, guardião dos franciscanos, cortou-lhe os cabelos, conforme o ritual, revestiu-a da túnica parda e cingiu-lhe o cordão, distintivo da Ordem de S. Francisco. Ela conservou este hábito, andando, além disto, sempre descalça até a morte, apesar de ser filha do rei da Hungria e soberana da Turíngia. Sucede na vida cristã que a pessoa se sinta impelida a uma obra importante cuja execução lhe parece difícil ou quase impossível; por exemplo, a renunciar um prazer, deixar uma companhia, fazer um grande sacrifício, numa palavra, dar um passo que, essencialmente, a aproxima de Deus. Às vezes há na alma disposições e inclinações que impedem o puro amor de Deus e que, qual solitária, tornam a aparecer e fazer-se sentir quantas vezes parecerem vencidas.

Em tais circunstâncias, quando a consciência convida a empreender alguma coisa e não há força suficiente para corresponder ao convite, mostra-se, com evidência, a verdade do texto bíblico: O que não é possível aos homens, Deus o pode fazer.

Ora, incessantemente, a Deus que te conceda a força que te falta, e, cedo ou tarde, realizar-se-á em ti uma transformação, de sorte que, sem grandes esforços, e talvez até com alegria, fazes o que antes te parecia insuperável, pois, nestas ocasiões, Deus se compraz em atender ao homem.

Também Isabel sentia que, para poder dar o novo e grande passo da abdicação inteira do mundo, carecia, principalmente, de três coisas; pelo que suplicava a Deus, com todo o fervor, as seguintes três graças: primeiro, o desprezo completo de todas as coisas temporais; segundo, o ânimo para desprezar as injúrias e calúnias dos homens; por último, a diminuição do amor excessivo que tinha aos filhos.

Depois de ter, por muito tempo, orado nesta intenção, disse, um dia, às companheiras:

"O Senhor ouviu a minha oração; eis aqui que todas as riquezas e todos os bens deste mundo que, outrora, apreciava, tornaram-se-me aos olhos como lodo. Sinto-me feliz por ser alvo das calúnias dos homens, das mentiras e do desprezo dos maus. Estas crianças que eu tanto amava, tornaram-se para mim como estranhas; tomo por testemunha a Deus. Não amo mais

nada, mais nenhuma criatura: amo somente a Deus".

E que não era apenas uma ideia passageira ou um sentimento inconstante, mas força real e efetiva, Isabel provou-o pelos fatos. Despojou-se também do que ao coração de mãe mais custa separar-se: consentiu que se afastassem dela os filhos, tão crianças ainda. Hermano, com sete anos de idade, foi levado para o castelo de Kreuzburgo, onde recebeu a educação conveniente para, feito maior, poder tomar as rédeas do governo que o tio Henrique empunhava em seu nome. Onde se agasalhou Sofia, a segunda filha, não é conhecido. A menor, Gertrudes, tinha apenas dois anos de idade e foi enviada ao convento das Religiosas premonstratenses, em Altenberg, havia pouco tempo fundado.

Todo o que deixar, pelo amor do meu nome, a casa ou os irmãos ou o pai ou a mãe ou a mulher ou os filhos ou a herdade, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna. (Mat. 19, 29.)

Gertrudes

Que Isabel deixasse sair seu filho Hermano com sete anos, a fim de preparar-se para a administração do ducado que lhe seria confiado mais tarde, não há quem o possa criticar. Mas, que se separasse também da pequena Gertrudes, menina de dois anos, e a entregasse a Religiosa que viviam ainda em condições muito precárias, disto todo o mundo admirou-se e fizeram vivas queixas à mãe. Esta, porém, justificava a sua resolução, dizendo que assim havia sido convencionado entre ela e seu marido, no momento da despedida e antes mesmo do nascimento da pequena: consagrá-la ao serviço de Deus, em um convento.

Encontra-se, na vida de muitos Santos, o fato de não só terem feito mais obras boas e difíceis do que exige o dever cristão, mas haverem praticado o que parece ser contrário à regra geral e, absolutamente, não pode ser constituído norma para os outros. Entretanto, assim como os pensamentos e caminhos dos homens, também os Santos que são muito mais penetrados do espírito de Deus, têm, às vezes, conhecimentos e impulsos interiores que se distinguem, inteiramente, da maneira de viver dos cristãos ordinários. Deste modo, por exemplo, S. Nicolau deixou a família numerosa e fez-se solitário. Ao parecer, tal empreendimento era contra o bom senso; no entanto, foi justamente este passo que lhe possibilitou preservar a Suíça, sua pátria, da maior desgraça, duma guerra civil.

Da mesma forma, provaram os fatos que Isabel, justamente no que o mundo a criticava com aspereza, acertou no que era vontade de Deus.

Em visita que fiz ao castelo de Braunfels, perto de Wetzlar, encontrei um quadro velho, representando uma freira vestida de branco, de véu com cruz vermelha na testa; no braço segurava um crucifixo e um níveo lírio. A verônica, um pouco erguida, era de beleza, amabilidade e piedade extraordinárias: o retrato da filha mais moça de Sta. Isabel, também, canonizada, a bem-aventurada Gertrudes.

Distante poucas horas de Braunfels, acha-se o mosteiro Altenbergo; no coro da deserta mas linda igreja, vê-se o monumento do túmulo de Gertrudes: um féretro de pedra e, em cima, em tamanho natural, sua efígie esculpida, da mesma alvura e amenidade do quadro pintado em Braunfels. Nessa igreja em que está depositado o seu corpo, Gertrudes passou os melhores dias de sua longa vida.

Ainda se guarda em Braunfels a boneca com que a menina costumava brincar. Isabel ia ver, de tempos a tempos, sua filhinha; é um caminho de sete a oito horas, de Marburgo a Altenberg.

Uma noite acordou a criança e disse às mães: Estou ouvindo dobrar os sinos em Marburgo; certamente, terá acabado de morrer minha boa mãe. E de fato, à mesma hora falecera Isabel. Segundo outros autores, a menina viu a mãe aparecer-lhe no quarto. Gertrudes então tinha quatro anos. Desenvolvia-se no mosteiro como a flor no jardim pacífico. Por esta

razão, sua mãe, como raio de sol, podia enviar do céu mais bênçãos e prosperidades sobre a alma a desabrochar desta filhinha do que sobre os outros filhos que haviam de passar os seus dias no meio do alvoroço e poeira da vida mundana.

O que ficara à menina e jovem, como herança da mãe falecida, era a boa disposição, depois, a força do exemplo e, afinal, com certeza também, a oração duma alma que, adornada da coroa de vitória, se acha ao pé do trono de Deus.

Como filha dócil de sua santa mãe, Gertrudes praticava as mesmas virtudes em que Isabel se distinguira tanto: caridade e misericórdia para com o próximo e rigor contra si própria. Tinha, por exemplo, o costume de dormir, a quaresma toda, até o domingo de Ramos, sobre palha, a semana santa, porém, sobre cacos de vidro, a fim de participar da paixão de Cristo; constantemente, crucificava o corpo, jejuando e praticando vigílias.

Estabeleceu, no mosteiro, um hospital, onde prestava aos enfermos os serviços mais vis, qual filha verdadeira da cristã mais misericordiosa, Isabel.

Com idade de 21 anos apenas, Gertrudes foi eleita abadessa. Como principalmente, jovens da nobreza, filhas das famílias mais fidalgas, entrassem para essa abadia, muitas vezes ela lhes repetia a divisa: "Quanto mais fidalgas tanto mais humildes em tudo!" E deu, neste ponto, o melhor exemplo.

Especialmente, tinha o dom e também o zelo necessário de reconciliar pessoas desafectas entre si. Um dia, na ocasião em que, de balde, se esforçava, numa destas questões para fazer as pazes e nenhuma das partes estava disposta a ceder, fugiu da jaula um leão que havia no mosteiro. Enquanto todas, pasmadas, procuravam salvar-se, Gertrudes chamou a fera em nome de Jesus. O leão aproximou-se da Santa e deitou-se-lhe aos pés como um cordeirinho. Esta obediência do animal feroz produziu nas duas mulheres intrigadas uma vergonha tal que, imediatamente, se reconciliaram. Em memória desta cena maravilhosa, vê-se, no monumento ereto sobre o túmulo da bem-aventurada abadessa, um leão deitado a seus pés.

Gertrudes governou durante 50 anos com tal sabedoria que a sua abadia foi elevada a um alto grau de prosperidade. Foi ela quem mandou construir a bela e vasta igreja onde lhe ficou depositado o corpo, depois da morte (13 de Agosto de 1297), sendo canonizada pelo Papa Clemente VI.

Mesmo após séculos, a sua memória é tão abençoada que até o dono protestante do mosteiro secularizado, todos os anos, no dia de Sta. Gertrudes, mandava celebrar solene festa católica na igreja, assistindo-a com toda a sua família.

O certo é ter Gertrudes, que, menina ainda, fora quase enjeitada, vivido uma vida tão bela e digna que não se pode imaginar melhor. A bênção de Deus descansou sobre o sacrifício que os pais lhe ofereceram, destinando a filhinha para a vida religiosa.

A paz vos deixo, a minha paz vos dou; como eu vô-la dou, não a dá o mundo. (João, 14, 27.)

Hermano

Entre os homens não se dá, como entre os animais, o fato de terem os filhos sempre a mesma forma e o mesmo modo de viver que seus pais. Os filhos, apesar de haverem por pais indivíduos maus e indignos, podem ser muito bons e virtuosos; pois, cada homem tem sua vontade livre, independente dos progenitores, e o espírito de Deus é mais livre ainda e sopra onde quer. Doutra parte, os pais mais santos não têm, absolutamente, a certeza de que os filhos lhes sigam as pegadas; pois, também para o mal é que influi a livre vontade, e o mundo e suas tentações constituem um poder terrível pelo qual se deixam vencer e esmagar tantas almas humanas.

É verdade que os outros dois filhos de Sta. Isabel não se tornaram maus, entretanto,

parece não haverem ultrapassado a medida ordinária quanto à vida cristã.

Hermano, o filho mais velho, chegando à idade de dezesseis anos, em 1239, tomou posse dos Estados de seu pai, até então administrados pelo duque Henrique, seu tio. Daí a pouco tempo, fez uma viagem à França para visitar o rei, Luís IX o Santo, decorridos anos depois da morte de Isabel. Como filho sobretudo, prodigalizou-lhe afagos da mais terna afeição a mãe do rei, a rainha Branca de Castela, osculando-lhe, reverentemente, a fronte, na certeza de que, no mesmo lugar, tivesse posto repetidos ósculos sua santa mãe, Isabel.

O jovem duque casou-se com Helena, filha de Oton, duque de Brunswick. Parecia destinado a fruir um futuro brilhante, quando, inesperadamente, faleceu aos dezoito anos de idade, em Kreuzburgo, lugar de seu nascimento. Esta morte precoce é, geralmente, atribuída a veneno que lhe fora propinado por uma dama de honor, chamada Berta de Seebach, por instigações de Henrique, seu indigno tio.

Antes de exalar o último suspiro, o infeliz moço mostrou desejo de ser enterrado em Marburgo, junto de sua bem-aventurada mãe; mas, Henrique Raspon que, desde logo, tomou a soberania, nem mesmo esta consolação lhe deixou; e, temendo que sua mãe o ressuscitasse como havia feito a outros mortos, mandou transportar-lhe os restos mortais para a sepultura dos duques, em Reinardsbrun.

Outros autores dizem que Berta, por conta própria, assassinou o jovem príncipe: ou misturando-lhe a bebida com uma essência a fim de conquistar-lhe o amor, ou matando-o, propositadamente, pelo ódio.

Acrescenta a crônica de Reinardsbrun: "Aconteceu que a referida Berta, no meio dos outros fidalgos do país, quis assistir à cerimônia fúnebre. Mas, quando entrou na igreja, o cadáver do duque, à vista de todos, começou a deitar sangue pelo nariz. Vendo-o Rodolfo de Vargila, juntamente com os mais cavaleiros, chorou e exclamou:

"Afastai daqui essa bruxa infame que nos privou, tão miseravelmente, do nosso soberano, assassinando-o !"

Ela, então, foi conduzida para fora por seus amigos.

Desta triste maneira, findou-se a estirpe viril do excelente casal Luís e Isabel.

O homem não sabe qual fim será o seu; mas, do modo que os peixes são apanhados no anzol e as aves caem no laço, assim os homens se acham presos no tempo mau, quando este der sobre eles de improviso. (Ecl. 9, 12.)

Sofia

Henrique Raspon, bem que casado três vezes, não deixou filhos. O povo cristão viu-lhe na extinção da raça o justo castigo de sua perfídia para com Isabel e do crime que se lhe imputava acerca de seu sobrinho, crime cometido a instâncias dos cortesãos, no intuito de assegurar-lhe a coroa para o filho que então esperava. Henrique faleceu no ano de 1247, aos 17 de Fevereiro, em Wartburgo.

Na ocasião do enterro, desencadeou-se uma tempestade tal que foi impossível levar o esquife a Reinardsbrun onde o corpo devia ser depositado. Enterrou-se, porém, em Eisenach, no convento de Sta. Catarina. Destarte, o próprio céu impediu que fosse descansar ao lado do sobrinho de quem não quisera satisfazer o último desejo de ser enterrado, em Marburgo, junto a sua mãe.

Na pessoa de Henrique extinguiu-se o ramo masculino dos antigos duques da Turíngia e Hesse; forçoso foi passarem suas vastas possessões ao ramo feminino: ainda Sofia, a mais velha das filhas de Sta. Isabel e do duque Luís, viúva que era do duque de Brabant, apresentou-se para tomar conta da herança do pai, não somente no próprio nome como no de seu filho Henrique, apenas de três anos de idade.

O Hesse reconheceu-a sem grande dificuldade, pois, com o filhinho ao colo, compareceu na assembleia reunida em Marburgo e disse:

"Perseguida por meus adversários, abandonada por grande parte de meus súbditos, recorro a vós; à vossa fidelidade e à vossa proteção é que entrego o neto de vossa Isabel."

Os cidadãos juraram, por Deus e por Sta. Isabel, estarem prontos a sacrificar os bens e a vida por ela e seu filhinho. E, realmente, Sofia neles encontrou valentes defensores nas expedições contra uns fidalgos insubordinados e inimigos bastante fortes.

Mas, em Turíngia, enfrentou com um competidor formidável na pessoa do primo Henrique, margrave de Mísnia, que lhe recusou a entrada em Eisenach. Chegando Sofia à porta da cidade, achou-a fechada. Ordenou aos habitantes que lha abrissem; e, como não lhe dessem resposta, empunhou um machado e bateu com grande violência na porta de carvalho, fazendo-lhe uma racha que, duzentos anos depois, ainda se divisava.

Afinal, combinou-se, na igreja de S. Domingos em Eisenach, fazer uma conferência entre Sofia e o margrave Henrique. No dia previamente marcado, o margrave mostrou-se muito disposto a ouvir a prima; mas, enquanto ela falava, os seus conselheiros Helwig e Hermano de Slotheim tomaram-no à parte e lhe disseram:

"Senhor, que ides fazer? Quereis deixar um país tão fértil e o inexpugnável castelo de Wartburgo? Se fora possível terdes um pé no céu e o outro em Wartburgo, seria preciso retirar o do céu para ficar mais firme em Wartburgo. Lembrai-vos do futuro de vossos filhos Teodorico e Alberto !"

Henrique aceitou o conselho, dirigiu-se à prima e disse: "Não posso entregar-vos o ducado, pois, tenho que respeitar o conselho dos condes e nobres do país."

Sofia, convencida de seu direito sobre a Turíngia, quis então que Henrique jurasse, em presença de vinte de seus cavaleiros, sobre uma costela de sua santa mãe que trazia consigo, serem justas e fundadas as pretensões que ele tinha sobre a Turíngia, achando impossível que tal juramento fosse prestado. Entretanto, a fé nobre e tocante da filha na influência da mãe e na consciência de seu adversário foi iludida: Henrique e os seus vinte companheiros aproximaram-se, um a um, do altar e juraram, sem escrúpulo, que a Turíngia não pertencia ao filho da duquesa Sofia.

Esta rompeu em lágrimas e, tirando as luvas das mãos, atirou-as ao ar, dizendo:

A Deus que aqui está presente, convém julgar! A ti, Satanás, inimigo de toda a justiça, atiro as minhas luvas; arrebatá-las com todos os pérfidos conselheiros !

E a crônica diz ainda que as luvas foram arrebatadas no ar e desapareceram e todos os vinte conselheiros morreram de morte má.

Sofia obteve, então, auxílio de um príncipe valente e dedicado, Alberto, duque de Brunswick, a quem deu por esposa sua filha Isabel. Este sustentou, durante nove anos, uma guerra de sucessão. Mas, apesar dos esforços do seu aliado, apesar do valor com que Sofia tomava parte em todas as expedições da guerra, o margrave Henrique conseguiu ficar senhor das províncias que havia usurpado. Mandou matar muitos dos principais cidadãos, partidários da filha e do neto de Isabel. A fim de aterrar os demais, cometeu a barbaridade de atar o mais encarniçado de todos, Henrique de Felsbach, a uma máquina de guerra e arremessá-lo do alto de Wartburgo para Eisenach. O intrépido burguês, voando pelos ares e já moribundo, gritava ainda:

A Turíngia pertence a Sofia e ao infante de Brabant! Ao mesmo tempo, morreu a única filha de Sofia e Mar-burgo destruiu-se por um incêndio.

Além disto, Alberto de Brunswick, feito prisioneiro pelo partido adversário, só depois de dezoito meses pôde resgatar-se por meio de fabulosa soma de dinheiro.

Sofia foi obrigada a renunciar a todas as suas pretensões sobre a Turíngia, ficando a soberania de Hesse garantida a seu filho Henrique e à sua posteridade. Todo sangue, derramado durante nove anos de guerra, tinha sido sacrificado em vão.

Sofia veio a falecer em 1284, tendo sessenta anos de idade. Jaz em Marburgo, no

mesmo túmulo que seu filho, na igreja consagrada a sua santa mãe. Morreu, depois de ter passado toda a vida a cuidar na prosperidade de seu país e a reconquistar ao filho direitos perdidos.

Este filho, educado por uma mãe enérgica por entre inúmeras provações, reinou até 1308, com muita glória e rodeado de afeição de seu povo que ele protegia deveras contra as rapinas e invasões. É o tronco dos diferentes ramos da casa de Hesse com os quais estavam entrelaçadas, em maioria, as casas reinantes da Europa.

Não é de negar que a maior parte dos homens têm a vocação de viver e trabalhar no mundo; mas, pensar que, no século e, principalmente, na alta camada da sociedade, haja mais prazer e gozo do que na vida recolhida, consagrada, exclusivamente, a Deus, é um erro. Abstraindo da preparação para a eternidade que é muito mais custosa no meio do bulício do mundo, Gertrudes, com certeza, no silêncio do claustro teve mais anos felizes do que seus dois irmãos, Hermano e Sofia, na vida mundana.

Mas, voltemos à mãe destes filhos.

Elevar-se-ão um pouco, mas não subsistirão e serão humilhados e, arrebatados como todas as coisas e, como cabeças de espigas, serão cortados. (Job, 24, 24.)

O diamante

Logo que ficou pronta a choupana de barro, Isabel mudou-se para ela com Guda e Isentrude. Estas duas servas, havia muito, se lhe tinham tornado amigas. Tendo ambas tomado o hábito dos Terceiros, seguiam uma vida semelhante à de sua querida ama, formando uma doce comunidade de vida e de intenções.

Ali vivia, pois, a nossa Santa em pobreza admirável. Assim como o homem ordinário, tendendo a melhorar as condições de vida, procura comer e vestir-se melhor e pertencer aos mais consideráveis do lugar, assim a filha do rei da Hungria mostrava um zelo, maior ainda, de assemelhar-se, em tudo, à gente mais pobre. E via o desejo coroado, tanto que em Marburgo talvez não houvesse pessoa que passasse os dias mais pobremente.

Consagrou, pois, todos os rendimentos, sem exceção, cuja propriedade nominal o Mestre Conrado lhe havia mandado guardar, ao alívio dos pobres e para as instituições de caridade. Não tendo podido obter do confessor a permissão de mendigar o pão, resolveu-se a ganhar a vida com o trabalho de suas mãos, fiando lã por não ter aprendido a fiar linho. Mandava vir toda a lã bruta de que carecia, do mosteiro de Altenberg e mandava-a de novo, toda fiada, às Religiosas que lhe pagavam em dinheiro o valor do seu trabalho. E tão conscienciosa era que, um dia, tendo que fazer uma viagem a Eisenach, restituiu uma moeda miúda, paga adiantadamente, por não poder dar conta de toda a tarefa.

Entretanto, trabalhava com tanto ardor que, mesmo quando sua extrema fraqueza e frequentes moléstias a obrigavam a ficar de cama, não cessava de fiar. Suas companheiras chegavam a arrancar-lhe a roca das mãos; mas então, para não ficar ociosa, cardava e preparava a lã para a seguinte tarefa. Do produto mesquinho de suas fadigas tirava ainda alguma coisa para a igreja, servindo-lhe o restante para o parco sustento.

Os seus alimentos não podiam ser mais insípidos: legumes sem sal nem banha, apenas cozidos em água pura, preparados por ela própria. Se lhe ofereciam algum manjar melhor e mais saboroso, levava-o aos pobres e doentes do seu hospício, sem mesmo prová-lo jamais. Doutra parte, receando, se levasse a abstinência ao excesso, provocar enfermidades que a tornassem incapaz de bem servir a Deus, pedia ao médico que lhe indicasse, exatamente, o limite possível de suas penitências. O seu vestuário correspondia-lhe à nutrição: trazia um vestido feito de pano grosseiro e sem cor do qual então só usavam as aldeãs e os pobres, apertado, na cintura, por um cordão grosso. Este vestido, quando esfrangalhado, sobretudo nas

mangas, remendava-o com retalhos de diferentes cores. O mesmo fazia com o manto que era de pano idêntico. Este trabalho de remendar, tinha de repeti-lo muitas vezes, porque, quando cozinhava ou se chegava ao fogo para aquecer-se, as faíscas saltavam-lhe sobre os vestidos velhos e os queimavam, sem que, absorta pela contemplação, disso se apercebesse. Além do que, não sabia bem coser.

Contudo, desfazia-se, constantemente, de sua pobre roupa em benefício dos pobres, ficando apenas com a do corpo, o que nos grandes frios do inverno a obrigava a conservar-se junto ao seu pequeno fogão; ou então metia-se na cama entre dois colchões, sem contudo agasalhar-se e dizia: "Eis-me aqui deitada como se estivesse no meu caixão."

Naquele tempo, o rei André da Hungria, por boca dos peregrinos húngaros, teve notícia do estado de pobreza e abandono a que se achava reduzida a filha. Cheio de consternação e compaixão, o rei chorou, queixou-se perante o conselho real da injúria que se fazia a Isabel, e deliberou mandar um embaixador, a fim de trazê-la para o seu palácio, confiando esta comissão ao conde Panias.

Chegando este, com o séquito, a Marburgo, perguntou logo ao estalajadeiro, em casa de quem se havia hospedado, que ideia se devia fazer dessa senhora que se chamava Isabel e ali vivia em pobreza extrema.

"É uma senhora piedosíssima, respondeu-lhe o homem; se vive tão miseravelmente, não é por falta de meios senão por humildade. Deus nos fez uma grande graça, enviando-nos esta tão piedosa princesa, pois todos os que a ela recorrem aproveitam para sua salvação. Ela é rica, porque esta vila lhe pertence; porém, humilde como é, não quer morar em casa alguma, a fim de residir perto do hospital que mandou edificar."

O conde pediu que o conduzisse aonde ela se achava. O estalajadeiro foi anunciar à duquesa a chegada da comissão húngara.

Em seguida, entrando o embaixador na cabana e vendo a filha de seu rei ocupada em fiar, com a roca à cinta, ficou tão comovido que persignou-se e exclamou :

"Viu-se, porventura, já algum dia a filha de um rei fiar lã ?"

Assentou-se-lhe então ao lado e contou-lhe como o rei, seu pai, o havia enviado em sua procura, a fim de levá-la à terra natal. Prometeu-lhe que seria tratada com todas as honras que lhe eram devidas, pois que o rei a consideraria sempre como sua filha muito querida.

Mas, Isabel rejeitou todos os oferecimentos e referiu-lhe a sua vida desde que enviudara, protestando-lhe que nada lhe faltava e que se julgava feliz, entregando-se, exclusivamente, à oração e ao serviço de Deus.

A pobreza não lhe era imposta pela sorte. Isabel trouxera para Marburgo mais de 27 mil marcos que Henrique Raspon lhe devia. Além deste dinheiro, ela tinha os rendimentos legítimos de Marburgo e seus contornos que empregava na construção e conservação do hospital e em esmolas.

Para dar à caridade uma expansão proporcionada à grandeza da quantia de que ia dispor, mandou publicar que distribuiria alguns mil marcos com os pobres. Marcara um dia e, no prazo indicado, compareceram milhares de mendigos. Para manter a ordem entre toda essa multidão e usar de reta justiça na distribuição das esmolas aos indigentes, havia disposto número suficiente de homens robustos, com ordem de conter cada pessoa no lugar que ocupava, com receio de que alguns achessem meio de receber duas vezes a esmola destinada a cada um, em prejuízo dos outros. Ela própria presidiu à repartição.

Um grande número de pobres que, por serem velhos ou débeis, não puderam voltar logo, dispuseram-se a passar a noite ao ar livre. Isabel mandou repartir a cada um um pão e mais dinheiro e não consentiu que se desse menos às crianças do que aos adultos. Ordenou depois que se acendessem grandes fogueiras e se lhes lavassem os pés com água morna, segundo o costume da época.

Vendo-se tão bem tratados, os pobres começaram a folgar e a cantar. Ouvindo de sua habitação esse canto, Isabel ficou comovida e disse, satisfeita, às servas:

Bem vo-lo dizia eu: cumpre, o mais possível, tornar os homens felizes.

Mas, para que esta grande pobreza, a que a duquesa, voluntariamente, se submeteu? Muitos estavam até persuadidos de ser ela louca. E, certamente, haverá entre os meus leitores quem seja da opinião de que é imprudência e histerismo deixar chegar a esse ponto a abstinência. Entretanto, o cristão não deve criticar e condenar um ato qualquer da vida dos Santos, por não sentir, em si mesmo, ânimo e força para imitá-lo; quem se arrasta pelo chão não tem direito de julgar os que lhe são superiores no dominar a sensualidade, no amor e fidelidade para com Deus.

A pobreza voluntária encerra algo de espiritualmente nobre; até filósofos pagãos o reconheciam e, por isso, queriam viver mui parcamente. É uma liberdade e força da alma fazer o menor possível uso do mundo sensual.

Maior importância, porém, ainda tem a pobreza no cristianismo. O pecado entrou no mundo, porque os nossos primeiros pais não se contentaram com a riqueza paradisíaca. Por este motivo, a redenção teve que seguir, por dores e sofrimentos de toda a espécie, o caminho inverso, da maior pobreza voluntária. Nascido em estábulo, pobre a vida inteira, na cruz, o Salvador nem teve com que cobrir a nudez nem matar a sede nem onde repousar os membros fatigados e a cabeça moribunda. Eis a razão por que os bons cristãos desejam seguir o Salvador, também na humilhação e pobreza. A beleza da cruz é o imã que os atrai.

E que a pobreza é um meio especial para santificar a alma, prova-o o fato de que Deus deixa viver pobres tantas pessoas boas e, em toda a parte e em todos os tempos, foram os pobres que aceitaram e praticaram a religião cristã com menos resistência e oposição do que os ricos.

Ouvi, meus caríssimos irmãos: por ventura não escolheu Deus aos que eram pobres neste mundo, para serem ricos na fé e herdeiros do reino que o mesmo Deus prometeu aos que o amam? (Tiago, 2, 5.)

Criança de 24 anos

O que acabo de dizer da pobreza voluntária mostra, com evidência, que em Isabel estavam, completamente, extintas a vaidade, o desejo de agradar e a soberba; pois tão bela que é a pobreza voluntária aos olhos de Deus quão desprezado é pelo mundo o vestido velho e esfarrapado. Porém, de outra maneira ainda, Isabel procurava imitar o Salvador em humilhações propositais.

Nunca consentiu, por exemplo, que as servas lhe dessem um título honorífico ou a chamassem de outro modo a não ser por seu nome de batismo, Isabel simplesmente, ou tu, como se fosse sua igual ou inferior.

Comprazia-se em lavar e limpar a louça e os utensílios da cozinha com as próprias mãos, em lugar das criadas. A fim de poder entregar-se, com toda a liberdade, a estas obras servis, buscava ocasião de afastar as servas, encarregando-as de alguma comissão fora da casa. Quando voltavam, achavam já todo o seu serviço feito por Isabel.

Em geral, ela preferia servir a ser servida. Mandava as servas sentarem-se à mesa, a seu lado, e muitas vezes comerem no seu próprio prato.

Uma delas observou, um dia, à patroa que, sem dúvida, estava praticando uma obra meritória, humilhando-se desta forma, mas não se lembrava do perigo a que as expunha de elas se tornarem soberbas por serem tratadas como iguais por uma princesa. Ao que respondeu Isabel:

"Ah! Se é assim, então vem já sentar-te no meu colo." E tomou-a nos braços e assentou-a como havia dito. Singular também é o motivo por que Isabel escolheu para confessor, justamente, o severo Conrado.

"Poderia prometer obediência a um bispo ou abade que possuísse bens, mas preferi o

Mestre Conrado que também vive de esmolas, para que não tenha coisa alguma que me agrade neste mundo."

E deixou-se guiar por este sacerdote esquisito, por meio de humilhações que, de certo, causariam repugnância aos hábitos e ideias da maior parte dos cristãos de nossos dias, mas que, nessa época de ingênua simplicidade, de desinteresse absoluto, não excitava a mínima surpresa, ao menos em atenção a tudo quanto podia conduzir a alma a Deus.

Conrado era um sacerdote piedoso e zeloso, porém o seu caráter rigoroso arrastou-o, sem dúvida, muitas vezes, até os extremos limites da moderação cristã. Como Isabel não só se confessasse a ele, mas submetesse, obediente, todas as suas ações e omissões a seu governo, era-lhe, sim, um bastão de apoio no caminho do céu, porém um bastão com espinhos agudíssimos.

Às mais das vezes, terá sido bem calculado o seu proceder descomedido e violento para com a jovem viúva; mas, conhecera que Isabel era chamada por Deus para ser uma santa perfeita e queria dar-lhe ocasião de curvar a fronte sob o jugo do amor divino e de seguir as pegadas daquele que, por nós, se fez obediente até a morte; por isso, exercitava-a com humilhações que a milhares de pessoas haviam sido insuportáveis, das quais, porém, julgava capaz a sua filha espiritual. O sucesso mostrou ter ele calculado bem.

Aconteceu, mais de uma vez, que Conrado encolerizou-se contra a duquesa, a ponto de dar-lhe bofetadas, pensando que não lhe tivesse observado as prescrições. E Isabel, ao invés de revoltar-se, sofria este ultraje com alegria, pois desejava associar-se a todas as injúrias que, antes de morrer por ela, havia recebido o seu divino Salvador.

Um dia em que ela se tinha posto a caminho para visitar um ermitão que residia na vizinhança de Marburgo, o Mestre Conrado mandou-lhe dizer que voltasse sem demora. Voltou imediatamente e disse, sorrindo, ao mensageiro:

"Se quisermos ter juízo, devemos fazer como o caracol que, no tempo de chuva, entra na sua concha: obedeçamos e voltemos para trás."

Outra vez, achando-se Conrado no mosteiro de Altenberg, onde já estava Gertrudes, a filha de Isabel, veio-lhe à cabeça fazer a mãe entrar também. Mandou-a chamar a Marburgo, a fim de que fosse conferenciar com ele. A duquesa obedeceu logo. As Religiosas do mosteiro, sabendo de sua chegada, pediram a Conrado lhe permitisse a entrada no claustro para que lhe visse o interior.

Conrado que a tinha prevenido da excomunhão em que incorriam as pessoas de ambos os sexos que transpusessem o limiar do claustro, querendo pôr-lhe à prova a obediência, respondeu:

Que entre, se quiser.

Isabel tomou estas palavras equívocas por uma autorização e entrou no recinto proibido. Imediatamente, Conrado mandou-a sair, mostrou-se o livro em que estava escrito o juramento que ela havia feito de lhe obedecer em tudo, e ordenou ao monge que o acompanhava que lhe infligisse e à sua serva um certo número de pancadas com um pau comprido e grosso. Durante o castigo, Conrado recitava o salmo Miserere.

A serva relatou, mais tarde, perante os juízes eclesiásticos, que Isabel, três semanas depois, ainda tinha as equimoses pelo corpo. E, falando uma vez com a criada sobre quem, involuntariamente, havia feito cair também o castigo, disse:

"Cumpre que soframos com paciência estes castigos, pois somos semelhantes às canas que crescem à beira dos regatos: quando o ribeiro transborda, a cana pende e curva-se e a água passa sem a quebrar; depois, endireita-se com todo o vigor e viço. Nós também devemos, algumas vezes, ficar curvadas para a terra e humilhadas, e logo depois erguermo-nos com alegria e confiança."

Outra vez, dirigiu-se Isabel às suas servas, dizendo:

Se tememos desta forma a um homem mortal, quanto mais devemos temer ao Deus onipotente que é o Senhor e Juiz de todos!

São palavras do Salvador: "Se não ficardes como as crianças, não podeis entrar no reino de Deus." Em outro lugar da Sagrada Escritura, explica que este "ficar como as crianças" consiste, antes de tudo, em ser humildes, como, ordinariamente, o são as crianças. E que é possível tornar-se criança, neste sentido, prova-o a duquesa Isabel.

A criança inocente não olha para as preferências temporais e passageiras, mas trava amizade com os colegas pobres assim como com os ricos. A criança não se envergonha de um trabalho qualquer mas obedece cegamente, seja qual for a ocupação que lhe ordenem. A criança deixa-se castigar pelo pai ou quem suas vezes fizer, julgando-o sempre com direito de puni-la, e não lhe guarda rancor.

Tudo isto verificamos em Isabel, só com a diferença que, na criança, é a natureza que produz essas qualidades, e em Isabel, o renascimento pelo Espírito Santo e a livre vontade.

Semelhante humildade é ainda muito mais espiritual e mais preciosa do que a natural da criança, assim como o vinho é mais perfeito do que o doce mosto. Talvez fosse por isto mesmo que Isabel tivesse por diretor um homem tão rigoroso e descomedido como o Mestre Conrado, para apresentar ao mundo o belo espetáculo duma alma que, pelo amor de Deus, tornou-se humilde como criança inocente.

Na verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos céus. Todo aquele, pois, que se fizer pequeno como este menino, será o maior no reino dos céus (Mat., 18, 3-4.)

A varinha

Refere uma velha lenda de Strasburgo que Isabel, em outra ocasião ainda, tomou pancadas, até piores do que a primeira vez, se dermos crédito à tradição menos averiguada.

A fim de que Isabel pudesse ganhar as indulgências que o Papa concedera a quantos ouvissem a palavra de seu comissário, Conrado pregou sobre a Paixão. Ela, porém, absorvida no cuidado de dois enfermos recentemente chegados, não se lembrou de ir ouvi-lo.

Findo o sermão ele a mandou chamar e lhe perguntou onde estivera durante o sermão; e, antes que tivesse tempo de responder-lhe, bateu-lhe com violência, dizendo:

Toma para que aprendas a vir logo que eu chamar.

A humilde e paciente princesa apenas sorriu de tanta aspereza e quis ainda desculpar-se, porém ele bateu-lhe de novo até fazer-lhe sangue. Isabel então levantou os olhos ao céu e, lá os fixando por algum tempo, disse:

Senhor, eu vos rendo graças por me haverdes escolhido para tal fim.

As servas trataram de consolá-la e, vendo correr o sangue, perguntaram-lhe como havia podido suportar tantas pancadas. Ela lhes respondeu, sorrindo:

Por tê-las sofrido com paciência, o Senhor me permitiu ver a Cristo no meio de seus anjos; pois, as pancadas do Mestre me transportaram até o terceiro céu.

Repito: estas cenas não devem ser julgadas pelo espírito de nossos tempos. Os hábitos da vida ascética, os costumes cristãos não são os mesmos em todas a, época da Igreja: mas, nenhuma delas deve ser desdenhada ou desprezada pelos católicos, porque, em todas, a caridade, a humildade, a abnegação de si mesmo, houveram vitórias imortais a alcançar, puras e santas glórias a merecer.

Não ignoramos que o próprio Cristo com pancadas ou, ao menos, com ameaças, expulsou os vendilhões do templo e que mesmo deixou-se bater, pertencendo esta espécie de humilhação à obra da redenção. Da mesma forma, o Senhor permitiu que seus amigos e apóstolos fossem batidos e estes, reconhecidos, louvavam a Deus.

O homem sensato não encontra inconveniência alguma em que os pais ou educadores apliquem castigos corporais aos meninos. Essas penas são infligidas ao corpo, e este, no homem

adulto, não tem qualidades melhores, antes piores, do que na criança; merece, pois, castigo com o mesmo direito.

Mas, dizem, constitui uma vergonha para o adulto ser punido corporalmente, porque este gênero de punição tem o fim de afastar do mal ou de animar a praticar o bem, por meio de sensações dolorosas do corpo, ao invés de motivos superiores, espirituais ou morais.

Estes, quase digo, hipócritas, examinem uma vez a sua consciência e vejam se, durante o decorrer dum só dia, as sensações corporais, a sensualidade, não exerce grande ou a maior influência sobre suas obras e suas omissões; isto não seria também uma vergonha para criaturas racionais que querem ser? O corpo vivo é, como diz um dos Santos Padres da Igreja, uma fera perigosa que conduzimos conosco, a vida inteira. Por isso é mister domar este inimigo, se aliás não quisermos que a alma sofra grande prejuízo. Se, pois, a alma é tão fraca e voluptuosa que procura, no corpo, a satisfação de seus apetites desordenados, um bom meio para tirar-lhe o gosto dessa aberração, repeli-la, por assim dizer, da carne para o espírito e restituir-lhe o domínio sobre o corpo, é o castigo corporal.

Eis a razão por que dizemos até de Deus que é um sinal de seu amor se pune o homem e que o castigo é condição essencial para ele ser aceito entre os filhos de Deus.

E, se o Senhor condena o nosso corpo, em castigo do pecado, à enorme humilhação da corrupção, não será, com certeza, crime de lesa-majestade ser o mesmo corpo, de vez em quando, punido sensivelmente.

Não quero, por isso, ver introduzida outra vez a pena corporal; meu intuito é apenas mostrar que não passa de preconceito inqualificável considerá-la indigna de um povo civilizado; e digo mais que haveria menos moleza, menos sentimentalidade e voluptuosidade no mundo, se a chibata ou a varinha fosse aplicada, oportunamente e em lugar próprio.

Em si a pena corporal constitui tão pouco uma vergonha que o grande Apóstolo das gentes se ufana dela perante o mundo inteiro, dizendo:

Dos judeus recebi cinco quarentenas de açoites, menos um. Três vezes fui açoitado com varas. (II. Cor. 11, 24-25.)

O ósculo

É opinião geral que as pessoas rigorosas consigo também sejam duras e intolerantes para com o próximo. Tal sucede quando, por melancolia ou avareza, privam-se do necessário. Também há um jejum religioso cujo motivo, em vez de amor, é um certo espírito farisaico. Supõem os que jejuam desta forma que lhes assente bem um rosto grave e uns ademanos acerbos e que assim se lhes torne mais notória a santidade. Mas, quando o jejum procede do verdadeiro espírito do cristianismo, o indivíduo é rigoroso para consigo e amável na convivência com os outros.

É esta a razão por que a benevolência de Sta. Isabel para com o próximo, absolutamente, não diminuiu, quando aumentava o rigor contra a própria pessoa: enquanto o fogo divino secava-lhe a sensualidade, aquecia e alegrava os mais.

Isabel dava aos pobres, mesmo à custa de seu alimento. Em Marburgo, mandara construir um hospital que, em breve, encheu-se de enfermos. Não se passava um dia sem que ela, em companhia de Guda e Isentrude, fosse, duas vezes, visitar os seus pobres doentes e levar-lhes os socorros que lhes destinava. E não era tão somente a consoladora dos pobres, fazia-se ainda sua serva e nenhum serviço lhe parecia demasiadamente repugnante, duro ou vil, pois que considerava cada pobre como a imagem viva do Esposo celeste de sua alma.

Aqueles doentes de quem todos se afastavam com horror eram por ela logo preferidos para serem o objeto de sua solicitude e ternura, e recebiam, de suas mãos delicadas, os cuidados mais difíceis. Acariciava-os com doce familiaridade e beijava-lhes as úlceras e as asquerosas chagas.

Muitos dos meus leitores, certamente, considerarão e censurarão esse proceder como exagero. Entretanto, ninguém exige que imitem a nossa Santa neste ponto; porém, não querendo ou não podendo subir à altura da virtude cristã de Isabel, também não queiram que ela desça ao grau de tibieza habitual na vida cristã.

Se essas pessoas se vissem cobertas de chagas, tanto que a maioria dos homens delas fugissem com nojo, e viesse uma princesa beijar-lhes os tumores, que comoção e consolo não lhes causaria semelhante condescendência !

E não a faz, todos os dias, Nosso Senhor e Salvador, vindo ao homem mais miserável e meio-podre beijá-lo, até corporal-mente, por assim dizer, na santa comunhão? Sua discípula fiel não fez, pois, senão obedecer, literalmente, à palavra do divino Mestre: *Quem me quer seguir, negue-se a si mesmo e siga-me.*

Outro motivo, mais forte, por que Sta. Isabel manifestava uma verdadeira paixão de cobrir de carícias justamente os doentes mais abomináveis, era a fé viva e o amor ardente de Jesus Cristo. Não havia memória de quem tivesse, até então, alcançado um maravilhoso triunfo sobre todas as antipatias dos sentidos, de forma que, com preferência, cuidasse dos leprosos, objeto de horror para a maior parte dos homens por causa do fácil contágio. A razão principal por que a nossa Santa se sentia atraída a essa classe de enfermos era sua confiança inabalável na palavra do Senhor: *O que fizestes ao mínimo dos meus irmãos, a mim o fizestes.*

Metia esses doentes nauseabundos no banho e lavava-os com as próprias mãos, enxugava-os com finos panos, fazia-lhes a cama, deitava-os e cobria-os o melhor que podia, como se fossem os próprios filhos.

Oh! como somos felizes, dizia, às vezes, às suas servas, de podermos assim lavar e vestir a Nosso Senhor !

Pode bem ser, respondeu, um dia, uma delas, pode ser que aproveiteis muito com essa gente; no entanto, não sei se isso convirá aos outros.

Quando, em suas excursões beneficentes, encontrava pobres cuja miséria e fraqueza ou cujos sofrimentos lhe pareciam dignos de especial compaixão, ela os fazia vir não somente ao hospital como também à sua mesquinha habitação.

Entre outros recebeu em sua casa um menino, órfão de pai e mãe, paralítico de nascença, cego e, além disso, padecendo de um fluxo de sangue contínuo. Esta pobre criatura abandonada encontrou nela mais do que encontraria na mãe natural: Isabel passava noites inteiras velando junto dele e prestando-lhe os serviços mais horripilantes. Os lençóis de que se utilizava, lavava-os ela própria.

Morreu o menino e Isabel substituiu-o logo por uma menina desfigurada, horrorosamente, pela lepra; lavava-a, pensava-lhe todos os dias as úlceras e aplicava-lhe os medicamentos prescritos, até que o Mestre Conrado soube do fato e lhe pôs fim. Proibiu à duquesa receber leprosos em sua casa e beijá-los, com receio de que lhe pegasse o contágio. Esta proibição, porém, que a obediência para com o confessor lhe não deixava transgredir, tornou-se-lhe tão tormentosa ao coração compassivo que adoeceu gravemente.

Entretanto, como o ardor lhe fosse indômito, chamou logo para sua casa um menino aleijado, afetado de uma moléstia quase tão asquerosa como a lepra, tanto que lhe caíam todos os cabelos da cabeça. Este menino achava-se à cabeceira de sua benfeitora, quando esta morreu: na verdade, um penhor precioso, uma boa esperança para ser recebida pelo Deus misericordioso que paga até o gole d'água oferecido ao sequioso !

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, a caridade, estas três virtudes; porém a maior delas é a caridade, (1. Cor, 13,13.)

A cura d'almas

A misericórdia para com o próximo pode proceder da compaixão natural que o homem sente ao aspecto da miséria humana, e pode também provir dum certo interesse religioso, por causa do prêmio garantido da religião cristã aos que fazem boas obras. Aquele motivo falta a sobrenaturalidade, e a este, o amor.

Que é, pois, que nos dá certeza de que é o verdadeiro e legítimo amor cristão que nos impele a praticarmos as obras de misericórdia? Simplesmente a convicção de que tomamos a peito tanto o bem-estar espiritual como o corporal do próximo. Quem possui uma fé viva deseja acender cada alma, qual vela, em honra de Deus, a fim de que O conheça, ame, louve e bendiga, agora e por toda a eternidade.

Essa compaixão que não atinge somente a superfície do homem ou seu corpo, mas penetra na alma, encontramos-la pronunciada em Sta. Isabel, de forma que podemos chamá-la "cura d'almas", no verdadeiro sentido do termo. Não era só aos males físicos que a ardorosa discípula de Cristo circunscrevia a compaixão e os benefícios: nunca lhes perdia de vista a saúde da alma e os remédios espirituais. Aos ternos cuidados que lhes prodigalizava, misturava piedosa e frequentes exortações.

Deus tem um certo e determinado fim com a moléstia que envia ao homem; deve abstrá-lo do pecado e do mundo e aproximá-lo de si. Infelizmente, muitos enfermos não se dão conta desta verdade, suportando as dores tão somente porque são a isso obrigados, de forma que a moléstia torna-se-lhes não um purgatório senão uma pena inútil, uma faísca do inferno.

Isabel desejava cooperar para que a doença fosse proveitosa à alma dos doentes: vigiava, escrupulosamente, que todos os enfermos pedissem, e recebessem os santos sacramentos, desde a sua entrada no hospital, para que, reconciliados com Deus, sofressem com resignação cristã e se preparassem assim para uma morte boa ou, caso se restabelecessem, para uma vida melhor. Mostrava-lhes como deviam padecer em união com a Paixão de Cristo, em reparação de seus pecados. Com certeza, orava também muito com eles e por eles.

O coração dos doentes tanto mais devia abrir-se às exortações e conselhos da generosa duquesa, quanto mais conquistara antes, por meio de benefícios temporais, o reconhecimento e o amor dos necessitados. E, erguendo-lhes as almas tristonhas como plantas vergadas e enfezadas, em direção do céu, trazia-lhe a mais bela e preciosa bênção, a paz do Senhor.

Tendo não só um coração bondoso como também resoluto e enérgico, juntava grande força às suas palavras, quando encontrava resistência nas almas irritadas pela desgraça ou entibiadas em consequência do prolongado esquecimento dos socorros oferecidos pela Igreja. Sabia então unir a energia do zelo cristão à sua doçura habitual.

Um dia, apresentou-se um enfermo cego, pedindo entrada no hospital. Isabel achava-se, justamente, à porta com o Mestre Conrado. Consentiu, de boa vontade, na admissão do homem, porém sob a condição de que começaria por curar sua moléstia interior, chegando-se ao tribunal da penitência. O cego, impacientado pela enfermidade e por essa exortação, pôs-se a jurar e blasfemar, tratando esses usos de supersticiosos. Isabel, indignada, repreendeu-o com tal veemência que o homem ficou subitamente tocado de contrição e, ajoelhando-se, confessou-se, na mesma hora, com o Mestre Conrado.

Na ocasião em que distribuía, em Marburgo, soma avultada aos indigentes mandou a Santa que ao transgressor das ordens dadas de ninguém se afastar do lugar que primeiro ocupava, cortassem-se, imediatamente, os cabelos. Uma jovem, chamada Hildegonda, notável pela beleza dos cabelos, tendo sido apanhada no momento em que deixava o lugar para ir cuidar da irmã doente, foi privada, portanto, dos lindos cabelos que trazia caídos sobre os ombros.

Vendo-se assim tratada, a moça desatou a chorar e gritou em alta voz, protestando que estava inocente. Levaram-na à presença da duquesa que, depois de havê-la felicitado por ter perdido aquele natural ornato que, de ora avante, a impediria de tomar parte nas danças e divertimentos profanos, com esse instinto profundo só próprio das almas santas, perguntou-lhe se nunca tinha tido a ideia de entrar numa vida mais recolhida.

Há muito tempo, respondeu Hildegonda, que eu me teria consagrado ao Senhor, tomando o hábito de Religiosa, se para tal não fosse mister sacrificar os meus cabelos.

A estas palavras, Isabel, cheia de alegria, exclamou :

Então estou mais contente por te haverem cortado os cabelos do que ficaria, se meu filho fosse eleito imperador dos Romanos.

Depois tomou para a sua companhia a pobre moça que, obedecendo ao aviso recebido naquele dia, consagrou-se ao serviço de Deus e dos pobres no hospício da duquesa.

No entanto, Isabel não olhava para o lugar que as pessoas ocupavam na sociedade, quando havia de despertar-lhes a consciência, como fazem muitos católicos e até sacerdotes que só dizem a verdade nua e crua aos pobres e para os ricos e fidalgos não têm senão palavras agradáveis e cerimoniais.

A sra. Gertrudes de Leinbach, esposa de um nobre cavalheiro dos arredores, vindo, um dia, visitar a duquesa, trouxe consigo o filho, chamado Bertoldo, rapazola de doze a quatorze anos, que estava vestido à moda e parecia com prazer-se muito no ajuste e elegância de seu traje.

Isabel, depois de haver conversado algum tempo com a mãe, voltou-se para o menino e disse:

— Meu filho, parece-me que te trajas de um modo demasiadamente mundano e creio que gostas de vestir-te bem. Ao invés de servir ao mundo, deverias conhecer e servir ao teu Criador e sentir-te-ias melhor de corpo e de alma. Dize-me, menino, julgas que Nosso Senhor trajou dessa maneira, quando veio ao mundo, com toda a humildade, para derramar seu sangue por nós?

O rapazinho respondeu :

— Senhora, rogai por mim ao Senhor que me conceda a graça de o servir!

— E, de veras, queres que ore por ti?

— Quero, sim senhora.

— Pois bem, disse Isabel, então cumpre que te disponhas a receber a graça que desejas, e pedirei por ti de boa vontade. Vamos ambos à igreja e rezemos juntos.

Seguiu-a ele à igreja e prostrou-se aos pés do altar, ao lado de sua mãe, a pouca distância do lugar em que Isabel se pôs também a orar.

Depois de algum tempo de oração, o jovem exclamou :

— Senhora, cessai de orar; basta! Mas, Isabel prosseguiu a rezar.

— Cessai, senhora! Tornou a dizer o menino, desta vez mais alto ainda; parai, pois não posso mais, meu corpo está todo ardendo.

Com efeito, um intenso calor o penetrava, parecia até sair-lhe fumaça do corpo. Sua mãe e as duas servas da duquesa, acudindo aos gritos, encontraram-lhe as roupas banhadas em suor e o corpo tão quente que mal se podia tocar.

Entretanto Isabel orava sempre, até que o menino, desesperado, gritou :

— Pelo amor de Deus, acabai de orar, pois já não aguento, sou consumido por um fogo interior e o coração vai-se-me abrasando.

Então deixou ela de orar e Bertoldo foi resfriando aos poucos; mas, o fogo do amor divino que a ardente caridade de Isabel havia-lhe acendido no tenro coração, não se extinguiu mais e, pouco tempo depois, o rapaz entrou para a Ordem de S. Francisco.

Todos os autores fixam a data deste sucesso no ano que precedeu o da morte da Santa.

*Por isso amparai-vos uns aos outros, como Cristo vos protegeu para glória de Deus.
(Rom. 15-7.)*

Milagres

No seu sermão de despedida, disse o Salvador: O que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo dará.

O sentido que julgo mais acertado destas palavras é o seguinte:

O cristão que recebe, muitas vezes, a santa Comunhão e, pensando, constantemente, em Jesus Cristo, seguindo-o com fidelidade, transforma-se em membro vivo do Senhor, ora em Cristo e com Cristo. É o próprio espírito de Cristo que ora nele, e, por esta razão, o Pai celestial atende-lhe a oração, às vezes até fora dos limites da ordem natural, de modo milagroso.

Tais milagres de oração não se estranham nas pessoas que, pela santidade da vida, tornaram-se, por assim dizer, um só ser com Cristo, de forma que a Igreja Católica jamais permite aos fiéis venerarem a pessoa como santa, se não lhe forem apresentados e, autenticamente, provados semelhantes fatos preternaturais como alcançados pela sua intercessão.

Já o caso do rapaz que, aos rogos de Sta. Isabel, se converteu é um tal milagre. Deus, porém, deu a conhecer a força da oração de sua filha amada por outras maravilhas exteriores.

Uma manhã, viu Isabel, à entrada do hospital, deitado sobre a soleira da porta, um menino estropiado, disforme e sem movimento. Era surdo-mudo e os membros lhe estavam torcidos e deslocados pelo reumatismo, de sorte que se arrastava sobre os pés e as mãos como um animal irracional. Sua mãe, envergonhada, o havia levado para ali, na esperança de que a boa duquesa se compadecesse da pobre criatura.

Com efeito, logo que avistou o pobrezinho, Isabel contemplou-o, cheia de compaixão, e, inclinando-se sobre ele, perguntou-lhe :

— Onde estão teus pais, meu filho? quem te trouxe para cá ?

E, como o surdo-mudo não desse mostras de ouvir-lhe a voz, repetiu ela a pergunta, acariciando-o e dizendo :

— Então, de que sofres? não me queres responder ?

O menino olhou-a, naturalmente sem proferir palavra. Isabel, não sabendo que era mudo, imaginava estar ele, talvez, possuído do demônio, e, sentindo redobrar-se-lhe a piedade, disse-lhe em alta voz:

— Em nome de Nosso Senhor, eu te ordeno e a quem está em ti que quebres o silêncio e me digas donde vens.

Imediatamente, o menino ergueu-se direito diante de sua interlocutora e, livre de todos os males, contou-lhe que nunca ouvira nem falara até aquele momento, que havia nascido assim estropiado e torcido como ela o vira.

— Mas, eis aí, disse estendendo, sucessivamente, os membros, eis aí que Deus me deu o movimento, a palavra e o ouvido. E começou a chorar de alegria e satisfação e a louvar ao Senhor que, como parece, com os males corporais tirou-lhe também o obscurecimento do espírito.

— Eu não conhecia a Deus, disse ele; todos os meus sentidos estavam mortos; não sabia mesmo o que era um homem. Agora é que sei que não sou um simples animal, que existe em mim a razão; agora sei falar em Deus. Bendita seja a pergunta de vossa boca que me alcançou do Senhor tamanha graça.

Isabel compreendeu então que Deus havia operado um milagre por seu intermédio. Tivesse ainda uma centelha de orgulho, e a cura milagrosa a teria atizado a romper em labaredas de soberba espiritual. Em lugar disso, a santa duquesa ficou toda perturbada e ansiosa de que o mundo talvez lhe desse a honra que competia, inteiramente, a Deus. Adorou a mão do Senhor que nela se manifestara, e confundiu suas lágrimas com as do menino que havia salvo. Dando-lhe então uma moeda, disse:

— Volta agora ligeiro para a casa de teus pais e não digas nada a ninguém do que te sucedeu; sobretudo não fales em meu nome; dize somente que Deus usou contigo de

misericórdia. Livra-te, constantemente, de todo o pecado mortal, pois, do contrário, podes vir a cair na mesma enfermidade. Lembra-te do que até aqui sofreste e pede sempre a Deus por mim, assim como eu pedirei por ti.

Esquivou-se logo como que para fugir a essa glória imprevista. Mas, a mãe do menino, pouco depois, toda surpreendida de ver o filho de pé e falando, perguntou quem lhe dera a fala.

— Uma senhora amável, de vestido pardo, respondeu o menino, ordenou-me, em nome de Jesus Cristo, que falasse, e falei imediatamente.

A mãe pôs-se a correr na direção que tinha seguido Isabel e, avistando-a de longe, reconheceu-a e foi publicando, por toda a parte, o milagre.

Destarte, apesar da modéstia de Isabel, a fama do poder que Deus lhe havia depositado nas mãos, espalhou-se e fez-lhe concorrer todas as súplicas do infortúnio e da dor. Sua invencível compaixão a impedia de recusar-se aos desejos dos pobres que a procuravam; entretanto, nunca também as graças que Deus concedia, fizeram desmerecer nela a profunda humildade que a tornava tão agradável ao Senhor.

Ora, para não violar a humildade nem deixar de praticar a obra de misericórdia, pedia a Deus que, em honra e por intercessão de S. João Evangelista, restituísse a saúde aos enfermos.

Um homem que assim foi curado, lançou-se-lhe imediatamente aos pés, a fim de lhe agradecer, mas Isabel ajoelhou-se ao seu lado e deu graças a Deus por ter ouvido as orações de seu apóstolo amado S. João.

Outro infeliz, aleijado das mãos e dos pés, avistando a duquesa, exclamou:

— Oh! brilhante sol de claridade entre todas as mulheres, eu sou de Reinardsbrun, onde repousa teu marido; pelo amor de sua alma vem em meu auxílio e cura-me !

O homem bem sabia qual de todas as lembranças de sua Ida devia comover mais o coração da jovem viúva.

Ela, ao ouvir o nome de seu esposo, parou e olhou, com grande ternura, para aquele que a invocava e, no mesmo momento, pela virtude do simples olhar, o pobre estropiado ficou curado, assim como outrora se curara o aleijado, à porta do templo, pela palavra de S. Pedro. Isabel, porém, agradeceu Àquele que dera a conhecer, ali como em Jerusalém, o seu infinito poder.

Houvesse mais virtude e mais fé entre os cristãos, e Deus, com certeza, operaria mais milagres.

E o Senhor lhes disse: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te para o mar! e ela vos obedecerá. (Luc. 17, 6.)

Oração

Ao lado do hospital, Isabel mandara construir uma igreja onde ia rezar, em geral, pelo meio-dia, por ser a hora em que podia entregar-se, com toda a liberdade, à devoção.

Uma vez, viu aí um pobre cego a andar às apalpadelas pela igreja: os olhos do infeliz estavam abertos, porém os globos oculares eram murchos, quase invisíveis. Isabel dirigiu-se a ele e perguntou-lhe que ali fazia tão sozinho e que procurava. Respondeu-lhe o cego:

— Queria ir ter com essa senhora que consola os pobres para lhe pedir uma esmola pelo amor de Deus; mas, primeiro vim fazer minha oração nesta igreja e estou andando à roda dela, a fim de saber-lhe o cumprimento e a largura, já que não enxergo, por infelicidade minha.

— E desejavas vê-la com teus olhos? perguntou-lhe Isabel.

— Se Deus o permitisse, replicou o doente, gostaria muito de vê-la; mas perdi a vista desde o nascimento; nunca vi a luz do sol. Não sei que devo fazer; pois, não posso estar sempre a rezar. Desejaria poder trabalhar como os que enxergam; não sirvo de nada a ninguém nem a

mim mesmo; tornei-me prisioneiro de Deus. As mais curtas horas me parecem longas.

Quando estou com outros homens que têm vista, não posso vencer o pecado da inveja; se fico só, choro a minha desgraça; mesmo rezando, penso em minha cegueira.

Isabel o procurava consolar e observou:

— É para teu bem que Deus te mandou essa desgraça; terias, talvez, caído em excessos e serias mais pecador do que és presentemente.

— Oh não! retrucou o cego; eu me saberia livrar do pecado; para viver ocupar-me-ia em trabalhos pesados; não teria os tristes pensamentos que hoje tenho.

Isabel, vencida pela compaixão, disse-lhe então :

— Pede a Deus que te dê a luz e eu pedirei contigo.

Ao ouvir estas palavras, o cego compreendeu que era a santa duquesa Isabel quem lhe falava e a quem procurava; e, caindo diante dela com o rosto por terra, exclamou :

— Ah! nobre e misericordiosa senhora, tende piedade de mim !

Isabel então lembrou-lhe que tivesse a fé firme e confiasse em Deus que já havia feito coisas mais difíceis. Em seguida, ajoelhou-se, e a sua oração, atravessando as nuvens, penetrou no coração de Deus, coagindo-o, por assim dizer, a restituir a vista ao cego: dois globos de uma beleza celestial vieram encher aquelas órbitas ocas e vazias.

O homem levantou-se, olhou em redor e, dirigindo-se a Isabel, disse :

— Senhora, Deus seja louvado! sua graça me favoreceu : vejo todos os objetos, bem e claramente: verificaram-se as vossas palavras.

Mas, a piedosa princesa que, como Jesus Cristo, sabia unir sempre a prudente solícitude de mãe cristã à sua caridade, disse-lhe :

— Agora que a vista te foi dada, trata de servir a Deus e de evitar o pecado: trabalha e sê homem honesto, humilde e leal em tudo !

Indo Isabel, uma vez, visitar sua filhinha Gertrudes no mosteiro de Altenberg, um homem pobre a chamou de longe e disse :

Há já doze anos que estou possuído de um espírito maligno; deixai-me tocar a orla do vosso vestido, e ele será obrigado a largar-me.

Donde sabia este infeliz que Isabel lhe podia valer e que aquela mulher mal vestida era a santa duquesa? Cada pessoa tem um anjo da guarda que a preserva do poder dos maus espíritos. O possesso, segundo os inescrutáveis desígnios de Deus, achava-se entregue às perseguições dum mau espírito; chegou-lhe a hora da libertação, e é provável que o seu anjo da guarda lhe tivesse inspirado aquela ideia e aquela confiança. Isabel voltou-se no mesmo instante, ajoelhou-se, em plena rua, junto ao possesso, orou e abençoou-o em nome de Jesus Cristo, e o demônio teve que abandonar sua vítima.

A oração do justo, sendo perseverante, é muito valiosa. (Tiago, 5, 16.)

Ingratidão

Em uma de suas excursões, Isabel, a mãe dos pobres, encontrou uma mulher de parto: mandou transportá-la logo para o hospital e prodigalizou-lhe todos os cuidados. Quis ser madrinha da criança recém-nascida, pondo-lhe o nome de Isabel. Todos os dias ia visitar a mãe, conversava com ela sobre assuntos edificantes e assistia-a em tudo.

Depois de havê-la assim retido, um mês, até que ficasse inteiramente restabelecida, deu-lhe víveres e algumas moedas, um manto e um par de sapatos, e mandou ainda embrulhar a criancinha em um pedaço de pelica que cortou do manto de uma das suas servas.

A mulher despediu-se, à noite, de sua benfeitora, para, na madrugada do dia seguinte, partir com o marido que a viera buscar. Isabel cujo pensamento vivia, dia e noite, preocupado

com os caros pobres, indo muito cedo à igreja, disse a uma serva :

"Tenho algum dinheiro na bolsa que pode servir ainda àquela pobre mãe e seu filhinho; vai levar-lho."

A serva, porém, voltou a dar-lhe parte de que a mulher se fora e deixara a criança. Em lugar de mostrar-se reconhecida, a mãe desnaturada achara um meio de prolongar tanta generosidade. Semanas e semanas a princesa a hospedara e alimentara, mostrando-lhe todos os sinais de amizade; e esta imensa bondade não despertara naquela mulher nem sequer o reconhecimento bastante para a impedir de praticar tamanha infâmia !

Não é em vão que se fala em ingratidão negra. Negro é o objeto que toma e absorve toda a luz que nele cai, sem nada refletir, como os objetos de cor. Da mesma forma, o ingrato absorve e consome toda a bondade, todo o amor que recebe, sem manifestar gratidão alguma: o coração lhe é negro, isento de amor.

Quando a nossa Santa soube da ação desprezível que a mulher praticara, não proferiu nenhuma palavra de indignação, mas no coração bondoso só se lhe fez sentir o cuidado pela criancinha abandonada.

Vai depressa e traze-me, disse à serva, a fim de que não padeça.

Depois, não omitiu o que a ordem humana exige em semelhantes ocasiões: mandou chamar a autoridade civil de Marburgo, comunicou-lhe o fato e ordenou que enviasse, por toda a parte, soldados à procura da mãe. Executou-se, imediatamente, a ordem, porém os soldados voltaram sem terem achado a mulher.

Se os meios naturais, empregados para conseguir alguma coisa, falharem, resta ainda um sobrenatural, como que mágico, pelo qual é movida a potência superior a operar o que, por forças humanas, é impossível alcançar: — a oração bem feita.

Uma das servas que conhecia, por experiência, a eficácia da oração da santa patroa, deu-lhe o conselho de orar para que Deus fizesse descobrir a mãe ingrata.

Isabel pôs-se em oração, mas não sem dizer:

Não sei pedir a Deus senão que se lhe faça a vontade.

Uma hora depois, compareceu o marido que veio lançar-se aos pés da duquesa e pedir-lhe perdão de sua falta. Declarou que, no caminho, sentiram-se detidos, ele e a mulher, por uma força invencível que os impedira de continuar a viagem e os constrangera a voltarem. Perguntado onde estava sua mulher, indicou o lugar donde a trouxeram os mensageiros enviados. Confirmou a mulher o que dissera o marido e suplicou também o perdão de seu procedimento inqualificável e ingrato.

As pessoas presentes aconselharam à Santa que tirasse à mulher sem coração o manto e os sapatos que lhe dera, para entregá-los a outros pobres que melhor os mereciam. Isabel respondeu: Fazei o que vos aprouver.

O manto foi dado a uma donzela e produziu o singular efeito que a jovem, pouco tempo depois, consagrou-se a Deus e tomou o véu num convento. Os sapatos couberam a uma pobre viúva.

Mas, Isabel sobre quem a piedade retomou, rapidamente, o império, mandou dar àquela mulher outros vestidos e calçados; pois, como o homem mau paga ao benfeitor com ingratidão e ofensas, assim o verdadeiro cristão retribui a ingratidão e as ofensas com benefícios.

Um caso semelhante deu-se com outra mulher que Isabel agasalhara em sua própria habitação, até que se restabelecesse duma doença. Um belo dia, a duquesa amanheceu roubada de seus vestidos. A mulher ingrata retirara-se durante a noite, levando consigo os vestidos de sua benfeitora. Esta, não tendo o que vestir, viu-se obrigada a ficar no leito.

"Meu caro Senhor, dizia, agradeço-vos por me haverdes tornado semelhante a Vós; pois, também viestes nu para este mundo e nu estivestes suspenso na cruz."

Sede, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está no céu. (Mat. 5, 48.)

A fonte de Isabel

A vida ativa que Isabel levava em Marburgo, tratando dos pobres e dos enfermos, despertava-lhe, de vez em quando, a necessidade e o desejo de repouso. Não era um descanso inerte que queria, mas uma absorção profunda em Deus, a fim de que, depois, novamente fortalecida, voltasse à prática das boas obras. Assim também o divino Salvador retirava-se, às vezes, para uma montanha solitária onde passava uns dias, longe do bulício do mundo, na santa presença de seu Pai celestial.

Perto da cidade de Marburgo, no meio de um bosque situado à fralda de escarpada montanha e pouco distante de uma aldeia, acha-se uma fonte que tomou o nome de Fonte de Isabel, porque ali a nossa Santa gostava de recolher-se para entregar sua alma, inteiramente, à devoção. O pior tempo não lhe embargava a ida a esse retiro querido. Orava sempre passeando; mas, durante o trajeto de duas léguas, de Marburgo à fonte, apenas recitava um só padre-nosso, tão entretecido de reflexões e contemplação lhe era o orar. O espírito nutria-se-lhe, por assim dizer, meditando sobre as riquezas infindas e as profundezas contidas nesta oração.

Pois, o padre-nosso não é somente uma oração dirigida a Deus, é também uma prática para a própria alma, estando, essencialmente, contidos no padre-nosso todos os sermões cristãos.

Que espetáculo edificante não seria, se nos fosse dado ver, com os olhos do espírito, todas aquelas ideias santas e sentimentos que Isabel, iluminada pela luz do Espírito Santo, tirava do padre-nosso de duas horas, qual abelha que chupa o mel das flores odoríferas !

Como é pobre e nua a alma do homem mundano a quem a oração é molesta como o trabalho forçado e que a abrevia, por isso, ou a omite! Que será dele no outro mundo onde a bem-aventurança não consiste senão em oração incessante de louvor eterno !

A oração de Isabel, junto àquela fonte silvestre, foi uma semente que se desenvolveu durante séculos e tem produzido e continua a produzir os melhores frutos espirituais. Sobre o olho d'água cristalina construiu-se uma capela em memória da nossa Santa; e, embora esta igreja já não exista, ainda hoje para lá se dirigem, constantemente, piedosos romeiros, no intuito de buscarem alívio em suas necessidades, pela intercessão tão eficaz de Sta. Isabel.

Assim como o veado suspira pelas fontes d'água, assim minha alma suspira por ti, oh! Deus. Minha alma está ardendo em sede pelo Deus forte e vivo. (Salmo 41, 1-2.)

Troca difícil

De todos os gozos de sua vida passada, Isabel apenas tinha conservado o doce e antigo hábito de viver com as amigas de sua mocidade, Isentrude e Guda. Haviam compartilhado as grandezas da soberana na qualidade de damas de honor; com ela tinham comido o pão da miséria, desde a sua expulsão de Wartburgo; enfim, companheiras inseparáveis e fiéis, haviam-se associado a todas as privações voluntárias de sua vida religiosa, a todas as suas obras de misericórdia, a suas penitências e práticas de piedade. Mesmo um coração menos sensível do que o de Isabel não teria podido conservar-se frio, perante as relações de terna e íntima simpatia que a uniam a estas suas amigas. Não podia haver intimidade mais perfeita e afetuosa senão a que reinava entre ela e as servas, como vemos em cada linha de suas notícias sobre a santa patroa. Pois bem; foi esse doce e último laço que o Mestre Conrado tomou a resolução de quebrar, com medo de que, pelas conversações, fizessem nascer, no coração da duquesa, alguma recordação ou saudade de seu esplêndido passado. À ordem do severo diretor, tiveram que separar-se de Isabel, primeiro Isentrude, e, pouco tempo depois, também Guda, que lhe havia sido a companheira da infância, desde a idade de cinco anos. Nem teve mesmo a

consolação de ficar a sós com Deus a quem se havia sacrificado. Em lugar das queridas companheiras, Conrado lhe pôs ao serviço duas mulheres de condições muito diferentes.

Uma era filha do povo, bastante religiosa, chamada Isabel como a duquesa, mas ordinária, de maneiras grosseiras e tão excessivamente feia que servia de espantalho às crianças. A outra, Irmengarda, era viúva idosa, surda, de um gênio teimoso e rabugento que passava os dias e as noites em contínua zanga.

Isabel resignou-se com perfeita docilidade, pelo amor de Cristo, a esta mudança de hábitos tão custosa; e, sempre desconfiada de si mesma, tratava de revestir-se de humildade em suas relações com a aldeã grosseira, e de paciência, submetendo-se às invectivas da velha colérica.

Conrado fez em sua confessada o que Deus, anualmente, faz em milhares de pessoas. Se o Senhor reclama para si, por meio da morte, o único filho, o esposo, a mãe, o benfeitor de alguém, talvez a dor não seja menos intensa do que foi a de Isabel, quando o confessor lhe tirou as duas amigas. E como Deus, nestas ocasiões tristes, se deixa guiar por sua bondade providente, assim também Conrado teve uma boa intenção: quis conduzi-la a um mais alto grau de perfeição, pela obediência, mortificação e humildade.

O jardineiro corta as parasitas que, embora sirvam de enfeite às árvores, tiram-lhes a seiva, e arranca-lhes as raízes dos galhos. Assim o Mestre Conrado quis exterminar os últimos restos de um amor natural e terrestre nessa alma, destinada, tão evidentemente, a chegar à suma altura da perfeição cristã.

Muitos, porém, reprovarão o proceder de Conrado, por extremamente cruel e rejeitável.

Não lhe sou juiz mas ousou observar que a própria Isentrude que foi obrigada por ele a deixar a companhia de Isabel, o defende dizendo :

"O Mestre Conrado o fez com boa intenção e grande zelo, privando Isabel de toda a consolação humana para que não amasse senão a Deus."

As Ordens religiosas exigem também semelhante separação dos parentes. E Isabel cujo ardente desejo era retirar-se para o claustro mais rigoroso, mostrou que seria capaz de submeter-se à Regra de qualquer Ordem: saiu gloriosa desta dupla provação. Às vezes, Isentrude e Guda vinham ver a querida patroa e amiga; esta, porém, fiel ao voto de obedecer em tudo às exigências de seu diretor, sem sua licença não se atrevia a trocar uma palavra com elas ou a servir-lhes uma refeição.

Entretanto, Isabel tinha ocasião de, diária ou antes constantemente, praticar as virtudes da humildade e paciência. Aquelas duas mulheres enchiam-na de maus tratos tais como talvez não usem os patrões mais mal-afamados para com os seus criados. Era ela que varria e lavava a casa; e quando, absorta em suas contemplanções religiosas, esquecia-se de mexer as grosseiras panelas, a ponto de deixar esturrar a comida, as criadas não temiam repreendê-la, asperamente, e lançar-lhe em rosto que nem mesmo sabia fazer uma sopa, e mexericavam contra ela. Acusavam-na, inexoravelmente, a Conrado, todas as vezes que a viam dar esmola, impelida pela alma compassiva.

Com paciência celestial, mesmo sem grandes esforços, sofria Sta. Isabel estas perseguições e vexames; mostrava-se até sumamente amável para com as novas companheiras e quis que a tratassem por *tu* e comessem com ela no mesmo prato.

A tanta resignação e santidade não puderam resistir aquelas mulheres: começaram a estimar a admirável duquesa.

Tomai o meu jugo e aprendei de mini que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas. (Mat. 11, 29.)

A alavanca

Com certeza, Sta. Isabel agradecerá, eternamente, a seu confessor tê-lo conduzido ao céu por caminho tão íngreme e pedregoso, e levado, por provas tão rigorosas de suas virtudes cristãs, a tão alta perfeição. Dir-se-ia que nada mais faltava para experimentar a nossa Santa e expurgá-la da mais leve mancha. No entanto a sabedoria de Deus admitiu ainda outra provação. E, para torná-la bem digna de gozar, um dia, a sua presença no céu, o Senhor, o divino Artífice, serviu-se desta vez duma alavanca forte, apontada e manejada pelo demônio ou seja por sua coadjutora, — a língua de maus homens.

Depois de a terem desacreditado como louca e pródiga, espalhando por toda a parte que havia perdido o siso, tentaram manchar-lhe a reputação com infames suspeitas e insolentes ditérios, acerca de suas relações com o Mestre Conrado. Dizia-se, publicamente, que esse padre havia seduzido a jovem viúva do duque Luís e a tinha conduzido à sua terra, a fim de juntos gozarem de seus rendimentos e de seu dote.

Não existia nem o mais leve motivo para esses juízos caluniosos; mas, como o mundo é ruim, nada mais insuportável lhe é do que o aspecto de pessoas desprezadoras de seus prazeres. O inferno cospe contra elas lama venenosa e quente, desde os tempos de Jesus Cristo até o presente.

O rumor chegou aos ouvidos do fiel protetor de Isabel, o sr. Rodolfo de Vargila, e pareceu-lhe bastante sério para motivar, de sua parte, uma visita à duquesa. Estava convencido da inteira inocência de Isabel; julgava, porém, ter ela sido talvez muito imprudente, não conhecendo a vontade do mundo de descobrir escândalo onde não havia.

Dirigiu-se o cavalheiro, pois, a Marburgo e, aproximando-se da duquesa, com grande reverência, disse-lhe:

Seja-me permitido, senhora, falar-vos sem rodeios e com franqueza.

Isabel respondeu-lhe, humildemente, que queria ouvir tudo.

Suplico-vos, replicou ele, que zeleis, minha senhora, a vossa boa reputação, pois que a vossa familiaridade com o Mestre Conrado há motivado, entre o povo ignorante e baixo, opiniões perversas e comentários inconvenientes.

O pundonor é como que um nervo da alma pelo qual esta se entrelaça e se une a outros indivíduos, de sorte que a pessoa sente tristeza ou alegria, conforme a opinião má ou boa que dela fazem os outros. Grande brutalidade ou viciosidade habitual produzem, em certas pessoas, o efeito de não se fazer sentir o pundonor. Doutro lado, porém, é sinal de mortificação completa, se alguém de vida santa sabe suportar, sem pesar e com tranquilidade, todas as calúnias. Isabel era do número desses mortos para o mundo; a alma vivia-lhe, exclusivamente, em Deus, tanto que não ligava mais importância aos mexericos gratuitos.

Ao saber do que se falava dela, a nossa Santa, erguendo os olhos ao céu e sem que o semblante lhe denotasse a menor perturbação, respondeu:

Bendito seja em tudo Nosso Senhor Jesus Cristo, que se digna aceitar de minhas mãos esta mesquinha oferta! Por seu amor e para consagrar-me a Ele como sua serva, hei renegado a nobreza do meu nascimento, desprezado minhas riquezas e bens, sacrificado minha beleza e juventude, renunciado a meu pai, à minha pátria, a meus filhos, a todas as consolações da vida, e me fiz mendiga. Apenas reservei para mim um pequeno tesouro: minha honra e minha reputação de mulher. Mas, pelo que ouço, eis aí que Deus exige de mim também, isto: eu lh'o cedo de boa vontade, para que aceite o sacrifício de meu bom nome como holocausto especial, e faça-me agradarei a, seus olhos pela ignomínia. Resigno-me a viver, doravante, como mulher desonrada. Mas, meu querido Salvador, dignai-vos preservar de toda a vergonha meus pobres filhos ainda inocentes, vergonha de que eu possa ser causa, embora involuntária.

E, querendo sossegar a dedicação de seu antigo amigo, acrescentou:

Quanto a vós ao menos, senhor, não desconfieis de mim; vede meus ombros pisados !

E mostrou-lhe equimoses recentes das pancadas que havia tomado.

Eis de que amor o santo sacerdote se acha possuído para comigo ou, melhor, como me anima a amar a Deus.

União admirável, diz seu historiador, de humildade, paciência e piedosa prudência pela qual, ao mesmo tempo que dava graças a Deus por uma ignomínia não merecida, afastava do coração do próximo todo o escândalo!

Descobre ao Senhor o teu caminho e espera nele, e ele agirá. E fará brilhar como lume a tua justiça: e o teu juízo como o meio-dia. (Salmo 36, 5-6.)

Está batendo

Afinal, a alma de Isabel, purificada de todo o pecado e de tudo o que é mundano, tornara-se ouro puro. A imagem de Deus estava acabada em beleza celestial; era tempo de ser transportada desta triste oficina terrestre à alta sala estrelada do céu, ao templo do Senhor supremo.

Durante os últimos meses, já lhe surgira na alma o céu e sua santa paz. Nunca mais Isabel se via alterada nem aflita; nas contrariedades, não só era inteiramente paciente, mas o rosto lhe parecia brilhar de alegria e beleza como o fogo chamejante. Na grande e santa harmonia de Deus e dos espíritos celestes, figurava ela como corda pura e bem afinada. Chorava, sim, é verdade, e chorava muito, e cada vez mais quanto mais se aproximava do fim da vida. Entretanto não eram lágrimas como as chorara antigamente, de dor e aflição: eram lágrimas de felicidade sobrenatural, interior.

Era o ano de 1231. Uma noite, como Isabel estivesse deitada, meio dormindo meio rezando, Cristo lhe apareceu, cercado de luz deliciosa, e lhe disse, com suavíssima voz:

Vem, serva minha, chegou o tempo em que te serão recompensados os trabalhos, a pobreza, a miséria que tomaste sobre ti, por meu amor! Vem, minha terna amiga, minha esposa escolhida, vem comigo para o tabernáculo que meu Pai te há preparado desde toda a eternidade!

Semelhantes visões, em muitas pessoas, procedem do estado excitado dos nervos e da imaginação doentia; nas almas santas, porém, significam outra coisa. Puras como são, o Espírito de Deus nelas pode introduzir ideias santas; e estas ideias transformam-se, às vezes, em representações e palavras espirituais que, como as ideias, são reais e vêm de Deus.

Isabel sentia, com firmeza, que aquela visão não era uma simples obra da fantasia, mas anunciava-lhe, certa e seguramente, a morte próxima. Claro é que, em vista de sua vida, um tal anúncio não lhe podia causar senão grande satisfação. Vigiara e orara, havia anos, esperando, com ânsia, que viesse o Senhor bater-lhe à porta.

Apenas despertou, tratou logo de empreender os preparativos para a feliz viagem; dispôs tudo para o seu funeral e enterro; foi, pela última vez, visitar todos os seus pobres enfermos, abençoou-os e repartiu entre eles e suas servas tudo quanto lhe restava a dar.

Nessa ocasião, o Mestre Conrado estava sofrendo de uma grave enfermidade que lhe causava as mais violentas dores. Mandou prevenir a sua santa penitente que lhe correu logo à residência e externou-lhe os sentimentos por vê-lo sofrendo daquela maneira.

— Que será de vós, querida senhora e filha em Jesus Cristo, se eu morrer? perguntou Conrado. Quem vos protegerá contra os maus? Quem vos dirigirá para Deus ?

— Vosso cuidado é desnecessário, replicou Isabel, calma e determinadamente. Hei-de morrer antes de vós; crede-me, não precisarei de outro protetor.

O vaticínio da Santa realizou-se, exatamente. Seu diretor Conrado de Marburgo restabeleceu-se e nunca mais adoeceu; pois, durante uma viagem que o dever lhe impusera, morreu assassinado.

Isabel, porém, no quarto dia depois daquela conversa, sentiu o primeiro ataque do mal que lhe devia terminar a existência terrestre e conduzi-la à vida eterna. Viu-se obrigada a ir para

o leito e, durante uns quinze dias, foi minada por uma febre ardente, mas conservou-se sempre satisfeita, alegre, constantemente ocupada em orar.

Um dia, voltou-se para a parede e parecia dormir, quando uma de suas criadas, assentada à cabeceira do leito, ouviu como uma doce melodia que saía da boca da doente, sem que esta movesse os lábios. Uma hora depois, a duquesa mudou de posição e, dirigindo-se à companheira, perguntou:

— Onde estás, minha querida?

— Estou aqui, respondeu a serva, acrescentando: — Mas, minha senhora, como cantastes deliciosamente !

— Também ouviste alguma coisa? indagou a enferma. E, tendo resposta afirmativa, prosseguiu:

— Foi um passarinho encantador que veio pousar entre mim e a parede e cantou, por muito tempo, de maneira tão suave que tive vontade de cantar também. Revelou-me ele que, em três dias, morreria.

Era sem dúvida, diz um antigo historiador, o seu anjo da guarda, que, deste modo, veio anunciar-lhe a eterna alegria.

Eis ali, estou eu à porta e baio: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo. (Apoc. 3, 20.)

Às portas da eternidade

Separavam, pois, a princesa da passagem para o outro mundo apenas três dias. Apesar da maneira agradável e suave pela qual o Altíssimo avisara da morte a sua filha fiel, esta aproveitou o curto espaço de tempo que lhe restava, com a seriedade de cristã humilde, temente a Deus e penitente.

Havia-lhe na alma júbilo e tremor, conforme a exortação do salmista: *Jubilai no Senhor com tremor*. É certo que o mais santo é sempre um pobre pecador; sem falar das faltas que cometem também os melhores e mais perfeitos, o amor, a fidelidade, o reconhecimento e a adoração ficam muito atrás do quanto é devido à indizivelmente grande majestade de Deus. E quem poderia afirmar ter sempre obedecido a todas as incitações da graça?

Isabel não quis mais admitir junto de si nenhuma pessoa secular, nem mesmo as damas nobres que costumavam visitá-la. Somente conservou no gabinete, além das servas, algumas Religiosas piedosas.

Quero ficar só com Deus, dizia justificando essa determinação; quero meditar sobre o terrível dia de meu juízo e sobre o meu Juiz onisciente.

Em seguida, começou a orar, banhada em lágrimas, e invocar a misericórdia divina.

Que diferença entre ela e as pessoas mundanas! Se passaram a vida de consciência atordoada, neste atordoamento também querem morrer. Durante a enfermidade, recebem, constantemente, visitas que julgam santo dever seu desfazer-lhes os pensamentos da morte, ainda que esteja irrevogável e iminente o desenlace fatal. Destarte, o enfermo perde o restinho infinitamente precioso de tempo com ideias inúteis e negócios profanos, até que a morte o encontra e agarra sem estar preparado: Tal vida, tal morte !

No domingo, depois de matinas, Isabel confessou-se com o Mestre Conrado que já se achava em estado de poder assisti-la. Entretanto, não achou, no coração santificado, de que se pudesse acusar ou que já mil vezes não estivesse lavado pela mais sincera contrição.

Acabada a confissão, Conrado lhe perguntou quais eram as últimas vontades acerca, dos tens e dos móveis que lhe pertenciam. Qual fumaça grossa que dificulta a respiração e incomoda os olhos, esta questão costuma, inquietar os moribundos. Ao invés de olhar, nessa, hora, de que tudo depende, para diante, para Deus e para o Salvador, a pobre alma se ocupa com

as coisas temporais, atormenta-se com cuidados improfícuos, enquanto lhe oscila o solo sob os pés e ela desaparece, momentos depois, no oceano da eternidade.

Sta. Isabel também a este respeito já estava preparada e respondeu :

Admiro-me como podeis fazer-me semelhante pergunta, pois sabeis que, quando vos fiz voto de obediência, renunciei, antes de tudo, à minha vontade, depois a meus filhos e ao mundo com os seus prazeres sensuais. Só conservei, segundo as vossas ordens, o que era mister para pagar as dívidas e fazer esmolas. Se vós houvésseis permitido, teria já renunciado a tudo e vivido numa cela com a ração necessária que os outros pobres recebem. De há muito, tudo o que parecia meu, era, na realidade, dos pobres; distribuí, pois, entre eles tudo o que deixo, exceto este vestido velho e usado com o qual quero ser enterrada. Portanto, não faço testamento; não tenho outro herdeiro senão Jesus Cristo" .

A única disposição que fez acerca de suas exéquias foi para ser sepultada na igreja do hospício dos franciscanos, por ela fundado. Desejava que seu corpo, depois da morte, descansasse no lugar onde, ultimamente, tinha vivido e trabalhado.

A piedade é um grande lucro com aquilo que basta; porque nada trouxemos para este mundo, e é fora de dúvida que nada podemos levar dele. (1. Tim, 6, 6-7.)

Crepúsculo

Foi no dia 18 de Novembro que Isabel fizera a última confissão. Depois de haver conversado, por muito tempo, com seu confessor, celebrou-se a santa Missa no mesmo quarto, de forma que, perante seus olhos, realizou-se a repetição misteriosa do sacrifício da cruz pelo qual ela devia ter uma morte piedosa. Em seguida, recebeu a extrema-unção e a sagrada Comunhão.

Absorta em contemplação do Salvador que nela acabava de se hospedar, ficou imóvel e silenciosa, durante todo o dia até o escurecer. De repente, os lábios se lhe abriram, para soltarem uma torrente de piedosas e fervorosas expressões. Uma fonte oculta e obstruída de saber e eloquência brotava-lhe da alma, no momento em que ia tomar o voo para o céu.

Começou a recitar por extenso o Evangelho da ressurreição de Lázaro, e pôs-se a dissertar, profunda e admiravelmente, sobre as lágrimas de Cristo, vertidas à beira do túmulo de Lázaro, à vista de Jerusalém e durante a sua estadia na cruz. Ao ouvirem estas palavras e pensando na separação por que haviam de passar, dentro de poucas horas, daquela alma querida e santa, os olhos de todos os presentes arrasaram-se de lágrimas. Notou-o a moribunda e repetiu-lhes a palavra que o Senhor, caminhando para a morte, dissera:

Filhas de Jerusalém, não choreis por minha causa, chorai antes por causa de vós mesmas!

Seu coração, cheio sempre de compaixão e simpatia, ao mesmo tempo que se elevava para o céu, ficava ainda aberto para aqueles que haviam amado; cuidava ainda em aliviar a dor de suas servas, dirigia-lhes as mais afetuosas consolações, chamando-as sem cessar: Minhas queridas, minhas amigas.

Depois de todos estes discursos, conservou-se calada por muito tempo. De repente, sem que se percebesse entreabrirem-se-lhe os lábios, outra vez, ouviu-se-lhe sair, brandamente, da boca uma inefável e doce harmonia. Era como se de longe tocassem uma campainha, ao pôr do sol. Admiradas, as pessoas presentes interrogaram-na a este respeito, ao que ela respondeu:

Não vistes os anjos que cantavam comigo? Fiz o que pude para cantar com eles" .

E, desde o anoitecer até o primeiro canto de galo, ficou num estado de alegria expansiva, cheia de piedade e da mais fervorosa devoção: o céu já se achava nela, antes que passasse desta vida para a outra.

Porque para mim o viver é Cristo, e lucro o morrer. (Felipenses 1, 21.)

O demônio

Ensina a Sagrada Escritura, com toda a evidência, que os maus espíritos perseguem os homens, e a experiência cristã o confirma, não por visões sensitivas, mas pelo que o demônio faz e tem feito. Dela sabemos que, quanto mais se eleva a alma na vida contemplativa, mais aumenta a atividade de Satanás. Os nossos primeiros pais, quando ainda em estado de graça, viram-se perseguidos pelo demônio; o infinitamente Santo foi tentado, no deserto, pelo demônio; um dos apóstolos, o demônio o levou à traição, ao desespero e ao suicídio.

S. Paulo conta que Deus, para humilhá-lo, deu-lhe, por companheiro, um demônio. E porque será que, não raras vezes, cristãos mais piedosos, no meio da oração e nos momentos mais santos do culto divino, sentem surgir-lhes na alma as mais horripilantes blasfêmias de que eles mesmos se horrorizam?

As pessoas santas, mesmo por isso, são atacadas pelos maus espíritos, porque o ódio que eles lhes têm é mais rancoroso, e porque Deus o admite como última prova de seu amor. Sendo a vida inteira um tempo de provação que se acaba na hora da morte, trava-se então a luta decisiva, na qual empregam todas as forças para conquistar a alma humana. Nesta luta renhida, acontece que o moribundo percebe, pelos sentidos, os espíritos combatentes.

Assim lemos na vida de muitos santos que, à hora da morte, lhes apareciam não só Jesus Cristo e os Santos de sua devoção, como também os demônios. Coisa semelhante deu-se com Isabel.

Já segura de sua gloriosa coroa, disse às amigas, um pouco antes de meia-noite:

— Que faríamos, se o nosso inimigo, o demônio, nos aparecesse agora ?

Um instante depois, clamou com voz forte e clara:

— Sai, espírito maligno, sai! tarrenego ! E acrescentou logo:

— Bem, ele vai-se embora !

Tendo a santa duquesa vivido sempre segundo as normas da religião católica, nada de mal encontrou nela o inimigo do gênero humano, à hora da morte.

Sede sóbrios e vigiai! porque o demônio, vosso adversário, anda ao redor de vós qual leão que ruge, buscando a quem devore. (1. Pedro, 5, 8.)

A recompensa

Chegou a hora em que devia abrir-se a cortina que separava ainda da glória infinita de Deus e do céu esta alma santa e amiga do Senhor. A cortina, porém, que existe entre nós e a eternidade, é o tecido do corpo.

Perto de meia-noite, o rosto de Isabel tornou-se de tal modo resplandecente que mal se podia encarar. Era como se já se cumprisse nela a palavra da Sagrada Escritura: Os Santos no reino de meu Pai resplandecerão como o sol.

"Eis aqui a hora, disse a moribunda, em que a Virgem Maria deu ao mundo o Senhor. Falemos acerca de Deus e do Menino Jesus, pois está dando meia-noite! Eis a hora em que Jesus nasceu, em que foi deitado na manjedoura e em que criou uma nova estrela, nunca vista até então por ninguém! Eis a hora em que ressuscitou dos mortos e livrou as almas acorrentadas. Assim livrará também minha alma deste mundo miserável; que Ele a receba em suas mãos !...

Parecia aumentar-se-lhe, no meio da agonia, a cada instante, a alegria e o júbilo.

Estou fraca, dizia, mas não sinto dor alguma.

Orou, em alta voz, pelas pessoas presentes e conversou ainda por muito tempo, toda inflamada pelo Espírito Santo.

Por fim disse:

Oh Maria, vinde em meu auxílio! Aproxima-se o momento em que Deus chama sua amiga para as núpcias. Vem o Esposo buscar a esposa.

Em seguida, pediu silêncio, abaixou a cabeça, caindo como em um doce sono, e rendeu, triunfante, o seu último suspiro.

Como se tivessem vindo os espíritos celestes para levarem consigo a alma pura e santa, um perfume delicioso derramou-se na humilde choupana e ouviu-se, aos ares, um coro de vozes admiráveis que cantavam, com inefável harmonia, o sublime responso da Igreja, resumo de toda sua vida:

"Desprezei o reino do mundo pelo amor de Jesus Cristo, meu Senhor, a quem via e amava, em quem acreditava."

Tal vida, tal morte! — ou antes, já não é morte propriamente dita, é o abstrair-se do peso do corpo. Não é dado a nós pobres homens penetrar nos mistérios da morte: impotentes estamos à porta, esperando até que a voz de Deus nos chame, um por um, para desaparecermos na garganta escura da morte donde todos acharão urna saída eterna sem saberem agora qual seja.

Mas, certo é que será o dia mais belo e mais feliz o da entrada na vida eterna para quem tiver procurado a Deus, nele houver esperado e o tiver amado com sinceridade, em verdade e com todas as forças.

Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente. (João, 8, 51.)

QUARTA PARTE

A SANTA

Para o céu

Como os discípulos de Jesus, no Monte das Oliveiras, continuavam a olhar para o céu, mesmo quando o divino Mestre já havia subido e uma nuvem IhO subtraía à vista, assim deixemos o corpo de Sta. Isabel e sigamos-lhe a alma libertada às regiões etéreas, à pátria celeste.

Para muitos a terra não é senão como que um cárcere frio e asqueroso, e o próprio corpo, um cilício espinhoso. Destes era Sta. Isabel, principalmente nos últimos dias de vida. Só por isso, a morte podia ser-lhe uma redentora; assemelhava-se à águia, presa por muito tempo, e, de repente, dada à liberdade, que, com alegria indescritível, deixa as correntes e vai se elevando sobre as montanhas até a abóbada do céu, azul e límpida, em direção do saudoso sol benfazejo.

A morte, em geral, causa terror, porque a alma, saindo para um mundo estranho e desconhecido, não sabe o que lhe sucederá, completamente só e sem meios de se defender. Diz, às vezes, o moribundo: "Prouvera a Deus que não morra de noite !" dando a conhecer o medo que tem da escuridão do próximo porvir. Entretanto, o cristão verdadeiro passa para uma vida que já lhe é familiar, que até o atrai, tanto que o Apóstolo S. Paulo escreve: *Cristo é minha vida e o morrer meu lucro.*

Assim Isabel. Afinal foi-lhe permitido arremessar-se, livre de qualquer laço e para sempre, no vasto, ilimitado mar daquela felicidade de que tanta saudade tivera, durante o seu exílio terrestre.

Não raras vezes sinto-me cheio de tristeza ao ver os mundanos, até os pobres, irem buscar os prazeres deste mundo por miseráveis e insignificantes que sejam: uma música, um realejo, uma bebida, um prato extraordinário, um vestido aparentemente fidalgo. E também o que os ricos adquirem a dinheiro grosso, a fim de gozarem da vida, como é insuficiente e mesquinho!... jardins e palácios, vestidos riquíssimos, carros e automóveis, teatros e bailes, estações de águas e viagens de recreio! Não somente aos espíritos superiores tudo isso parece uma miséria, uns trapos velhos, mas mesmo a qualquer homem já não satisfaz, após algum tempo.

O coração do homem, por natureza, possui um forte desejo de encher-se de gozo e de bem-estar. E, para realizar este desejo, muitos cavam a terra, onde, porém, não encontram o que procuram, do mesmo modo que a criança não consegue agarrar a lua ou a estrela dentro d'água onde percebe o reflexo do astro brilhante.

Isabel, desde pequena, não buscou a felicidade cá em baixo, na terra; pelo contrário, sempre levantou o olhar para cima donde lhe sorria a paz anelada. O corpo só lhe servira de obstáculo, a vida inteira; uma vez quebrado esse laço sua alma pôde voar, livre e desembaraçada, para onde, havia muito, presentira a sua pátria.

E ainda no céu não gozarão todos da mesma bem-aventurança, o mesmo grau de felicidade. *Na casa de meu Pai há muitas moradas.* Para a alma em que a perfeição for maior, o amor mais ardente, as obras de misericórdia mais numerosas, os sofrimentos aceitos com mais paciência e resignação, será mais glorioso, mais agradável o estado no céu. Quem semeia largamente, colherá com profusão. A Mãe dolorosa de Deus ou S. Paulo que trabalhou mais do que todos os outros apóstolos, com certeza serão mais felizes do que a criança, falecida logo depois do batismo, sem que tivesse experimentado os espinhos da vida.

Ora, a vida de Isabel fora uma série ininterrupta de boas obras, de calúnias e perseguições sofridas por causa de sua piedade e beneficência, numa palavra, uma imitação de

Cristo que é raríssima entre os homens. E o Deus bondoso, certamente, não teria permitido que o coração de sua filha fiel fosse dilacerado por tantos espinhos, e sua vida tão breve fosse sobrecarregada de cruces tão pesadas, se, ao mesmo tempo, não houvesse tido em vista o mar imenso de alegria e júbilo com que tais obras e tais sofrimentos seriam recompensados no além-túmulo. Oh! quem pudesse avistar, um só momento, a felicidade que Isabel está desfrutando agora, todas as belezas, todos os bens e prazeres da terra lhe pareceriam noite escura, funesta e fria.

E verão sua face e o seu nome lhes estará nas frentes. Ali não haverá mais noite, nem terão necessidade de luz nem de lâmpada nem de sol, porque o Senhor Deus os iluminará e reinarão pelos séculos dos séculos. (Apoc. 22, 4-5.)

Os restos mortais

Enquanto a alma santa voou para as alegrias eternas, à presença do Senhor e Salvador, o corpo ficou na terra, cercado por uma nuvem de dor e de pranto. Partido o espírito, as servas e algumas outras piedosas mulheres lavaram e amortalharam o corpo com grande respeito. Deram-lhe por mortalha o vestido velho, todo roto, que usara na vida e que para tal fim destinara.

Quis agradar a Deus, e a sabedoria cristã lhe ensinara que, mais facilmente, Deus a aceitaria se, em pobreza, comparecesse perante o seu tribunal. Determinara, pois, que também o corpo lhe fosse coberto com o mísero farrapo da pobreza, assim como geralmente se põe nas mãos dos defuntos um crucifixo ou um terço.

Foi o corpo inânime, depois, transportado pelos Religiosos franciscanos para a humilde capela do hospício de S. Francisco que devia ser o primeiro teatro de sua glória, depois de haver sido o de suas lutas heróicas pelo amor de Deus e dos pobres. Era a mesma capela em que costumava orar e entregar-se a todos os exercícios de devoção.

Logo que se espalhou a notícia de sua morte, acudiu uma multidão imensa de fiéis, principalmente de pobres e doentes, a fim de prestarem as últimas homenagens àquela que, em vida, lhes fora verdadeira mãe.

Justamente, porque há uma ressurreição dos mortos, para o cristão crente, o cadáver é digno de veneração e sepultado, por entre orações, em terra sagrada. Animados, pois, pelo instinto popular que é, tantas vezes, presságio da honra verdadeira e pública, os mais fervorosos devotos, pressentindo a honra que a Igreja havia de tributar a esses preciosos despojos, trataram logo de munir-se de relíquias da futura santa.

Arremessaram-se-lhe sobre o esquife; uns rasgavam-lhe pedaços do vestido, outros cortavam-lhe os cabelos e as unhas, chegando umas mulheres até a cortar-lhe a ponta das orelhas e outras partes pequenas do corpo para guardá-las como relíquias.

A dor causada pela perda da benfeitora era geral: de todos os olhos manavam lágrimas; por toda a parte, ouviam-se os gemidos e prantos dos pobres e dos enfermos aos quais iam faltar, para sempre, os seus ternos cuidados; todos deploravam-lhe a perda com violenta aflição. "Quando nisso penso, diz um franciscano que foi testemunha ocular e nos deixou a biografia da Santa, quando nisso penso, tenho mais vontade de chorar do que de escrever ou falar".

O amor e a devoção do povo não diminuiram, e, para não subtrair-lhe tão cedo o aspecto da querida finada, o corpo ficou exposto, na igreja, durante quatro dias.

Entretanto, o rosto da Santa não parecia o de um cadáver; a beleza juvenil havia-lhe reaparecido em todo o seu brilho e frescura. Antes de morrer, tinha a fisionomia como a têm, de ordinário, as pessoas que passam a vida em muita amargura e dor. O que, porém, deve ser considerado verdadeiro milagre e se percebe, às vezes, na morte de pessoas santas, foi que, mesmo depois de quatro dias, não se viam, absolutamente, no corpo os sinais de decomposição;

pelo contrário, exalava-se dele um suave e delicioso perfume.

No quarto dia, foram celebradas as exéquias com a maior solenidade. Era enorme o número de fiéis que, nessa ocasião, se reuniram. Talvez ninguém se lembrasse de orar pelo descanso eterno da falecida; pois, quem a via ou tão somente ouvira nela falar, ficava convencidíssimo da bem-aventurança que a sua alma gozava. Em lugar disso, todos elevaram ao céu as expressões de uma devoção fervorosa e do piedoso reconhecimento que experimentavam, por terem recebido de Deus um exemplo tão glorioso de caridade e misericórdia, implorando à própria Isabel que intercedesse por eles e continuasse assim, no céu, a obra de filantropia que começara na terra.

Semeia-se em corrupção, ressuscitará na incorrupção. Semeia-se em vileza, ressuscitará em glória; semeia-se em fraqueza, ressuscitará em vigor, (1. Cor. 15, 42-43.)

Aves celestes

Na noite precedente, enquanto se cantavam as vésperas dos defuntos, a abadessa dum mosteiro distante que viera tomar parte na cerimônia fúnebre, ouviu, fora, um canto de extraordinária harmonia. Saiu, acompanhada de diversas pessoas, para certificar-se donde procedia esse canto, e viu, sobre o telhado da igreja, um número infinito de passarinhos até então nunca vistos na Turíngia, os quais cantavam com modulações tão suaves e variadas que todos os assistentes ficaram cheios de admiração. Dir-se-ia quererem celebrar, a seu modo, as gloriosas exéquias.

Eram anjos, enviados por Deus, diziam alguns, a fim de convidar para o céu a alma de Isabel, e que, agora, desciam de novo para honrar-lhe o corpo com cânticos de celeste alegria.

Mas, também a natureza e seus pássaros pertencem ao Todo-poderoso assim como os anjos; e, se aqueles, constante-mente, O glorificam e louvam pelo gorjeio alegre e inocente, pode ser que o Senhor do mundo criado os mande, às vezes, glorificar uma alma que subiu para perto de seu trono, no céu. Assim vemos, por exemplo, na vida de S. Francisco de Assis com o qual talvez nenhuma mulher tenha tido parentesco espiritual mais profundo do que Sta. Isabel.

Homens que se arrastam pela estrada gasta da vida ordinária, consideram estas coisas como puerilidades; o que, porém, não tem ainda o espírito coberto e abafado pela sensualidade ou juízo limitado deste mundo, nisto prevê a verdade duma vida superior e mais nobre, um preâmbulo da salvação de toda a natureza de que fala S. Paulo, na Epístola dos Romanos, capítulo oitavo.

Os que semeiam em lágrimas, com regozijo colherão. (Salmo, 125, 6.)

Amizade além da morte

No mosteiro de Reinardsbrun, onde o duque Luís, em vida, com preferência passara os dias de lazer e, depois da morte, fora sepultado, vivia um Irmão leigo, de nome Volkmar, que exercia o ofício de moleiro no convento. Era um homem de piedade extraordinária; praticava as mais rigorosas austeridades, a ponto de usar uma couraça de ferro sobre a carne, a fim de mortificá-la melhor contra os apetites desordenados.

A duquesa visitava, frequentemente, o túmulo de seu inolvidado esposo. Nessas ocasiões ela conheceu esse monge e aprendeu a estimá-lo, pois salientava-se entre os irmãos de hábito pela santidade. Recomendava-se-lhe sempre às orações e exigiu-lhe, um dia, a promessa de que haveria, daí em diante, entre ambos união e fraternidade espirituais; em fé do que estendeu-lhe a mão e tomou a sua, apesar da resistência do humilde Religioso, que, em sua

simplicidade, corou ao tocar na mão de tão ilustre senhora.

Alguns tempos depois, ocupado no conserto das máquinas e pondo o vento, inesperadamente, em movimento o maquinismo, uma das asas do catavento alcançou-lhe o braço, partiu-o e esmagou-lhe a mão. O pobre homem teve que sofrer dores terríveis às quais, porém, submetia-se com toda a resignação cristã.

À noite do dia 19 de Novembro, à hora em que Isabel rendia a Deus a alma predestinada, Volkmar achava-se na Igreja, velando e orando, sentindo dores tão fortes que não lhe era possível reprimir os gemidos.

De repente, viu, diante de si, a serva de Deus, Isabel, vestida com as vestes reais e resplandecendo com uma luz imensa.

— Meu Irmão Volkmar, perguntou-lhe, que estás fazendo? como passas?

Cheio de pasmo e todo deslumbrado pela claridade sobrenatural que a circundava, o monge reconheceu a duquesa, sem que lhe viesse a ideia de que ela houvesse morrido.

— Que é isso, minha senhora? Observou portanto, como é que vos vejo hoje de traje tão rico e belo, quando sempre costumáveis vestir-vos tão pobrememente ?

— É porque mudei de condição, respondeu ela.

E, dizendo isto, tomou-lhe a mão doente, a mesma que ele outrora lhe havia dado em sinal de fraternidade. No momento do contato, passou-lhe pelo corpo uma dor aguda como um choque elétrico que o assustou bastante; logo depois, porém, sentiu que estava completamente curado. E agradeceu louvando ao Senhor por ter alcançado a saúde, por intermédio de Isabel.

É sabido que os saduceus, querendo preparar uma armadilha ao divino Mestre, lhe perguntaram a quem, depois da ressurreição, pertenceria a mulher que teve diversos maridos, sucessivamente. O Senhor respondeu que, no outro mundo, não haveria mais estado matrimonial, mas todos os ressuscitados seriam como os anjos do céu. Se, pois, na eternidade, não subsistirão as relações que, durante a vida terrestre, tiveram os homens em consequência de consanguinidade, afinidade ou amor sensual, absolutamente não se segue daí que cessem também, depois da morte, as relações de amizade e amor puro, que só afetavam as almas e eram baseadas em Cristo. Pelo contrário, podemos supor, com toda a probabilidade, que os laços de um amor que nada tem com o corpo, mas acha o sustento e arrimo tão somente em Deus, pela morte do corpo não sejam rotos.

E àquele que vencer e guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei poder sobre as nações. (Apocal. 2, 26.)

Mais milagres

Um monge de Cister, havia mais de quarenta anos, definhava à ação de uma dor interior e de uma lesão secreta do coração que tinha resistido a todos os remédios naturais. Tal tormento é muito mais doloroso do que o mal do corpo, porque rói, imediatamente, a alma, fonte da vida humana. Lembrou-se, afinal, de Sta. Isabel que certamente lhe valeria, agora que se achava perto do trono de Deus, visto que, em vida, fora tão santa e compassiva para com os enfermos necessitados.

Era o segundo dia depois das exéquias dela, quando se foi ajoelhar junto a seu túmulo e pedir-lhe auxílio. E, depois de haver invocado, com fé inteira, a zelosa consoladora de todos os sofrimentos, sentiu-se, repentinamente, curado e livre do jugo sob o qual gemia, dando disso testemunho juramentado, perante o Mestre Conrado e o Pároco de Marburgo.

Pouco depois veio à sepultura um sacerdote de nascimento ilustríssimo e provido de alta dignidade eclesiástica que, infelizmente, entregara-se a grandes excessos de luxúria cujo odioso era agravado pelo caráter sagrado de que se achava revestido. Por graças de Deus, não estava obstinado, pois, amedrontado pelo remorso da consciência e pela vergonha, havia recorrido ao

tribunal da penitência, mas sem fruto algum: à primeira tentação tornava a sucumbir, sendo-lhe as recaídas, cada vez, mais escandalosas e deploráveis.

Entretanto o prelado lutava sempre contra a sua fraqueza e, apesar de imundo, veio procurar forças junto ao túmulo de Sta. Isabel. Pôs-se em oração e invocou-lhe o auxílio e a intercessão, derramando copiosas lágrimas e ficando, durante longas horas, absorvido num fervor sincero e íntima contrição.

Só cessou de pedir depois de ter a convicção de que as suas súplicas haviam chegado até os ouvidos divinos, e que o Senhor tinha atendido a oração que Sta. Isabel lhe apresentava em nome de uma pobre vítima do pecado. Sentiu-se, com efeito, penetrado de uma força espiritual, superior a todas as impulsões do vício; e, desde esse momento, como o declarou ao seu confessor, Mestre Conrado, o aguilhão da carne ficou nele de tal sorte domado, que não teve mais que combater senão tentações ligeiras que, facilmente, vencia.

* * *

Uma pobre mãe, Sofia de Butingen, cuja filha Beatriz, havia cinco anos, padecia cruéis enfermidades, entre outras, tumores enormes sobre o dorso e o peito, fê-la transportar ao túmulo de Sta. Isabel e ali ficou com ela dez dias em oração. Ao cabo deste tempo, vendo que suas súplicas eram baldadas, murmurou, em alta voz, contra a Santa, dizendo:

— Pois que não me ouvistes, arredarei todas as pessoas que quiserem vir ao vosso sepulcro.

E partiu de Marburgo vivamente irritada; mas, depois de ter andado légua e meia, os gritos e a dor da filha obrigaram-na a parar junto de uma fonte, perto duma aldeia a de nome Nossedorf. A menina dormiu alguns instantes e, quando despertou, disse que tinha visto chegar-se a ela uma linda senhora, de rosto todo resplandecente e mãos alvas e finas, a qual lhe tinha passado, brandamente, as mãos sobre as partes. mais dolorosas do corpo, dizendo-lhe: "Levanta-te e anda !" E logo a mocinha exclamou:

— Oh! minha mãe, sinto que todo o meu corpo está são !

Voltaram juntas ao túmulo, a fim de renderem graças à Santa e lá deixaram o cesto em que a enferma havia sido-conduzida.

* * *

— Oh! bem-aventurada Isabel! exclamava urna desditosa mãe, no momento de enterrar o corpo dum filho que acabava de expirar, por que hei perdido assim meu filhinho? Vinde em meu socorro e ressuscitai-o.

Instantes depois, o pulso do menino recomeçou a bater, voltou à vida e, depois de ter, por muito tempo, tentado falar, lá pela meia-noite, disse :

— Onde estou, minha mãe ?

Não reconhecia ainda sua progenitora mas, pouco a pouco, recuperou as forças.

* * *

Um moço paralítico das pernas que sentia uma dor cruel na espinha dorsal, foi transportado, em carro, ao túmulo da duquesa onde ficou são da dor que tivera no dorso; e, na ocasião de o levarem para casa, disse :

— Santa Isabel, não voltarei ao vosso sepulcro, se, por vossa misericórdia, não puder ir por meus pés; mas virei com certeza, se me concederdes esta graça.

Poucos dias depois, sentiu-se completamente curado e pôde cumprir a promessa.

* * *

Maiores prodígios, porém, deram-se ainda sobre o túmulo da nossa Santa. Miseros atacados de penosas enfermidades, surdos, coxos, cegos, alienados, leprosos, paráliticos que lhe vinham implorar generosidade, voltavam inteiramente curados. Almas aflitas e oprimidas pelo jugo do pecado, o conseguiam sacudir junto dos restos mortais daquela que, em vida, tão nobremente, o soubera quebrar. Citam-se, entre os que vinham invocá-la contra as próprias fraquezas e regressavam emendados, homens, dominados pelo orgulho, pela avareza, pelo ódio e pela cólera, e, certamente, não podiam eles seguir guia mais fiel do que aquela que sempre se havia humilhado e cedido, completamente, os seus haveres e sua pessoa aos pobres, passando toda a vida a amar e a perdoar.

Trinta e quatro são as curas juramentadas pelos interessados, havendo mais uma relação de cinquenta e oito casos em que Sta. Isabel atendeu às súplicas dos seus devotos que, porém, não foram tomados sob juramento.

Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, investir-te-ei na posse do muito: entra no gozo de teu senhor. (Mat. 25, 21.)

Deus é admirável em seus santos

Quanto mais se espalhavam os prodígios pelos arredores de Marburgo, tanto maior era a multidão dos infelizes de toda a espécie que vinham solicitar a cura de seus diversos males: a misericórdia divina não faltava à fé do povo cristão, e àqueles que tomavam Isabel por advogada, concedia, dia por dia, graças mais numeráveis e palpáveis.

"Não era somente da diocese de Mogúncia e de Treves, diz o monge Cesário, que se viam acudir os doentes e as almas sofredoras; da Colônia, de Bremen, de Magdeburgo, de todas as longínquas províncias, todos os dias chegavam novos. Os que se retiravam consolados ou curados eram logo substituídos por outros que, a seu turno, voltavam também anunciando as poderosas misericórdias do Senhor aos que encontravam pelo caminho. Também lá estive nessa época e nunca, na minha vida, vi tanta gente reunida como então em Marburgo e seus arredores. A custo se abria caminho para entrar na igreja ou para sair".

Tomando assim o recurso ao túmulo de Isabel dimensões extraordinárias e aumentando, cada vez mais, o número de curas milagrosas, o Mestre Conrado tratou de participar ao Papa Gregório IX as maravilhas com que o poder divino ilustrava a sepultura da gloriosa defunta, pedindo-lhe que as mandasse verificar e se dignasse declarar, solenemente, os direitos da Santa à veneração pública dos fiéis.

O Sumo Pontífice, no intuito de dissipar todas as dúvidas dos espíritos desconfiados, não deferiu imediatamente o requerimento, aliás justo e sobremodo grato à sua pessoa, mas ordenou ao arcebispo de Mogúncia, ao abade de Eberbach e ao Mestre Conrado que recolhessem testemunhos públicos e solenes acerca de tudo quanto, na vida da duquesa, houvesse de agradável a Deus e aos homens, assim como a respeito dos milagres subsequentes à sua morte, e assim, depois de redigidas por escrito estas disposições diversas, as enviassem para Roma por pessoas fidedignas. Ao mesmo tempo, prescrevia a ordem e o método a seguir na inquirição das testemunhas, com minuciosidades tais que bem mostravam toda a solicitude e prudente reserva com a qual enceta a Santa Sé tão delicada matéria.

A ordem do Papa executou-se.

O mestre Conrado pediu, no púlpito, que todos aqueles de seus ouvintes que houvessem obtido cura ou algum favor celeste pela invocação da duquesa, se apresentassem cora as respectivas testemunhas.

À hora marcada, acudiu um número considerável de pessoas, afirmando todas, sob juramento, que haviam recebido graças por intercessão de Isabel. Conrado copiou, textualmente, toda esta série de testemunhos e remeteu o documento ao Papa, acrescentando-lhe

um resumo da vida de Sta. Isabel, conforme sua lembrança. Este precioso documento chegou até nossos dias e forma a fonte mais antiga de que se haure o material da história da Santa.

Porque nada podemos contra a verdade senão pela verdade. (II. Cor. 13, 8.)

Morte honrosa

Antes, porém, de chegar de Roma a resposta a esta coleção de depoimentos, morreu Conrado, vítima de seu zelo pela fé. A ousadia com que acusava e perseguia os hereges numa seita largamente espalhada, fossem embora os senhores e príncipes mais poderosos, havia, desde longo tempo, suscitado contra ele ódios e rancores terríveis, agravados, cada vez mais, por sua excessiva severidade.

Voltando, um dia, de Mogúncia para Marburgo, foi surpreendido por muitos cavalheiros e vassallos do conde de Saina a quem acabava de acusar de heresia: caíram sobre ele e o degolaram.

Os assassinos quiseram poupar o seu discípulo e companheiro, fr. Geraldo, franciscano; porém, este opôs-se-lhes aos desígnios e abraçou tão apertadamente o corpo do mestre que lhes foi impossível matar um sem o outro. O cadáver de Conrado foi transportado para Marburgo e enterrado, no meio do sentimento popular, na mesma capela em que se achava inhumada a santa duquesa, sua filha em Jesus Cristo, e a pouca distância da sua pedra sepulcral.

Se é verdade que Conrado tratara Isabel com excessivo rigor, também não se pode negar que, depois da morte da mesma, tivesse trabalhado, com afinco, para obter-lhe a suprema distinção aqui na terra: a canonização, decretada pelo Papa; tanto que sua morte inesperada foi um grande obstáculo para a realização dos anelos e esperanças de muitos fiéis. Os documentos que havia colhido não foram despachados; ficaram esquecidos e desprezados, parecendo que ninguém queria, séria e efetivamente, interessar-se por esse assunto tão grato à alma popular.

Contudo, não tardou o Senhor em suscitar um novo e zeloso defensor da glória de sua humilde serva, na pessoa de Conrado, cunhado de Isabel. Havendo cooperado em lhe tornar a vida difícil, transformou-se, mais tarde, tão radicalmente que não houve quem dispendesse mais zelo e trabalho, mais perseverança e despesas, a fim de glorificar a finada por todos os modos, do que o seu maior adversário de outrora. Cumpriu-se nele a palavra de Salomão:

Assim como se fazem os repartimentos das águas, assim, o coração do rei se acha na mão do Senhor : Ele o inclinara para a parte que quizer. (Prov. 21,1.)

Lobo e cordeiro

Vimos, no correr desta narrativa, como Conrado, irmão mais moço do duque Luís, tomara parte na infame expulsão da duquesa Isabel, sua cunhada viúva, do castelo de Wartburgo; pelo menos não a defendeu contra seu irmão Henrique Raspon. Sabe-se que se entregava, sem freio, a muitos excessos da mocidade.

Em 1232, por ocasião de uma penitência imposta pelo arcebispo de Mogúncia ao abade de Reinardsbrun, protegido nato da casa da Turíngia, o landgrave Conrado ficou de tal forma irritado contra o prelado que avançou contra ele, em pleno Capítulo, na catedral, agarrou-o pelos cabelos, atirou-o por terra e o teria apunhalado, se os seus servos lho não impedissem.

De volta a Wartburgo, referindo ao irmão o ocorrido e externando o desejo de saciar mais ainda sua sede de vingança, se tivesse número suficiente de guerreiros, Henrique lhe deu plenos poderes sobre o exército. Conrado começou, pois, a devastar as possessões da Sé de Mogúncia, saqueou e destruiu diversas povoações pertencentes ao arcebispo. Não contente com

esses excessos, sitiou a cidade de Fritzlár que também era do prelado, tomou-a de assalto e, para vingar-se do escárnio grosseiro que as mulheres lhe fizeram durante o cerco, mandou pôr fogo à cidade que ficou toda destruída, com igrejas, conventos e grande parte dos domicílios. O bispo de Worms, diversos cônegos e cerca de duzentos soldados foram feitos prisioneiros; livros, vasos do culto divino, alfaias e relíquias, dispersas, e até as partículas consagradas, profanadas.

Depois, Conrado retirou-se para o seu castelo de Tenneberg, perto de Gotha, onde a mão de Deus não tardou a feri-lo.

Um dia, viu chegar ao castelo uma mulher que, em consequência de sua má vida, caíra na maior miséria e vinha pedir-lhe uma esmola. O landgrave censurou-a com palavras duras pela infame profissão, pois, apesar do seu caráter indômito e apaixonado, parece ter-se conservado puro neste sentido. A desgraçada respondeu-lhe, entre lágrimas, que fora unicamente a miséria que a lançara em semelhante vida. Conrado ficou todo comovido, a ponto de prometer à pobre criatura que, daí em diante, proveria a todas as suas necessidades, contanto que renunciasse ao caminho do vício.

Se o pecador se levanta para praticar uma obra boa, agradável ao Senhor, Deus, às vezes, em recompensa, concede-lhe a maior graça que pode haver neste mundo: a conversão do coração.

Aquele incidente produziu uma profunda impressão na alma de Conrado; passou toda a noite seguinte numa agitação extrema, refletindo sobre se não era ele mais culpado do que a infeliz mulher a quem havia insultado, e a quem só a pobreza arrastara ao vício, enquanto ele, rico e poderoso, abusava, escandalosamente, de todos os dons de Deus.

No dia seguinte, comunicou os seus pensamentos a dois companheiros de armas e amigos íntimos e, cheio de admiração, soube que eles haviam sido agitados pelas mesmas reflexões. Todos três julgaram logo que esta voz interior e simultânea fosse um aviso do Céu e resolveram fazer penitência e mudar de vida.

Em primeiro lugar foram, descalços, em romaria, à igreja de S. Nicolau de Gladenbach e confessaram-se ao pároco que lhes aconselhou entrassem para uma Ordem religiosa e, por uma vida exemplar e edificante, reparassem os crimes cometidos.

No entanto, o bispo de Mogúncia acusara o landgrave ao Papa Gregório XI de ter profanado a pessoa do arcebispo e destruído casas de Deus. Conrado foi, pois, excomungado, pena em que incorrem os profanadores. Ora, não havendo reconciliação com Deus sem que se façam as pazes com a Igreja e como Conrado bem conhecesse as palavras do Senhor, dirigidas a S. Pedro: Tudo o que ligares sobre a terra será ligado no céu, e tudo o que desligares sobre a terra será desligado no céu, partiu para Roma, a fim de obter do próprio Papa a absolvição da censura eclesiástica.

Chegando à cidade eterna, o duque deu o exemplo da mais sincera penitência e da mais fervorosa piedade. Todos os dias recebia, à sua mesa, vinte e quatro pobres a quem ele próprio servia. O Papa deu-lhe a absolvição, impondo-lhe, por penitência, reconciliar-se com o arcebispo de Mogúncia e com todos aqueles a quem havia prejudicado; construir e adotar um mosteiro em lugar dos que havia incendiado; fazer penitência pública e, enfim, entrar em uma Ordem religiosa.

Resolvido a penitenciar-se, Conrado voltou para a Alemanha, tratando logo de cumprir todas as condições de sua absolvição. Obtido o perdão do arcebispo ofendido, foi a Fritzlár onde não só indenizou o prejuízo causado, mas sujeitou-se, voluntariamente, a atos de penitência rigorosa. Descalço e com disciplina nas mãos, foi, acompanhado por enorme multidão de povo, à igreja, prostrou-se por terra, à porta do templo, e suplicou aos transeuntes, feio amor de Deus, que lhe

perdoassem todo o mal que lhes havia feito. Estendendo, então, a disciplina, convidava-os a que a tomassem e lha aplicassem. Somente uma velha acedeu ao convite e feriu-lhe as costas, sofrendo ele tudo com paciência.

Submeter-se a semelhante humilhação um príncipe como Conrado, na flor da idade, só

podia ser efeito duma grande graça particular. E há probabilidade de que a intercessão de sua cunhada no céu tenha, fortemente, cooperado para curvar sob o jugo de Jesus Cristo aquele coração tão insensível, tão cheio de orgulho.

Havendo ainda dado ordens para que fosse edificada, às suas custas, uma igreja catedral em Fritzlar, renunciou à vida mundana e tomou o hábito da Ordem teutônica. Os dois amigos, companheiros seus no pecado, quiseram acompanhá-lo também neste passo para o caminho do céu: entraram na mesma Ordem, juntamente com mais vinte e quatro fidalgos, realizando-se a solenidade na igreja do hospício, fundado por Sta. Isabel.

A datar desse momento, Conrado mostrou-se inteiramente transformado. Em 1237, eleito superior da Ordem, distinguiu-se por sua grande piedade e ilimitada caridade.

Foi este landgrave Conrado que se dedicou à propaganda da devoção e à canonização de sua cunhada, com o mesmo zelo que empenhara o finado Mestre Conrado.

Deus não quer que alguns pereçam mas que todos se convertam à penitência. (II. Pedro, 3, 9.)

O processo

Por ocasião de sua romaria a Roma, o landgrave Conrado, nas conversações que teve com o Soberano Pontífice, falou-lhe, circunstanciadamente, a respeito da grande santidade de Isabel e pediu-lhe, com instância, que a canonizasse.

Ainda que tivesse que gastar formidáveis somas para indenizar a cidade de Fritzlar, persuadiu a seu irmão Henrique Raspon a unir-se com ele para fundarem, em Eisenach, um convento de dominicanos, com a intenção de poder assim expiar a parte que haviam tomado naqueles transes cruéis pelos quais, nessa mesma cidade, sua cunhada Isabel passara logo depois de sua expulsão de Wartburgo.

Entretanto, também aos esforços do landgrave o Papa opôs obstáculos, não por desconfiança da santidade da falecida, mas para obedecer à praxe e observar a cautela eclesiástica. Enfim, cedeu às instâncias e, por um lado, desejando que a piedosa simplicidade da Igreja militante não fosse enganada, se não se verificassem os fatos alegados e, do outro lado, que a Igreja triunfante não ficasse privada de sua glória, se a fama lhe fosse comprovada, encarregou, por um breve, o bispo de Hildesheim e dois abades de procederem a um novo exame dos milagres atribuídos a Isabel e, dentro de cinco meses, enviarem o resultado obtido para Roma.

Obedientes às ordens da Santa Sé, o bispo de Hildesheim e seus dois colegas mandaram publicar o rescrito em todas as dioceses vizinhas, aprazando um dia no qual todos os fiéis que tivessem conhecimento de alguma cura alcançada pelas orações da duquesa, se achassem em Marburgo, a fim de darem os seus depoimentos. Nomeou-se, novamente, uma comissão de sacerdotes, legistas e professores de direito.

Foi nesta ocasião que as quatro servas de Isabel, Guda, Isentrude, Isabel e a viúva Irmengarda, vieram contar o que sabiam acerca de sua patroa; estas inestimáveis narrações nos têm sido conservadas por inteiro.

Reuniram-se, naquele dia, em Marburgo, muitos milhares de pessoas, vindas de todas as partes da Europa, sendo-lhes as alegações, escrupulosamente, pesadas e examinadas.

Entre o grande número de milagres que referiram os depoimentos das testemunhas, deve notar-se a ressurreição de diversos mortos. Cento e vinte e nove foram julgados dignos de serem recolhidos, transcritos e munidos dos selos do bispo e dos outros prelados para serem enviados a Roma.

Um abade, um dominicano e o landgrave de outrora, agora Frei Conrado da Ordem teutônica, foram designados para levar ao Papa o resultado do exame que ele havia prescrito .

Eram, ao mesmo tempo, portadores de cartas de muitos bispos e abades, de príncipes, de princesas e nobres que, humildemente, suplicavam ao Pai da cristandade "não consentisse que a viva chama de celeste caridade, acesa pela mão de Deus para servir de exemplo ao mundo, ficasse obscurecida pelas nuvens do desprezo ou sufocada debaixo do alqueire da heresia, mas que fosse patenteada e exposta à veneração dos cristãos".

O Papa achava-se, com os cardeais, na primavera do ano de 1235, na cidade de Perusa, quando Conrado e os demais mensageiros chegaram à sua presença. O Pontífice abriu a missiva em presença de numerosos prelados e comunicou à assembleia todos os pormenores transmitidos a respeito de Isabel e dos milagres que lhe eram atribuídos. Todos ficaram comovidos por tanta humildade, tanto amor dos pobres e da pobreza, tantos prodígios emanados da graça do céu.

Entretanto, o Papa determinou empregar a mais rigorosa severidade no exame desses milagres. Em um consistório, presidido pelo Soberano Pontífice, ao qual assistiam muitos cardeais & prelados da mais alta categoria, procedeu-se à leitura das provas da santidade de Isabel, oficialmente reconhecidas; e todos, de comum acordo, declararam que não se devia demorar mais a inscrição autêntica desse glorioso nome no catálogo terrestre dos Santos, visto já se achar inscrito no livro da vida, como o Senhor o tinha provado.

Fez-se, depois, a mesma leitura diante do povo que, profundamente emocionado e satisfeito, clamou ao chefe da Igreja: "Canonização, Santíssimo Padre, canonização, e sem demora !"

A graça é enganadora, e a formosura é vã; a mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada. (Prov. 31, 30.)

A canonização

O papa, para dar mais lustre à cerimônia, decidiu que a canonização se realizaria no dia de Pentecostes, dia em que a Igreja comemora a vinda do Espírito Santo, fonte de toda a santidade- Era o dia 26 de Maio de 1235, havendo passado sete anos desde que o mesmo Pontífice Gregório IX, na mesma cidade de Perusa, canonizara S. Francisco de Assis.

Chegado o dia da grande festa, o Papa, os patriarcas de Jerusalém e de Antioquia, os cardeais, grande número de arcebispos, bispos e outros prelados, de sacerdotes e monges, seguidos de milhares de fiéis, por entre o som de trombetas e outros instrumentos, foram em procissão ao convento dos dominicanos, em Perusa. Todos os que tornaram parte no solene préstito, levavam círios acesos que o landgrave Conrado havia distribuído às suas custas.

Chegada a procissão à igreja, o cardeal-diácono leu, em alta voz, aos fiéis a narração da vida e dos milagres de Isabel, no meio das aclamações do povo e das lágrimas de santa alegria e piedoso entusiasmo que corriam dos olhos de muitos. Em seguida, o Papa exortou os assistentes à oração, a fim de que Deus o preservasse de erro neste negócio. Entoadado o hino *Veni, Creator Spiritus*, que toda a assembleia acompanhou, o Santo Padre ajoelhou-se e orou, juntamente com a multidão que enchia o vasto templo. Depois, o Papa, sentado no trono e, com a tiara na cabeça, declarou santa a querida Isabel, nestes termos solenes:

"Em honra de Deus Onipotente, Padre, Filho e Espírito Santo, para exaltação da fé católica e desenvolvimento da religião cristã, pela autoridade deste mesmo Deus Onipotente, pela dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo e pela nossa, declaramos e definimos que Isabel, de feliz memória, em vida duquesa da Turíngia, *é santa e deve ser inscrita no catálogo dos Santos*, assim como Nós nele a inscrevemos; e, ao mesmo tempo, ordenamos que a Igreja universal lhe celebre a festa e o Ofício, com solenidade e devoção, todos os anos, no dia de sua morte, a treze das calendas de dezembro (19 de Novembro).

Além disto, pela mesma autoridade, concedemos a todos os fiéis, verdadeiramente

arrependidos e confessados, que lhe visitarem o túmulo nesse dia, uma indulgência de um ano e quarenta dias”.

O som do órgão e de todos os sinos acolheu as últimas palavras do Pontífice. Então, depondo a tiara, entoou o *Te Deum laudamus* que foi cantado pelos assistentes, num verdadeiro delírio de alegria.

Um cardeal-diácono disse, em seguida, em alta voz : — Santa Isabel, rogai por nós, aleluia, e o Papa recitou, pela primeira vez, a colecta ou oração em honra da nova Santa, composta por ele, a mesma que é recitada ainda hoje, após mais de seiscentos anos, por todos os sacerdotes da Igreja Católica, no Ofício e na Missa do dia 19 de Novembro :

"Deus misericordioso, iluminaí os corações dos vossos fiéis e, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada Isabel, concedei-nos a graça de desprezarmos a felicidade mundana e de gozarmos, constantemente, da consolação celeste. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina, em união do Espírito Santo, Deus por todos os séculos dos séculos. Amém."

Na mesma igreja erigiu-se, em honra da Santa, um altar e, daí por diante, os Religiosos dominicanos desse convento têm sempre celebrado a sua festa com Missa solene.

Depois das magníficas cerimônias da igreja, o duque Conrado convidou para sua mesa trezentos clérigos, enviou vinho e víveres a numerosos conventos dos arredores e mandou distribuir a muitos milhares de pobres e a todos os que pediam esmola, pão, carne, vinho e dinheiro, a fim de que também os Italianos soubessem de que bondade e compaixão fora aquela que acabava de ser canonizada e que lhes tinha valido tão extraordinária munificência.

O Papa gostou tanto desta liberalidade de Conrado que o convidou à sua mesa, o que era uma distinção muito especial, e fê-lo sentar-se ao seu lado, mandando, ao mesmo tempo, tratar com magnificência todo o seu séquito. Quando se foi despedir de Sua Santidade, a fim de voltar para a Alemanha, o Pontífice concedeu-lhe todas as graças que Conrado lhe pedira em nome de muitos peticionários, deu-lhe a bênção e abraçou-o com lágrimas nos olhos.

Com tanto esplendor foi, pois, honrada aquela que outrora, em consequência de sua vida humilde e pobre, era considerada idiota. Onde, porém, estarão a orgulhosa Inês e sua mãe, a duquesa Sofia, que escarneciam da piedade da jovem Isabel? Onde estarão as soberbas damas da corte que recusavam reconhecer, na senhora infinitamente caritativa, a verdadeira, princesa? — Enterradas e transformadas em pó, ninguém mais se lembra delas; e onde se acham agora as suas pobres almas não o sei.

Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado. (Mat. 23, 12.)

A voz da Igreja

O edito em que o chefe da Igreja se dirige a toda a cristandade, chama-se bula. E para participar, solenemente, aos fiéis católicos de todo o orbe que haviam de venerar unia nova Santa e intercessora no céu, Gregório IX publicou a seguinte bula :

"A majestade infinita ao Filho de Deus, Jesus Cristo, Salvador e Redentor de nossas almas, considerando, lá do alto céu, a nobreza e a excelência de nossa condição alterada e corrompida pelo pecado de nosso primeiro pai, deliberou fazer sentir os efeitos de sua misericórdia, livrar os homens sentados à sombra da morte e chamar os pobres exilados à pátria da liberdade.

"Para este fim, o Filho de Deus entra na estreiteza das entranhas da Santíssima Virgem (se pode-se chamar estreito o que tem suficiente amplitude para conter o infinito) e, baixando de seu trono celestial, cobre-se da fragilidade de nossa natureza e, de invisível que era, torna-se visível e, pelo adorável mistério de sua encarnação, derriba e vence o príncipe das trevas, triunfa de sua malícia, pela gloriosa redenção de sua natureza humana, e traça a seus

fiéis servos, com suas divinas instruções, uma estrada certa para voltarem, seguramente, à sua pátria.

"A bem-aventurada Isabel, de real nascimento e, por aliança, duquesa da Turíngia, considerando com madureza e compreendendo, judiciosamente, essa admirável economia de nossa salvação, empreendeu seguir, corajosamente, as sagradas pegadas do Salvador e trabalhar, com todas as suas forças, na prática da virtude, a fim de se tornar digna de ser inundada da claridade eterna, e, desde o nascimento até o ocaso da vida, nunca cessou de se deleitar nos braços do amor celeste.

"Depois, iluminada destas mesmas claridades, vendo, na pessoa de seu próximo, o divino Jesus, ela o amou com tão admirável caridade que toda a sua delícia era ver-se rodeada de pobres, viver e conversar com eles. Quando ainda menina, era já a mãe piedosa, a protetora dos pobres e o coração enchia-se-lhe de ternura à vista de suas misérias.

"Sabendo que o Juiz universal, em sua última sentença, deve sobretudo fazer menção dos serviços que se lhes prestam, e que a entrada da glória está, de certo modo, à disposição dos pobres, concebeu uma grande estima por sua condição e empreendeu, com a maior solicitude, ganhar a afeição e o favor daqueles a quem, de ordinário, as pessoas de sua condição costumam desprezar. Renunciando, além disto, aos prazeres que lhe estavam preparados, macerava, rigorosamente, o seu tenro corpo com jejuns, guardava perpétua parcimônia e praticava austeridades contínuas, a fim de que nada faltasse aos pobres: virtude tanto mais louvável e meritória, pois era filha de sua pura caridade e da abundância de sua própria devoção, sem que a isso fosse constrangida ou obrigada por ninguém. "Que mais quereis que vos digamos ? Depois do falecimento de seu esposo, considerando a santa vida que até então levava como muito imperfeita, tomou o santo hábito de Religiosa e sujeitou-se ao jugo da obediência espiritual até o último dia de sua existência.

"Oh! mulher bem-aventurada! oh! admirável senhora! oh! doce Isabel, isto é, santidade e plenitude de Deus, que, distribuindo, com tanta liberalidade, o seu pão aos pobres, merecestes ser fartada com o Pão dos anjos! Oh gloriosa viúva, fecunda em virtude, que, obtendo por graça o que a natureza não pode dar, vencestes os inimigos com o escudo da fé, a couraça da justiça, a espada do espírito, o capacete da salvação e a lança da perseverança !

"Destarte se tornou agradável a seu Esposo imortal, conservando-se, continuamente, unida à rainha das virtudes, pela cordial afeição que votava ao seu serviço, e abaixando, à imitação dela, a sua alteza mundana aos exercícios de uma humílima serva. Assim tornou-se igual aos Santos da antiguidade, caminhando, com simplicidade e sem queixa, no caminho dos mandamentos de Deus. Ocultando a graça divina no íntimo de sua alma, patenteara-a, no exterior, por santas ações e contínuas boas obras, aquecendo-a e alimentando-a com o crescimento progressivo da virtude. Mereceu, por fim, ser recebida por Aquele em quem, exclusivamente, devemos pôr nossa esperança e que reserva para si o poder e o encargo de exaltar os humildes e inocentes; Aquele que a livrou das prisões da morte para assentá-la no trono deslumbrante da luz inacessível.

"Mas, ao passo que no seio das belezas e riquezas do império eterno, triunfante, em companhia dos santos e dos anjos, seu espírito goza da face de Deus e cintila no abismo da superna glória, sua caridade fê-la cento que sair deste trono para nos esclarecer a nós que vivemos nas trevas da terra, e consolar-nos com grande número de milagres, em virtude dos quais os fiéis católicos se enraízam, fortemente, e crescem, gloriosamente, na fé, na esperança e na caridade; os infiéis são iluminados e informados do verdadeiro caminho da salvação, e os hereges contumazes ficam com a face coberta de vergonha e confusão.

"Porque os inimigos da Igreja vêem diante dos olhos, sem poderem opor resistência, que, pelos méritos daquela que, durante a prisão desta vida, fora amante da pobreza, cheia de doçura e misericórdia; que chorava, abundantemente, não tanto os próprios pecados, como, por sua extrema caridade, os dos outros; que tinha fome de justiça, praticava uma vida puríssima e inocentíssima, e que, nas perseguições contínuas e nos opróbrios que a combatiam e atacavam, conservou sempre a alma cândida e o coração calmo e pacífico: pela invocação

desta fiel esposa de Jesus Cristo, a vida é, divinamente, dada aos mortos, a luz aos cegos, o ouvido aos surdos, a palavra aos mudos e o andar aos aleijados. Assim os hereges são constrangidos a ver, na Alemanha, a religião que queriam sufocar alçar-se, gloriosamente, e, com inefável alegria, triunfar de sua malícia e impiedade.

"Havendo-nos sido atestadas estas maravilhas por provas que ninguém há contradito, por conselho de nossos irmãos e veneráveis patriarcas, arcebispos, bispos e mais prelados que se acharam em nossa corte, segundo o dever de nosso cargo que nos obriga a velar, diligentemente, sobre tudo aquilo que concerne e contribui à glória do Salvador, havemo-la inserido no catálogo dos Santos, pedindo-vos, com instância, que façais celebrar, solenemente, a sua festa no décimo terceiro dia das calendas do mês de Dezembro que é aquele em que, quebrados os laços da morte, correu ela, pressurosa, à fonte da superna felicidade, para que, por sua piedosa intercessão, possamos obter aquilo que ela já obteve de Cristo e se gloria de gozar, eternamente.

"Além disso, a fim de usar do poder que, do alto, Nos foi dado para que a universalidade dos fiéis prove estas delícias da corte invisível, e a fim de exaltar o nome do Altíssimo, mandando honrar, por seu concurso, a venerável sepultura de sua esposa, cheio de confiança na misericórdia do Todo-Poderoso, por autoridade de seus bem-aventurados Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, Nós relaxamos um ano e quarenta dias de penitência a todos aqueles que, contritos e, dignamente, confessados, lá forem, no dia de sua festa e durante toda a oitava, oferecer suas súplicas e orações.

"Dada em Perusa, nas calendas de Junho, em o nono ano de nosso pontificado".

Já passaram séculos, desde que esta bula foi espalhada pelo mundo, e até hoje, em todas as igrejas do orbe católico, todos os anos, no dia 19 de Novembro, se festeja a memória de Sta. Isabel, havendo no breviário e no missal lições e orações próprias para a solenidade.

E esta Isabel santa é a mesma que, pobre e esfarrapada, diariamente, servia aos enfermos no hospital, que, em casa, varria o soalho, se deixava repreender pelas criadas, bater pelo rigoroso Mestre Conrado e, por sua causa, foi caluniada. Agora, porém, se podem referir à sua pessoa as palavras pronunciadas por Maria Santíssima:

Minha alma glorifica ao Senhor e meu espírito se regozijou em Deus, meu Salvador; porque pós os olhos na baixeza de sua serva; eis que, já desde agora, me chamarão "bem-aventuraãa todas as gerações. (Luc. l, 46-48.)

O cortejo

Chegando a bula da canonização à Alemanha, o Arcebispo Sigefredo de Mogúncia marcou o dia 1.º de Maio de 1296 para a trasladação do corpo da Santa, espaçando assim a época até a primavera seguinte, a, fim de dar tempo aos bispos e fiéis da Alemanha de se adiarem em Marburgo para assistirem à solene cerimônia.

E de fato, a pequena cidade de Marburgo e seus arredores ficaram inundados de inumerável multidão de fiéis de todas as classes, calculando-a uma das antigas crônicas em mais de um milhão de pessoa. Lá estavam representadas todas as nações e todas as línguas. Vieram muitos peregrinos da França, Boêmia e Hungria. Eles próprios maravilhavam-se de se aglomerarem ali em número tão considerável, dizendo que, desde séculos, jamais se haviam reunido tantos homens.

Além dum sem-número de sacerdotes, monges e abades, viam-se doze bispos: os arcebispos de Mogúncia, Colônia, Treves e Bremen; os bispos de Hamburgo, Halberstadt, Merseburgo, Bamberg, Worms, Spire, Paderborn e Hildesheim. Até o célebre imperador alemão Frederico II, então no auge do poder e da glória, lá foi também, juntamente com muitos duques, príncipes e condes.

Os cavaleiros teutônicos começaram a preparar a elevação do corpo de Sta. Isabel. O Prior Ulrico, acompanhado de sete Irmãos, entrou, de noite, na igreja onde ela repousava; trancaram as portas e abriram o túmulo. Apenas levantaram a pedra que o fechava, um perfume delicioso começou a exalar-se dos restos sagrados. Os Religiosos ficaram cheios de admiração, à vista desse sinal da divina Misericórdia, pois sabiam que o corpo de Isabel fora enterrado sem aromas nem perfumes de qualidade alguma. Acharam o santo corpo inteiro, sem aparência de corrupção e, entretanto, jazera já cinco anos debaixo da terra. Conservava ainda as mãos postas em forma de cruz sobre o peito. Os Irmãos o envolveram numa roupagem de púrpura e o depuseram num caixão de chumbo, deixando aberta a sepultura, a fim de que pudesse, facilmente, ser exumado por ocasião da solenidade.

Ao romper do dia marcado, a multidão aglomerou-se em redor da igreja; só com muita dificuldade se pôde abrir caminho para o imperador penetrar no recinto. Ele mesmo desceu à sepultura, osculou, reverentemente, o caixão e, ajudado pelos bispos, ergueu-o do túmulo. Em seguida, foi transportado, solenemente, aos ombros do imperador, dos príncipes e dos prelados, no meio de harmoniosas vozes e instrumentos, para o lugar que lhe estava preparado, a fim de ser exposto à veneração do povo.

No intuito de manifestar a todo o mundo a sua profunda veneração pela gloriosa Santa, Frederico II conservava, simultaneamente, os sinais da majestade imperial e da penitência: trazia a coroa na cabeça e estava descalço e vestido de simples vestimenta de cor cinzenta, como Isabel mesma a tinha usado na profundidade de sua vida pobre. Após o imperador iam os príncipes e os eleitores do império, igualmente coroados, e os bispos e abades com as respectivas insígnias.

Quando a procissão se moveu pelo meio do povo e este respirou o doce perfume que o corpo exalava, o entusiasmo rompeu todos os limites.

O dominicano Teodorico da Turíngia, historiador antigo, menciona as palavras então pronunciadas pela multidão:

"Oh! corpo sacratíssimo, que vales tanto diante do Senhor e possuis tanta virtude para curar os homens! Aquela que era considerada como uma louca, ei-la que confunde, com sua loucura, a sabedoria deste mundo! Os anjos lhe honram o túmulo e, logo, todos os povos correm, pressurosos, a venerá-lo; os grandes senhores e o próprio Imperador vêm visitá-lo. Aquela que, em vida, desprezara a glória do mundo e fugira da companhia dos fidalgos, ei-la honrada, magnificamente, pela soberana majestade do Papa e do Imperador. Aquela que sempre escolhera o último lugar, que se assentara no chão, que dormira no pó, ei-la carregada, exaltada por mãos reais !... E com toda a razão, pois se fez pobre e vendeu tudo o que possuía para adquirir a inapreciável pérola da eternidade".

Expôs-se o corpo da Santa à veneração pública e o Arcebispo Sigefredo cantou a Missa solene. Ao ofertório, o impera-

234 • , .. • ,,:; r:,-

dor aproximou-se do esquife e colocou sobre a cabeça da querida Isabel uma coroa de ouro, dizendo :

"Como em vida não a pude coroar imperatriz, ao menos hoje desejo honrá-la como rainha imortal no reino de Deus".

Em seguida, à oferenda, ele próprio conduziu o jovem duque Hermano, filho da Santa, enquanto a imperatriz acompanhou as duas filhas, Sofia e Gertrudes.

Os restos mortais da humilde princesa tiveram então uma honra como raras vezes tem sido proporcionada a uma mulher. Com certeza, foi a Providência divina que guiara para ali justamente as três pessoas que não só conheceram Isabel no estado da maior humilhação, mas constituíra o flagelo vivo com que Deus quis atormentar sua serva: a velha duquesa-mãe Sofia que lhe dirigira, em tempo de criança e noiva, tantas palavras duras, e os dois cunhados Henrique e Conrado que expulsaram a pobre viúva e seus filhinhos menores, com tanta crueldade, para a mais profunda miséria.

Então presenceavam como até o cadáver daquela que, por tanto tempo, haviam

desprezado, era honrado, de modo nunca visto, pelos grandes da terra assim como por milhares de pessoas de todas as classes. Também eles dobraram o joelho e oraram longo tempo; é provável que pedissem perdão à Santa e esta lhes pagasse com benefícios os males que lhe causaram, intercedendo por eles junto ao trono de Deus.

Aguardei com expectativa ao Senhor e me atendeu. E ouviu os meus rogos: e me tirou de um lago de miséria e de um lodo imundo, e pôs-me os pés sobre pedra. (Salmo 39, 2-3.)

O óleo

Prolongou-se, extraordinariamente, a cerimônia da exposição do corpo da Santa, porque os fiéis dos diferentes países que ali se achavam reunidos, quiseram celebrar o ofício em honra de Isabel, cada um a seu modo com os cânticos da sua terra natal.

As ofertas que, nessa ocasião, se faziam, foram de valor e abundância incalculáveis, pois todos reclamavam, desde logo, a ereção de uma bela e grande igreja em que fossem, definitivamente, depositadas e veneradas as relíquias da Santa. As mulheres davam anéis, adereços e jóias de toda a qualidade; outros ofereciam ricas doações ou prometiam auxiliar, por dons preciosos, a edificação do templo planejado.

Durante as solenidades, uma nova maravilha veio aumentar a admiração e entusiasmo dos inúmeros presentes. Tendo estado exposto, alguns dias, o corpo da Santa, encontrou-se no fundo do caixão um óleo muito subtil e odorífero que lhe gotejava dos ossos; à medida que se enxugavam as gotas, apareciam logo outras quase imperceptíveis, formando assim uma espécie de orvalho misterioso.

À vista disto, o clero e os fiéis sentiram mais um impulso de regozijo pela nova prova da complacência de Deus para com a sua humilde serva. O óleo precioso foi apanhado pelo povo com cuidado, obtendo-se, por seu emprego, muitas curas de enfermidades e feridas.

O mesmo fenômeno tem-se verificado em diversos santos, por exemplo S. Hedvigis, tia de Sta. Isabel, e Sta. Walburga. Como se explica este suor de óleo perfumado, não o sei dizer-mas, se até as coisas mais ordinárias da natureza não se deixam explicar, por exemplo, como do grãozinho insignificante provém a árvore tão gigantesca, não me custa crer em fenômenos de caráter sobrenatural em pessoas de vida angélica.

O povo católico possui um sentimento um instinto admiravelmente fino para tudo o que se refere à religião. Assim a multidão, vinda de diversas terras, logo adivinhou a significação simbólica e mística daquele óleo. Os mais antigos cronistas da vida de Sta. Isabel referem algumas exclamações que se ouviam da boca dos peregrinos :

"Belíssimo milagre! diziam; estes ossos, tão usados e batidos por piedosos exercícios e mortificações, figuram o vaso de alabastro partido que encerrava um bálsamo precioso; por isso exalam tal perfume. Do corpo lhe mana óleo, porque toda a vida transbordava-lhe de obras de misericórdia; e assim como o óleo sobrenada em todos os líquidos, a misericórdia prevalece em todos os juízos de Deus. Dos pés corre-lhe mais abundante, porque eles é que a levavam às choupanas dos pobres e aonde havia misérias a aliviar. Quantas almas aflitas, quantos corpos enfermos não foram curados por sua caridade e pelo exemplo de sua santidade! Quantos milhares de pobres não foram sustentados e fartados com o pão dela? Quantos prodígios não tem ela feito resplandecer no seio da Igreja! Com razão, este líquido precioso e odorífico está, altamente, proclamando a santidade daquela que há resplandecido de luz tão pura, curado os enfermos com tanta doçura, alimentado os pobres com tanta generosidade e, em toda sua vida, derramado tão rico e fragrante perfume !"

O teu nome é como o óleo derramado. (Cant. dos Cant. 1, 2.)

Erva trepadeira

Desde então o túmulo de Isabel tornou-se um centro de peregrinações que atraía, anualmente, um sem-número de fiéis devotos, mais do que qualquer outro santuário da Alemanha . E a fé e a terna confiança dos piedosos peregrinos ficaram recompensadas por uma multidão de milagres que, no entanto, não foram examinados pela Igreja como os acima narrados, porque já se efetuara a canonização que dispensava novo exame. Se, pois, aqui relato algumas destas curas milagrosas por causa de sua originalidade, não quero, absolutamente, constranger o leitor a tê-las por certas e indubitáveis, como aquelas que se acham verificadas pela fé de juramento. No decorrer do tempo, mil ervas trepadeiras de invenção e fantasia aparecem, escalando as muralhas inabaláveis da verdade. Havia naquele tempo, na Inglaterra, uma nobre senhora que, depois de vinte e um anos de casada, viu morrer o marido sem dele ter tido filhos. A fim de achar alívio à sua viuvez, usava um vestido de cor parda, cortou os cabelos e adotou por filhos doze pobres. Acolheu-os em sua casa; alimentava-os, vestia-os, lavava-os e servia-os em tudo com as próprias mãos. Onde encontrasse um pobre, dava-lhe logo esmola pelo amor de Deus e de Sta. Isabel, pois amava-a mais que a todos os outros santos de Deus. O seu coração estava sempre ocupado com ela, noite e dia pensava na vida bem-aventurada que tinha vivido.

Quando a Deus aprouve, morreu essa piedosa senhora. No meio dos lamentos que sua morte produzia, o seu confessor aconselhou que a levassem ao túmulo de Sta . Isabel, pois que, em vida, fizera a promessa de lá ir.

Os seus amigos seguiram o conselho e chegaram, após uma viagem de sete semanas, com o corpo a Marburgo. Logo que invocaram a santa com fervor, o cadáver se reanimou, levantou-se e disse: "Como sou feliz! recostei-me ao seio de Sta. Isabel".

Os amigos quiseram voltar com ela para a Inglaterra; a ressuscitada, porém, recusou apartar-se dos lugares santificados pela celeste amiga: e lá viveu quinze anos, muito santamente, conservando um silêncio completo, não falando senão com o confessor.

Perguntando-lhe este, um dia, por que razão se impunha esse silêncio, respondeu :

— A felicidade de que gozei durante o tempo em que dormi no seio de Isabel, não me deixa ocupar de outra coisa senão da posse da mesma felicidade para sempre.

* * *

Em outra crônica lê-se o seguinte:

Em Presburgo, na Hungria, acabava de expirar, ainda menina, a filha única de um casal honesto que sentia essa morte com dor excessiva. Depois de muitas lágrimas e gemidos, os pais deitaram-se, sem porém poder conciliar o sono, levando a maior parte da noite a conversar sobre sua desgraça. Entretanto, a mãe, adormecendo afinal, teve uma visão na qual lhe foi inspirado que levasse, imediatamente, o corpo da filha defunta ao túmulo de Sta Isabel, na Alemanha .

Despertando, cheia de confiança no Senhor, disse ao marido:

"Não enterremos ainda a nossa filhinha, mas levemo-la, com fé, a Sta. Isabel que o Senhor tem ornado com tantos milagres, a fim de que suas orações lhe restituam a vida" .

De madrugada, o pai e a mãe, com grande admiração de todos os que esperavam ver conduzir-se o corpo da menina à igreja para ser enterrado, embrulharam-na num pano e puseram-se a caminho para o túmulo de Isabel, sem se deixar embarçar pelos murmúrios e zombarias dos assistentes.

Caminharam, trinta dias, em meio de lágrimas, fadigas e penas de toda espécie; mas, no fim desse tempo, Deus teve compaixão de sua fé e de sua intensa dor e, cedendo aos méritos de sua querida Isabel, tornou a mandar a alma da menina ao corpo inanimado e o chamou de novo à vida. Apesar do regozijo que os desvairava, os pais levaram a filha ressuscitada a Marburgo,

voltando dali para a Hungria.

Mais tarde, esta mesma menina acompanhou à Alemanha uma filha do rei da Hungria, dada em casamento ao duque da Baviera. Chegando a Ratisbona com a princesa, entrou para um convento de dominicanas, onde veio a ser priora e viveu em grande santidade, servindo a Deus por muitos anos.

Às garras da superstição

As relíquias de Sta. Isabel repousaram, durante três séculos, numa igreja monumental, edificada, em honra da Santa, em Marburgo, atraindo, sem cessar, milhares de peregrinos de todas as partes da Europa, quando rompeu a tal chamada Reforma. Seguindo o exemplo da maioria dos príncipes alemães, também Felipe, landgrave de Hesse e cognominado o Bondoso, renunciou à fé católica, introduzindo o culto protestante na igreja de Sta. Isabel.

O templo, porém, pertencia à Ordem teutônica, cujo comendador, oficialmente, protestou contra semelhante pretensão escandalosa. Felipe respondeu ordenando a remoção das relíquias da igreja, de forma que, caso ele morresse, ninguém soubesse onde se achavam, e a "superstição e heresia" até então praticadas desaparecessem, inteiramente.

No ano de 1539, ao domingo depois do dia da Ascensão, devia ser executada, pela primeira vez, a ordem do landgrave. Seguido por numeroso acompanhamento no qual se destacavam o duque de Luneburgo, o conde de Isenburgo e filho, muitos fidalgos e funcionários públicos, Felipe penetrou na casa de Deus. Como viessem tratar de um ato sagrado, assistiram a um sermão e tomaram a "ceia", administrada por um ministro protestante. Terminado o ofício, dirigiram-se à sacristia cujas chaves eram guardadas pelo comendador da Ordem. Este foi chamado e intimado a abrir-lhe as três portas exteriores. Uma multidão imensa de curiosos o seguiu, pelo que o comendador, já contrariado por causa da arbitrariedade com que procediam as autoridades, fechou uma das portas. Ninguém, porém, se lembrara de que a mesma não se podia abrir senão por fora. Foi mister passar a chave para o lado exterior, através de uma das janelas, a fim de que os que estavam desse lado a apanhassem e a metessem na fechadura. O landgrave dignou-se dizer:

— Se nos acontecer morreremos de fome na sacristia, começaremos por comer o comendador.

— Resta saber, replicou este, se estarei disposto a me deixar comer.

A porta de ferro, atrás da qual se achava a relicário, estava fechada: o comendador recusou abri-la. Então o landgrave ordenou que se buscassem serralheiros e ferreiros, com malhos e torqueses, a fim de forçar a grade.

Os operários compareceram, mas, não conseguindo abrir todas as fechaduras da grade interior, arrombaram-na. Virou-se o belo e precioso caixão de metal para ser furado em baixo. Uma vez aberto, o próprio Felipe meteu as mãos dentro e exclamou:

— "Louvado Deus! eis aqui as relíquias de Sta. Isabel! Eis aqui os seus ossos! Apareces ou não, avózinha Lisete? Eis aqui minha avó !

Depois, o *digno* neto da Santa, voltando-se para o comendador, disse :

— O caixão é pesado, sr. comendador; preferia que estivesse cheio de escudos! porém ao menos serão antigos florins da Hungria, não é verdade ?

— Não sei o que aí dentro existe, replicou o comendador; em toda a vida nunca me aproximei tanto do relicário como hoje, e oxalá não me achasse aqui a esta hora !

O landgrave tirou então do túmulo aberto um cofrezinho, forrado de damasco vermelho, que continha os ossos da Santa, e os entregou a um criado que os meteu num saco de forragem e os levou logo para o castelo de Marburgo.

O landgrave examinou então, a canivete, o metal de que estava feito o caixão e mandou averiguar por um ourives se era de ouro maciço. Sabendo que era apenas de cobre dourado,

inculpou ao clero de ter roubado os donativos dos fiéis, mandando fazer um esquite de cobre. O bondoso nem se lembrou de que estava cometendo um roubo sacrílego.

Deu então fé de que faltava a cabeça da Santa e, depois de muita insistência, obrigou ao comendador a mostrar-lhe um armário secreto da sacristia onde a cabeça estava encerrada, com a coroa e o cálix de ouro que o Imperador Frederico II lhe havia consagrado, no dia de sua transladação solene, trezentos anos antes. Também estes objetos preciosos foram transportados para o castelo, apesar dos repetidos protestos do comendador.

Provavelmente, não foi por causa do seu mau caráter que Felipe cometeu esta infâmia que lhe contaminou a vida. Ele julgava superstição rejeitável visitarem os fiéis o túmulo de Sta. Isabel, e supunha-se obrigado a lhe pôr termo. Não sabia que lamentável superstição era, justamente, a sua ideia — essa ideia de que desagrada a Deus honrar aqueles a quem Ele honra: os santos, seus filhos mais queridos. Já os primeiros cristãos visitavam os sepulcros dos mártires, erigindo até altares sobre eles.

No entanto, hoje ainda se pode observar como mesmo almas inocentes e boas, de repente, são fanatizadas por uma doutrina errônea. Os filhos dos protestantes, em geral, a princípio, mostram-se ingênuos e simples para com os católicos; quando ouvem, porém, nos "templos" de suas seitas, as calúnias aí atiradas contra a Igreja católica nas quais se afirma que adoramos os santos, que vendemos a dinheiro a indulgência dos pecados, etc., transformaram-se inteiramente. O coração infantil lhes fica envenenado pela intolerância intransigente e ódio para com os católicos.

Voltemos as relíquias de Sta. Isabel.

No arquivo da Ordem teutônica, em Mergentheim, encontrou-se um documento com este título: "Intimação do Imperador Carlos V ao landgrave de Hesse para restituir as relíquias de Sta. Isabel, tiradas da igreja da Ordem teutônica em Marburgo".

Mas, este aviso imperial não foi suficiente; o imperador teve que repetir a ordem. Só então, em 1548, o landgrave entregou os ossos a João de Rehen, comendador da Ordem teutônica. A julgar pelo recibo passado pelo grão-mestre, faltou grande parte do corpo. E, como a igreja de Sta. Isabel de Marburgo já se achava em poder dos protestantes e não se encontrava lugar mais conveniente para os restos mortais da Santa, é provável que fossem depositados no mesmo templo, sem que o sítio ficasse marcado, de forma que, conhecido apenas pelos comendadores católicos da Ordem teutônica, desapareceu com eles a certeza do referido lugar.

No verão do ano de 1847, por ocasião duma inundação, a água penetrou na igreja, inutilizando o pavimento. Na execução dos consertos, sete anos depois, achou-se uma urna de pedra de cinco pés de comprimento, contendo um cofre de chumbo e, dentro dele, diversos ossos amarrados. Todas as circunstâncias, impossíveis de se enumerarem aqui, dão a probabilidade de que esses ossos fossem parte das relíquias de Sta. Isabel.

Dizem testemunhas oculares que os ossos brilhavam como cristal ou diamantes. Visitando eu a igreja de Marburgo, interroguei ao zelador protestante que também estivera presente quando se abriu o cofre. Respondeu-me ele que tiveram um brilho prateado como o que as lesmas deixam por onde se arrastam. O bispo de Fulda quis proceder a exame minucioso ao que o governo municipal de Cassei se opôs, mandando que o cofre fosse repostado no mesmo lugar e coberto com a terra tirada da escavação.

Eu mesmo vi apenas uma relíquia da nossa Santa na capela católica de Cassei. Na praça do Castelo existe uma bela estátua, representando um dos antigos governantes, de nome Frederico. Este tivera um camareiro que era católico. Encontrando o príncipe, um dia, o livro de orações deste empregado, leu nele e, terminando a leitura, disse :

"Se assim for como está escrito neste livro, estou enganado".

O príncipe converteu-se ao catolicismo para assegurar a salvação de sua alma. Mandou construir uma capela nas dependências do seu palácio que, durante muito tempo, foi a única igreja onde os católicos de Cassei pudessem ouvir Missa. O Papa, satisfeito por ver de volta à fé verdadeira um descendente de Sta. Isabel, presenteou-o com um medalhão de ouro que encerra uma partículazinha de osso da mesma Santa. Depois da morte do príncipe, não tendo a relíquia

valor para seus filhos protestantes, foi deixado à capela católica.

Se, desta forma, os fiéis católicos são impossibilitados de visitar o túmulo dessa cristã perfeita e venerar as relíquias de seu santo corpo, não puderam ser-lhes retiradas e escondidas as relíquias do espírito, o seu exemplo magnífico. Também este livro tem o fim de tornar, cada vez mais, conhecida sua vida, seu amor, seus sofrimentos e sua morte. O que o Apóstolo S. Paulo escreve aos cristãos, di-lo também Sta. Isabel, como todos os santos do céu !

Sede meus imitadores assim como eu o sou de Cristo, (1. Cor. 11, 1)

Incenso

Imitar o exemplo dos santos, eis o que a Igreja Católica propõe a seus filhos. Existe ainda uma carta escrita pelo Papa Gregório IX, logo depois da canonização de Sta. Isabel, dirigida à piedosa rainha Beatriz da Espanha. Nesta carta o Papa tem por fim apresentar à princesa o exemplo de Sta. Isabel, a fim de animá-la a aumentar ainda os seus esforços para santificar-se.

"Isabel, dizia-lhe ele, pela virtude da humildade, foi para nós um espetáculo admirável. Embora de sangue real e distinta pela nobreza do nascimento, se fez serva dos pobres e necessitados; humilhou-se servindo aos enfermos, aos peregrinos e aos pobres, até a morte. Era admirável na abjeção de seu corpo, pois se, antes, vivia adornada de insígnias reais, correntes de ouro e prata, medalhões, pérolas e pedras preciosas, em breve depôs a vaidade mundana e vestiu o burel do pobre, a fim de que, indigente como o Menino Jesus no presépio, fosse coma ele objeto de desprezo.

"Era admirável pela ternura de sua compaixão; pois, tratava os enfermos e os pobres, lavava, pensava e beijava as feridas hediondas dos leprosos. Era a obra do Altíssimo, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, criada pelo Criador da natureza e criando, pelo dom da graça, a seu divino beneplácito.

"Era a obra nova do Senhor: ela o trazia dentro do coração; concebera-o pelo amor, pelo amor o dera à luz e pela perfeição o alimentara. Propagando-se à notícia desta nova obra, a Igreja é iluminada pelos raios do conhecimento e do amor do Salvador.

"O demônio, nosso inimigo, levantou, por assim dizer, dois muros: um, para encobrir-nos aos olhos o brilho da luz eterna, e foi a ignorância, a cegueira de espírito. Dizendo ele : Sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal, o homem tornou-se orgulhoso e arrogante para com Deus, pelo que foi punido com a cegueira da ignorância. O outro muro é a concupiscência da carne, que construiu perguntando: "Por que Deus vos proibiu comer da árvore do conhecimento do bem e do mal?" E, comendo os nossos primeiros pais do fruto proibido, caíram na necessidade da morte e nas misérias da mortalidade . Por meio do primeiro muro, Satanás obscureceu a inteligência; por meio do segundo, danificou o amor, de sorte que a majestade do Criador não fosse conhecida e os benefícios do Salvador não fossem amados.

"Mas Sta. Isabel, refugiada no asilo de sua humildade, derrubou o muro da ignorância e, dissipada a nuvem do orgulho, a ponto de gozar da inacessível claridade, foi desenraizada nela a concupiscência e posto um freio a todas as suas afeições até abraçar o verdadeiro amor.

"Assim, a Virgem-Mãe de Deus já introduziu-a no leito nupcial de seu celeste Esposo, onde é bendita entre todas as mulheres e está coroada com um diadema de glória inefável e, ao passo que alegra a Igreja triunfante com sua presença, glorifica a Igreja militante com o brilho de seus milagres.

"Caríssima filha em Jesus Cristo, o nosso intento foi pôr-te aos olhos o exemplo de Sta. Isabel, como a pérola mais preciosa, por dois motivos: primeiro, para que te mires neste espelho, a fim de que examines bem, se, no recôndito de tua consciência, não se oculta alguma coisa que possa ofender os olhos da Majestade divina; em segundo lugar, para que não te falte

nada de tudo aquilo que convém ao adorno de uma esposa celeste, a fim de que, quando fores convidada para comparecer diante do Rei eterno, veja-te Ele ornada com todas as virtudes e revestida de boas obras.

Dada em Perusa, aos 7 de Junho, no nono ano de nosso pontificado".

Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. (Mat. 13, 43.)

A semente de mostarda

Vejam agora o efeito salutar que tem produzido no mundo o exemplo de Sta. Isabel. Ordinariamente arrasta mais o mau exemplo do que o bom, porque a natureza humana é muito mais inclinada para o mal do que para o bem. Assim o mau sacerdote causa o maior dano por seu exemplo, enquanto a vida recolhida dum padre piedoso, muitas vezes, não atrai a atenção senão de poucos.

Sendo, porém, o exemplo do bem, sobremodo grande e forte, chegando a certa altura como o de Sta. Isabel, não deixa de ter boas consequências, mesmo depois da morte.

Bela IV, irmão de Isabel e sucessor de seu pai André, rei da Hungria, edificou uma igreja em honra de sua irmã e alistou-se, como ela, na Ordem Terceira de S. Francisco.

Um outro irmão de nossa Santa, Colomão, educado, como Isabel, desde pequeno em companhia da noiva destinada para ele, uma princesa polonesa de grande formosura, chamada Salomeia, filha do duque de Cracóvia, logo no primeiro dia de suas núpcias fez com ela voto de castidade perpétua. Morto Colomão, a viúva fundou um convento de clarissas, tomou nele o véu e viveu, até o fim da vida, no exercício das mais heróicas virtudes.

Uma sobrinha de Sta. Isabel, Margarida, vivia tão preocupada com o exemplo de sua tia que, embora pedida em casamento por muitos príncipes poderosos, retirou-se para um convento, onde se entregou às obras de piedade, penitência e caridade. Goza, ainda hoje, de veneração popular, na Hungria. Uma ilha do Danúbio onde existem as ruínas do convento que ela habitou, ainda tem o seu nome.

Outra sobrinha de Isabel, Cunegundes, casada com Boleslau, duque da Polônia, moveu o marido a fazer, juntamente com ela, voto solene e público de castidade perpétua, voto que observaram, escrupulosamente, durante quarenta anos. Ficando viúva, quase ao mesmo tempo que sua terceira irmã lolanda, resolveram ambas tomar o véu na Ordem das clarissas. Vivia Cunegundes tão santamente que foi sempre considerada, na Polônia, padroeira do país, e seu túmulo, durante séculos, tem sido alvo de numerosas romarias.

Isabel tinha uma irmã, também chamada lolanda, casada com Tiago, rei de Aragão, avós de Sta. Isabel de Portugal, que mereceu, pela Igreja, ser decorada com o título glorioso de "Mãe da paz e da pátria".

Sua tia Hedvigés, duquesa da Silésia, morreu doze anos depois de Sta. Isabel. Foi canonizada e honrou, sobremodo, a memória de sua santa sobrinha tanto que, sentindo aproximar-se o desenlace fatal da vida, pediu que lhe deitassem na cabeça um véu de que se servira Isabel.

Inês, filha do duque da Boémia e prima de Isabel, recusou a mão do imperador Frederico II e do rei da Inglaterra, e fez-se pobre freira franciscana.

São estes alguns dos parentes carnis sobre os quais o exemplo de Isabel exerceu, de certo, poderosa influência. Muito maior, porém, é o número das jovens que lhe são parentes espirituais e que, atraídas pela vida edificante da Santa, escolheram semelhante estado de vida, dedicando-se, sem restrição, ao serviço da humanidade sofredora. São as Irmãs de Sta. Isabel que, formando uma comunidade religiosa, vivem segundo a Regra de S. Francisco. Exigem-lhes os estudos que, com amor, pensem os membros pobres de Cristo, suportando, com paciência, os trabalhos e a ingratidão dos doentes e movendo-os, com palavras e obras, à

resignação cristã; que não travem conversação com os enfermos sobre o que se passa no mundo; instruem-nos na fé e lhes ensinem a oração; cuidem na administração dos santos sacramentos, em tempo oportuno, etc .

Esta Congregação floresce ainda em nossos dias: a semente de mostarda donde proveio, foi Sta. Isabel.

Parece que o exemplo de grandes santos, às vezes, é aumentada e fortalecida ainda por sua própria e imediata influência sobre as almas. A carmelita Maria dos Anjos, canonizada no ano de 1865, apareceu, aos 19 de Setembro de 1717, em Turim, depois da comunhão, Sta. Isabel e mostrou-lhe as enormes vantagens inevitavelmente unidas à verdadeira humildade e às humilhações desta vida, dizendo que, por meio delas, tinha merecido tão extraordinária glória no céu .

Outra (parte da semente) caiu em boa terra e deu fruto, havendo grãos de renderem cem por um, outros sessenta, outros trinta. (Mat. 13, 8.)

Despedida

Chegou a hora da despedida.

O que acabas de ler, caro leitor, não é um romance; é a biografia de uma mulher santa. Pelo que não me contentaria com a certeza de te haver proporcionado uma distração agradável nem de ter conseguido edificar-te e comover-te pela leitura dos sofrimentos e penitências de Isabel. Não; se tal fosse o único efeito, o exemplo de nossa Santa apenas teria aquecido um montão de areia e não produziria frutos .

Sta . Isabel deseja que muitos e muitos lhe sigam as pegadas, desde as misérias desta vida terrestre até a glória do céu . Sei que nem todos podem chegar à altura da perfeição que Isabel conquistou, embora fosse o mais preferível; mas, sentindo ainda uma faísca de boa vontade no coração, também não pretendo separar-me de ninguém, sem, pelo menos, pedir um favor.

Quisera, pois, que cada qual honrasse o exemplo de Sta. Isabel e desse algum óbulo para uma obra de caridade, fosse o sustento duma família necessitada, um enfermo indigente, a criação de um órfão, o cuidado pela instrução de uma criança pobre, fosse a fundação de algum estabelecimento piedoso, escola de correção, hospital, asilo, missões, imprensa católica, construção de uma igreja necessária, etc.

E se mesmo és pobre e talvez vivas da caridade dos outros, tens sempre com que fazer uma obra de misericórdia: ora com devoção por todos: pelos pobres, encarcerados, desconsolados, enfermos, moribundos, defuntos, pela Igreja Católica, pelo Sumo Pontífice, por toda a cristandade, principalmente pelas pessoas que te são conhecidas e que são miseráveis de corpo e de alma ou de ambos. É uma obra ótima, mais vantajosa para muitos do que o dinheiro ou seu valor.

Sem esmola não despeço leitor algum. Quem tiver a coragem de nada fazer, em vista da misericordiosa Sta. Isabel, está espiritualmente morto e já traz em si o juízo que esmagará os que não houverem usado de misericórdia. Ao invés disso, procurem todos conservar-se ao lado direito do Divino Mestre.

Então dirá o Rei aos que hão de estar à sua direita : Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era forasteiro e me recolhestes; estava nu e me vestistes; estava enfermo e me visitastes; estava no cárcere e me viestes ver. (Mat. 25, 34-36.)

Orai por nós. Santa Isabel, para que sejamos dignos de ouvir, um dia, em vossa companhia, essas palavras da boca do Senhor! Amém.